UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE BELAS ARTES



O CORETO NA CIDADE DE LISBOA

REINTEGRAÇÃO DO EQUIPAMENTO NO ESPAÇO PÚBLICO URBANO

JOANA SANTOS NUNES

MESTRADO EM DESIGN DE EQUIPAMENTO:

ESPECIALIZAÇÃO EM DESIGN URBANO E DE INTERIORES

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE BELAS ARTES



O CORETO NA CIDADE DE LISBOA

REINTEGRAÇÃO DO EQUIPAMENTO NO ESPAÇO PÚBLICO URBANO

JOANA SANTOS NUNES

Dissertação Orientada pelo Prof. Doutor Raul Cunca
e Co-orientada pelo Prof. Doutor Cristóvão Valente Pereira

MESTRADO EM DESIGN DE EQUIPAMENTO:
ESPECIALIZAÇÃO EM DESIGN URBANO E DE INTERIORES

2012



Fotografia da autoria de Joana Santos Nunes

Rock in Rio Lisboa 2012, na *Rock Street* do Festival

1 Junho de 2012

Dedico este trabalho à minha avó,

a minhota-lisboeta

que me deu a conhecer os jardins e percursos de Lisboa,

e que mesmo sem intenção

inspirou a minha paixão por esta cidade.

Agradecimentos

O desenvolvimento da presente investigação não seria possível sem a dedicação e disponibilidade do meu orientador, Professor Doutor Raul Cunca, e sem o apoio e paciência do meu co-orientador Professor Doutor Cristóvão Valente Pereira.

Aproveito também para agradecer ao Professor Doutor José Raimundo, pelo interesse demonstrado no desenvolvimento do presente estudo e pelo apoio bibliográfico prestado. De igual modo, agradeço à minha antiga professora de Educação Musical da Escola Básica de Alfornelos, Professora Ana Cristina Costa, pela ajuda e aconselhamento bibliográfico nos temas musicais.

Agradeço à prima Margarida António, pela tradução dos textos consultados de língua francesa.

À Ana Rita Matos, pela árdua tarefa de "corrector ortográfico", essencial na fase de revisão e por me ajudar a acalmar os meus anseios.

À Raquel Almeida, por me pôr sempre a "andar", com palavras de incentivo durante a escrita de cada página.

Aos meus rapazes, Alexandre Almeida, Rafael Godinho, Rodrigo Fernandes e Ruben Gomes, e à amiga Sofia Brito pelo companheirismo de todos os momentos.

Ao Roger Madureira, por me despertar a capacidade de sonhar com novas realidades.

À minha brasileira, Ida Camila Granja, pelas boas risadas e por acompanhar os meus "chiliques".

Ao André Bertoli, por me acompanhar nas idas à Biblioteca da Universidade Nova de Lisboa, pelos conselhos e pelas conversas empolgantes sobre História.

À Erica Gil, por ser boa ouvinte e companheira de horas vagas.

À Sílvia Jesus, por estar sempre vigilante e à distância de um telefonema.

Ao Ricardo Correia, pela paciência e boa educação em escutar os meus monólogos.

À minha irmã, Inês Nunes, por me levar a almoçar bitoques e por fazer muitas perguntas.

E por fim, aos meus pais, por estarem sempre presentes e por cada um à sua maneira, ser um modelo a seguir.

Resumo

O presente trabalho investiga a evolução dos coretos no espaço público e a sua presença na cidade de Lisboa, com o objectivo de conhecer a importância que tiveram e quais as actuais utilizações do equipamento. Para isso, procede-se à análise dos espaços da cidade e das actividades existentes no espaço público, para num segundo momento da dissertação ficar a conhecer a origem e evolução da estrutura do coreto e as suas características funcionais.

Por fim, os conteúdos consolidados são relacionados com os registos históricos encontrados sobre as construções de coretos em Lisboa, os seus locais de implementação e as suas utilizações. Existiram inúmeras estruturas temporárias (coretos armados), dos mais variados estilos. E ao longo dos tempos, foram construídos na cidade vinte e dois coretos fixos de diferentes formatos, existindo actualmente onze exemplares.

Os coretos de Lisboa, armados e fixos, eram utilizados em ocasiões festivas de carácter oficial ou popular, onde a banda marcava presença para animar o espaço do evento. Os concertos gratuitos de música erudita eram uma forma de instruir as sociedades. Nos tempos em que o rádio ainda não se fazia ouvir, era importante ter locais de encontro regulares, para pessoas de todos os estatutos e idades, ouvirem música e assistirem ao desempenho das bandas, em concertos semanais, onde todos podiam usufruir do espaço em redor do coreto.

Actualmente, em Lisboa, existem iniciativas pontuais promovidas em coretos, onde são apresentadas diferentes *performances* de vários estilos musicais. As acções promovidas em coretos podem representar uma forma de reinventar o passado, perspectivando um futuro diferente, evitando o abandono dos coretos existentes. A análise apresentada pretende, assim, conjecturar sobre o destino dos coretos existentes em Lisboa e sobre as possíveis estruturas de suporte das actividades de lazer no espaço público, nomeadamente, dos espectáculos culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Coreto, Espaço Público, Lisboa, Bandas, Concertos

Abstract

This dissertation investigates the evolution of bandstands in public space and their presence of in city of Lisbon. The aim of this study is to know the importance they had in the past and the current uses of bandstands. To accomplish that, an analysis of city places and activities existing in public space is made, in order to know, in a second part of this work, the origin and evolution of the structure of the bandstand and its functional characteristics.

Finally, a relationship is made between this analysis and the historical articles on the edification of bandstands in Lisbon, its local implementation and their uses. There were numerous temporary structures (armed bandstands) of different styles. Throughout history, twenty-two fixed bandstands of different formats, were built in the city, and they are eleven nowadays.

The bandstands in Lisbon, armed and fixed, were used on festive, official or popular occasions, where a band was always present to enliven the event. The free concerts of classical music were a way to educate societies. In a time when there was still no radio, it was important to have places for daily meeting of people of all ages and statutes, with the purpose of listening to music and watching the bands through weekly concerts, where everyone could enjoy the space around the bandstand.

Nowadays, in Lisbon, specific events are promoted in bandstands, different performances of several musical styles are presented. The events promoted in bandstands may represent a way to reinvent the past, looking ahead to a different future, avoiding the abandonment of bandstands. One of the aims of this dissertation is to understand the future of the Lisbon prevailing bandstands and the role of conducive support structures for leisure activities in public spaces, in particular, cultural shows.

KEY-WORDS: Bandstand, Public Space, Lisbon, Bands, Concerts

Índice

Agradecimentos i
Resumo ii
Abstract iii
Índice iv
Índice de Figuras vi
Índice de Tabelas ix
Índice de Diagramas x

Introdução 11
Definição do tema 12
Objectivos 12
Estrutura da dissertação 13
Metodologia 13

Capítulo 1 | Espaço Público Urbano: características, ambientes, música e espaços verdes 15
1 Espaço Público Urbano: características, ambientes e espaços verdes 16
1.1. Noções sobre o espaço da cidade 16
1.2. Exploração do espaço urbano: público e privado 21
1.3. Espaços públicos, sociais e de proximidade 25
1.4. Espaços verdes 28
1.4.1 Jardins e Praças de Lisboa 34
1.5. Eventos sociais, culturais e recreativos 37
1.5.1 Música ao ar livre 39
1.5.2 Protagonistas da música ao ar livre: Bandas 42
Capítulo 2 | O Coreto: percurso histórico e principais características 45
2 O Coreto: percurso histórico e principais características 46
2.1. Origem do coreto 46
2.1.1 Etimologia da palavra coreto 46
2.1.2 Primórdios construtivos do coreto 49
2.2. Os primeiros coretos 54
2.2.1 Os planos urbanísticos franceses: Haussmann 56
2.3. Características funcionais dos coretos 59
2.4. Características construtivas dos coretos 63

Capítulo 3 | Os coretos na cidade de Lisboa 72
3 Os coretos na cidade de Lisboa 73
3.1. Eventos de Lisboa e os seus locais 74
3.1.1 Categorias de eventos que utilizam coretos 76
3.1.2 Locais de implementação dos coretos e os seus eventos 83
3.1.3 Impacto na sociedade 94
3.2. Coretos armados e fixos de Lisboa 99
3.2.1 Características de construção dos coretos de Lisboa 100
3.2.2 Projectistas de coretos de Lisboa 119
3.3. Os coretos de Lisboa e a música no quotidiano lisboeta 123

Conclusão 130

Bibliografia 137
Fontes Iconográficas 148
Anexos 152
Anexo 1 | Pedidos e registos de coretos armados em Lisboa 153
Anexo 2 | Estudo dos coretos fixos de Lisboa e análise do contexto histórico dos seus locais de implementação 158
1. Coreto do Passeio Público 159
2. Coretos da Avenida da Liberdade 161
3. Coretos do Jardim da Estrela 164
4. Coreto do Parque de São Sebastião da Pedreira, antigo Jardim Zoológico 168
5. Coreto do Jardim Botto Machado, no Campo de Santa Clara 170
6. Coreto do Jardim da Praça Afonso de Albuquerque, antigo Passeio de Belém 171
7. Coreto do Jardim de São Pedro de Alcântara, antigo Passeio de São Pedro de Alcântara 173
8. Coreto do Jardim do Campo Grande 175
9. Coretos da Praça José Fontana 177
10. Coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais 180
11. Coreto do adro da Igreja da Paróquia da Nossa Senhora do Amparo de Benfica 182
12. Coreto do Largo do Coreto de Carnide, antigo Largo do Alto Poço 184
13. Coreto do Largo do Olival, no Beato 186
14. Coretos do Jardim Zoológico, antiga Quinta das Laranjeiras 188
15. Coreto do Parque Eduardo VII 192
16. Coreto do Jardim Teófilo Braga, em Campo de Ourique 194
17. Coreto do Jardim do Campo das Amoreiras, na Charneca 196
18. Coreto do Largo das Galinheiras, no Bairro das Galinheiras (Charneca) 198
19. Coreto da Praça de Eduardo Mondlane, no Bairro do Condado (Marvila) 199
Anexo 3 | Festejos de cada categoria de eventos e respectivas datas de realização 200
Anexo 4 | Locais de implementação de coretos armados e fixos e os seus eventos 202

Índice de Figuras

Figura 1 – Estrutura e metodologia da investigação 14

Figura 2 – Grupo de caminhadas no Parque Monsanto. Projecto "São Marcos com Coração - Caminhadas 2011" e Programa Nacional de Marcha e Corrida, em 2011 26

Figura 3 - Ambiente dos festejos no Centenário de Santo António, 1895. Praça do Comércio. 38

Figura 4 - Festas do casamento de D. João, infante de Portugal, e de D. Carlota Joaquina, infanta de Espanha, em Madrid. 1785. Desenho têmpera sobre papel. Domenico Muzi (?) 41

Figura 5 – Filarmónica Carnaxide, em 1940 43

Figura 6 – Ilustração de Pavilhão de Jardim. Palácio de Rajput, Índia 50

Figura 7 – Ilustração de Pavilhão de Jardim. Jaipur, Índia 51

Figura 8 – Ao centro encontra-se um pavilhão chinês, do espaço exterior do edifício Rotunda, no Ranelagh Gardens, em Chelsea (Londres). Gravura de T. Bowles (1754). 52

Figura 9 – Do lado direito é possível observar a banda instalada num pavilhão do principal passeio Marylebone Gardens, em Londres. 52

Figura 10 – Um jantar no *vauxhall*. Gravura de Thomas Rowlandson (cerca de 1789) 53

Figura 11 – Uma noite de festa e dança no vauxhall. Gravura de Cruickshank (cerca de 1822) 53

Figura 12 - Exemplo de coreto. Tratado Barberot Etienne (1888). 55

Figura 13 – Ilustração da vista de frente e respectiva planta de uma êxedra, de um jardim de Paris. 57

Figura 14 – Gravura *Les Promenades de Paris.* Publicado por J. Rothschild, cerca de 1880. 58

Figura 15 – Catálogo da empresa Guillot-Pelletier, Orleans, em 1900. 64

Figura 16 – Capa de um catálogo da fundição escocesa Saracen Foundry - Walter Macfarlane & Co., com diversos modelos de coretos de ferro fundido pré-fabricados. Fim do século XIX. 65

Figura 17 – Geometria de coretos, segundo os actuais estudos acústicos apresentados por Flávio Maia Simões. A face interna dos coretos deve ser convexa para melhor reflectir o som 70

Figura 18 – Exposição Agrícola, em 1864, Belém. 75

Figura 19 – Pavilhões na Quermesse da Ajuda, Tapada da Ajuda, Lisboa, em 1884. Enrique Casanova, aguarela sobre papel 81

Figura 20 – Ilustração da sociedade no Passeio Público. Coreto com a cobertura pintada em losangos, em 1863 82

Figura 21 – Plano Geral da Cidade de Lisboa em 1812. F. Constantino 85

Figura 22 – *Carta topographica da cidade de Lisboa*, reduzida da que foi levantada na escala de 1:1000 em 1856 a 1858, sob a direcção do general Filippe Folque, Director Geral dos Trabalhos Geodésicos, publicada em 1871 85

Figura 23 – Plano Director de Urbanização de Lisboa de 1938-1948 86

Figura 24 – Mapa das Freguesias de Lisboa 87

Figura 25 – Mapa das freguesias de Lisboa mais utilizadas na implementação de coretos. 90

Figura 26 – Coreto barco. Festivais nocturnos da Associação da Imprensa de Lisboa, no Passeio da Estrela em 1909. 92

Figura 27 - Ilustração do Programa das Festas da Cidade de Lisboa em 8, 9, 10, 11, 2 e 13 de Junho de 1934 93

Figura 28 - Decoração do coreto do Jardim da Estrela, em 1960 94

Figura 29 – «O galheteiro do Largo do Pelourinho». Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, 1903 98
Figura 30 – Coretos armados na Praça do Município, durante a visita do rei Eduardo VII, em 1903 98
Figura 31 – Brincadeiras no coreto do Jardim da Estrela, em 2011 98
Figura 32 – Coreto armado na Avenida da Liberdade, no Carnaval de 1904 102
Figura 33 – Coreto esfera armilar. Armado na Feira Franca, no topo da Avenida da Liberdade. Centenário da Índia, em 1898. 103
Figura 34 – Coretos armados no arraial minhoto, Avenida da Liberdade. Visita de Afonso XIII de Espanha, em 1903 104
Figura 35 – Coreto pandeireta, na Praça Marquês de Pombal. Projecto de Rafael Bordalo Pinheiro. Visita de Afonso XIII, em 1903 104
Figura 36 – Azulejos do coreto do Jardim Zoológico, em 2011 114
Figura 37 – Quadra de Ary dos Santos, no painel de azulejos do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras 115
Figura 38 – Azulejos do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras, em 2012 115
Figura 39 – Coreto da Liberdade, no Parque Eduardo VII, em 2012 117
Figura 40 – Coretos armados na Praça do Comércio. Projecto de José Luís Monteiro. 7.º Centenário de Santo António, em 1895 122
Figura 41 - Coreto armado no *Festival Optimus Alive* 2011 126
Figura 42 – Coreto armado na *Rock Street*, do festival *Rock in Rio Lisboa 2012* 127
Figura 43 – Orquestra Metropolitana de Sopros e Percussão. *Lisbon Week*, Praça Luís de Camões, em 2012 128
Figura 44 – Orquestra Metropolitana de Lisboa. *Lisbon Week,* Praça Luís de Camões, em 2012 128
Figura 45 – *Praça Sony*, no Parque das Nações, antiga Expo'98, em 2004 129
Figura 46 – Roda do Grupo de Capoeira Perseveração da Mandinga, no coreto do Jardim da Estrela 135

Figuras em Anexos:

Figura 1 – Coreto do Passeio Público, em 1879 160
Figura 2 – Coreto da Avenida da Liberdade, actual coreto do Jardim da Estrela 162
Figura 3 – Coreto da Avenida da Liberdade. Condecoração da Bandeira da Marinha de Guerra, em 1928 163
Figura 4 – Antigo coreto da Avenida da Liberdade, no Jardim da Estrela, em 2011 163
Figura 5 – Projecto da cobertura do coreto do Jardim da Estrela. Companhia Perseverança, em 1863 165
Figura 6 – Localização do coreto. Planta do projecto de iluminação do Jardim, em 1896 165
Figura 7 – Coreto do Jardim da Estrela, em 2011 166
Figura 8 – Coreto do Jardim da Estrela, em 1991 166
Figura 9 – Face interior da cobertura do coreto do Jardim da Estrela 167
Figura 10 – Gradeamento do coreto do Jardim da Estrela 167
Figura 11 - Ilustração do coreto do primeiro Jardim Zoológico, em 1884 169
Figura 12 – Coreto no lado ocidental da Praça Afonso de Albuquerque, em 1902 172
Figura 13 - Coreto no centro da Praça Afonso de Albuquerque, em 1886 172
Figura 14 – Coreto e Estátua a Afonso de Albuquerque, em 1902 172
Figura 15 - Projecto do coreto do Jardim de São Pedro de Alcântara, em 1886 174
Figura 16 – Festas de 1904, no coreto do Jardim do Campo Grande 176
Figura 17 - Quermesse de 1905, no Jardim do Campo Grande 176

Figura 18 – Coreto do Jardim do Largo do Matadouro e Matadouro Municipal, em 1905 177
Figura 19 – Coreto da Praça José Fontana, em 2012 178
Figura 20 – Face interior da cobertura do coreto da Praça José Fontana 179
Figura 21 – Coreto e quiosque com esplanada, na Praça José Fontana, em 2012 179
Figura 22 – Coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais, em 2012 180
Figura 23 – Coreto e chafariz da Praça da Viscondessa dos Olivais, em 2012 181
Figura 24 - Pormenores construtivos do coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais 181
Figura 25 – Festas no Verão de 2005, no coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais 181
Figura 26 – Coreto do adro da Igreja da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo de Benfica 182
Figura 27– Coreto e Igreja da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo de Benfica 183
Figura 28 – Coreto de Carnide, Largo do Coreto de Carnide, em 2012 184
Figura 29 - Interior da nova cobertura, com as faces convexa. Projecto de 1984 185
Figura 30 - Escadaria e pormenor do gradeamento do coreto de Carnide 185
Figura 31 - Queda da cobertura do coreto, devido a um ciclone, em 1941 185
Figura 32 – Coreto de Carnide antes da instalação da nova cobertura 185
Figura 33 – Coreto do Largo do Olival, Beato, em 2012 186
Figura 34– Pormenor do palco e gradeamento do coreto do Beato 187
Figura 35 - Quatro plataformas do coreto do Beato 187
Figura 36 – Coreto de Porto Salvo, Oeiras, construído em 1937 189
Figura 37 – Coreto do Jardim Zoológico, construído em 1988 (réplica do coreto de Porto Salvo) 189
Figura 38 – Coreto da Quinta das Laranjeiras, em 1923 189
Figura 39 – Coreto do Jardim Zoológico, em 2012 190
Figura 40 – Face interior da cobertura do coreto do Jardim Zoológico 190
Figura 41– Pormenor do gradeamento do coreto do Jardim Zoológico 190
Figura 42 – Pormenores decorativos do coreto do Jardim Zoológico 191
Figura 43 – Coreto da Liberdade e Pavilhão Carlos Lopes, em 2012 192
Figura 44 – Face interior do coreto do Parque Eduardo VII. Pormenor de iluminação encastrada 193
Figura 45 – Pormenores da estrutura que permitem posicionar a cobertura 193
Figura 46– Coreto do Jardim Teófilo de Braga, em 2012 194
Figura 47– Varandim do coreto do Jardim Teófilo de Braga 195
Figura 48 – Coreto do Jardim Campo das Amoreiras, em 2012 196
Figura 49 – Face interior da cobertura do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras 196
Figura 50– Pormenor do gradeamento do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras 197
Figura 51 – Pormenor do acesso ao palco do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras 197
Figura 52– Coreto do Largo das Galinheiras, em 2012 198
Figura 53 – Pormenor do gradeamento do coreto do Largo das Galinheiras 198
Figura 54 - Escada de acesso ao palco do coreto do Largo das Galinheiras 198
Figura 55 – Coreto do Jardim da Praça de Eduardo Mondlane, em 2012 199
Figura 56 – Face interior da cobertura e escada de acesso ao palco do coreto da Praça Eduardo Mondlane 199

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Classificação de público, colectivo e privado, apresentada por José Guilherme Abreu 22

Tabela 2 – Exemplos de espaços públicos, colectivos e privados, apresentados por Cristóvão Valente Pereira 23

Tabela 3 – Categorias de eventos, segundo as características dos festejos realizados 77

Tabela 4 – Contagem dos coretos armados e fixos, nos espaços de Lisboa 92

Tabela 5 – Características construtivas dos coretos fixos de Lisboa 108

Tabela 6 – Projectistas dos coretos e as suas características 119

Tabelas em Anexos:

Tabela 1 – Pedidos e registo de coretos armados em Lisboa 154

Tabela 2 – Locais de implementação de coretos e os seus eventos 203

Índice de Diagramas

Diagrama 1 – Percurso histórico dos coretos fixos de Lisboa 106

Diagramas em Anexos:

Diagrama 1 – Festejos de cada categoria de eventos e os seus anos de realização..... 201

Introdução|

Definição do tema

Objectivos

Estrutura da dissertação

Metodologia

Definição do tema

Ao longo de muitos jardins e praças das cidades europeias é comum o transeunte deparar-se com antigas construções de pequenos palcos, que em Portugal adquiriram a designação de coretos. Por norma são estruturas elevadas, bastante decoradas e com cobertura, inicialmente, destinadas a acolher actuações de bandas militares e filarmónicas.

A predominância de antigos coretos inseridos no espaço público permite questionar qual a importância da sua utilização na época em que foram construídos e o porquê de ainda existirem, dado que, na actualidade, são bastante ocasionais os programas de concertos destinados a coretos. Neste sentido, a presente investigação procura confrontar as antigas utilizações de coretos com a situação actualmente vivida em redor dos coretos ainda existentes.

A cidade de Lisboa representa um exemplo urbano da realidade vivida na época em que os coretos foram mais vezes requisitados. Conhecer os eventos que utilizavam coretos, os seus locais de implementação e os esforços despendidos na sua construção permite identificar de que forma este equipamento urbano teve importância para o espaço público.

A análise apresentada pretende demonstrar de que forma os coretos fizeram parte do dia-a-dia da cidade de Lisboa e verificar de que modo o coreto continua a integrar o espaço público lisboeta, constatando se ainda representa um espaço de diferentes actuações político-sociais e de vivências, que traçam as características e importância do espaço público.

Objectivos

Objectivos gerais

A presente investigação tem como propósitos, os seguintes objectivos gerais:

- Confrontar o uso de coretos no momento da sua origem com a realidade actual, no contexto da cidade de Lisboa;
- Verificar a evolução da utilização dos coretos desde o final do século XVIII à actualidade;
- Caracterizar o coreto de Lisboa;
- Demonstrar quais as utilizações do coreto na actual sociedade, nomeadamente, da cidade de Lisboa;

Objectivos específicos

Atendendo aos objectivos gerais, o estudo teórico apresentado tem como objectivos específicos:

- Determinar os locais de implementação de coretos;
- Definir os motivos para a utilização de coretos;

- Analisar os festejos, locais e construção de coretos, no contexto de Lisboa;
- Analisar as características do espaço público e das suas actividades;
- Perceber quais as actividades musicais que se desenvolvem actualmente no espaço público lisboeta, com o intuito de perspectivar as características das estruturas, para os eventos culturais existentes na cidade.

Estrutura da dissertação

A dissertação é desenvolvida em três capítulos que pretendem organizar a informação bibliográfica investigada e apresentar as respostas aos objectivos propostos.

No primeiro capítulo é realizado um estudo sobre a cidade, apresentando as conclusões de vários autores, para a caracterização da cidade, do espaço público e das actividades a ele inerentes. A partir daí, o estudo é direccionado para as actividades sociais, realizadas no espaço público, em particular nos espaços verdes, como os eventos culturais e recreativos, apresentando alguns exemplos relacionados com a cidade de Lisboa e a música ao ar livre.

O segundo capítulo procura sistematizar as características do coreto, começando por apresentar o surgimento da palavra "coreto", para de seguida verificar os factores históricos que marcaram os primórdios desta construção e a sua evolução em termos funcionais e construtivos, como aplicação em espaço público urbano.

Para terminar, no terceiro capítulo, é identificado o espaço do município de Lisboa e da sua actual organização administrativa, tendo por base as Juntas de Freguesias, para o devido reconhecimento dos locais dos eventos de Lisboa e tratamento das características das apresentações, que ao longo da história têm utilizado coretos. A partir das categorias de eventos apresentadas, são analisadas as particularidades dos coretos armados e fixos de Lisboa. Neste capítulo são igualmente constatados as acções suportadas por coretos da actualidade e o modo como a música está presente no quotidiano lisboeta.

Metodologia

A metodologia utilizada para a concretização da presente investigação teve por base a recolha de informação bibliográfica sobre a cidade e o espaço público, relatos históricos sobre coretos e sobre os coretos e actividades musicais no espaço público da cidade de Lisboa, por meio de monografias, periódicos, boletins informativos, publicações da Câmara Municipal de Lisboa e das Juntas de Freguesia, catálogos, etc. e pesquisas realizadas em fontes primárias, a partir do portal do Arquivo

Municipal de Lisboa e no Gabinete de Estudos Olissiponenses. Ao longo da investigação também se procedeu à recolha de testemunhos, de especialistas da área da musicologia e de funcionários das Juntas de Freguesia.

Outro processo essencial ao desenvolvimento da dissertação foi a recolha iconográfica dos coretos de Lisboa e de outras estruturas que, na actualidade, suportam as apresentações musicais que acontecem no espaço público. A recolha resultou da pesquisa bibliográfica, de dados da internet e da observação, e devido registo fotográfico, dos coretos existentes em Lisboa.

O tratamento dos dados recolhidos realizou-se segundo o esquema apresentado na Figura 1.

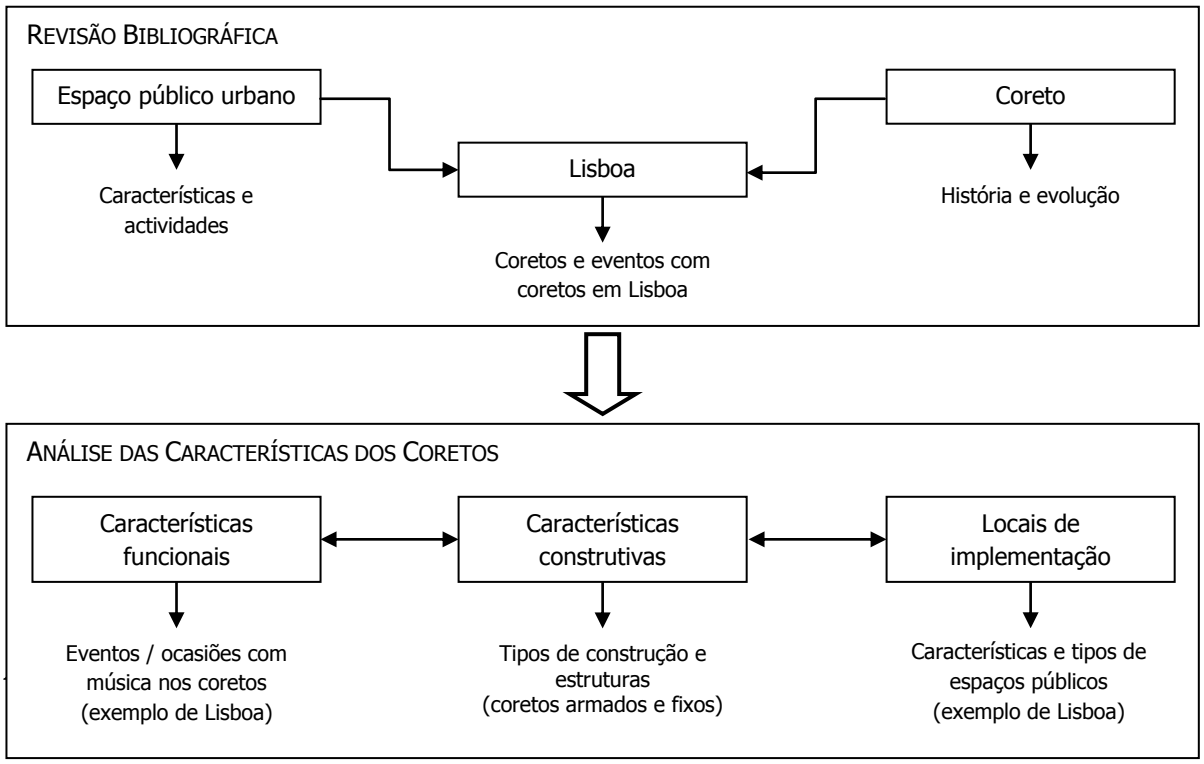


Figura 1 – Estrutura e metodologia da investigação

Capítulo 1 |

Espaço Público Urbano: características, ambientes, música e espaços verdes

E pode-se construir a paisagem contemporânea à parte da vida contemporânea?

Portanto, importa ter presente que o espaço público não é apenas cenário, pano de fundo onde se insere o homem. Ele é tanto significado como significante, ou dito de outra forma, é o nosso modo de vida que faz a cidade de hoje.

Pedro Brandão
Profecias de Fé sobre o Design Urbano, da publicação Espaço Público e a Interdisciplinaridade

1 Espaço Público Urbano: características, ambientes e espaços verdes

Tendo como principal objecto de estudo os coretos na cidade de Lisboa, considera-se útil a análise das características do seu lugar de inserção, – a cidade – para um melhor entendimento do seu contexto, composição física, modos de utilização e possibilidades combinatórias de cada tipo de espaço. Neste capítulo, é produzido um estudo que pretende entender as visões existentes sobre o espaço da cidade, através da análise de alguns autores e de algumas das regras e particularidades que regem o espaço urbano, que têm influenciado os seus modos de utilização, utilizadores e equipamentos.

Após o estudo da cidade e do seu espaço público, é apresentada uma análise dos ambientes e actividades sociais que compõem a mesma, com o objectivo de fornecer as bases necessárias à compreensão do meio festivo que rodeia os coretos e os seus espaços de inserção, maioritariamente, amplos e ricos em vegetação. Foi igualmente importante enquadrar a música e os seus protagonistas no espaço público para, nos capítulos seguintes, proceder à apresentação do contexto de inserção dos coretos, a sua história e características de utilização, nomeadamente na cidade de Lisboa e nos seus espaços de encontro, que representam uma parte da história e tradições dos espaços verdes portugueses e da cidade lisboeta.

1.1. Noções sobre o espaço da cidade

Os princípios que constituíram a formação das cidades, como a qualidade de vida, a gestão dos aglomerados populacionais, a cultura e o controlo das necessidades evoluíram e a cidade foi sendo adequadamente ordenada. A cada espaço da cidade foi dada uma utilidade e presença específicas, definidas por «cada singularidade do território que proporciona uma série de condições de uso, de facilidade de percurso, de áreas de produtividade, de protecção aos ventos, de exposição solar, etc., que predeterminam a apropriação do território pelo homem»[1]. É da combinação destes elementos básicos, de características diferentes e propriedades específicas em cada lugar, que resulta a diversidade de sistemas existentes nas cidades.

A complexidade de serviços, de funções existentes e as características que diferenciam as cidades, fazem com que sejam vários os conceitos envolvidos na busca do entendimento da cidade, tendo por base a análise do conjunto edificado e das pessoas. São conceitos que encaram a cidade sob perspectivas diferentes, desde o seu processo histórico e social, até à sua capacidade de produção e distribuição de bens e serviços.

[1] GUERREIRO, Maria Rosália P. – Espaços Públicos Centrais, Estrutura Urbana e Território. In TEIXEIRA, Manuel C. (coord.) [et al.] – **A Praça na Cidade Portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, Lda., Julho 2001. cap. 1, p. 18.

Contudo, para analisar a cidade é preciso compreender o espaço público – o componente da cidade[2]. O espaço público está relacionado com os modos de vida, com os usos da cidade, os territórios apropriados e os grupos que deles se apropriam. É importante conhecer os habitantes e a sua relação com a cidade, tal como, a relação da cidade com as pessoas, expressa na arquitectura e na gestão do ordenamento urbano, que existem com o objectivo de viabilizar as actividades do quotidiano individual e colectivo das pessoas. Francesco Indovina refere três principais características do espaço público: a representação dos meios para que se possa realizar a vida urbana, através das infraestruturas de mobilidade, etc.; factores de identificação (e também de identidade), isto é, conotar os lugares, numa forma representativa – "símbolo"; e a cidade como lugar da palavra, o que implica a organização de espaços nos quais a palavra possa ser expressa[3].

Uma outra análise da cidade é apresentada pelo autor Kevin Lynch, que desenvolveu os seus estudos na temática das relações do espaço e das pessoas, destacando a forma como as pessoas apreendem a cidade e as suas partes constituintes, concluindo que «os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas actividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores deste espectáculo, mas sim uma parte activa dele, participando com os outros num mesmo palco»[4].

Os mesmos elementos localizados em contextos diferentes adquirem significados diferentes, pois cada indivíduo cria associações diferentes com as partes da cidade, relacionadas com as suas memórias e experiências pessoais. Lynch expõe esta ideia referindo:

> «Um indivíduo poderá facilmente encontrar objectos onde, para outros, aparentemente, apenas existe uma mesa de trabalho completamente dessarrumada. Por outro lado, um objecto que é visto pela primeira vez pode ser identificado e descrito, não porque seja familiar, mas porque condiz com um estereótipo já conhecido pelo observador. Um americano pode sempre identificar a loja da esquina, por mais indistinta que ela seja para um homem dos bosques.»[5].

Mais tarde, Kevin Lynch apresenta um conjunto de exemplos e análises sobre a forma da cidade. Não perdendo de vista as conclusões anteriormente retiradas, procura compreender a história, as normas existentes e a escala da cidade ao longo dos tempos, porque a cidade é uma organização mutável e polivalente, um espaço com muitas funções, erguido por muitas mãos num período de tempo

---

[2] «O *espaço público* deve ser considerado fundador da cidade (poder-se-á dizer em todas as épocas e em todos os regimes); no fundo, o espaço público é a cidade.» – INDOVINA, Francesco – O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança. **Cidades: Comunidades e Territórios.** Lisboa: CET-ISCTE. N.º5 (Dezembro 2002), p. 119.

[3] INDOVINA, Francesco – O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança. **Cidades: Comunidades e Territórios.** Lisboa: CET-ISCTE. N.º5 (Dezembro 2002), p. 119.

[4] LYNCH, Kevin – **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, Outubro 2009. p. 9.

[5] *Ibidem*. p. 14.

relativamente rápido. Lynch assinala algumas qualidades fundamentais que as formas da cidade devem expressar: vitalidade, sentido, adequação, acesso, controlo, eficiência, justiça[6].

Em ambos os estudos, Lynch defende o sentido do todo, em que sujeito e objecto (pessoa e cidade) surgem mutuamente implicados, como influentes um do outro, na busca de um estado de equilíbrio. Tal como, dentro da própria classe deve haver um entendimento do "todo", pois existe uma grande diversidade social em que, apesar das diferenças existentes entre os indivíduos, deve ser construído um ambiente adequado e adaptado à maioria da população, o mesmo acontece com os elementos da cidade, também eles com funções e formas diferentes, mas que devem estar em consonância. Neste sentido, com o objectivo de os observadores terem o mais vasto leque de oportunidades na criação de uma imagem da cidade, Lynch apresenta alguns conselhos ao projectista, para o seu modo de actuação.

> «A cidade não está construída apenas para um indivíduo, mas para grandes quantidades de pessoas, com antecedentes altamente variados, com temperamentos diversos, de diferentes classes, com diferentes ocupações. (…) O planificador deve, por isso, conseguir uma cidade tanto quanto possível rica em vias, cruzamentos, limites, elementos marcantes e bairros, uma cidade onde apareça não só uma ou duas qualidades de forma, mas todas elas. Se assim for, diferentes observadores encontrarão material de percepção adaptado ao seu modo individual de olhar para o mundo.».[7]

Em *A Boa Forma da Cidade*, Lynch apresenta "Modelos de Cidade e Design de Cidade", em que defende que se deve ter «em consideração o processo através do qual se chega à forma»[8], dando importância a todo o método, não apenas ao resultado – a forma, - e, principalmente, às consequências existentes para as pessoas, que devem ser envolvidas na construção da cidade, adaptando os modelos existentes a cada situação em concreto, como linhas orientadoras. Para explicar esta ideia, Lynch expõe o seguinte exemplo:

> «(…) O processo pode ser tão cego relativamente às consequências humanas quanto fanático relativamente à forma. Um parque de jogos local, construído através de um processo genuinamente participado, mas confuso e com mau aspecto na sua forma final, é um fracasso tão grande quanto um design lindíssimo imposto à comunidade – e pode ser um fracasso ainda maior. Em situações específicas, umas vezes a forma, outras vezes o processo, podem ser a consideração dominante, mas normalmente funcionam em conjunto.»[9].

Para Milton Santos, esta relação de totalidade sofre variações com a passagem do tempo, indicando que os elementos do espaço são submetidos a variações quantitativas e qualitativas, pois a cada

---

[6] LYNCH, Kevin – **A Boa Forma da Cidade**. 13ª edição. Lisboa: Edições 70, Fevereiro 2010. p. 117-118.

[7] LYNCH, Kevin – **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, Outubro 2009. p. 114.

[8] *Idem.* **A Boa Forma da Cidade**. 13ª edição. Lisboa: Edições 70, Fevereiro 2010. p. 265.

[9] *Ibidem.* p. 265-266.

período histórico existem alterações na importância de cada elemento com o todo, devendo ser adaptadas segundo as novas necessidades sociais[10].

A maneira como as pessoas participam no espaço público urbano influencia a vida da cidade, sendo os elementos que o constituem qualificadores da colectividade, tanto em termos materiais (urbanísticos, ocupação física) e imateriais (históricos, culturais, sociais, de identidade). A cidade deve ser, por isso, entendida como um espaço social onde todas as pessoas têm, *a priori*, o direito ao trabalho, à educação, à saúde e bem-estar, onde podem participar e partilhar a cultura, os bens e serviços, o conhecimento, e as decisões e usos dos espaços da cidade. Mesmo na actualidade, na nova era tecnológica em que vivemos, o espaço público continua a ter um papel preponderante na demonstração da opinião pública, pois é na cidade que acontecem as maiores manifestações de doutrinas e opiniões, e é para a rua que as pessoas se deslocam quando querem expressar as suas inquietudes e os seus contentamentos. A cidade precisa da participação dos seus habitantes para o seu crescimento, tal como Fernando Goitia conclui, «não podem restar dúvidas sobre o facto de este tipo de cidade loquaz, conversadora, ter tido muito a ver com o desenvolvimento da vida citadina, e com o facto de, na medida em que diminui a loquacidade, declina o exercício da cidadania.»[11].

As sociedades foram progressivamente reproduzindo novas lógicas relativamente à projecção e funcionamento do espaço público urbano, e «as formas das cidades, quer tenham sido pensadas de raiz quer sejam o resultado mais ou menos espontâneo de diversas dinâmicas, cristalizam e reflectem as lógicas das sociedades que acolhem. (…) a concepção das cidades antigas expressava mais particularmente os preceitos religiosos e militares (…). Num mundo pouco seguro, as cidades medievais refugiavam-se atrás de muralhas e organizavam-se em corporações à volta da praça do mercado, das atalaias e dos campanários (…)»[12]. Assim, é possível considerar que a cidade resulta também de uma "sobreposição" de períodos históricos, cuja lógica espacial tem vindo a ser constituída a partir da continuidade e totalidade das relações culturais, políticas, económicas e sociais, estabelecidas desde o início dos tempos.

Carlo Aymonino defende o estruturalismo, em que a evolução da cidade está intrinsecamente relacionada com a arquitectura, ou seja, os fenómenos urbanos são explicados através da análise dos próprios elementos arquitectónicos da cidade. O autor fundamenta a existência da cidade às necessidades da sociedade, as quais defende que são solucionadas pela arquitectura, que deve dar resposta ao maior número de situações, ao mesmo tempo que proporciona opções diversificadas e espontâneas, evitando a simples repetição de modelos urbanos, tal como refere:

---

10 MARTINS, Daniel Gouveia De Mello – **Análise Do Espaço E Seus Elementos Na Perspectiva De Milton Santos**. (Abril de 2007). Disponível em WWW: <URL: http://www.webartigos.com/artigos/analise-do-espaco-e-seus-elementos-na-perspectiva-de-milton-santos/1563/> [Consult. 23 Maio 2012].

11 GOITIA, Fernando Chueca – **Breve história do urbanismo**. Lisboa: Presença, 1982. p. 10.

12 ASCHER, François – **Novos Princípios do urbanismo, seguido de Novos Compromissos urbanos (um léxico)**. Lisboa: Livros Horizonte, Janeiro 2010. p. 22.

> «(…) carece-se de uma sistematização artificial que não responda a um único fim (funções, necessidade), mas os tenha variados, manifestos e não complexos e, por vezes, contraditória; que permita usar os espaços construídos – abertos e cobertos, vazios e cheios – em relação com os dois parâmetros que condicionam o significado das cidades: o temporal (a cidade em relação à sua própria história) e o dimensional (a cidade em relação à sua própria extensão); que confirme, na sua estrutura física, "opções diversas" como uma passagem continua e ininterrupta da necessidade à possibilidade.»[13].

Por outro lado, para além das necessidades e motivos implícitos na construção de edifícios, Aymonino considera que a arquitectura é utilizada para criar «(…) um lugar artificial de história»[14], vinculada à criação de monumentos, nos quais as sociedades de cada época estruturam uma representação de si próprias, tentando «assinalar *aquele* tempo determinado»[15]. Perante esta realidade, de arquitecturas provenientes de vários tempos históricos, surge a noção de "património", como que conservando as cidades que antecederam a actual, através de diversas funções, que François Ascher, referindo-se ao urbanismo moderno, menciona da seguinte forma: «(…) Patrimonializa assim cada vez mais o edificado existente, seja musealizando-o e integrando-o na nova economia cultural e turística urbana, seja reutilizando-o e afectando-o a novos usos.»[16].

A importância dada à arquitectura por Aymonino é igualmente referida em relação à implementação de equipamentos urbanos na configuração da cidade, para a caracterização dos lugares e representação das suas actividades e funções, oferecendo novas ocasiões de encontro entre as pessoas e diferentes possibilidades de conhecimento da vida da cidade (cultura), num mesmo serviço disponível a toda a população. Os equipamentos urbanos irão fazer parte do leque de elementos que enriquecem o espaço urbano, defendido por Kevin Lynch, para melhor completar a identidade, estrutura e significado da imagem da cidade produzida pelos observadores, seres diferentes com diferentes formas de olhar, e devendo ser também convidados a participar.

> «A imagem deveria, de preferência, possibilitar um fim em aberto, adaptável à mudança, permitindo ao indivíduo continuar a investigar e a organizar a realidade: deveriam existir espaços em branco onde ele poderia prolongar o plano por si próprio.»[17].

Assim, é possível constatar que a cidade deve acompanhar a evolução de todas as áreas que a constituem, desde a economia à cultura, e que cada indivíduo apreende e define a cidade de forma diferente, devido ao olhar subjectivo que se insere no contexto da história de cada um, o que influencia o espaço público, num processo mútuo e interactivo em que cidade e indivíduos se moldam.

---

[13] AYMONINO, Carlo – **O Significado das Cidades**. Lisboa: Presença, 1984. p. 15 e 17.

[14] *Ibidem,* p. 11.

[15] *Ibid.*

[16] ASCHER, François – *Op. cit.*, p. 92.

[17] LYNCH, Kevin – **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, Outubro 2009. p. 17.

Para continuar a fazer cidade é preciso criar novas oportunidades no espaço público, que incentivem o desenvolvimento das capacidades e qualidades das pessoas.

> «Precisamos de um meio ambiente que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico. Deve falar dos indivíduos e da sua sociedade complicada, das suas aspirações e tradições históricas, do conjunto natural e das suas funções e movimentos complicados do mundo citadino. Mas a clareza de estrutura e vivacidade de identidade são os primeiros passos para o desenvolvimento de símbolos fortes. Aparecendo como um "local" notável e bem interligado, a cidade pode constituir um espaço para a aglomeração e organização destes significados e associações. Um tal sentido de lugar reforça todas as actividades humanas aí desenvolvidas, encoraja a retenção na memória deste traço particular.»[18]

O que existiu nas cidades, o que ainda existe e o que pode haver de novo, são três momentos que devem estar interligados, é importante perceber o que é necessário conservar e o que há a fazer de novo com os espaços inutilizados. Jordi Borja defende que:

> «A cidade conhece-se e reconhece-se pelos seus centros. Toda a cidade é histórica, é o espaço que contém o tempo. Cada uma das partes ou zonas da cidade tem um património de conjuntos e edifícios, de vazios e percursos, de monumento e de símbolos, que são referências da sua identidade que devem, em parte, ser conservados e reconvertidos, para contribuir tanto para se guardar a memória como se dar um impulso na evolução da cidade. Somente assim é que a cidade poderá ser atractiva e integradora, (…)»[19].

Dar oportunidade ao que já existe na cidade e acrescentar-lhe o que pode haver de novo, é o que Borja descreve como a necessidade de encontrar soluções para o que mantém as pessoas interligadas entre si e com a cidade, através do património histórico, da memória colectiva, da monumentalidade e o sentido que esta transmite, tal como a importância de que exista animação urbana diurna e nocturna, nas ruas, nas praças e nos lugares de estar, para não serem simples vias de passagem e serem a presença de todo o tipo de pessoas e dos seus encontros[20].

1.2. Exploração do espaço urbano: público e privado

Dos elementos que compõem a cidade, vários são aqueles que solucionam necessidades ou carências comuns, insubstituíveis e úteis a toda a população. Por serem comuns a todos poderíamos considerá-los de carácter público, mas na cidade nem tudo o que é de utilização colectiva pode ser designado do

---

[18] *Ibidem,* p. 122

[19] BORJA, Jordi – Fazer a Cidade Actual. Centros e Espaços Públicos como Oportunidades. In BRANDÃO, Pedro (coord.) e REMESAR, Antoni (coord.) [et al.] – **Espaço Público e Interdisciplinaridade / Espacio Publico y la interdisciplinaridad**. Lisboa: Centro Português de Design, Setembro 2000. p. 79

[20] *Ibidem,* p. 80

domínio público, tornando-se necessário realizar uma avaliação da exploração do espaço urbano, que segundo Francesco Indovina, deve seguir os seguintes parâmetros:

1) Propriedade (privado, público);
2) Os limites de uso (privado, público);
3) O custo de acesso (pago, gratuito);
4) Os condicionamentos ao seu uso (normas em vigor. Exemplo: "Proibida a entrada de animais").

Os espaços / equipamentos / serviços que têm associadas características de propriedade pública, uso universal e gratuito, e que apenas apresentam restrições de utilização ligadas às normas contíguas à boa prática da cidadania, manifestam ser os que melhor representam o conceito de lugar / espaço público. Enquanto em situações opostas, quando encontramos limites de uso e acesso, entre outros condicionamentos específicos desse lugar, estamos perante elementos de domínio privado[21].

Por vezes, não é simples avaliar o carácter público e privado dos elementos da cidade. Jordi Borja defende que a determinação de espaço público parte dos princípios político-jurídicos, bem como do próprio uso social, reconhecendo que existem espaços ditos públicos inacessíveis ou proibidos e outros, que embora não sejam juridicamente públicos, têm um uso colectivo intenso[22].

Os exemplos mais representativos do espaço público são os lugares existentes na cidade – ruas, praças, largos, etc. – onde também podemos encontrar os equipamentos e serviços partilhados pela comunidade que, segundo José Guilherme Abreu, apesar de se encontrarem em espaço público, podem ser de domínio público ou colectivo, consoante a sua propriedade que pode ser partilhada ou privada. Tal como é apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Classificação de público, colectivo e privado, apresentada por José Guilherme Abreu[23]

Classes / Parâmetros	**Uso / Acesso**	**Propriedade**
Público	Partilhado ou Privado	Partilhado
Colectivo	Partilhado	Privado
Privado	Privado	Privado

Na Tabela 1, podemos verificar todas as realidades possíveis que constituem a cidade. Existem situações de carácter privado, em que o grupo de pessoas envolvidas é bastante restrito, como é

21 INDOVINA, Francesco – O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança. **Cidades: Comunidades e Territórios.** Lisboa: CET-ISCTE. N.º5 (Dezembro 2002), p. 120.

22 BORJA, Jordi – *Op. cit.* p. 85

23 ABREU, José Guilherme – Arte pública e lugares de memória. **Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património**. Porto: Faculdade de Letras. I Série vol. IV (2005). Disponível em WWW: <URL: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4944.pdf> [Consult. 23 Maio 2012]. p. 230.

exemplo o espaço familiar/doméstico, enquanto nos casos de livre acesso (uso/acesso partilhado), os espaços tanto podem ser considerados públicos ou colectivos, o que os difere é a sua propriedade partilhada ou privada.

Num estudo realizado por Cristóvão Valente Pereira é apresentado um esquema (Tabela 2), com exemplos para o melhor entendimento da divisão de classes.

Tabela 2 – Exemplos de espaços públicos, colectivos e privados, apresentados por Cristóvão Valente Pereira[24]

Espaço	**Uso / Acesso**	**Propriedade**	**(Carácter)**
Casa	Privado	Privado	*Privado*
Centro Comercial	Partilhado	Privado	*Colectivo*
Banco Central	Privado	Partilhado	*Público*
Rua	Partilhado	Partilhado	*Público*

Artefactos/Objectos	**Uso / Acesso**	**Propriedade**	**(Carácter)**
Carro	Privado	Privado	*Privado*
Suportes Publicitários	Partilhado	Privado	*Colectivo*
Boca de incêndio	Privado	Partilhado	*Público*
Iluminação pública	Partilhado	Partilhado	*Público*

Cristóvão Valente Pereira considera que esta divisão por classes é organizadora dos grupos sociais que rodeiam cada indivíduo, dando-lhes o nome de "camadas":

> «- Uma primeira seria a de uso individual;
> - A segunda para uso de um grupo restrito, como a família;
> - As seguintes para outros grupos, maiores, como os de um edifício, um clube, o espaço de trabalho, etc.
> - Os últimos seriam as camadas públicas, como a própria cidade.»[25]

Porém, na actualidade, estamos cada vez mais perante uma cidade com maior permeabilidade das fronteiras entre público e privado, devido à crescente individualização das actividades existentes, algo que tem acompanhado a evolução da sociedade desde os seus primórdios. Na Antiguidade Clássica eram famosos os banhos públicos, áreas que mais tarde se transformaram em casas de banho privadas. Enquanto, numa realidade mais próxima de crescente individualização existem casos, como por exemplo o telefone, que passam de equipamento colectivo a equipamento de locais privados e

[24] PEREIRA, Cristóvão Valente – **Camadas públicas e privadas**. Disponível em WWW: <URL: http://www.apha.pt/boletim/boletim1/pdf/CamadasCristovaoPereira.pdf> [Consult. 30 Maio 2012]. p. 2.

[25] *Ibidem.*

depois para o telefone móvel, como equipamento privado, que apesar de uso privado/particular passou a ter uma presença constante no espaço público.

Os "espaços" individuais invadem os espaços de uso colectivo e vice-versa, e para uma maior adaptação a esta realidade, é necessário dar a oportunidade de acrescentar uma "marca" individual aos espaços e serviços públicos, pois «a diversificação das situações e das necessidades tornam assim necessária uma maior variedade e uma personalização das soluções. (…) Esta personalização de serviços precisa de redes e de sistemas técnicos mais complexos, que recorrem de forma determinante às novas tecnologias da informação e da comunicação.»[26], exemplo disso são os locais de utilização colectiva serem cada vez mais equipados com sistemas *wireless* e outros objectos interactivos de uso privado, acessíveis a qualquer pessoa. Esta "invasão" de utilizações privadas em espaços públicos e/ou colectivos não deve ser considerada prejudicial para o espaço público. Pelo contrário, a individualização no espaço público, vem proporcionar o surgimento de novas oportunidades de comunicação e diálogo, que mantêm o contacto entre as pessoas, como também entre as pessoas e o próprio espaço, ideia que François Ascher defende como uma realidade que tem de ser considerada nas novas práticas urbanas, concebendo: «(…) espaços sociais e funcionais múltiplos a *n* dimensões, hiperespaços combinando o real e o virtual, propícios tanto à intimidade como a sociabilidades variáveis. As novas tecnologias da informação e da comunicação imprimem nas cidades a marca das suas estruturas e em particular a distinção entre hardware e software.»[27].

O aspecto mais importante a revelar nos espaços públicos é o comunicativo, e as modificações que ele pode vir a ter devem continuar a potencializar um terreno de encontro e de maior segurança, como um lugar privilegiado da inovação cultural e da representação simbólica[28], por ser um espaço que é de todos e de ninguém em particular, intitulado por Nuno Andrade Santos como "terreno neutro" para as desigualdades sociais[29]. No espaço público todos os indivíduos fazem parte do mesmo e é também nele que se tornam possíveis os encontros inesperados.

Assim, apesar de as cidades serem largamente constituídas por elementos privados, aquilo que melhor as caracteriza é este "terreno neutro", sem o qual as cidades seriam apenas um aglomerado de locais reservados a grupos específicos de indivíduos e de acesso condicionado, o que permitiria apenas alguns encontros (os autorizados pela propriedade privada) e impossibilitaria os acasos.

---

[26] ASCHER, François – *Op. cit.* p. 85.

[27] *Ibidem*. p. 87.

[28] SANTOS, Nuno Andrade – Ambiente Urbano e Cidadania da Urbe. **Espaço Público.** Torres Vedras: Cooperativa de Comunicação e Cultura. N.º 1 (Abril 2006). Disponível em WWW: <URL: http://www.culturaviva.com.pt/textos/nuno%20a%20santos/Ambiente%20urbano%20e%20cidadania%20da%20urbe.pdf > [Consult. 30 Maio 2012]. p. 4.

[29] *Ibid.*

«(…) o luxo do espaço público não é um luxo mas sim um investimento económico e expressão de justiça social e os equipamentos mais necessários para a qualidade de vida e para a competitividade da cidade podem ser os mais simples.»[30]

Por todas as oportunidades que os espaços oferecem, o espaço público continua a ser o de maior desafio global, para o urbanismo, para a política e para a cultura.

1.3. Espaços públicos, sociais e de proximidade

A concepção de projectos urbanos estabelece um compromisso entre diversos objectivos: o funcionamento urbano, a promoção económica, a redistribuição social, a qualidade ambiental, a integração cultural, etc.[31], que devem ser confrontados com outras lógicas, nomeadamente as do espírito de comunidade e associação, das relações de afectividade e do espírito de lugar, dos objectivos de encontro, festa e entretenimento[32]. Com a participação dos indivíduos no desenvolvimento das cidades é possível ter uma maior acuidade nos significados de tempo e de espaço dos lugares, evitando a projecção de elementos apenas dedicados à funcionalidade.

Neste sentido, devem ser valorizadas as actividades urbanas dos indivíduos, que Jan Gehl organizou em três grupos de actividades, ou tal como ele as intitula «outdoor activities in public space»[33], sendo que cada uma necessita de diferentes ambientes físicos para o melhor aproveitamento e execução das mesmas. As categorias consideradas são as seguintes:

- Actividades necessárias / obrigatórias – são as acções que se realizam durante todo o ano, em que, apesar de o espaço público fazer parte delas, não estão directamente dependentes dele, é apenas uma relação casual e concreta, como por exemplo, as deslocações entre vários sítios, fazer compras, esperar o autocarro, etc.;
- Actividades opcionais – são acções espontâneas, que se realizam conforme a vontade do indivíduo e se este considerar que o tempo e o lugar as tornam possíveis. Este grupo de actividades pode ser considerado muito mais dependente da qualidade do ambiente exterior e do próprio espaço público, que se estiver degradado se torna muito menos convidativo para as actividades de recreio como, passear, correr e desfrutar do ar livre;

---

[30] BORJA, Jordi – Fazer a Cidade Actual. Centros e Espaços Públicos como Oportunidades. In BRANDÃO, Pedro (coord.) e REMESAR, Antoni (coord.) [et al.] – **Espaço Público e Interdisciplinaridade / Espacio Publico y la interdisciplinaridad**. Lisboa: Centro Português de Design, Setembro 2000. p. 88.

[31] *Ibidem*, p. 83.

[32] FORTUNA, Carlos – Culturas Urbanas e Espaços Púbicos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. N.º 63 (Outubro 2002). Disponível em WWW: <URL: http:// www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=798> [Consult. 12 Abril 2012]. p. 138.

[33] GEHL, Jan – Life between Buildings, Using Public Space. p. 11. In LOBO, Isabel Maria da Costa – **A Vivência do Espaço Público Urbano**. Lisboa: Faculdade de Engenharia da Universidade Católica Portuguesa, Setembro 2006. Dissertação apresentada à Faculdade de Engenharia da Universidade Católica Portuguesa, para a obtenção do título de Mestre em Qualificação da Cidade. p. 29.

- Actividades sociais – são acções sobretudo dependentes da presença de outras pessoas nos espaços públicos e são intrínsecas às duas tipologias anteriores. As actividades sociais ocorrem de forma espontânea, como uma consequência directa das pessoas que se deslocam ou estão nos mesmos espaços, pelo facto de as pessoas terem necessidade de se relacionar umas com as outras, o que acontece desde os cumprimentos e conversas entre as pessoas que se conhecem, a um simples pedido de informação a um desconhecido.

No estudo de Jan Gehl, é possível concluir que as actividades realizadas no exterior estão intrinsecamente dependentes das condições do espaço público. Para as pessoas realizarem qualquer actividade, a qualidade do lugar influenciará não só a sua escolha (sobre a actividade e o local), como também, por exemplo a sua mobilidade para se deslocarem até ao local eleito. Colocando a hipótese de um individuo que decide praticar exercício físico no Parque Monsanto (actividade opcional), este irá precisar de se deslocar até ao parque (actividade necessária / obrigatória) e no local poderá ir ao encontro de alguém com quem partilhar a actividade desportiva e conversar (actividade social). No surgimento da sua vontade, está implícita a qualidade do Parque Monsanto, para que a sua escolha tenha recaído sobre ele, da mesma forma que as condições de mobilidade influenciarão a sua preferência (existência de bons acessos, meios de transporte favoráveis, etc.). Por consequência da concretização das actividades necessárias / obrigatórias e das opcionais, poderão surgir as actividades sociais, embora a estrutura física não tenha influência directa sobre a qualidade, conteúdo e intensidade dos contactos sociais, o bom estado e diversidade do espaço para a realização das actividades são um factor de atractividade para o maior número de pessoas, e consequentemente para uma maior probabilidade no número de encontros.



Figura 2 – Grupo de caminhadas no Parque Monsanto. Projecto "São Marcos com Coração - Caminhadas 2011" e Programa Nacional de Marcha e Corrida, em 2011.

Em todos os tipos de actividades referidos, a qualidade do espaço público desempenha um papel preponderante, e tal como o mesmo autor refere «(…) the physical framework does not have a direct influence on the quality, content, and intensity of social contacts, architects and planners can affect the possibilities for meeting, seeing, and hearing people - possibilities that both take on a quality of

their own and become important as background and starting point for other forms of contact.»[34], alcançando uma cidade agradável a todos indivíduos, apesar das suas diferenças, e adaptável aos campos de actuação de cada um.

As diferentes actividades do quotidiano fazem parte da multiplicidade de pertenças sociais de cada indivíduo, que cada um constrói em vários campos sociais, como: o trabalho, a família, o lazer, a vizinhança, as organizações religiosas e sociopolíticas[35]. François Ascher define que «(…) os indivíduos deslocam-se real ou virtualmente em universos sociais distintos que eles articulam em configurações diferentes para cada um»[36], ao que se pode acrescentar a necessidade de espaços públicos que satisfaçam as diferentes características de cada campo social, para uma maior diversidade do mesmo, com maior justiça urbana e igualdade social.

Neste sentido, o desenho urbano dos espaços públicos é definidor das actividades e serviços a serem distribuídos, tal como o seu conforto e segurança, e responsável pelo espírito de descoberta que deve ser transmitido aos indivíduos, para estarem atentos a novas situações e novos encontros.

Num estudo realizado pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil, sobre Espaços Exteriores em Novas Áreas Residenciais, são abordados vários dos objectivos urbanísticos para espaços dominantemente pedonais de uma área de residências, onde surge a «(…) motivação dos contactos sociais (convívio)»[37], referindo:

> «Sejam criadas condições adequadas ao desenvolvimento da privacidade mitigada e do convívio espontâneo no domínio da vizinhança que corresponde a toda a área residencial e muito particularmente na vizinhança imediata e mediata das residências. O desenvolvimento de contactos sociais espontâneos tem a ver com a existência de:
>
> - condições de privacidade selectiva nas residências e seus espaços exteriores privativos (quando existam);
> - zonas exteriores adequadas ao desenvolvimento da convivência espontânea (não obrigatória ou forçada) entre vizinhos;
> - percursos e locais vincadamente públicos e animados.»[38]

Embora este estudo seja direccionado para a análise de áreas residenciais, é de evidenciar a importância dada às actividades sociais na construção dos espaços exteriores para o equilíbrio «(…)

---

[34] Tradução sugerida: «(...) a estrutura física não tem influência directa sobre a qualidade, conteúdo e intensidade dos contactos sociais, arquitectos e urbanistas podem afectar as possibilidades de encontro, vendo e ouvindo as pessoas – possibilidades que assumem uma qualidade própria e tornam-se importantes como experiência e ponto de partida para outras formas de contacto.» Gehl, Jan - **Life between Buildings, Using Public Space (extract)**. Disponível em WWW: <URL: http://www.rudi.net/pages/8741> [Consult. 17 Abril 2012].

[35] ASCHER, François – **Novos Princípios do urbanismo, seguido de Novos Compromissos urbanos (um léxico)**. Lisboa: Livros Horizonte, Janeiro 2010. p. 47.

[36] *Ibid.*

[37] COELHO, António Baptista; CABRITA, António Reis – **Espaços Exteriores em Novas Áreas Residenciais.** Informação Técnica Arquitectura ITA. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1999. p. 25.

[38] *Ibid.*

de todo um conjunto de actividades urbanas que asseguram simultaneamente a vitalidade autónoma e o íntimo relacionamento entre as várias esferas de convívio, que são: a família na residência; os grupos de vizinhos próximos e alargados nos grupos de residências e na área residencial; e a população da zona urbana em que se integra a área residencial.»[39].

Para a motivação e prática do convívio, necessárias a todos os indivíduos, deve ser criado um exterior dominantemente público, formador e integrador, com serviços apropriados a diversos tipos de acções, tendo em vista a adequação sociocultural e etária, as diversas capacidades físicas e mentais, e os hábitos e desejos identificados, quer dos utilizadores conhecidos e prováveis, quer dos futuros utilizadores. Com base numa abordagem em espaços e equipamentos que se adequem às necessidades, que não anulem a espontaneidade e o uso individualizado do exterior.

Da mesma forma, devem estabelecer-se espaços que promovam a socialização e a formação de jovens e adultos, capazes de albergar e motivar actividades que, indirectamente, sejam elementos de integração sócio ambiental e de adequação / educação dos indivíduos. Exemplo disso são as actividades de horticultura, floricultura, jardinagem e/ou o contacto com pequenos animais domésticos, que representam «(…) óptimos exercícios de manutenção corporal e de descontracção mental, são excelentes factores didácticos de formação, nomeadamente das crianças e dos jovens, proporcionam a participação activa e a inter-acção e o convívio natural dos habitantes (…)»[40]. Da mesma forma, que as actividades de lazer, associadas à cultura e à animação social no espaço público, são motivadoras do convívio, da entreajuda e incentivadoras da formação pessoal, sendo apresentadas no espaço público, nomeadamente, por meio de festejos e equipamentos urbanos (temporários ou permanentes).

1.4. Espaços verdes

Na actualidade, os espaços verdes são considerados zonas livres com características que permitem o passeio, o repouso, o recreio e o desporto, e a sua composição deve ter como elemento predominante a vegetação. São espaços que assumem variados usos e funções, potencializadores de encontros sociais e de actividades colectivas, abrangendo «(…) um espectro impreciso onde se misturam parques e jardins, públicos e privados, as áreas de protecção ambiental, áreas de integração paisagística de vias e outras infraestruturas urbanas.»[41].

[39] *Ibidem.* p. 17.

[40] *Ibidem.* p. 23.

[41] PEREIRA, Mariana Pires Reis – **Espaços Verdes Urbanos, Contributo para a optimização do planeamento e gestão, Freguesia de Oeiras e São Julião da Barra**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2011. 110 f. Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa, para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura Paisagista. p. 6.

Desde cedo que a natureza adquiriu uma presença importante no desenvolvimento das cidades e mais tarde no próprio planeamento urbano.

> «(…) o jardim revela-se como um universo protegido das contingências naturais dos diferentes climas e geografias. Por de trás da aparência de prestígio de um simples espaço de recreio ou de representação social, o jardim encerra em si uma necessidade profunda de toda a alma humana em criar na Terra um paraíso.»[42]

Ancestralmente, era atribuída à natureza um significado de divino, em que «(…) os jardins eram sítios com uma influência positiva para a aprendizagem e meditação, eram locais privilegiados pela sua tranquilidade e pela exuberância da sua vegetação.»[43]. Na Antiguidade Clássica, o povo grego construía os seus templos e a praça pública, a *ágora*[44] em ligação com jardins públicos. A arquitectura estava dependente da paisagem natural com o objectivo de invocar o *genius loci*[45], que foi desconsiderado durante o Império Romano, onde as cidades eram projectadas segundo modelos geométricos e a paisagem estava dependente da arquitectura. Para tal foram criados novos elementos artificiais, como lagos e cascatas, com o objectivo de destacar o ambiente construído através da natureza, no formato de jardins privados e parques, importantes nos palácios e vilas romanas.

Já na Idade Média, na cidade muralhada também os jardins passam a ser pequenas áreas delimitadas por muros ou sebes, onde se perde o início de planeamento da Antiguidade, em parte devido à proximidade do campo, que rodeava estas cidades. Porém, nesta época, no interior dos mosteiros existiam plantações de diversas espécies vegetais, nomeadamente plantas aromáticas e vegetais, hábitos que se tornariam percursores dos estudos botânicos. A paisagem medieval de composição assimétrica criava uma relação intuitiva entre o ambiente natural e o construído.

Com o Renascimento, surge uma nova percepção da realidade, em que o Homem é colocado no lugar de Deus, no centro do mundo. Os valores arquitectónicos e cénicos da Antiguidade foram recuperados e a ideia de jardim passa a ser um lugar elaborado e traçado pelo homem. O jardim considerado um espaço de prazer e contemplação do "belo", onde «(…) edifício e jardim formam um todo e o desenho é tão importante para edifício como para o jardim. Existem em função um do outro. O todo é "arquitectado" e objecto de um plano, ao contrário do jardim medieval, que parece acontecer ao sabor do acaso da intuição, sem uma ordem aparente»[46].

---

[42] CARITA, Hélder Carita – **Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal: ou originalidade e desaires desta arte**. Edição de Autores, Novembro de 1987. p. 10.

[43] AFONSO, Maria Manuela Belo - **Espaços verdes e a transformação do ambiente urbano, caso de estudo: a cidade de Lisboa**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2007. Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do Grau de Mestre em Ordenamento do Território e Planeamento Ambiental. p. 41.

[44] Praça pública das antigas cidades gregas, semelhante ao fórum romano, em geral de forma quadrada.

[45] O espírito do lugar.

[46] MORGADO, Fátima (coord.) – **Jardins e Miradouros de Lisboa: Roteiro dos principais espaços verdes e miradouros de Lisboa.** Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, Junho 1998. p. 12.

Neste período do Renascimento, sucedem-se uma série de experimentações, as cidades foram construídas segundo princípios geométricos, as ruas foram alargadas em secções longitudinais e em termos de ordenamento, os formatos dos edifícios são homogeneizados, com o consequente controlo da composição das fachadas, tornando-se o "verde" um campo preferencial de actuação[47].

A par do planeamento do jardim de recreio, surge a introdução de novos artefactos como *belvederes*[48], escadarias, percursos de água, estátuas de influência greco-romana e novas espécies verdes, trazidas para a Europa ocidental pelos Descobrimentos da Idade Moderna, dando início à experimentação das primeiras "hortas botânicas", em que o novo exotismo surge ao lado do sentido científico humanista, com o objectivo de auxiliar o ensino da ciência.

No entanto, é só no período clássico barroco que se estrutura a arte da jardinaria como um campo específico da arquitectura urbana e planeamento do território. André Le Nôtre[49] introduziu um novo elemento ordenador do espaço - a perspectiva, - o que evidenciou a ligação entre a natureza urbana e a arquitectura. Estes novos instrumentos introduziram a árvore na cidade, em novos espaços como: o recinto arborizado, o parque, o passeio e a alameda, todos de carácter palaciano ou urbano, e também florestas de caça, tornando-se espaços de recreio e de novas práticas sociais.

> «(…) o Barroco, onde os jardins atingiram uma dimensão teatral, passando da casa para cenários de deslumbrantes festas. As pessoas eram vistas como participantes activos no meio cénico em vez de meros indivíduos. Os jardins barrocos procuraram criar uma sensação do infinito, dando aos seus utentes uma sensação de imensidade.»[50]

Segundo José Lamas, este período é dos mais marcantes na evolução dos espaços verdes, pelas suas vastas realizações e pela influência que terá na cidade burguesa dos finais do séc. XIX, como na Paris de Haussmann ou na Barcelona de Cerdá, e também no séc. XX, no início de novecentos, na Urbanística da escola francesa[51].

Ainda no século XVIII, surge um novo estilo e uma nova filosofia, - o paisagismo – a par do sentimentalismo e admiração dos elementos que pertencem à natureza. O desenvolvimento da paisagem do Jardim Inglês (séc. XVIII e início do séc. XIX) foi influenciado pela literatura, filosofia e arte, ideais baseados na reinterpretação da literatura clássica e em visões desenvolvidas pelos pintores do século XVII, o que Catherine Thompson revela ter tido influência na actualidade:

---

[47] MARTINS, Ana Solange; REMESAR, Antoni; CORTEZ, Paula do Vale; ÁGUAS, Sofia [et al.] – **Do Projecto ao Objecto: Manual de Boas Práticas de Mobiliário Urbano em Centros Históricos**. 2ª edição. Lisboa: Centro Português de Design, Julho 2005. p. 29.

[48] Mirante.

[49] **André Le Nôtre** (1613-1700). Maior paisagista do barroco francês. Ficou famoso pelo projeto dos jardins do Palácio de Versailles e do Jardin des Tuileries.

[50] AFONSO, Maria Manuela Belo - *Op. cit.* p. 43.

[51] LAMAS, José M. Ressano Garcia – **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.** 5ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas, Maio 2010. p. 200.

> «Estudos e teorias recentes sobre as preferências paisagísticas começaram a identificar aqueles que podem ser os mecanismos biológicos e culturais destes ideais; estamos também a começar a reconhecer a verdadeira importância das possíveis implicações para a saúde e bem-estar da sociedade moderna.»[52]

Nos finais do século XVIII, existem novos formatos de espaços verdes como o parque e o *boulevard*. Em Inglaterra, o parque é inserido na estrutura urbana da cidade, nas décadas de 1850 e 1860, com a função de conservar a vegetação nativa ao mesmo tempo que possibilita o recreio e o lazer. Enquanto o *boulevard*, foi uma inovação parisiense dos anos 1850, inserido no programa urbanístico de Haussmann. Tinha o formato de avenida ladeada de árvores e extensões relvadas permitia obter uma melhor salubridade do espaço, sendo que a sua construção permitiu a destruição de ruas e casas consideradas impróprias para a capital francesa. Afinal, foi a partir da Revolução Industrial (1770-1830), que se verificaram na cidade os problemas mais graves de higiene pela falta de saneamento, uma consequência do êxodo da população rural para a cidade, que não estava dimensionada para suportar o aumento da população. A necessidade de corrigir as péssimas condições de higiene da cidade provocou uma nova alteração na estrutura urbana, fazendo surgir o conceito de espaço verde urbano, com o principal objectivo de recriar a presença da natureza nas cidades e melhorar o ambiente urbano. Todavia, o desenho urbano clássico também explorava as condições topográficas e acidentais do território, para ajustar o espaço à forma necessária.

As composições verdes criadas foram evoluindo e sofrendo alterações ao longo da história a par da evolução da própria cidade. Até ao séc. XIX, os espaços verdes tinham como função o passeio, a estadia e o recreio, e eram principalmente de carácter privado, com a possibilidade de ocasionalmente serem abertos ao público ou de frequência limitada, segundo o pagamento de entrada ou respeito a regras impostas. Eram sobretudo projectados com o intuito social «do jardim como artefacto máximo, galante e luxuoso, alimento do espírito e da vaidade humana»[53].

A par do desenvolvimento dos espaços verdes foram criados novos equipamentos para dar resposta às necessidades e funções destes espaços. Os jardins que foram sendo decorados com *belvederes* e outros pavilhões de estética chinesa, como «(…) uma recusa nítida das referências arquitectónicas locais ou nacionais.»[54], deram origem ao aspecto geral dos quiosques e coretos de jardim, estes últimos, em análise nesta investigação, foram construídos para integrar zonas amplas e verdes, dando apoio às actividades de recreio e lazer características destes espaços.

---

[52] THOMPSON, Catherine W. – Da Paisagem do Jardim Inglês ao Parque Urbano: Temas Comuns num Mundo de Mudança. In Câmara Municipal do Porto [et al.] – **Parques Urbanos e Metropolitanos / Urban and Metropolitan Parks: Manual de Boas Práticas / Manual of Good Practice**. Porto: C.M.P, Agosto de 2006. p. 41.

[53] MORGADO, Fátima (coord.) – *Op. cit.*, p. 14.

[54] RACALBUTO, Bruno – **Les Kiosques a Musique de la ville de Geneve: Etude historique et architecturale.** Genebra: Ville de Genève, Maio 2005. Disponível em WWW: <URL: http://www.ville-geneve.ch/fileadmin/public/Departement_2/Publications/Kiosques-a-musique-Etude-historique-ville-Geneve.pdf> [Consult. 17 Outubro 2011]. p. 6.

Hoje em dia, os coretos que integram os espaços verdes são pontualmente utilizados, fazendo parte do carácter colectivo e social destas zonas. Embora os espaços verdes mantenham as suas principais funções de recreio, também servem para organizar, definir e conter áreas diversificadas, constituindo representações importantes para a caracterização da imagem da cidade, com diversas propriedades essenciais à melhoria da qualidade de vida das cidades. Os espaços verdes urbanos actuam favoravelmente no meio físico e sobre o bem-estar dos seus habitantes, principalmente devido às suas capacidades de produção de oxigénio, regularização da temperatura do ar, absorção e filtragem das poeiras atmosféricas, entre outras funções e benefícios, tratados por Maria Pires Pereira[55], como:

- A regularização microclimática, capacidade de termorregulação, controlo da humidade e radiações solares, protecção do vento, chuvas e granizo e retenção de poeiras suspensas na atmosfera;
- O controlo da poluição atmosférica e sonora, como resultado da fotossíntese existe um contributo para o aumento de oxigénio na atmosfera e diminuição do dióxido de carbono. E elevado poder de absorção de ondas sonoras;
- A proteção contra a erosão, a vegetação diminui a velocidade dos percursos de água, aumenta o volume de água infiltrada e consequente estabilização e consolidação dos taludes;
- O aumento da biodiversidade, existência de vida animal e vegetal diversificada;
- A segurança rodoviária, barreira física que absorve o ruído e evita o encandeamento;
- A qualidade cénica, papel ornamental, melhorando a imagem e qualidade da cidade;
- Função socioeconómica, áreas destinadas ao lazer, à prática de actividades lúdicas e desportivas, bem como importantes funções didácticas, possibilitando o contacto das populações urbanas com a sequência das estações e de outros ciclos biológicos. Economicamente, as áreas habitacionais mais desejadas são aquelas que contam com árvores nas ruas e espaços verdes.

As diversas funções dos espaços verdes, de características e dimensões variadas, nos formatos de parque urbano, jardim público, área de enquadramento de vias e edifícios, etc., devem ser enquadrados no espaço público, coexistindo com outras edificações, para que todas as condições ecológicas, sociais e económicas sejam cumpridas. Seguindo como objectivo as funções anteriormente indicadas, é possível realizar uma análise do local de implementação das zonas verdes, através dos aspectos caracterizadores da área de intervenção:

- Relevo;
- Solo;
- Presença de água;
- Dimensionamento;
- Obtenção de efeitos climáticos e ambientais;

[55] PEREIRA, Mariana Pires Reis – *Op. cit.*, pp. 7-8.

- Uso de elementos vegetais pré-existentes[56].

E por meio de associação com os aspectos caracterizadores da solução urbanística e arquitectónica:

- Apuramento das espécies vegetais a utilizar;
- Adequação de actividades e respectivo equipamento;
- Condições para percursos pedonais em zonas verdes;
- Relacionamento preferencial com outros espaços da malha dominantemente pedonal;
- Gestão e manutenção de zonas verdes[57].

Numa outra abordagem, desenvolvida por Manuela Raposo Magalhães, são apenas considerados três factores a ter em conta na concepção de espaços verdes urbanos, sendo que neste género de planeamento é sobretudo evidenciado o tipo de funções e actividades que terão lugar nesse espaço:

- Critérios de localização, determinados em função da natureza do revestimento vegetal e do tipo de actividade a que vai servir de suporte;
- Dimensionamento, que deve ser estabelecido em função da viabilidade económica de manutenção desses espaços e, uma vez mais, das actividades previstas;
- Características ecológicas da região e a tipologia/estrutura urbana de inserção.

Os espaços verdes urbanos proporcionam grande variedade de ambientes de qualidade, de utilizações humanas directas e indirectas, sendo elementos bastante adaptáveis e criadores de uma grande diversidade de arranjos urbanos e paisagísticos. Apesar dos benefícios proporcionados pelos espaços verdes, ao longo da história, eles tiveram vários domínios, o que ainda acontece na actualidade, existindo espaços verdes de cáracter público e privado, em que cada um proporciona diferentes oportunidades, por exemplo, no jardim de um condomínio privado é possível usufruir de piscina e/ou campos de ténis, enquanto nos jardins públicos dificilmente se encontram estes recursos ou têm acesso limitado, por serem de difícil manutenção. No entanto, nos jardins públicos existem várias oportunidades e equipamentos livres de barreiras artificiais entre o verde e a rua, que oferecem à cidade uma paisagem urbana mais cativante, com actividades gratuitas e atractivas. É o caso do equipamento em análise, proporcionador de originais momentos de recreio no espaço público através de espectáculos musicais, que tiveram a sua origem construtiva nos jardins privados, mas que posteriormente, adquiriram o carácter móvel[58] e público[59], devido aos seus benefícios e oportunidades de utilização.

[56]COELHO, António Baptista; CABRITA, António Reis – **Espaços Exteriores em Novas Áreas Residenciais.** Informação Técnica Arquitectura ITA. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1999. p. 57.

[57] *Ibid.*

[58] Coretos armados, utilizados nas ocasiões em que eram necessários, sendo posteriormente novamente desmontados.

[59] Coretos fixos, de construção permanente e de utilização pública ou privada.

A análise dos espaços verdes permite conhecer as suas características e funções, tanto na actualidade como ao longo da sua evolução urbana, para melhor perceber o ambiente de inserção dos coretos, nomeadamente na cidade Lisboa, conhecer a história dos jardins e outras zonas verdes da cidade onde os coretos tiveram e ainda têm lugar.

1.4.1 Jardins e Praças de Lisboa

No período do século XIII[60] ao século XVIII, os jardins portugueses eram espaços intimamente ligados à arquitectura, devido às suas características de espaço de estar, como se se tratassem de uma sala rodeada de paredes verdejantes, onde eram muitas vezes inseridos painéis de azulejos e pavimentos de tijoleira, o que demonstra as suas particularidades inseparáveis da vida quotidiana e do imaginário nacional[61]. Este sentido tradicional, onde o sossego e a intimidade se encontravam nos hortos[62], nos jardins, nas cercas conventuais, nas quintas de recreio e nas tapadas, localizados nas zonas periféricas da cidade e no interior ou zona adjacente das casas particulares, comprovam as considerações apresentadas por Hélder Cabrita, referindo o jardim português como mais arquitectónico e menos paisagista.

> «É este conceito de jardim arquitectónico e de estar, que nos separa de tendência paisagística da Europa além-Pirinéus, onde a natureza envolvente é convidada a participar no traçado global do jardim. Mais arquitectónico que paisagístico, o jardim português espraia-se um pouco ao sabor das condições geográficas, voltado sobre si próprio, num ambiente de requintada intimidade, mais para ser usufruído no seu interior que para ser admirado do exterior.»[63]

Em meados do séc. XVIII, surge a novidade e aumento da inserção de plantas e árvores exóticas (muitas delas trazidas do Oriente e Brasil) nos jardins, o que fez progredir o gosto português pelos jardins botânicos. Um contributo para uma maior valorização da natureza para a área científica e, consequentemente, promovendo o desenvolvimento do jardim romântico em detrimento do tradicional jardim arquitectónico português, em espaços urbanos mais regulares, obedecendo à geometria e a novas formas de pensar o espaço, colocado ao serviço dos cidadãos.

---

[60] «Os anos centrais do século XIII foram um momento fundamental de mudança no rumo da história do espaço físico português pois, com o fim da Reconquista ficaram estabelecidos, de um modo geral, os limites do território continental. Os grandes objectivos da monarquia eram agora o seu ordenamento e dinamização da vida urbana.» SEIXAS, Ana; COUCEIRO, João; MÉGRE, Rita; GOMES, Rogério – **Ternos Passeios: Um manual para melhor entendimento e fruição dos espaços urbanos públicos**. Lisboa: Instituto de Promoção Ambiental / IPAMB e Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro de Ambiente e Espaços Verdes, com o apoio do Programa Ambiente, Setembro de 1997. p. 27.

[61] MORGADO, Fátima (coord.) – **Jardins e Miradouros de Lisboa: Roteiro dos principais espaços verdes e miradouros de Lisboa.** Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, Junho 1998. p. 8.

[62] Espaços de recriação do rural e provinciano.

[63] CARITA, Hélder Carita – **Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal: *ou originalidade e desaires desta arte***. Edição de Autores, Novembro de 1987. p. 208.

Nas restantes cidades europeias, a partir dos finais do século XVIII, deu-se início à criação de grandes espaços verdes abertos ao público. Porém, em Portugal, o desenvolvimento deste género de espaços só se veio a verificar ao longo do século XIX, no seguimento das reconstruções levadas a cabo no pós-terramoto de 1755.

> «(…) a reconstrução Pombalina veio a constituir uma oportunidade para pôr em causa e discutir as vantagens do sítio, a estrutura funcional e a forma urbana de Lisboa. O seu sucesso resultou da conjugação de esforças nas áreas da concepção, realização, legislação e fiscalização, ocorrência extremamente rara na história do urbanismo português. A reconstrução da Baixa apresentou aspectos de extrema modernidade, (…) da autoria de Eugénio dos Santos, preconizava uma nova malha urbana, onde transpareciam medidas urbanísticas eficazes para solucionar os problemas de salubridade, segurança e conforto das populações.»[64]

A partir da reconstrução pombalina surgiram novos hábitos de vida ligados ao próprio desenvolvimento da burguesia e do liberalismo, com a implementação do primeiro espaço verde público de Lisboa, o Passeio Público (1764-1879), projectado por Reinaldo Manuel dos Santos[65]. Era um espaço murado que seguia a tradição da quinta de recreio e da tapada, que surgia na continuação do Rossio, no espaço da actual Avenida da Liberdade e que, segundo José Augusto França, só foi «(…) trazido à vida social pelo rei-consorte D. Fernando de Coburgo, que o lançou em moda, depois de obras (do Arq.to municipal Malaquias F. Leal) que o modernizaram com cascatas, lagos, repuxos, cortinadas gradeadas, coreto»[66], tendo sido a partir de então que terá vingado a função de passeio público deste jardim. Contudo, eram comuns os jardins e quintas de recreio privadas para grupos sociais restritos, sendo mais tarde o acesso alargado a outras classes, embora com algumas restrições, como o pagamento de entrada ou regras de vestuário. Eram os efeitos do romantismo liberal que propunham novos hábitos mundanos, incrementando o gosto pela natureza e pelo mundo rural, daí que as grandes transformações a nível dos espaços públicos se tenham dado sobretudo nos jardins e passeios na cidade, como o de S. Pedro de Alcântara e posteriormente, nos anos 50 do século XIX, seriam plantados o Jardim da Estrela e o jardim do Príncipe Real.

Depois do período pombalino, Lisboa atravessou alguma estagnação na renovação urbana, por razões financeiras e ideológicas. Mais tarde, o crescimento industrial e demográfico, este último causado pelo início do êxodo rural, contribuíram para o aumento dos problemas de higienização da cidade de Lisboa, uma preocupação sobre a qual, já desde o reinado de D. Manuel (1495-1521), eram tomadas medidas de melhoramento do ambiente urbano. Nesta época, foram impostas restrições quanto aos

---

64 SEIXAS, Ana; COUCEIRO, João; MÉGRE, Rita; GOMES, Rogério – *Op. cit.*. p. 33.

65 **Reinaldo Manuel dos Santos** (1731-1790). Arquitecto e engenheiro militar português. Colaborou com Machado de Castro na parte arquitectónico da estátua equestre de D. José existente na Praça do Comércio, em Lisboa. Elaborou os projectos de igrejas dos Mártires e de S. Nicolau, do Chafariz das Janelas Verdes e do Passeio Público. No reinado de D. Maria II, levou a cabo a construção da Basílica da Estrela, desenvolvendo alterações no projecto primitivo, o que lhe deu maior grandiosidade à obra.

66 FRANÇA, José-Augusto – **Lisboa: Urbanismo e Arquitectura**. 5.ªedição. Lisboa: Livros Horizonte, colecção: Cidade de Lisboa, Outubro 2005. p. 53.

direitos dos moradores de se apropriarem do espaço da rua, com o objectivo de minimizar os problemas de higiene e limpeza das vias. Esta acção, apresentada pelas Ordenações Manuelinas[67], demonstrava uma intenção de controlo da transformação do espaço público, que conheceu uma nova solução nas obras promovidas por Ressano Garcia[68]. Lisboa deixa de ser uma cidade ribeirinha e começa a estender-se para norte, o que «(…) marcou a transição da cidade liberal oitocentista, que crescera por acrescentos, sem grande preocupação de integração num plano global, para a cidade planeada do século XX, de que as Avenidas Novas são o melhor exemplo.»[69]. Uma das intervenções mais marcantes foi a construção da Avenida da Liberdade em substituição do Passeio Público, com inspiração no modelo haussmaniano do *boulevard*, uma influência francesa da época verificada em toda a concepção urbana e de espaços verdes executados por Ressano Garcia. Os espaços verdes pontuavam a malha de quarteirões e largos do planeamento de Ressano Garcia, em que se desenvolveu a abertura de grandes avenidas e a construção de bairros de malha ortogonal, respeitando o desenho pombalino, com o objectivo de melhorar a qualidade do ambiente urbano, contra a insalubridade das áreas urbanas, aproximando as pessoas dos elementos naturais, ao mesmo tempo que eram mantidas as funções tradicionais de lazer, passeio e convivência social.

Na Lisboa de Ressano Garcia do século XIX, também as praças deixam de ser espaços onde predomina o pavimento ou o terreiro livre, dando lugar à arborização dos espaços de circulação. Uma solução que serviu para contrabalançar a crescente degradação ambiental provocada pela industrialização, seguindo os modelos parisienses.

Por esse motivo e por as praças e largos públicos serem espaços agregadores de vivências urbanas, torna-se necessário englobá-los a par dos jardins, na realidade da cidade de Lisboa e do país, como locais privilegiados para o encontro.

> «Desde a formação da nacionalidade e ao longo de toda a Idade Média os espaços públicos preferidos para o uso colectivo da população, espaços de reunião, decisão e convívio e agregadores das actividades administrativas, jurídicas e económicas e que funcionaram também como pólos ordenadores da malha urbana, foram o rossio, o largo/praça e a rua direita.»[70]

Desde cedo, que é na praça pública e no largo, de funções idênticas às da praça, que se encontram os edifícios de uso colectivo (igrejas, paços do concelho, etc.), os edifícios representativos do estatuto social e económico das personalidades locais (palácios e solares), o comércio, os serviços e elementos, como os símbolos históricos e simbólico-decorativos (pelourinhos, estatuária), e outros de

---

[67] SEIXAS, Ana; COUCEIRO, João; MÉGRE, Rita; GOMES, Rogério. – *Op. cit.* p. 30.

[68] **Frederico Ressano Garcia** (1847-1911). Engenheiro e professor de engenharia, político e administrador que dirigiu a expansão e renovação urbana da cidade de Lisboa, durante o último quartel do século XIX. Também foi ministro, deputado e par do Reino. Projectou o planeamento e construção de estruturas importantes, como a Avenida da Liberdade, a Praça Marquês de Pombal, a Avenida 24 de Julho, os bairros de Campo de Ourique e da Estefânia e a Linha de Sintra.

[69] SEIXAS, Ana; COUCEIRO, João; MÉGRE, Rita; GOMES, Rogério. – *Op. cit.*. p. 34.

[70] *Ibidem.* p. 39.

carácter utilitário (fontes e chafarizes, coretos, etc.). A praça/largo é o espaço mais usual da animação urbana, sendo comum nos séculos XVII e XVIII, servir de cenário às situações mais variadas, como procissões, canonizações de santos, entradas régias, baptizados, casamentos de reis ou príncipes e festas de carácter popular. As diferenças entre espaço público e privado começam a ser visíveis nas atitudes dos cidadãos, que conheceram novas formas de sociabilidade, sendo o lar considerado o lugar de refúgio. Houve uma transformação gradual das funções recreativas e lúdicas do espaço público, que atingiram o seu auge nos séculos XIX e XX, e onde foram introduzidas novas actividades, nomeadamente novas formas de ouvir música e de assistir a espectáculos musicais, dando a oportunidade a encontros culturais e de instrução pública.

O passeio e o lazer no espaço público passam a ser actividades importantes para a saúde e vida social dos lisboetas, que ao longo dos tempos tem vindo a acontecer de diferentes formas. No século XX, muitos dos espaços públicos referidos foram perdendo o seu simbolismo, devido à implementação na cidade de novos recintos e atracções, como os centros comerciais e devido ao aumento do tráfego automóvel. Por outro lado, em pleno século XXI, existe uma procura na mudança das tendências de abandono do espaço público, através da organização de vários eventos culturais nos jardins e praças da cidade, requalificação de equipamentos urbanos e melhoramento das vias de circulação, como por exemplo, com o encerramento do trânsito na Praça do Comércio, tornando a praça mais pedonal e com novos espaços de lazer.

1.5. Eventos sociais, culturais e recreativos

Os espaços públicos já consolidados, como jardins, praças, largos e ruas, pertencentes ao vocabulário urbano conhecido por todos, contêm entre si diferentes características dimensionais, ambientais e funcionais que proporcionam também a concretização de diversas actividades (fundamentais e opcionais), de igual modo responsáveis pela animação e vitalidade urbanas, havendo a necessidade que os lugares apresentem sinais de bom desempenho e de boa relação com as zonas envolventes.

A presente investigação dedica-se sobretudo às actividades de recreio, lazer, estar e tempos livres, por possibilitarem a imprevisibilidade e a casualidade dos encontros no espaço público, como a manifestação dos grupos sociais, culturais e políticos e as actividades culturais e recreativas[71].

Na cidade, a sociabilidade exprime-se de muitas formas, nomeadamente através do lazer e da festa, como afirma José Mattoso:

[71] INDOVINA, Francesco – O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança. **Cidades: Comunidades e Territórios.** Lisboa: CET-ISCTE. N.º5 (Dezembro 2002), p. 119.

«Por sociabilidade entende-se a aptidão geral dos indivíduos (e dos grupos) para viverem de modo mais ou menos intenso as variadas relações que se estabelecem em qualquer sociedade organizada, aceitando certas regras de convivência e alienando uma parte da sua liberdade pessoal.(…)
O lazer é um conjunto de ocupações ou funções a que o ser humano se pode dedicar voluntariamente, depois de ter cumprido toda uma série de obrigações do dia-a-dia (familiares, profissionais ou sociais), para se divertir, assegurar a sua formação ou melhorar a sua informação. A festa rompe com as normas, os ritmos e os ritos do quotidiano, subvertendo-os (ainda que parcialmente, e funcionando como uma válvula de escape contra o peso, a rotina e a monotonia do dia-a-dia.»[72]

Desde cedo que os grandes encontros e ajuntamentos são provocados pelos momentos comemorativos dos grandes acontecimentos históricos dos países, sejam eles vitórias militares, tratados de paz, eventos comemorativos de renovação dinástica, etc., todos eles assinalados por toda a cidade, no exacto acontecer, com festejos onde surgiam construções, cortejos e fogos-de-artifício. As ocasiões festivas eram por vezes materializadas na forma de arcos de triunfo, construídos nas entradas régias e ao longo do percurso dos cortejos, preenchidos com carros de aparato e carros alegóricos, que igualmente integravam as procissões religiosas, desfiles de consagração política e festas populares, e onde figuravam vistosas iluminações e sumptuosos fogos-de-artifício[73].

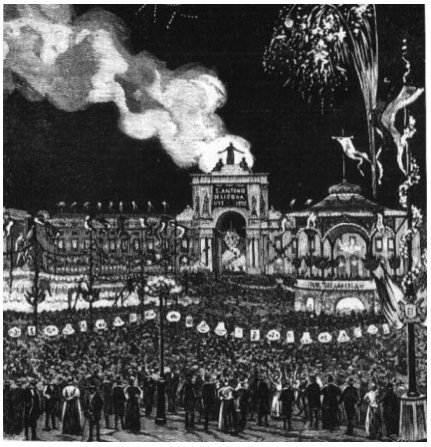


Figura 3 - Ambiente dos festejos no Centenário de Santo António, 1895. Praça do Comércio.

Os artefactos e equipamentos produzidos para as ocasiões festivas constituíam concepções artísticas, que marcavam os rituais de festa e referências para o imaginário dos diferentes períodos em que serviram. Apesar de na sua maioria, serem realizações efémeras, de brevidade no seu usufruto, não era descurada a sua qualidade artística e função simbólica, com projectos ambiciosos e modernos. Em Lisboa, sensivelmente desde 1600[74] até ao século XIX, um dos temas de festejos mais importantes

[72] MATTOSO, José (direc.); TORGAL, Luís Reis (coord.); ROQUE, João Lourenço (coord.) [et al.] – **História de Portugal: O Liberalismo (1807-1890)**. Vol. 5. Lisboa: Editorial Estampa, Junho de 1998. p. 439.

[73] PEREIRA, João Castel-Branco [et al.] **Arte Efémera. Catálogo de Exposição do Museu Calouste Gulbenkian, 13 Dezembro de 2000 a 25 de Fevereiro de 2001** (Galeria de Exposição Temporárias do Museu). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Dezembro 2000. p. 5.

[74] «Mas, num País como Portugal, onde o longo isolamento e as delicadas questões teológicas e eclesiásticas marcaram os anos da Restauração, esta união íntima de política e religião tenderia a cristalizar-se num verdadeiro modelo ideológico e os anos imediatos à recuperação da independência tinham sido mesmo assinalados por um predomínio do religioso sobre o político.» PIMENTEL, António Filipe – D. João V e a Festa devota: do espectáculo da política à

tinham o carácter religioso. A celebração mais corrente a própria missa, mas era nos dias comemorativos de culto religioso a um santo ou momento religioso, que se despendia o valor mais elevado de verbas, tal era a importância do acontecimento.

> «(…) em 1632 Frei António Brandão referia que Lisboa era afamada pelo esplendor com que celebrava as cerimónias do culto, gastando-se anualmente, só em aromas e cheiros, para cima de vinte mil cruzados.»[75]

Actualmente, as temáticas e motivos dos encontros sociais estão associados a um vasto leque de acontecimentos, o que representa uma menor centralização a uma só área da sociedade. O quotidiano da cidade é também preenchido por actividades culturais e recreativas de âmbito pontual e diário, que António Baptista Coelho e António Reis Cabrita consideram que para o seu êxito, assimilação e uso frequente, estão dependentes dos seguintes aspectos:

- Enquadramento e protecção por edifícios e elementos verdes;
- Relacionamento com o polo comercial ou com a principal zona verde;
- Adequada orientação e protecção contra intempéries;
- Adequada localização relativamente aos principais percursos pedonais;
- Existência de equipamentos com grande importância evocativa e historicamente especializados no suporte de actividades culturais e recreativas, onde os autores referem especificamente os coretos;
- Adequado dimensionamento, equipamento e mobiliário urbano (fixo e móvel);
- Articulação, sempre que seja possível, com elementos e edifícios pré-existentes, ricamente expressivos e evocativos.

Assim, os espaços seguidores destas características deverão poder tornar-se, periodicamente, locais de interacção de grupos humanos alargados e, diariamente, pontos de encontro informal de pequenos grupos de habitantes[76].

1.5.1 Música ao ar livre

A música, que ao longo do século XIX, fazia parte do quotidiano em espaços fechados, como teatros e óperas, também veio a presentear os eventos sociais públicos, principalmente em dias festivos, que no caso de Lisboa, tiveram início nos eventos religiosos.

---

política do espectáculo. PEREIRA, João Castel-Branco [et al.] **Arte Efémera. Catálogo de Exposição do Museu Calouste Gulbenkian, 13 Dezembro de 2000 a 25 de Fevereiro de 2001** (Galeria de Exposição Temporárias do Museu). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Dezembro 2000. p. 155.

[75] *Ibidem.* p. 159.

[76] COELHO, António Baptista; CABRITA, António Reis – **Espaços Exteriores em Novas Áreas Residenciais.** Informação Técnica Arquitectura ITA. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1999. pp. 83-86.

> «(…) os cultos contemplados com música aconteciam na sua maioria em dias festivos, pelo que se entende que a função que cabia à música cumprir era, como seria de esperar, o embelezamento do rito e o empréstimo de uma maior opulência ao acto religioso.»[77]

Porém, é nas reuniões particulares da alta sociedade e famílias abastadas, que a música erudita, apresentada nos grandes teatros e óperas, surge inserida no espaço ao ar livre. Introduzida nos eventos sociais privados, exclusivos aos indivíduos convidados, por vezes as festas estendiam-se ao jardim do palácio, como é descrito no periódico *Novidades*, sobre a festa de Verão realizada no palácio dos condes de Burnay.

> «(…) [os jardins] estavam todos iluminados com balões venezianos. No parque tocava uma banda marcial; em um dos terraços dançava-se animadamente ao som da orchestra Quilez, que, durante toda a noite, executou com extraordinario *entrain* o mais variado reportório de quadrilhas e walsas.
> (…) Às 2 horas da madrugada, depois de servida a ceia orgnisou-se no parque uma linda e pitoresca *marche aux ballons*, em que entraram os convidados, percorrendo todas as ruas. Aquella marcha, precedida pela banda marcial, era realmente phantastica.»[78]

Em Portugal, a partir de finais do século XVIII, os agrupamentos musicais geralmente realizavam as suas actuações ao ar livre sobre um estrado ou tribuna, construído para o efeito, sendo que, começam a adquirir um espaço próprio para as apresentações musicais – o coreto. São várias as estruturas construídas ou adoptadas para acolherem a música e a sua banda durante os eventos sociais, e que por esse motivo são considerados os primórdios da construção do coreto, como é apresentado no capítulo seguinte (Capítulo 2). Contudo, no caso português, um exemplo dos formatos que começou a surgir e que terá sido uma das influências para as construções portuguesas, aconteceu em 1785, nas festas de casamento de D. João, futuro rei D. João VI, com D. Carlota Joaquina, infanta de Espanha. As festas tiveram lugar em Madrid, no interior do jardim do palácio de D. Henrique de Meneses, embaixador de Portugal em Madrid, onde foram construídas várias estruturas de apoio, entre as quais um pavilhão coberto de planta poligonal, de grandes dimensões, com espaço para a orquestra e plateia sentada. Uma construção temporária, aparentemente realizada em madeira e marmoreada.

> «(…) é constituída por uma cobertura piramidal, assente em oito pilares de ordem dórica; entre os pilares dispõem-se galerias escalonadas e tribunas reservadas à assistência; os músicos (tocando cravo, violoncelo, violino e trompa) ocupam a zona central e duas das tribunas. Lampiões e lustres iluminam o recinto do espectáculo. A face da cobertura virada para o recinto é decorada a ouro sobre

[77] LEITÃO, Rui Miguel Ribeiro de Campos – **A ambiência musical e sonora da cidade de Lisboa no ano de 1890**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2006. 310f. Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Musicais na especialidade de Musicologia Histórica. p. 68.

[78] *Novidades*, 1 de Junho de 1890. In LEITÃO, Rui Miguel Ribeiro de Campos – *Op.cit*, p. 68.

o fundo vermelho, com concheados e plumas, a que se sobrepõem dois meninos segurando as armas dos noivos.»[79].

A estrutura apresentada em Madrid, por ocasião de um festejo ibérico, ainda não representa a forma de um coreto, mas é possível considerar que o seu conceito constitui um exemplo figurativo, dos princípios das características formais e funcionais do equipamento em análise, para além das construções e estruturas apresentadas mais à frente, ao longo do capítulo 2.



Figura 4 - Festas do casamento de D. João, infante de Portugal, e de D. Carlota Joaquina, infanta de Espanha, em Madrid. 1785. Desenho têmpera sobre papel. Domenico Muzi (?)

Segundo Eunice Relvas e Pedro Bebiano Braga, os primeiros coretos no espaço público de Lisboa surgiram no findar de setecentos, mais precisamente em 1790, como uma peça de arquitectura efémera ligada às festividades religiosas e celebrações da família real, como o nascimento do filho de D. João VI (1795), rei que se revelou um entusiasta da música. Em 1792, D. João VI no universo dos seus interesses e responsabilidades, como futuro monarca, contemplava as actividades económicas, como a indústria, o comércio, a agricultura, a pintura, a escultura, a música e a ciência[80].

Em Lisboa e noutras cidades europeias, principalmente a partir do séc. XIX, a música passou a fazer parte da cenografia dos eventos da cidade e tornou-se inimaginável assistir a uma festa, a um discurso ou a um desfile sem que a banda marcasse o ritmo dos acontecimentos[81]. A música afirmou-

[79] MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho – Cat. 68, Cat. 69: Festas do casamento de D. João, infante de Portugal, e de D. Carlota Joaquina, infanta de Espanha, em Madrid. PEREIRA, João Castel-Branco [et al.] **Arte Efémera. Catálogo de Exposição do Museu Calouste Gulbenkian, 13 Dezembro de 2000 a 25 de Fevereiro de 2001** (Galeria de Exposição Temporárias do Museu). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Dezembro 2000. pp. 200-201.

[80] MELLO, Fabiano António de – Retrato de D. João VI. PEREIRA, João Castel-Branco [et al.] **Arte Efémera. Catálogo de Exposição do Museu Calouste Gulbenkian, 13 Dezembro de 2000 a 25 de Fevereiro de 2001** (Galeria de Exposição Temporárias do Museu). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Dezembro 2000. p. 199.

[81] RACALBUTO, Bruno – **Les Kiosques a Musique de la ville de Geneve: Etude historique et architecturale.** Genebra: Ville de Genève, Maio 2005. Disponível em WWW: <URL: http://www.ville-geneve.ch/fileadmin/public/Departement_2/Publications/Kiosques-a-musique-Etude-historique-ville-Geneve.pdf> [Consult. 17 Outubro 2011]. p. 19.

se pela sua presença festiva e capacidade de instrução, ideia defendida desde 1844, como demonstra um periódico da época.

> «De todas as Bellas-Artes, a musica é sem contradicção a que mais directa e mais naturalmente conduz á civilisação dos povos: é a que se adquire com mais facilidade, a que mais se adapta a todas as condições, a todos os entendimentos; e tem a particularidade de pertencer, ao mesmo tempo e em gráu igual, ao rico e ao pobre, ao sabio e ao ignorante; tanto a podem aprender o menino de 8 annos como o homem já maduro na idade.»[82]

A reapropriação da música pelo espaço público urbano contribui obviamente para o espírito de democratização da música. Fundamentalmente, ela afirma-se sobretudo como uma verdadeira conquista que, com efeito, fará emergir os coretos como a verdadeira concretização dos ideais revolucionários[83].

1.5.2 Protagonistas da música ao ar livre: Bandas

As bandas eram os principais agrupamentos musicais que cumpriam a função de trazer a música erudita para a rua, representando «(…) o movimento de democratização da música, de reinscrição da música na ambiência urbana de forma a permitir o alargamento do público e torna-la acessível a estratos da população que até aí estavam maioritariamente dela excluídos.»[84].

Estes grupos musicais dividiam-se em bandas militares e bandas civis ou filarmónicas. As bandas militares, constituem um grupo de músicos, integrado nas forças militares e organizado com instrumentos de sopro e percussão que, em conjunção com a bandeira nacional marcham à frente do exército e em campanha, tinha como primeira função encorajar os combatentes, estratégia usada pelos comandos nas grandes operações[85] e em momentos de paz manter o espirito marcial que junto das populações era factor de respeito pelos exércitos[86]. As bandas civis, também conhecidas por filarmónicas, são pequenos agrupamentos de músicos civis, associados em colectividades a partir de meados do séc. XIX, com executantes de instrumentos de sopro, madeira e metal, e de percussão[87]. Existem filarmónicas que receberam influências das bandas militares, aproximando-se da sua organização, nomeadamente a nível do fardamento, pelo seu modo de apresentação – *performance,* –

---

[82] Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis – **O Panorama**. N.º108, 20 de Janeiro de 1844. p. 23.

[83] RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.* p. 20.

[84] LEITÃO, Rui Miguel Ribeiro de Campos. *Op. cit.* p. 130.

[85] BESSA, Rui – As Bandas Filarmónicas em Portugal: Contributos para um enquadramento histórico. In MOTA, Graça [et. al] – **Crescer nas Bandas Filarmónicas: Um estudo sobre a construção da identidade musical de jovens portugueses.** Porto: Afrontamento, 2009. p. 19.

[86] SERRÃO, Joaquim Veríssimo – **História de Portugal (1851-1890).** Volume IX. Lisboa: Verbo, Setembro 1986. p. 368.

[87] *Ibidem.* p. 21.

quando utilizam a marcha militar como forma de desfile durante as arruadas e por grande parte do seu repertório ser igual ao das bandas militares[88].

As bandas filarmónicas eram compostas por elementos das classes médias e desfavorecidas, sendo que o modelo de disciplina militar, como o uso de uniforme, é um elemento importante que contribuiu para o nivelamento das diferenças sociais.

> «(…) Confondu avec ses frères musiciens dans un anonyme costume de parade, l'orphéoniste n'est plus l'individu d'un quartier ou d'une corporation. Il est un homme au statut social nouveau et prestigieux, l'incarnation des valeurs défendues par sa fanfare ou sa chorale. Héritières de l'esprit de 1789 qui veut que la musique contribue à la perfectibilité humaine, ces formations musicales remplissent dans les villes et les villages une fonction à la fois pédagogique et moralisante. Dans ce sens, pour les musiciens et pour le public, le kiosque à musique n'est alors plus seulement le lieu du divertissement et de l'échange. Il est le symbole construit d'une volonté unanimement partagée : celle d'éduquer par l'art et la culture.»[89]

A Revolução Industrial trouxe vantagens e desvantagens às bandas civis. Por um lado, os jovens que abandonaram a província, aspirando um trabalho melhor remunerado na cidade, vieram a exercer a actividade musical no interior das colectividades criadas a partir do grupo de trabalhadores de uma indústria. Por outro lado, as zonas rurais ficaram mais despovoadas e com dificuldades no recrutamento de jovens para as bandas[90].



Figura 5 – Filarmónica Carnaxide, em 1940

[88] RUSSO, Susana Bilou – **As Bandas Filarmónicas enquanto Património: um estudo de caso no concelho de Évora.** Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Novembro 2007. Dissertação apresentada no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia, especialidade em Antropologia: Patrimónios e Identidades. p. 8.

[89] Tradução sugerida: «(...) Confundido com os seus irmãos músicos num anónimo trajo de parada, o orfeonista já não é o indivíduo de um bairro ou de uma corporação. É um homem de estatuto social novo e de prestígio, a encarnação dos valores defendidos pela sua banda ou pelo seu grupo coral. Herdeiras do espírito de 1789 que pretende que a música contribua para o aperfeiçoamento humano, estas formações musicais preenchem nas cidades e aldeias uma função ao mesmo tempo pedagógica e moralizadora. Nesse sentido, para os músicos e para o público, o coreto já não é então apenas o lugar do divertimento e do intercâmbio. Ele é o símbolo edificado de uma vontade unanimemente partilhada: a de educar pela arte e pela cultura.» RACALBUTO, Bruno. *Op. cit.* p. 42.

[90] BESSA, Rui – *Op. cit.* p. 22.

No caso português é interessante observar, que durante a primeira década do século XX, as bandas civis receberam vários apoios de políticos e mecenáticos, apesar da instabilidade na organização da banda e dificuldades na formação dos seus elementos. Já durante o período do Estado Novo, as políticas restritivas e de isolamento levaram ao decréscimo da actividade das bandas filarmónicas e das bandas militares, que viram muitos jovens a emigrar e, a partir da década de 1960, a irem para África combater na Guerra Colonial[91].

As bandas, tanto militares como filarmónicas, impõem-se no quotidiano da sociedade do século XIX, demonstrando que a música erudita já não é um privilégio das classes privilegiadas e que, doravante, invadiu o espaço público. A cena musical desenvolve-se no domínio de concertos sinfónicos, alguns inseridos nos festejos da cidade e apoiados pelo poder municipal e privado.

As actuações musicais nos eventos festivos da cidade eram marcados pela variedade de reportórios das bandas civis e militares, adaptados ao carácter dos festejos e da sua assistência[92], com o objectivo de destacar os valores urbanos, que se impunham na cultura erudita, e para a instrução da sociedade. O repertório de rua era constituído por Marchas para serem executadas em andamento (exemplo, procissões), de características simples e ritmicamente constantes, para serem mais fáceis de tocar em movimento e Marchas de Concerto, mais elaboradas e expressivas, podendo ser "Marchas Sinfónicas" [93], também denominadas de "Grandes Marchas" ou *Pasodoble*[94]. Muitas vezes, os trechos de ópera, *suites*, poemas sinfónicos ou andamentos de sinfonias são arranjados para a realidade das filarmónicas que, segundo um artigo de 1940, facilmente se adaptam a qualquer género musical.

> «(…) o instrumento de sopro e o instrumento de pancada servem para tudo: para a festa rija como para a festa amena, para o salsifré como para o arraial, para a alvorada como para o fogo preso, para a sinfonia como para o final da opera, para o passo-dobrado como para a marcha heroica, para a Maria da Fonte como para a Maria Cachucha, para o Himno da Carta como para o Noivado do Sepulchro.»[95]

Na cidade, os palcos de encontro e socialização mais diversificados, onde as bandas marcam a sua presença, são os jardins urbanos, os parques e as praças públicas, devido às suas oportunidades e multiplicidade de elementos oferecidos. Além disso, as estruturas verdes inseridas na cidade são espaços atractivos e identificáveis, que proporcionam uma maior proximidade com a natureza e o disfrutar de um meio ambiente mais saudável, na fuga do quotidiano e do *stress* urbano.

---

91 *Ibidem.* pp. 22-23.

92 «Os eventos aparecem assinalados de várias formas. A mais comum é ser referido o carácter da cerimónia e apontado de seguida o tipo de intervenção musical que teria lugar.» LEITÃO, Rui Miguel Ribeiro de Campos – *Op.cit.,* p. 68.

93 BESSA, Rui – *Op. cit.* p. 31.

94 *Passodoble*, surgido no século XVI, é uma marcha de compasso 2/4 ou 6/8 e tempo allegro moderato. É utilizado tanto em touradas como em desfiles militares.

95 MESQUITA, Alf. de – Filarmónicas. **Serões** n.º33 Março, 1940, Lisboa. p. 181.

Capítulo 2 |

O Coreto: percurso histórico e principais características

Ce qu'on peut rigoler
Par les beaux soirs d'été
Sous le kiosque à musique.
On entend l'orphéon,
Les tambours, les clairons,
La fanfare et la clique.
Pas besoin de payer
Pour entendre aboyer
Tous les chiens du quartier.
Et dans tous les concerts
On joue Mozart ou Wagner
Où ? Sous le kiosque en plein air.
Avec un air timide,
Le fils du percepteur
Joue de l'ophicléide
Il en est tout penseur.
Le notaire en personne,
Ajustant son lorgnon
Prend son bigophone,
son vieux trombone
Et joue l'air des lampions.[96]

Sous le kiosque à musique
Letra: Maurice Vandair, Charlys
Música: Marc Lanjean
Interpretação: Georges Brassens

[96] Tradução sugerida: Quanto podemos brincar / Nas boas noites de Verão / No coreto. / Ouvimos o orfeão, / Os tambores, os clarins, / A fanfarra e a clique. / Não é preciso pagar / Para ouvir ladrar / Todos os cães do bairro. / E em todos os concertos / Toca-se Mozart ou Wagner / Onde? Sob o quiosque ao ar livre. / Com um ar tímido / O filho do cobrador/professor / Toca figle / Ele está pensativo. / O notário em pessoa, / Ajustando as suas lunetas / Pega no seu pífaro, / no seu velho trombone / E toca alto e bom som.

2 O Coreto: percurso histórico e principais características

Após a realização de uma breve análise sobre a cidade, o espaço público e os seus espaços de convívio e lazer, a continuação do estudo é dirigida para o equipamento urbano que ofereceu a sua forma à dignificação da música – o coreto – e como, simultaneamente, adquiriu funções e características que marcaram a sociedade e os seus locais de ocupação.

Na história do coreto, são encontradas várias estruturas arquitectónicas e utilizações do espaço que vão definir as características formais e funcionais do coreto do séc. XIX. Na análise das opções formais e construtivas dos coretos, é possível identificar os gostos da mentalidade da época e as potencialidades dos materiais em voga. Por outro lado, em termos funcionais, as novas construções adoptadas para a música foram identificadas, pelos ideais liberais e democráticos, como uma oportunidade para oferecer no espaço público novas formas de lazer, instrução e liberdade. Contudo, ao longo dos tempos, o uso do coreto entra em declínio, devido a alguns dos factores apresentados, como os períodos das duas Grandes Guerras e o surgimento dos equipamentos radiofónicos.

2.1. Origem do coreto

Numa primeira apreciação, é desenvolvido um estudo sobre a origem do coreto, nomeadamente da etimologia da palavra, para uma melhor compreensão do seu significado e das diferentes denominações da palavra portuguesa. Posteriormente determinam-se as primeiras estruturas que surgiram no espaço, sobretudo em jardins privados, que terão influenciado as características formais e funcionais do coreto, tal como é conhecido.

2.1.1 Etimologia da palavra coreto

Na investigação da etimologia da palavra coreto, foi encontrada uma origem italiana e uma outra associada à própria construção da palavra (coro+[-eto]). Ambas as teorias são apresentadas num estudo de Delmar Domingos de Carvalho, «enquanto alguns defendem que vem do italiano "coretto", no fundo com ligação a "tribuna" e "coro da igreja"; outros estão na mesma linha e defendem que vem de "coro", com o sufixo diminutivo "eto"; logo, pequeno coro»[97], o que não invalida a veracidade das duas versões.

[97] CARVALHO, Delmar Domingos de – **Coretos: Origem etimológica de Coreto e denominações noutros idiomas**. Vila Nova de Gaia: Meloteca, 2010. Disponível em WWW: <URL: http://www.meloteca.com/pdfartigos/delmar-domingos-de-carvalho-origem-etimologica-de-coreto.pdf > [Consult. 3 Outubro 2011]. p. 2.

No Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado, a palavra "coreto" é referenciada como de origem italiana e é indicado o Dicionário da Língua Portuguesa de António de Morais Silva.

> ***Coreto**, s. Do it. Corétto. Em 1813, Morais 2. Morais – Dicionário da Língua Portuguesa (1ª, 2ª, 8ª e 10ª edições, indicadas com algarismos elevados).* [98]

Na edição de 1831[99], do Dicionário da Língua Portuguesa de António de Morais Silva, a palavra coreto surge com o significado de «pequeno coro feito para alguma função»[100]. Enquanto em 1890 surge uma outra versão, emendada e acrescentada, que define o coreto da seguinte forma:

> ***Corèto**, s. m. Côro pequeno. Especie de palanque, vistosamente ornamentado, destinado à música, e que se arma geralmente por occasião de festa publica, em arraiaes, etc.*[101]

Nesta definição surge a denominação de coreto como «côro pequeno», significado que, como já foi visto, se encontra associado à etimologia da palavra, de "coro" mais o diminutivo "-eto", tal como é expresso no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa:

> ***Coreto** / ê / s.m. (1789 cf. MS) 1 pavilhão erigido em praças ou jardins públicos, para concertos musicais 2 MÚS pequeno coro 3 ETN B MG reunião festiva em que se entoam cantos de libação e confraternização, normalmente para várias vozes 4 p.met. ETN B MG canção cantada nessas ocasiões. Bagunçar ou balançar o c. B infrm. Atrapalhar o que estava planeado; desestabilizar imagem ou posição assumida ou consolidada <balançar o c. de alguém>. ETIM it. Coretto (1714) 'pequeno espaço em que se reúne um coro, ger. numa igreja ou contíguo a uma igreja', dim. Do it. Coro 'coro/ô/' + suf. –etto; ver cor(o) 102 – par cureto (fl.curetar)* [103]

Nesta obra, é indicado que a palavra italiana "coretto" tem origem em 1714. Porém, segundo Delmar Domingos Carvalho, nos finais do século XVIII, quando estes pavilhões surgiram em Portugal como peças de arquitectura efémera ligada a festividades cíclicas ou sazonais, eles eram conhecidos por

---

98 MACHADO, José Pedro – **Dicionário Etimológico a Língua Portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados**. 2ªedição. Lisboa: Editorial Confluência, 1967. p. 701.

99 Não foi possível ter acesso à edição de 1813. A mesma pertence ao espólio da Biblioteca Nacional, sendo apenas disponibilizada perante uma autorização, por se encontrar em mau estado.

100 SILVA, António de Moraes, *Dicionário da Língua Portugueza*, Lisboa, Imp. Régia, 1831, vol. 1, p. 466. In RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – **Os Coretos em Lisboa: 1790-1990**. Lisboa: Editorial Fragmentos, Lda., Dezembro de 1991. p. 9.

101 SILVA, António de Moraes - **Diccionario da Lingua Portugueza por António de Moraes Silva** (natural do Rio de Janeiro). 8.ªEdição. Volume 1 A-E. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense de A. A. da Silva Lobo, 1890. p. 544.

102 Seguindo a lógica de construção da palavra "coreto" a partir de "coro", considera-se pertinente apresentar a sua definição: «***Cor(o)** – el. Comp. Antepositivo, do gr. Khorós, oû 'coro, coro de dança, p. ext. coro de música', em voc. de várias épocas da língua, em geral formados em gr. ou à sua feição, como coral adj. 'relativo a coro', coral subst. 'canto coral', coralista, corego (khorégós, ou), corista, corodidáscalo etc. ver core(o).*» HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Sales – **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Tomo 2. Rio de Janeiro: Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Círculo de Leitores, 2002. p. 1090.

103 *Ibidem.* p. 1086.

"Kioscos", e só mais tarde é utilizado o termo coreto[104]. Em 1875, o significado da palavra "kiosco" surge com a seguinte definição:

> ***Kiosco**, s.m. (t. trazido do turco), (archit.) significa uma pequena barraca ou pavilhão, ordinariamente aberto por todos os lados, situado nos fins dos jardins ou dos terraços, para gosar do ar no tempo calmoso, e disfructar ahi boas vistas. Os kioscos são pela maior parte fabricados e ornados no gosto turco, d'onde nos veiu o uso. Em França e n'outros paízes se tem adoptado o mesmo uso, que hoje também se acha estabelecido em Lisboa.*[105]

Na época da definição apresentada, a função do "kiosco" ainda não se encontra perfeitamente estabelecida para um fim específico. A construção ainda permanece muito associada à sua origem turca de ornamentação dos jardins.

Já em 1890, a palavra "kiosco" sofreu uma alteração para "kiosque" e é apresentada uma descrição diferente, onde as suas funções são devidamente definidas.

> ***Kiosque**, s.m. (t. adopt. Do Turco) Especie de pequeno pavilhão mais ou menos ornamentado, aberto por todos os lados ou só por alguns, que se põe nos jardins sobre os terraços, ou eirados; nas praças publicas para venda de periódicos, tabacos, bilhetes de loteria, bebidas, etc.*[106]

As palavras "kiosco" e "kiosque" irão dar origem à palavra "quiosque", que actualmente é definida do seguinte modo:

> ***Quiosque** s.m. (1839) cf. ArqPop) 1 caramanchão ger. de madeira, em estilo oriental, que se instala em parques e jardins 2 p. ext. pequena construção de madeira, em lugares públicos comumente destinada à venda de jornais, cigarros, bebidas etc. 3 P tab. o ânus. ETIM fr. Kiosque (1654) 'pavilhão', sob a f. chiosque 1608, do turco kiöxk 'id.' <persa kūxk 'palácio', por intermédio do it. Chiosco (1594); f. hist. 1839 kioskes. SIN/VAR.*[107]

Em Portugal, a utilização da palavra "quiosque" e dos seus antecedentes, com significados mais ou menos definidos, aconteceu por influência dos países onde este género de construções iniciou o seu percurso como palco de música, nomeadamente pela França, que mais inflluência teve no nosso país. No idioma francês, a palavra "coreto" traduz-se por "kiosque à musique", com o significado de «pavillon de jardin ouvert de tous côtés et coiffé d'un dôme au Moyen-Orient»108, designação que se mantém desde 1654, apesar de existirem "kiosques" com diferentes características construtivas.

---

104 CARVALHO, Delmar Domingos de – *Op. cit.,* p. 3.

105 RODRIGUES, Francisco de Assis – **Dicionário Technico e Histórico**. Imp. Nac.: Lisboa, 1875. p. 231.

106 SILVA, António de Moraes – *Op. cit.,* p. 820

107HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Sales – *Op. cit.,* p. 3063.

108 Tradução sugerida: «pavilhão de jardim aberto por todos os lados e encimado por uma cúpula do Médio Oriente». Alain Rey (dir.), Dictionnaire historique de la langue française, Paris, Le Robert, vol. 2, (1992) 1998, p. 1948. In RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.*, p. 5.

A palavra "kiosque", proveniente do persa, da construção "kusk" que não apresentava qualquer conotação associada à música, incluía elementos importantes para arquitectos e construtores definirem as referências visuais e padronizadas dos coretos e dos quiosques do séc. XIX.

Este género de pavilhões foi-se tornando num dos componentes essenciais na ornamentação dos jardins e, ao longo do séc. XIX, foram sendo construtivamente e teoricamente definidos. Por volta da década de 1820, existem numerosas designações como "pavillon"[109], "belvédère"[110] ou "kiosque"[111], construções ligeiras cuja função não se encontrava especificamente definida, uma diversidade e evolução do género que é evidenciada em 1888, por Etienne Barberot:

> «Les kiosques sont de petites constructions généralement ouvertes, et composés d'une toiture pyramidale ou conique reposant sur quatre, six, huit ou douze colonettes ou colonnes.
>
> Les kiosques sont aussi quelque fois fermés, soit en bois, en brique, ou en verre; leurs destinations sont multiples ; on y vend des journaux, et on y donne des concerts; ils servent, comme point de vue, belvédères, à couvrir des sources, rendezvous de cavaliers, abris divers, etc., etc.»[112]

Actualmente, em Portugal, continuam a ser utilizadas as designações "coreto" e "quiosque", que representam pavilhões com algumas semelhanças formais, mas com funções distintas. No resto da Europa existe o "kiosque" de venda de jornais, tabaco e outros artigos e, para o caso da música, encontramos várias designações: "kiosque à musique", "bandstand", "gazebo", "musikpavillon", "quiosco de musica" e "palco dell'orchestra", todas elas com semelhanças construtivas e de utilização, que marcaram a história do espaço público no período do século XIX, em vários países da Europa.

2.1.2 Primórdios construtivos do coreto

As características construtivas dos coretos e dos quiosques do século XIX apresentam influências de várias zonas geográficas. Entre as mais importantes estão as referências ao Médio Oriente e Índia (Figura 6 e Figura 7). O formato de quiosque de jardim, habitualmente aberto e sobrelevado, faz a sua primeira aparição no século XV, nas margens do estreito de Bósforo e, antes disso, existem construções idênticas um pouco por toda a costa leste do Mediterrâneo[113]. No antigo Egipto e

---

[109] Tradução sugerida: «pavilhão».

[110] Tradução sugerida: «miradouro».

[111] Tradução sugerida: «quiosque».

[112] Tradução sugerida: «Os quiosques são construções pequenas, em geral abertas, e compostas por uma cobertura piramidal ou cónica que assenta sobre quatro, seis, oito ou doze colunetas ou colunas. Os quiosques por vezes também são fechados, em madeira, em tijolo ou em ferro; as suas funções são múltiplas; aí se vendem jornais, e aí se dão concertos; eles servem, como local de observação, de miradouros, para cobrir fontes, locais de encontro de namorados, abrigos vários, etc., etc.» Etienne Barberot, Traité pratique de serrurerie d'art : construction en fer, serrurerie d'art, Paris, Baudry, 1888,p. 229. In RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 6.

[113] Marie-Claire Mussat «L'exotisme du kiosque à musique», in Nadine Beautheal, Les Jardins du retour. Les Carnets de l'exotisme, n.° 13, 1994, pp. 65-71. In RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 5.

civilizações greco-romanas, foram encontradas referências da existência de pavilhões abertos com funções de culto ou festiva, que podem ser consideradas as primeiras construções próximas ao coreto. Porém, a verdadeira origem dos coretos e quiosques deve remontar à China, onde existiam pequenos pavilhões abertos destinados à meditação, essenciais no planeamento e ornamentação dos jardins. Segundo Marie-Claire Mussat, foi a partir da criação de rotas comerciais de seda e da expansão do Império Otomano no século XIII, que os turcos foram influenciados pelas construções chinesas, que daí adiante se tornaram simples espaços de descontração e decoração[114].

A partir desta herança oriental e da renovação da tradição dos parques e jardins surgiram os pavilhões destinados exclusivamente a receber formações musicais, sendo variados os motivos que influenciaram este fenómeno. Bruno Racalbuto defende que não basta construir um pavilhão para a orquestra, tal como se verificou na Polónia, através do rei Stanislas Lesczyunski que, em 1740, solicitou ao arquitecto Héré a edificação de uma estrutura com aspecto oriental no Jardin de Malgrange, em Lunéville, para que esta possa ser realmente qualificada como coreto[115]. O pavilhão incluía «une salle de musique, des salons, une galerie et une salle de bains»[116], não podendo ser equiparado aos coretos do século XIX.



Figura 6 – Ilustração de Pavilhão de Jardim. Palácio de Rajput, Índia

Assim, a partir da herança de um orientalismo incerto, o quiosque perdeu a sua conotação religiosa, marcando a sua presença nos recém-criados espaços verdes ingleses, onde se inseriram construções exóticas, como edificações abertas construídas em madeira ou pedra, de estética chinesa mais ou menos autêntica e distinguindo-se por uma recusa nítida das referências arquitectónicas locais ou nacionais. Quando estas construções surgiram em França, no último terço do século XVIII, o entusiasmo pelo jardim anglo-chinês incidiu no contexto inédito de um pré-romantismo, o que levou a

114 RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 5.

115 *Ibidem*. p. 7

116 Tradução sugerida: «uma sala de música, salões, uma galeria e uma sala para banhos». Marie-Claire Mussat, La Belle Epoque des kiosques à musique, Paris, Du May, 1992, p. 32. In *Ibid.*

repensar completamente o conceito e forma dos parques e jardins, com a inserção destes pavilhões abertos que, inicialmente, tinham sobretudo a função de miradouros, implantados no cume das colinas, afirmando o seu exotismo com coberturas reviradas ou cónicas.



Figura 7 – Ilustração de Pavilhão de Jardim. Jaipur, Índia

Para Marie-Claire Mussat, os quiosques chegaram à Europa no séc. XVIII, e adquiriram a sua multiplicidade de funções, devido às características presentes em três locais, que influenciaram a constituição da função musical do coreto no início do século XIX, sendo eles: o *pleasure garden* inglês, mais tarde o jardim-espectáculo, e a estrutura intitulada por *vauxhall*[117].

Pleasure garden

Os *pleasure gardens* surgiram em Inglaterra, pouco antes de 1700, e na época foram muito famosos na zona de Londres[118], onde estiveram em voga durante mais de um século, como parques de grandes dimensões, abertos ao público mediante o pagamento de uma tarifa de entrada. Estes locais de passeio, muito frequentados, tinham à disposição vários serviços e actividades «(…)orientés en général vers le plaisir et le rêve»[119], com numerosos espectáculos instrumentais, vocais e de dança, sendo a música um dos componentes mais atractivos destes jardins, e rapidamente se tornou uma das actividades mais regulares com a criação de temporadas musicais e salas especialmente construídas para esse efeito, que incluíam programas variados e prestigiosos, que contaram com a presença de algumas celebridades como Haendel, Haydn, Pergolese, Mozart. Mas a música estava sobretudo presente ao ar livre onde, principalmente no tempo quente, as pequenas e simples orquestras, constituídas por instrumentos de sopro e/ou cantores líricos, tocavam melodias mais populares pelos bosques e trilhos, ou instaladas em palanques de madeira construídos no meio dos relvados.

---

117 Marie-Claire Mussat, La Belle Epoque des kiosques à musique, Paris, Du May, 1992, p. 32-52. In RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 5.

118 Contam-se sessenta e quatro em Londres.

119 Tradução sugerida: «(…)em geral orientadas para o prazer e para o sonho». Mussat, «L'exotisme du kiosque à musique», *op. cit.*, p. 70. In RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 5.



Figura 8 – Ao centro encontra-se um pavilhão chinês, do espaço exterior do edifício Rotunda, no Ranelagh Gardens, em Chelsea (Londres). Gravura de T. Bowles (1754).



Figura 9 – Do lado direito é possível observar a banda instalada num pavilhão do principal passeio Marylebone Gardens, em Londres.

O conjunto de elementos com musicalidade associado ao sucesso do *pleasure garden* deixa adivinhar a criação dos coretos do século XIX. Nestes parques, encontramos o prazer da música ligado à descontracção do passeio, a diversidade social do público e a criação de palanques, ou outras estruturas, sobrelevadas e abertas, que vêm antecipar os elementos característicos da construção dos coretos.

Vauxhall

No século XVIII, existiam em Inglaterra, nomeadamente em Londres, construções autónomas intituladas vauxhall, que eram o refúgio de entretenimento dos londrinos, onde eram realizados jantares acompanhados pela música de bandas convidadas.

> « Vauxhall was as famous for its good food and wine as it was for its entertainment and décor. (…)»[120]

[120] HANBURY, Elizabeth – **Pleasure Gardens: Part 2.** Publicado a 10 Abril 2010. Disponível em WWW: <URL: http://elizabethhanbury.blogspot.pt/2010/04/pleasure-gardens-part-2.html > [Consult. 30 Abril 2012].

Delmar Domingos de Carvalho afirma que «(…) grandes compositores e maestros, com as suas orquestras e bandas, terão enchido todo este bucólico ambiente com os harmónicos sons musicais da lira de Apolo, desde Haendel até J. Christian Bach, passando por tantos outros.»121 Entre eles, o mesmo autor indica a participação de bandas militares, pela sua participação com temas mais populares para uma burguesia defensora da Liberdade, cujas aspirações democráticas vinham desde a instauração da Magna Carta[122].



Figura 10 – Um jantar no *vauxhall*. Gravura de Thomas Rowlandson (cerca de 1789)

Em França, na segunda metade do século XVIII, *vauxhall* é instalado nos jardins públicos e construído em planta circular, acessível ao público através do pagamento de entrada, à semelhança do que acontecia no *pleasure garden*. A música acompanhava as actividades do *vauxhall*, como os jogos equestres, os jantares e os diversos espectáculos existentes, principalmente de dança, sendo até ao findar do Antigo Regime francês[123], raros os momentos apenas dedicados aos concertos das orquestras.

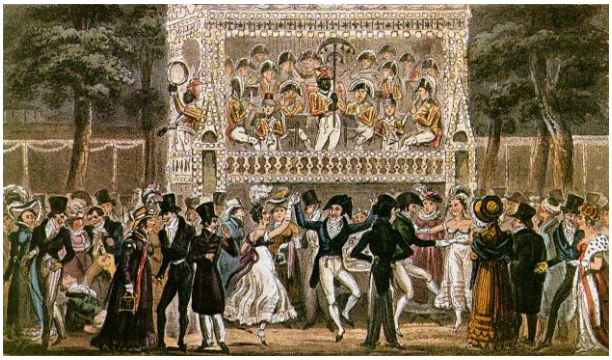


Figura 11 – Uma noite de festa e dança no vauxhall. Gravura de Cruickshank (cerca de 1822)

Concluindo, o *vauxhall* concentrava uma intensa actividade festiva, reunindo em si várias atracções, em que a música estava presente, embora não fosse o principal tema de interesse.

---

121 CARVALHO, Delmar Domingos de - **Os Coretos do distrito de Leiria**. Leiria: INATEL, 2008. p. 14.

122 «Documento, datado de 1215, considerado como a base das liberdades inglesas e que acabou por servir de base para a criação do Parlamento». CARVALHO, Delmar Domingos de – *Op. cit.*, p. 14.

123 RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 8.

Jardim-espectáculo

A partir da 1.ª República Francesa, desde 1795 até 1815, surgiram os jardins-espectáculo parisienses, locais de descontração e divertimento que marcaram os novos ideais da liberdade, surgindo a possibilidade de remodelar as propriedades retiradas pelo Estado à nobreza e, na época, os grupos de organização de eventos tiveram o pleno direito e liberdade sobre os espectáculos instituídos, segundo a cobrança de entrada, por vezes bastante selectiva, mas permitindo aos habitantes da capital o reencontro com a natureza[124].

Seguindo o exemplo dos jardins ingleses do século anterior, o jardim-espectáculo parisiense oferece as atracções mais em voga e mais modernas. No início do século XIX, este espaço oferece ao visitante um vasto leque de opções, desde espectáculos pirotécnicos e largadas de balões, a visualização de experiências científicas ou a participação em vários jogos. O transeunte percorre assim um local mágico, tal como o autor Bruno Racalbuto refere:

> «Dans la magie d'un lieu illuminé par d'innombrables lustres, lampes ou appliques, le spectateur se prête au jeu du merveilleux et feint peut-être d'oublier qu'il n'est qu'un client au service d'une féérie habilement mise en scène et parfaitement maîtrisée.»[125]

E como habitual, não era possível criar magia sem música ambiente, que adquiriu um lugar de destaque, em parte graças às danças criadas e vividas pelos entusiastas parisienses da época.

Mas as orquestras não tocavam apenas para dar lugar à dança, paralelamente, exibiam-se concertos de harmonia em ambiente de descontração e bom humor. Em ambos os momentos, o papel dos músicos era encarado como o de um líder, devidamente instalados num pavilhão, num pódio, coberto ou não, e acima de tudo fora do contexto normalizado das principais salas de espectáculo.

Segundo Bruno Racalbuto, o desenvolvimento dos concertos públicos particulares é um forte traço de união entre os quiosques de jardim do Antigo Regime e os coretos da Terceira República. Contudo, os jardins-espectáculo acabaram por desaparecer devido à difícil gestão financeira e às dificuldades apresentadas em renovar as suas atracções, tornando-se espaços fora de moda e locais antiquados para os parisienses.

2.2. Os primeiros coretos

Ao longo da década de 1830, as formações musicais alcançaram um novo alento, através do surgimento de empreendedores parisienses que decidiram explorar a música no espaço público,

---

[124] *Ibid.*

[125] Tradução sugerida: «Na magia de um local iluminado por numerosos lustres, lâmpadas ou apliques, o espectador presta-se ao jogo do maravilhoso e finge talvez esquecer-se de que é apenas um cliente ao serviço de uma fantasia habilmente encenada e dominada na perfeição.» - RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 8.

criando os primeiros exemplos de edifícios construídos para essa função. Um dos casos foi protagonizado por Philippe Musard, um dos pioneiros que, após ter estudado os *pleasure gardens* ingleses, desenvolveu a reparação do pavilhão do *Jardin Turc*[126]. O local, que já era bastante procurado na capital devido ao espaço acolhedor do pavilhão, com decorações exóticas muito apreciadas pelos citadinos, após a remodelação do pavilhão, foram recuperadas algumas das suas anteriores funções e, segundo Marie-Claire Mussat, tornou-se um dos primeiros exemplos de edifícios especificamente (re)construído para acolher grupos musicais, com as seguintes características:

> «OEuvre de l'architecte Titeux, de forme décagonale, avec des arcs outrepassés, il est surmonté d'un toit en forme de dôme polylobé surbaissé, terminé par une mappemonde et le croissant turc. On y accède par un escalier extérieur de cinq marches qui conduisent à un perron. Le soubassement est largement ouvert. Assurément, le kiosque a fière allure.»[127]

Através da descrição apresentada, é possível considerar que as principais características estruturais dos coretos estavam definidas havendo, posteriormente, evolução a nível de materiais, definição dos grupos musicais a serem acolhidos e impacto social causado.



Figura 12 - Exemplo de coreto. Tratado Barberot Etienne (1888).

Mussard criou um programa musical atractivo e diversificado, entre a música ligeira e a música erudita, capaz de conquistar um elevado número de frequentadores do jardim. A solução apresentada no *Jardin Turc*, foi a base de inspiração para as futuras soluções apresentadas, um coreto implantado no centro do jardim e nas imediações um café e/ou restaurante, tornou-se o modelo mais adoptado após a Monarquia de Julho (1830-1848).

---

126 Jaridn Turc localizava-se no Boulevard du Temple, em Paris. Foi um célebre café e jardim-música.

127 Tradução sugerida: «Obra do arquitecto Titeux, de forma decagonal, com arcos ultrapassados, é encimada por um telhado em forma de cúpula polilobada abatida, terminado por um mapa-mundo e o crescente turco. Tem-se-lhe acesso por uma escada exterior de cinco degraus que conduzem à varanda. A infra-estrutura é amplamente aberta. Seguramente, o quiosque tem um aspecto altivo». Mussat, *La Belle Epoque des kiosques à musique*, *op. cit.*, p. 46. In RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 9.

A moda dos concertos nos coretos está assim definida. A zona envolvente a estes equipamentos começou a tornar-se um espaço de sociabilidade e de encontros, embora ainda restrito. O acesso ao recinto dos concertos era limitado pelo pagamento de uma entrada, que por mais modesta que fosse, limitava a acessibilidade ao local, num espaço de aparente liberdade onde o contexto dos coretos continuava a ser privado.

Por fim, em 1848, é tomada uma medida inovadora, a cedência de uma autorização para reuniões musicais ao ar livre, o que permitia a implementação de coretos no espaço público, acessíveis a todos com concertos gratuitos. Apesar disso, Marie-Claire Mussat salienta que os ajuntamentos eram aceites perante algumas regras, como por exemplo, o espaço poder ser facilmente cercado pela polícia da época, para o caso de existirem desacatos[128].

O coreto surge como uma consequência da Revolução Francesa (1789-1799) que, conforme Marie-Claire Mussat sublinha, «a fait descendre la musiquedans la rue»[129], convertendo a música em ferramenta de divulgação da nova ideologia e contribuindo para a formação dos cidadãos. O efeito causado encorajou as formações vocais e orquestrais a actuarem em palanques ou coretos armados no espaço público, onde até então seria impensável a realização deste género de manifestações proporcionadoras de bem-estar e divertimento gratuito às classes sociais com menos acesso à música, rompendo algumas das barreiras sociais existentes. Ao mesmo tempo, eram desenvolvidos novos modos de ouvir música, em que a audiência podia sentar-se, estar de pé, ou simplesmente, continuar a passear e a conversar, num ambiente natural que passou a fazer parte do quotidiano[130]. O coreto, um equipamento de modelo simples, rapidamente adquire novas respostas formais e materiais de elevada qualidade e fácil execução, sendo inserido nos planos urbanísticos das cidades, como foi o caso parisiense, com o objectivo de encontrar o melhor lugar para a sua inserção.

2.2.1 Os planos urbanísticos franceses: Haussmann

A música e as formações corais ou instrumentais adquiriram grande notoriedade no espaço público, sendo necessário repensar o arranjo urbano dos lugares que, potencialmente, teriam maiores condições de acolher os músicos e os seus espectadores. Perante as necessidades em colocar um palanque ou um coreto, de fácil acesso e visibilidade favorecida, foram, desde cedo, identificados os espaços privilegiados para a implantação da música, como a praça pública e o jardim, que permitiam

128 «Le kiosque, rôle et pratique d'un espace de diffusion sociale de la musique», in *1789-1989. Musique, Histoire, Démocratie*, vol. 3, Paris, Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1992, pp. 597 e 603, n. 1. In RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 9.

129 Tradução sugerida : «fez descer a música à rua». Marie-Claire Le Moigne-Mussat «Le kiosque, rôle et pratique d'un espace de diffusion sociale de la musique», in *1789-1989. Musique, Histoire, Démocratie*, vol. 3, Paris, Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1992, p. 597. In RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 19.

130MUSSAT, Marie-Claire – **Bandstand** (Fr. *kiosque à musique*; Ger. *Musikpavillon*). Disponível em WWW: <URL: http://www.docstoc.com/docs/98248004/Article-Display-Title-Bandstand-Reference-46552-Sort-key-bandstand-Version-3-0# > [Consult. 22 Novembro 2011].

a criação de áreas amplas e sem obstáculos, através do alargamento das áreas de passeio, que possibilitavam acolher um elevado número de espectadores, ao mesmo tempo que o espaço de circulação dos peões não era obstruído.

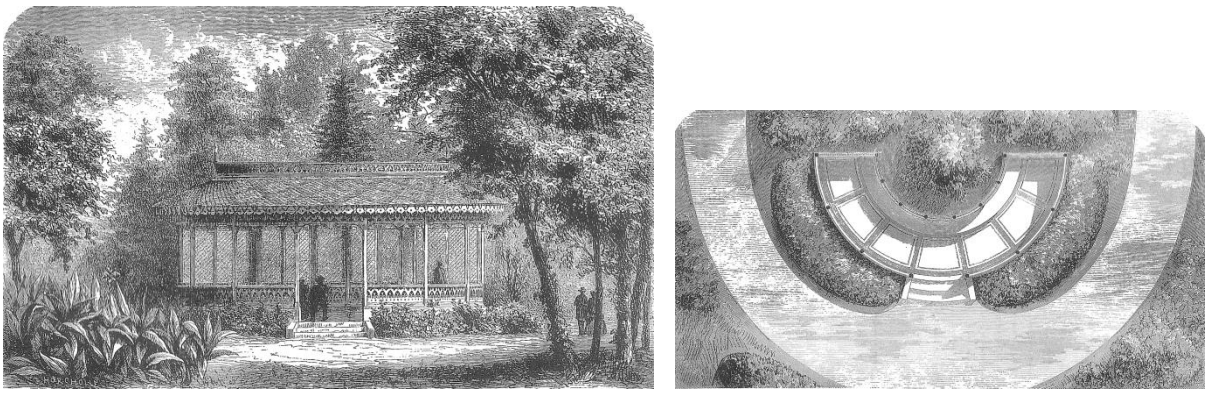


Figura 13 – Ilustração da vista de frente e respectiva planta de uma êxedra131, de um jardim de Paris.

Contudo, existem limitações ligadas à implantação de um coreto num ambiente já edificado ou ordenado, associadas à adaptação da estética urbana, existindo necessidade de não prejudicar a arquitectura do coreto e as qualidades espaciais do local. Assim sendo, o processo de construção de coretos passou a fazer parte dos projectos urbanísticos que compunham o crescimento das cidades do século XIX. Entre os finais do século XIX e o início do século XX, os pavilhões - tanto coretos como quiosques, - são vistos como equipamentos prioritários e indispensáveis para as largas avenidas e praças arborizadas dos novos bairros, onde os equipamentos surgem no cruzamento estratégico e simbólico das habitações privadas e espaço público, presenças urbanísticas particularmente ligadas às singularidades sociais e culturais da época.

A evolução urbanística europeia, desenvolvida após a Revolução Industrial (1770-1830), progrediu a partir de 1850 até 1930, induzindo uma mutação na paisagem da cidade e proporcionando novas referências no modo de vida citadino. Os pioneiros na modernização urbana foram os parisienses, que após Napoleão III ter regressado de Londres, onde esteve várias vezes especialmente entre 1846 e 1848, e impressionado com o avanço técnico da cidade solicitou ao seu Prefeito, o barão Georges-Eugène Haussmann, que elaborasse e dirigisse um programa de reestruturação de Paris[132]. Os novos arranjos urbanísticos de George-Eugène Haussmann[133], culturalmente e simbolicamente atractivos, fizeram de Paris uma grande capital moderna, limpa, arejada com parques e adaptada aos novos

131 Pórtico circular onde se reuniam os filósofos antigos para discutir. Casa para recepções e reuniões.

132 BONY, Claudie – **Uma história de quiosques**. Lisboa: artemágica, 2004. p. 19.

133 **Georges Eugène Haussmann** (1809-1891). «Prefeito do Sena, a sua carreira política, essencialmente parisiense, é indissociável de Napoleão III e do Segundo Império. O imperador que durante o exílio viajou pelos continentes Europeu e Americano, interessou-se pelo urbanismo das várias cidades que conheceu e foi particularmente influenciado pelas suas longas estadias em Londres. A memória dos vastos *squares,* das suas ruas largas e delimitadas por largos passeios, dos grandes parques, a qualidade das infra-estruturas sanitárias londrinas, a par do seu conhecido interesse pelo pensamento saint-simonita, guiaram a transformação de Paris.» SOUTO, Maria Helena – Cidades? Efémeras e o Urbanismo Haussmanniano: Exposições Universais em Paris (1867-1900). **Arte Teoria**. nº10. Lisboa, 2007. p. 199.

meios de transportes, o que constitui um modelo para todas as novas tendências europeias. Maria Helena Souto realiza uma descrição bastante explícita da fórmula utilizada por Haussmann:

> «(…) o método de intervenção previu a criação de um tecido urbano coerente, com um desenho regularizador e geométrico, que implicou a demolição de grande parte do *vieux* Paris com os seus antigos bairros centrais, composto por ruelas estreitas e insalubres. A substituir essa malha urbana sinuosa, nasceram largas artérias, foram abertas avenidas rectilíneas e macadamizadas, perspectivas e praças, artérias reguladores e reordenadoras da cidade; novas vias de comunicação passaram a ligar entre si as estações de caminho de ferro, espaços verdes foram equitativamente distribuídos.»[134]

A cidade é entendida como um conjunto, que Pedro Bebiano Braga compara com as divisões de uma casa «(…) a Praça/Hall, o Passeio/Salão e a Avenida/Corredor, é mobilada segundo o novo gosto decorativo e propõe uma nova vivência social, toda burguesa, que se estende do interior dos imóveis aos espaços ao ar livre»[135]. Na via pública, as ligações entre os lugares desenvolveram-se doravante sem barreiras, o espaço urbano tornou-se sinónimo de mobilidade e de trocas, um pequeno reflexo do mundo que começava a ser criado, onde o conhecimento, o comércio e as migrações não conhecem fronteiras.

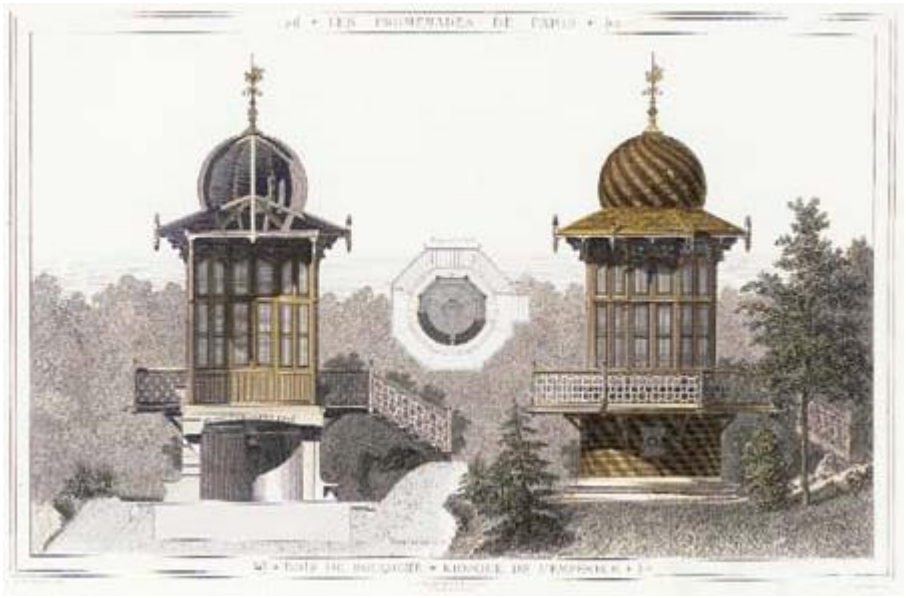


Figura 14 – Gravura *Les Promenades de Paris.* Publicado por J. Rothschild, cerca de 1880.

Os novos espaços verdes e equipamentos urbanos são outra das preocupações primordiais de Haussmann e da sua equipa[136], onde são inseridos novos elementos, cujas actividades adquirem o carácter público.

---

134 *Ibidem*. pp. 199-200.

135 BRAGA, Pedro Bebiano – Mobiliário Urbano: O Coreto em Lisboa. In TAVARES, Maria José Ferro (coord.) [et al.] – **A Cidade: Jornadas inter e pluridisciplinares**. Lisboa: Universidade Aberta, Agosto 1993. pp. 223-224.

136 É de destacar o trabalho desenvolvido pelo engenheiro paisagista Jean-Charles-Adolphe Alphand (1817-1891) e pelo arquitecto Gabriel Davioud (1823-1881), chefe dos serviços dos Promenades et Plantations de Paris, que foi

> «No século XIX, a nova estética dos programas urbanísticos franceses, incluem frescas zonas verdes de recreio e sociabilidade ao ar livre. (…)
> Os espaços verdes públicos são organizados num sistema hierarquizado e espalhados pela cidade em fragmentos ordenados: é a "verdura domesticada". É, de início, para estes espaços que vão ser criados os móveis urbanos: bancos, candeeiros, fontes, grades, urinóis, quiosques, coretos, etc., que mais tarde se estendem a toda a cidade.»[137]

Os espaços verdes foram elementos referenciadores das zonas lúdicas e de lazer e vieram dar resposta às ambições também dirigidas às novas e largas avenidas, no seu evidente gigantesco e de efeito pomposo. A vegetação, maioritariamente composta por plantações raras oriundas das colónias, é combinada com os equipamentos urbanos (iluminação, sanitários públicos, bancos, etc.), jogos de água e peças de estatuária «daqueles homens que, imortalizados em pedra ou em bronze, contribuíram para o brilho da cidade»[138]. Ao mesmo tempo, era valorizado o papel dos habitantes contemporâneos no progresso da cidade, a paisagem sublinhava o empreendimento pessoal ou colectivo e o respeito pelos grupos sociais, num ambiente onde todos são "convidados" a usufruir do espaço e do lazer, nomeadamente as classes mais altas, prescindindo dos seus espaços privados para passearem na via pública e participarem nas actividades nela inseridas.

2.3. Características funcionais dos coretos

O coreto, cuja principal função é a de circunscrever um local de actuações musicais que possam ser vistas e escutadas pelo público em redor, teve grande relevância no espaço público, vindo a solucionar as necessidades verificadas pelos músicos de uma época em desenvolvimento de novos ideais e mentalidades.

> «A função dos coretos, essa todos a conhecem: eram (e são) essencialmente pequenos palcos (conforme, aliás, a sua etimologia sugere) onde podem desenvolver-se pequenos espectáculos, em geral musicais, mas que por exemplo nos princípios da República assumiram mesmo um carácter mais diversificado, de acordo com as preocupações culturais então manifestadas, espectáculos que de um modo geral podem ser de qualquer tipo.»[139]

Eunice Relvas aponta que o florescimento da crença musical «é um instrumento de civilidade e propicia ao desenvolvimento da harmonia social»[140], o que provocou o desenvolvimento das sociedades de música, compostas por elementos das classes médias e mais desfavorecidas,

---

fundamental na criação dos primeiros protótipos de mobiliário urbano com a tripla preocupação da funcionalidade, da economia e da estética.

137 BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.* p. 223.

138 RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 9

139 PEDREIRINHO, José Manuel – Os coretos. Revista **História**. Arquivos de Arquitectura, N.º 87. Janeiro 1986. p.46-47.

140 RELVAS, Eunice – Bandas, Filarmónicas e Coretos Volantes. A Festa na Rua. In TAVARES, Maria José Ferro (coord.) [et al.] – **A Cidade: Jornadas inter e pluridisciplinares**. Lisboa: Universidade Aberta, Agosto 1993. p. 238.

principalmente por trabalhadores, que aí ocupavam os seus tempos livres e desenvolviam a sua instrução, sendo o seu surgimento incentivado pelo apoio da burguesia endinheirada.

> «Héritières de l'esprit de 1789 qui veut que la musique contribue à la perfectibilité humaine, ces formations musicales remplissent dans les villes et les villages une fonction à la fois pédagogique et moralizante.»[141]

Por outro lado, as mais recentes sociedades musicais seguiam o modelo de disciplina das bandas militares e do uso de uniforme, o que contribuiu para o nivelamento das diferenças sociais e para a defesa e divulgação dos valores e ideais da banda, sobretudo nos concertos. Estes podiam ser apresentados em praticamente todo o lado, mas era a especificidade pública dos edifícios municipais, praças e passeios, a mais apreciada pelos agrupamentos musicais. A exibição ao ar livre era a actividade que mais se enquadrava na mentalidade das bandas, que ansiava pelas demonstrações de liberdade, longe dos cafés-concertos, cabarés e teatros. Bruno Racalbuto considera que tanto para os músicos como para o público, o coreto já não era apenas um espaço de divertimento e de intercâmbio, «il est le symbole construit d'une volonté unanimement partagée: celle d'éduquer par l'art et la culture»[142].

Neste sentido, as autoridades públicas e outras entidades privadas compreenderam os benefícios que podiam obter do apoio às bandas musicais e na edificação de coretos. Com o objectivo de «encadrer pour mieux contrôler»[143], os municípios foram levados a repensar os arranjos dos locais que teriam maior potencialidade e condições para acolher os coretos e a sua música, fazendo uso das duas tipologias de coretos, temporários e permanentes, que eram instalados conforme as capacidades topográficas, económicas e sociais de cada lugar. Os coretos de carácter definitivo eram fixos e inseridos no planeamento urbanístico de um local, geralmente, parques, jardins e praças, onde se podia assistir a um regular e vasto programa musical. Por sua vez, os coretos temporários vinham dar resposta a ocasiões pontuais, onde a música marcava a sua presença e, consoante o carácter do evento, havia um ou vários coretos armados durante o tempo que fosse necessária a sua utilização, podendo mais tarde vir a ser novamente montados para outro acontecimento.

Para o domínio público, a qualidade destes espaços dedicados à música demonstrou ser um investimento rentável, por atrair turistas e outros indivíduos abastados, fazendo-os aplicar os seus fundos noutras atracções estrategicamente colocadas no local do coreto e evidenciando o comércio da

---

141 Tradução sugerida: «Herdeiras do espírito de 1789 que pretende que a música contribua para o aperfeiçoamento humano, estas formações musicais preenchem nas cidades e aldeias uma função ao mesmo tempo pedagógica e moralizadora.» RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.* p. 42.

142 Tradução sugerida : «Ele é o símbolo edificado de uma vontade unanimemente partilhada: a de educar pela arte e pela cultura.» RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.* p. 42.

143 Tradução sugerida : «enquadrar para melhor controlar». Mussat, La Belle Epoque des kiosques à musique, op. cit., p. 118. In RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.*, p. 42.

zona. Por exemplo, em Genebra, foi projectado um coreto (não chegou a ser construído), que seria apenas um pretexto para seduzir investidores na cidade:

> «La salle projetée ne servirait pas uniquement à la musique, mais pourrait utilement être réservée à des expositions temporaires pendant toute l'année, mais plus particulièrement en été. De l'avis de beaucoup de négociants, il pourrait être fait dans la dite salle des expositions de fourrure, article pour lequel il existe à Genève des maisons nombreuses et réputées ; des expositions d'articles de mode, d'horlogerie, de bijouterie, etc., etc. En pleine saison d'étrangers, ces expositions pourraient être l'occasion de visites nombreuses et feraient connaître à nos hôtes les principaux produits de notre industrie. Les concerts pourraient avoir lieu en même temps et n'en seraient que plus fréquentés, soit au dehors, soit au dedans.»[144]

Em parte, a música ao ar livre e os seus palcos valorizaram o espaço público e as cidades. Os jardins públicos e praças foram embelezados e devidamente ordenados com a presença dos coretos, por vezes construídos com a possibilidade de serem adaptados a outras funções, como por exemplo, servindo de espaço de arrumos, nas arrecadações criadas por baixo do palco. As cidades tornaram-se mais frequentadas, prevalecendo o sucesso dos seus agrupamentos musicais e a modernidade da arquitectura, também marcada pela construção dos seus coretos, cuja presença demonstra o dinamismo municipal existente na organização e gestão de eventos sociais.

Os variados reportórios musicais interpretados nos coretos favoreceram a homogeneidade e disparidade do público em seu redor, criando uma sociabilidade citadina inédita com a mais-valia de tornar mais acessíveis as manifestações musicais, como a ópera e/ou os concertos sinfónicos, o que ao mesmo tempo contribuiu, significativamente, no aumento do gosto pela música e na democratização da prática musical.

As características formais do coreto definem acima de tudo um espaço de liberdade, por participar activamente na democratização da música, emancipando-se os concertos tradicionais das grandes salas interiores das elites. O acesso é gratuito, o que permitiu nivelar as classes sociais, sendo possível chegar atrasado ou sair antes do fim, estar sentado, de pé ou a passear pelo local, e permanecer sem complexos de não conhecer o programa musical que está a ser tocado, o importante é aproveitar o divertimento.

Em alguns países da Europa, como em França e na Suíça, existia um controlo, assegurado pelos responsáveis dos municípios, sobre as diversões públicas e os seus coretos, numa estratégia de retirar

---

144 Tradução sugerida : «A sala projectada não serviria unicamente para a música, mas poderia de forma útil ser reservada para exposições temporárias durante todo o ano, mas mais particularmente no Verão. Na opinião de muitos negociantes, poderiam ser feitas na dita sala exposições de peles, artigos para os quais existem em Genebra numerosas e reputadas casas; exposições de artigos de moda, de relojoaria, de bijutaria, etc., etc. Em plena estação turística, essas exposições poderiam ser ocasião para visitas numerosas e dariam a conhecer aos nossos hóspedes os principais produtos da nossa indústria. Os concertos poderiam ter lugar ao mesmo tempo e seriam mais frequentados, tanto no exterior como no interior.» «Mémoire sur la nécessité de la création d'un Pavillon de musique au Jardin Anglais», redigido pela Association des intérêts de Genève, provavelmente em 1908. Ver infra, catálogo, II, Anexo II.5. In RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 28.

partido dos benefícios sociais adquiridos pelos eventos dos coretos, sendo a música aí tocada rigorosamente planeada segundo uma política cultural orientada. O principal objectivo desta acção era aproveitar o desenvolvimento dos conhecimentos do público e diminuir as diferenças culturais entre as classes sociais, ao mesmo tempo que se incutia interesse por peças musicais que conduziam à propagação do poder estatal, segundo os valores da ordem e da disciplina da música bélica, como um símbolo do sucesso da civilização ocidental moderna, de uma Europa estimulada pelos avanços tecnológicos, os progressos sociais e pela expansão colonial.

> «A l'attention des classes populaires, on loue en effet l'ordre et la discipline par une musique martiale, on valorise certains amusements par une musique dansante choisie et, grâce aux extraits de symphonies ou d'opéras, on rend hommage aux grands compositeurs.» [145]

Contudo entre 1914 e 1918, o mundo sofre uma reviravolta com a Primeira Grande Guerra. A perda de vidas humanas e os inúmeros mutilados conduziram os coretos ao esquecimento. O ambiente de destruição vivido e a inevitável dificuldade das bandas, principalmente das bandas militares, de regressar aos ambientes festivos, aconteceu um pouco por toda a Europa, mesmo nas cidades que não foram afectadas pela guerra.

Após este período, mais concretamente no período entre as duas guerras, começaram a ser exploradas novas formas e materiais inovadores, que em parte ditaram o desenvolvimento socioeconómico das sociedades e dos seus novos interesses que cada vez mais se distanciavam dos coretos, que passaram a ser menos utilizados e a ter menores assistências. Nesta época, começaram a existir novas formas de ocupação dos tempos livres, apesar de mais calmas e individuais, sem o meio festivo a que o coreto estava associado, tinham igualmente um forte poder de divulgação cultural. O início do período da difusão radiofónica e da expansão do mercado do disco colocou em perigo a necessidade de ir ao encontro de uma banda ou orquestra para ouvir música consagrada. Eram vários os programas de rádio que garantiam a transmissão de concertos completos e os discos substituíam os momentos em que o rádio não correspondia às vontades do utilizador.

A rádio e a empresa discográfica não devem ser desvalorizadas, é evidente e essencial o momento que elas marcam na evolução tecnológica das comunicações e da própria cultura. Mas o entusiasmo pelas facilidades e o conforto proporcionado por estes novos equipamentos domésticos fizeram com que o encontro e a reunião social fossem cada vez mais prejudicados e consequentemente a própria qualidade dos espaços públicos e do significado do viver urbano, o que se verificou principalmente no período pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**.** A sociedade ocidental entrou no universo do consumo fácil e das actividades lúdicas acessíveis, em que o rádio e o disco eram produtos cada mais comuns para as classes médias, e o tráfego automóvel estava em profundo desenvolvimento. Bruno

[145] Tradução sugerida: «Tendo em atenção as classes populares, louvam-se de facto a ordem e a disciplina através de uma música marcial, valorizam-se certos divertimentos através de música de dança seleccionada e, graças aos extractos de sinfonias e de óperas, presta-se homenagem aos grandes compositores.» - RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 36.

Racabulto refere que não é fácil precisar se foi o público que se afastou dos coretos, se foram as cidades que deixaram de favorecer a sua actividade ou ainda se foi o desinteresse das sociedades musicais, que marcou o número de coretos deixados ao abandono ou que foram destruídos[146]. É um facto inegável que os coretos são equipamentos urbanos que, com o decorrer dos anos, exigem uma manutenção mais dispendiosa do que outros equipamentos que fazem parte da vida das cidades, mas essa dificuldade apenas se tornou um problema quando os concertos entraram em declínio no espaço público, devido aos novos meios de comunicação, que tornam as pessoas mais próximas apesar da distância que as separa, à poluição sonora das cidades, que prejudica a sonoridade dos concertos ao ar livre, e ao aumento do número de músicos por banda, o que impossibilita a integração de todo o grupo no espaço do palco dos coretos.

Com a crescente tendência para a individualização da prática de ouvir música, surgiram os produtos portáteis, como o *walkman*, o *discman*, mais recentemente o leitor de MP3, o *ipod*, e os telemóveis com rádio e leitor de formatos áudio. Desta forma, a música volta a estar inserida no dia-a-dia do espaço público, através de cada um dos seus transeuntes, que percorrem a cidade ao som das suas escolhas musicais, mas sem que exista a partilha e o convívio presentes em redor do coreto.

Na actualidade, o coreto é principalmente considerado um símbolo de uma forma de pensar e de habitar a cidade, e o seu desuso fez com adquirisse a função meramente decorativa das praças e jardins das cidades europeias, embora essa realidade comece a ser alterada, nomeadamente em Lisboa, onde nos últimos anos foram construídos alguns coretos e existe uma maior preocupação em recuperar e animar os coretos existentes.

2.4. Características construtivas dos coretos

O coreto, formalmente reconhecido como um palco elevado com ou sem cobertura, que apresenta influências construtivas dos pavilhões orientais, anteriormente referidas, é privilegiado pela construção de uma base sobrelevada num plano central de secção octogonal, hexagonal, rectangular, quadrada ou circular[147], mais raramente, decagonal ou mesmo dodecagonal[148], em geral construída em alvenaria, pedra mármore ou madeira, formando na parte superior o palco aberto, que coloca em destaque, tanto visual como de forma simbólica, a formação musical. Os coretos, caracterizados pela sua grande leveza estrutural, geralmente suportam uma cobertura de protecção das intempéries, em forma de cúpula metálica ou em madeira, que ao mesmo tempo serviria de câmara acústica, sustentada por finas colunas em ferro trabalhado ou em madeira, assentes na base, também ela circunscrita por uma protecção de varanda em ferro ou em madeira e uma escada de acesso, que

146 RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 37.

147 RODRIGUES, José Armando; COSTA, José Lino; MAGALHÃES, Maria Filomena de; ANGÉLICO, Maria Manuel; [et al.] – **Oásis Alfacinhas, Guia Ambiental de Lisboa.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993. p. 136.

148 RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 10.

poderia ser retráctil. Em termos decorativos, os motivos exóticos eram as formas de maior agrado ocidental, num gosto de inspiração oriental, que Pedro Bebiano Braga justifica ser cultivado pelas descrições de viagens e artefactos importados[149]

No processo construtivo dos coretos, a escolha dos materiais desempenhava um papel fundamental, especialmente na própria definição do carácter definitivo ou temporário do coreto ou, simplesmente, nas questões de durabilidade e decorativas do mesmo. Nos primeiros anos (por volta de 1830), a escolha dos materiais estava principalmente relacionada com o seu custo e com o facto de estas estruturas ainda não terem adquirido importância urbanística suficiente para serem peças necessárias à vida dos passeios, tornando-se fixos. Por isso, durante vários anos, a construção de coretos temporários é predominante, quer por serem construções simples e executadas em materiais mais baratos, como a madeira e têxteis, o que atraía os responsáveis municipais, quer por serem armados durante as ocasiões em que havia necessidade, para logo depois serem novamente desmontados, o que permitiu estabelecer uma política de urbanização prudente, longe dos possíveis inconvenientes de uma construção definitiva.

Contudo, o coreto pertencente às novas práticas sociais de divertimento público e comércio, associado ao seu carácter temporário, livre de utilização, começa a conhecer construções "anormais" nas quais se perdem muitas das características que definem a fórmula clássica do coreto[150], o que fez com que a estética dos coretos fixos fosse solucionada através de duas grandes tendências, por meio de uma criação original solicitada a um arquitecto, ou pela escolha de uma peça de catálogo, o que era definido consoante os meios disponíveis pelo município.

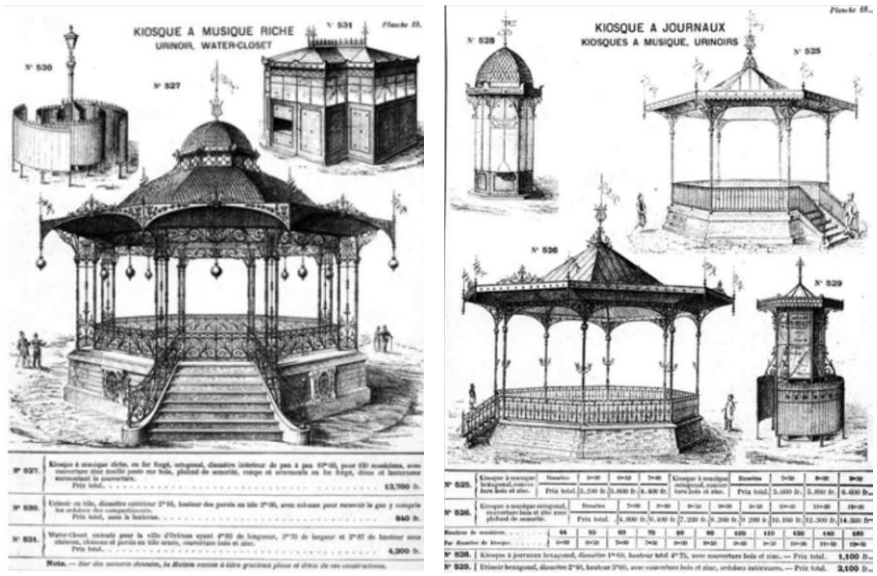


Figura 15 – Catálogo da empresa Guillot-Pelletier, Orleans, em 1900.

149 BRAGA, Pedro Manuel Bebiano Diniz Ferreira – **Mobiliário Urbano de Lisboa 1838-1938**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1995. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. p.120.

150 São apresentados alguns exemplos em Lisboa, no Capítulo 3.

O progresso industrial, que se verifica a partir do último quartel do século XIX, desenvolve a produção de equipamentos urbanos vendidos por catálogos, propostos por empresas de construções metálicas. Nos catálogos disponibilizados, é possível encontrar bancos, papeleiras, urinóis, coretos, entre outros produtos concebidos para o bem colectivo, respondendo aos principais critérios de funcionalidade, de durabilidade, de manutenção e princípios estéticos exigidos pela sociedade da época. No caso dos coretos, as empresas disponibilizam uma gama diversificada de modelos que se distinguem pelos seus acabamentos, materiais e dimensões, que são apresentados em brochuras promocionais onde, por vezes são apresentados vários equipamentos que partilham critérios comuns, como a qualidade dos materiais e as características estéticas, fazendo parte da mesma linha de mobiliário (Figura 15).

Segundo o estudo de Bruno Racalbuto, de um modo geral, os preços dos coretos de catálogo apenas incluíam o seu fornecimento. Os encargos relativos ao transporte, construção, instalação da iluminação e canalizações para as águas fluviais, deslocação e alojamento dos trabalhadores especializados eram extras que ficavam por conta do comprador[151].



Figura 16 – Capa de um catálogo da fundição escocesa Saracen Foundry - Walter Macfarlane & Co., com diversos modelos de coretos de ferro fundido pré-fabricados. Fim do século XIX.

Os coretos pré-fabricados e vendidos por catálogo conquistaram os mercados nacionais e internacionais, mesmo no Brasil, um país em desenvolvimento económico entre o final do século XIX e o início do século XX, graças à riqueza gerada pelo comércio da borracha. Os responsáveis municipais das cidades brasileiras, como os da cidade de Belém, trouxeram para a cidade influências da cultura urbanística e paisagista dos centros europeus, o que fez com que fossem à procura dos seus

[151] RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 15.

construtores e empresas de produtos pré-fabricados em ferro, como foi o caso da empresa Saracen Foundry, de Glasgow, na Escócia, pertencente à firma Walter Macfarlane & Co. (Figura 16), que conseguiu vantagem no mercado público e privado brasileiro, através da sua política de vendas agressiva, baseada em catálogos com centenas de tipos e formas[152].

A uniformidade e padronização arquitectónica dos coretos, oferecidas pelas empresas de construções metálicas, nem sempre satisfazem os municípios que têm necessidade de afirmar a sua diferença e originalidade num projecto inédito. Para tal, muitas vezes recorrem ao saber de um arquitecto contratado para a ocasião ou já pertencente ao quadro do município, que geralmente apresenta um ou mais projectos de coreto para o local previamente definido. Outro método utilizado é o concurso público do projecto para a edificação de um coreto. A fórmula cria uma saudável competitividade entre os concorrentes que, apesar de terem de cumprir as regras proclamadas no regulamento, propõem projectos muito mais inventivos e audaciosos. Por fim, os coretos resultantes de projectos de arquitectos pressupõem a selecção de uma empresa construtiva capaz de executar a obra, que normalmente é escolhida consoante o melhor orçamento apresentado.

Por via de uma outra origem construtiva, os coretos fixos marcaram um momento importante na vida das cidades, cujo principal objectivo era obter um coreto resistente e durável, com a utilização de técnicas e materiais mais sólidos, embora alguns costumes antigos não tenham sido totalmente descartados, como foi o caso da madeira que em algumas construções continuou a ser utilizada.

A base, sobre a qual actuam as formações musicais, é uma plataforma normalmente construída em alvenaria[153] ou em cantaria[154], sendo que, sobretudo no período entre as duas Grandes Guerras (sensivelmente, entre 1918 e 1939), se assistiu à disseminação da utilização do betão armado, devido ao desenvolvimento da utilização e compreensão do funcionamento e possibilidades do mesmo, associado à constituição de numerosas patentes[155]. A estrutura sobrelevada a cerca de um metro (raramente mais do que um metro e cinquenta de altura) tem o seu interior vazado, sensivelmente até meia altura, o que permite criar um espaço de arrecadação, dotado de uma porta ou cancela, para a arrumação das cadeiras do público, das estantes da banda e outro material técnico dos concertos, e/ou das ferramentas de jardinagem do parque. O acesso ao pódio da base é geralmente feito por meio de uma escadaria construída com os mesmos materiais da sua base ou, mais frequentemente,

---

152 SOARES, Elizabeth Nelo - **Largos, Coretos e Praças de Belém, Roteiro do Património**. Governo Federal do Brasil : Monumenta | Iphan, 2009. Disponível em WWW: <URL: http://www.monumenta.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/01/pracasecoretos.pdf> [Consult. 27 Novembro 2011]. pp. 83-85

153 «As alvenaria são maciços construídos por pedras ou blocos, de origem natural ou artificial, ligados entre si de modo estável pela combinação de juntas e/ou uso de argamassas.» FARINHA, Brazão (coord.) – **Reabilitação e manutenção de edifícios: Uma publicação prática com soluções construtivas e estratégias de reabilitação e manutenção de edifícios**. Verlag Dashofer, Janeiro 2006. Capítulo 6.2.

154 «As cantarias são construções de pedra natural, ligadas por uma argamassa. Inicialmente este termo aplicava-se a formas de alvenaria sem revestimentos, utilizando na sua realização elementos de pedra perfeitamente aparelhada, com juntas de pequena espessura, inferior a 1 cm.». FARINHA, Brazão (coord.) – *Op. cit.*, Capítulo 10.2.

155 APPLETON, Júlio - **Construções em betão, Nota histórica sobre a sua evolução.** Disponível em WWW: <URL: http://www.civil.ist.utl.pt/~cristina/GDBAPE/ConstrucoesEmBetao.pdf> [Consult. 5 Junho 2012]. p. 4.

em ferro ou ferro fundido, por ser o material mais adoptado na construção de coretos. Também se verificam casos em que a subida para o palco do coreto é feita pelo interior da base, com escada e um alçapão, ou por via de escadas retractivas, para manter a pureza do plano central ou manifestar a vontade de isolar os músicos do seu público[156].

O desenvolvimento das construções em ferro, a partir da segunda metade do século XIX, conhecido como o período da arquitectura do ferro, lançou as bases dos padrões estéticos dos coretos construídos até à Primeira Grande Guerra (1914-1918), o que resultou, quase sempre, no que Pedro Bebiano Braga designa como «uma "ferrização" das formas»[157].

> «As construções modernas estão também dependentes das fundições, não só porque o ferro substitui com muita vantagem e economia as madeiras, e muitas vezes a pedra, mas até porque uma grande parte dos ornatos de que carece são hoje moldados em ferro coado. (…)»[158]

As facilidades de utilização do ferro e as inúmeras possibilidades a nível da forma permitiram aos construtores e arquitectos criarem edifícios de grande riqueza inventiva e funcional, o que no caso do coreto resultou numa elegante estrutura em ferro, que se encontra sobretudo presente na construção da cobertura, das colunas de suporte, da escadaria de acesso quando esta é executada em ferro, como já foi referido, e do gradeamento de protecção do palco. Porém, o maior destaque do coreto é a cobertura, por ser a referência visual mais evidente e por isso mais bem desenvolvida, fundamental no plano estético e funcional, que dita as escolhas formais e decorativas dos restantes elementos.

> «A cobertura, o local por excelência para a decoração, é determinante pela sua forma, para o aspecto caracterizante do coreto, e o seu interior pode ter, em modelos mais cuidados, um papel importante nas suas possibilidades acústicas. É no desenho da cobertura, geralmente em chapa de zinco, que mais se fazem sentir as suas origens orientais, de forma cónica ou bolbonar e rematadas por espigão emplumado ou lira. Alguns, tinham toldos de pano, entre as colunas, que, fazendo sombra, protegiam os músicos do sol.»[159]

Os telhados criados têm formatos bastante diversificados, fruto da imaginação dos seus projectistas, variando entre os formatos cónicos, sejam eles simples, facetados ou nervurados; as cúpulas, de proporções por vezes imponentes; ou os telhados mais simples, em planos inclinados, geralmente de quatro águas. É na cobertura que se verificam mais referências orientais, através dos seus elementos decorativos geométricos ou figurativos, que se estendem até às colunas moldadas em ferro que não só suportam a cobertura como, nalguns casos, servem habilmente para escoar da cobertura as águas

---

156 RACALBUTO, Bruno - *Op.cit.*, p. 10

157 BRAGA, Pedro Bebiano – Mobiliário Urbano: O Coreto em Lisboa. TAVARES, Maria José Ferro (coord.) [et al.] – **A Cidade: Jornadas inter e pluridisciplinares**. Lisboa: Universidade Aberta, Agosto 1993. p. 224

158 *Exposição da Indústria em 1849.* Lisboa, Typ. das Rev. Universal Lisbonense, 1850, pp.81-82. In *Ibid.*

159 BRAGA, Pedro Manuel Bebiano Diniz Ferreira – **Mobiliário Urbano de Lisboa 1838-1938**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1995. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. p. 121.

da chuva. Nos quiosques mais luxuosos, as colunas, colocadas na vertical ou ligeiramente inclinadas para o exterior, são ligadas ao topo do telhado por arcos de ferro forjado que exibem elegantes motivos e/ou recortes. As colunas são interligadas pelo corrimão que limita o palco, enquanto noutros casos, é marcada essa ruptura das colunas com o restante gradeamento, em geral ornamentado com detalhes da restante decoração.

De regresso à cobertura, é de salientar o seu interior, frequentemente ornamentado por uma clarabóia de formato poligonal, cilíndrico ou abaulado em forma de bolbo, totalmente adaptável à estrutura exterior da cobertura, normalmente rematada por uma cornija de vários formatos. Por questões puramente estéticas, os projectistas criaram ilimitadas combinações técnicas entre o interior e o exterior da cobertura, deixando um pouco negligenciados os problemas acústicos dos coretos e dos seus materiais, sendo apenas evidente a preferência pelo zinco, devido às suas propriedades de ressonância acústica, situação que é evidenciada por Bruno Racalbuto:

> «(…) le plus courant des matériaux de couverture reste le zinc qui, grâce à ses propriétés de résonance acoustique, reste souvent préféré aux tavillons, aux tuiles, à l'ardoise, au chaume ou à la toile tendue.
> Devant la multitude de cas recensés par Marie-Claire Mussat, il est surtout importante de relever que, d'un point de vue purement esthétique, la combinaison des différents éléments de toiture se décline à l'infini. En revanche, face aux attentes acoustiques, la réponse donnée par les constructeurs apparaît largement moins inventive. Par exemple, rares sont les kiosques qui se voient dotés d'un plafond de sonorité hémisphérique, véritable coupole intérieure offrant une diffusion optimale des ondes sonores. Pour assurer la caisse de résonance, les kiosques à musique ordinaires possèdent en effet un simple plafond plat en lames de sapin ou, pour les modèles plus élaborés, en pitchpin.»[160]

Porém, é necessário salientar que os problemas e necessidades acústicas adquiriram maiores preocupações a partir do século XX, sendo que anteriormente as construções dependiam dos resultados obtidos por estudos empíricos.

> «Considera-se que até ao início do século XX, de uma forma geral, os bons resultados acústicos que se alcançavam eram fruto da utilização de métodos empíricos que não os sabiam explicar.»[161]

---

[160] Tradução sugerida: «(…)o mais corrente dos materiais de cobertura continua a ser o zinco que, graças às suas propriedades de ressonância acústica, é com frequência preferido relativamente às ripas, às telhas, à ardósia, ao colmo ou à tela esticada.
Perante a profusão de casos recenseados por Marie-Claire Mussat, é acima de tudo importante salientar que, de um ponto de vista puramente estético, a combinação dos diferentes elementos de cobertura é ilimitada. Em contrapartida, perante as expectativas acústicas, a resposta dada pelos construtores apresenta-se bastante menos inventiva. Por exemplo, raros são os quiosques que se vêem dotados de um tecto de sonoridade hemisférica, verdadeira cúpula interior que ofereça uma difusão óptima das ondas sonoras. Para garantir a caixa-de-ressonância, os coretos comuns possuem com efeito um simples tecto plano em tábuas de pinho ou, nos modelos mais elaborados, de pinheiro americano.» - RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 11.

[161] MOTA, Maria do Céu Aguiar da – **Contributo para a compreensão da relação Arquitectura, Música e Acústica no Portugal Contemporâneo.** Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2005. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. p. 164.

Os interesses arquitectónicos pela forma como o som se propaga e chega ao ouvinte existem desde os teatros gregos e romanos, como se pode verificar no tratado de arquitectura de Vitrúvio, *De Architectura,* no século I a.C, um dos primeiros autores a considerar as questões de acústica nos seus estudos de arquitectura. A análise de Vitrúvio recai sobre o interior dos edifícios, como os teatros, não existindo preocupação a nível do espaço livre, contudo existe já uma percepção do ambiente como componente influenciador do som, não estando este apenas dependente da voz e/ou dos instrumentos musicais.

> «(…) a elevação dos degraus que um Teatro deve ter; (…) trabalharam para fazer com que tudo o que fosse pronunciado em Cena fosse entendido clara e facilmente por todos os Espectadores. Pois tal como os Antigos dimensionaram os instrumentos da Música, e marcaram sobre as lâminas de cobre ou de chifre, os intervalos dos Sustenidos (…); assim também através da ciência Harmónica, estabeleceram certas proporções para ajudar a fazer entender a voz nos Teatros.»[162]

Segundo Maria do Céu Aguiar da Mota, depois de Vitrúvio e até ao séc. XVII, existem poucos exemplos de tratadistas de arquitectura preocupados com as questões de acústica e é a partir de 1838 que o domínio de Vitrúvio sobre acústica começa a ser ultrapassado, pela publicação de um tratado do engenheiro escocês John Scott Russel (1808-1882), que elabora diagramas de raios com o intuito de melhorar o alcance do som e a observação do palco, através do arranjo e distribuição das cadeiras dos espectadores pelo auditório.[163]

A partir do século XX, o estudo das características acústicas[164] dos espaços tornou-se uma verdadeira ciência, sob a influência de Clement Sabine (1868-1919) que lançou as bases teóricas da acústica de salas e criou a noção de tempo de reverberação, por volta de 1900, tal como a fórmula que permite calculá-lo. O tempo de reverberação é descrito por Luís Henrique como «(…) o tempo que o nível de intensidade de um som demora a diminuir 60 decibéis, depois da fonte sonora se ter extinto»[165], sendo por isso necessário que o tempo de reverberação do espaço se adapte ao género de espectáculo que será apresentado. É com esse objectivo que, por vezes, as salas de espectáculos são alteradas, para aumentar ou diminuir a capacidade de absorção de um espaço e conseguir o equilíbrio acústico necessário, o que é conseguido através de alterações construtivas, como por exemplo: «(…)substituição dos materiais de revestimento, criação de superfícies artificiais (painéis, cortinados, etc.), modificação da distribuição dos lugares e aumento da ocupação média da sala, entre outras.»[166]

---

[162] Vitrúvio, Os Dez Livros de Arquitectura de Vitrúvio, tradução de Maria Helena Rua, Lisboa: Instituto Superior Técnico, 1998, p. 8, nota 25. In MOTA, Maria do Céu Aguiar da – *Op. cit.,* pp. 159-160.

[163] Mais informações sobre este tema em: MOTA, Maria do Céu Aguiar da – *Op. cit.,* pp. 157-166.

[164] «Segundo Luís Henrique, só em 1701 se utilizaria pela primeira vez a palavra *acústica* "no sentido que hoje se lhe atribuiu".». *Ibidem.* p. 162.

[165] Luís Henriques, *Acústica Musical*, 1ª parte – O SOM, textos reorganizados e acrescentados por Pedro Bento, Porto: Associação de Estudantes do Conservatório de Música do Porto, s.d., p. 71. In *Ibidem.* p. 165.

[166] Luís Henriques, *Acústica Musical*, 1ª parte – O SOM, textos reorganizados e acrescentados por Pedro Bento, Porto: Associação de Estudantes do Conservatório de Música do Porto, s.d., p. 75. In *Ibid.*

O início da construção de coretos fixos coincide com o início dos estudos de Clement Sabine sobre acústica de espaços interiores e o tempo de reverberação, logo, é natural que estes interesses ainda não existissem em relação ao espaço exterior e aos coretos, eles próprios peças urbanísticas ainda em evolução que poderiam não ter tido a expansão que tiveram. Porém, com base nos conhecimentos apresentados, é possível concluir que nos jardins e largos, onde estão inseridos os coretos, é difícil obter uma correcção acústica ideal através de alterações urbanísticas e paisagísticas, sendo necessário adoptar outras estratégias, como a inserção de outros materiais no coreto e/ou em redor deste, e proceder à colocação dos espectadores de uma forma planeada, de forma a conseguir a absorção ou projecção do som necessárias à qualidade acústica do espaço exterior. Por outro lado, na actualidade, existem estudos que permitem afirmar que a estrutura da cobertura de um coreto deve apresentar a face interna em formato convexo, como as coberturas que se podem observar no coreto do Parque Eduardo VII e de Carnide (Anexos 2), recentemente construídas, que produzem uma melhor difusão do som para os ouvintes, porque, nos espaços ao ar livre, a distância entre a fonte de som e os ouvintes comummente costuma ser maior e, por consequência, existe uma maior perda de intensidade sonora. Portanto, a melhor solução é «reforçar o som directo e dotar o palco com concha acústica[167] ou reflectores acústicos»[168].

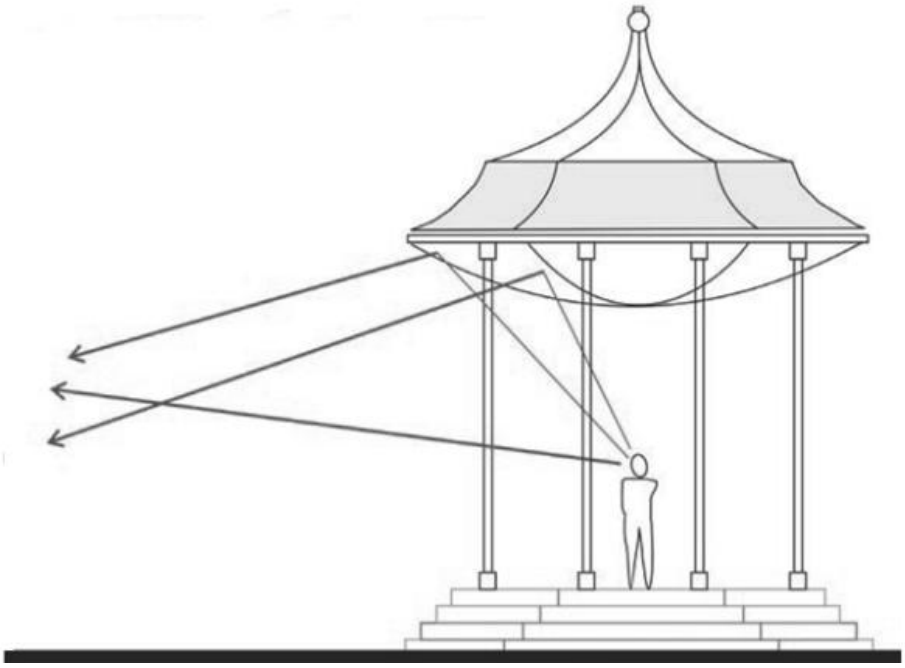


Figura 17 – Geometria de coretos, segundo os actuais estudos acústicos apresentados por Flávio Maia Simões. A face interna dos coretos deve ser convexa para melhor reflectir o som

[167] «A denominação "Concha Acústica" induz a erros de interpretação, pois as conchas que encontramos na natureza são superfícies côncavas, e as "Conchas Acústicas" são formadas por várias superfícies planas, orientadas para direcionar as reflexões para a plateia.» SIMÕES, Flávio Maia - **Acústica Arquitetónica. Trabalho elaborado no âmbito do convênio ECV033/04 realizado entre ELETROBRAS PROCEL e a UFAL**. Rio de Janeiro, Agosto 2011. Disponível em WWW: <URL: http://www.webarcondicionado.com.br/wp-content/uploads/2011/09/guia_acustica.pdf> [Consult. 12 Abril 2012]. p. 39.

[168] *Ibidem.* pp. 38-39.

Fora as considerações técnicas e arquitectónicas, os elementos decorativos e os ornamentos dos coretos também se preocupavam com as temáticas musicais, através das formas dadas aos gradeamentos e colunas em ferro, aos perfis recortados e à própria cobertura, anteriormente descrita. Nestes elementos surgem figuras de claves de sol, notas, instrumentos e até extractos de partituras, que sublinham a função do local. Embora sejam raros os exemplos, é de referenciar que à semelhança de outros edifícios públicos como museus, teatros ou salas de concerto clássicas, o nome dos grandes homens da arte (raramente os seus bustos esculpidos) eram colocados em destaque nos frontões dos coretos, entre as colunas de ferro fundido, para igualmente evidenciar quem melhor prestigiava a música. Bruno Racabulto considera que «(…) les éléments de décoration constituent autant de repères et inscrivent très nettement le kiosque à musique dans une tradition culturelle d'inspiration prestigieuse ou populaire»[169], sendo a lira[170] um dos componentes mais representado nos coretos como um dos maiores símbolos dos valores da poesia e da música. As figuras definidas pela música surgem nas formas mais inesperadas, sendo que a lira foi utilizada nos coretos de todas as épocas, em motivo de cancela ou em capitel da cobertura, em folhagem ornamental ou em grinalda decorativa.

Ao longo dos anos, a organização espacial do coreto é mantida, mas a sua linguagem arquitectónica e realidade construtiva conhecem vários contornos, satisfazendo funcionalmente as necessidades dos locais e das várias épocas, como é verificado nas estruturas dos coretos de Lisboa (capítulo 3).

[169] Tradução sugerida: «(…) os elementos de decoração passam a constituir referências e inscrevem muito nitidamente o coreto numa tradição cultural de inspiração prestigiosa ou popular». RACALBUTO, Bruno – *Op. cit.,* p. 12.

[170] A lira é o instrumento de Apolo, o deus da poesia. Ela é igualmente, desde o século XVI, o instrumento da música personificada.

Capítulo 3 |

Os coretos na cidade de Lisboa

(…) enquanto umas vinte pessoas assistiam, (…), às experiências com as bombas de irrigação, milhares de dilettani rodeavam o coreto, onde as philarmonicas (…), executavam com aplauso do público os trechos em que melhor podiam demonstrar o seu mérito. (…). Dizem que foram 5500 os bilhetes vendidos. Deduzidos os prémios pecuniários conferidos às philarmonicas vencedoras, embolsou a comissão executiva, (…), duzentos mil réis. A hora a que deviam começar os ensaios das machinas agrícolas (…) resumia em um epiphonema (…): o Zé povinho o que quer é música! (…) transforme o palácio em salão de concerto e de bailes populares, e é certíssimo que haverá concorrência a não caber no recinto.[171]

J. Veríssimo de Almeida

***Chronica*, Revista da Exposição Agrícola de Lisboa, 1884**

[171] 3.ª Exposição Agrícola que teve lugar na Tapada da Ajuda, entre Maio e Julho de 1884.

3 Os coretos na cidade de Lisboa

O estudo sobre o coreto no espaço público conduziu à investigação da integração deste equipamento urbano num território específico, tendo sido escolhida a cidade de Lisboa. A análise do desenvolvimento histórico e social da cidade tem o objectivo de conhecer as características de uma realidade concreta e as utilizações do coreto nos eventos sociais do espaço público lisboeta. Em contrapartida, é de salientar que ao ser seleccionada a cidade de Lisboa, apenas está a ser tratada uma pequena parte do vasto leque de cidades do país e do mundo que integram coretos, relativamente às quais seria de igual modo interessante realizar o seu tratamento histórico, seguindo a estrutura aqui apresentada, para um futuro estudo e confronto das realidades.

No estudo apresentado é tomado como principal ponto de partida a investigação de Eunice Relvas e Pedro Bebiano Braga, *Coretos em Lisboa: 1790-1990*, uma obra que relata vários acontecimentos históricos em redor dos coretos, que se pretendem consolidar como uma base de conhecimento sobre os eventos e locais em que eram utilizados e quais as características arquitectónicas dos coretos de Lisboa.

Os dados históricos presentes neste capítulo são referentes aos registos encontrados, que percorrem o período entre 1790 e a actualidade. Porém, não se ignora a possibilidade de muitas das utilizações de coretos não estarem aqui referidas, devido à falta de registo oficial ou à perda de dados, não estando contemplados, nomeadamente, no acervo dos Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa.

No período da história em que são armados os primeiros coretos em Lisboa, a cidade em recuperação do terramoto de 1755, regista uma fase de crescimento e industrialização. A par das restantes capitais europeias, importantes mudanças eram sentidas na cidade, designadamente por intermédio do desenvolvimento das indústrias e dos meios de comunicação, que potencializaram o crescimento da classe média, do êxodo rural e a consolidação da capital comercial e administrativa. Estes acontecimentos influenciaram o desenvolvimento de novos hábitos diários na pequena burguesia urbana e do próprio espaço público.

As actuações ao ar livre são justificadas por ocasiões festivas pontuais ou cíclicas e pelo próprio interesse do município e das bandas em programar temporadas musicais, que permitiam a utilização de um ou vários coretos. Os festejos de que existem registo foram agrupados em oito diferentes categorias de eventos, definidas a partir das suas semelhanças: motivo dos festejos, as atracções existentes em comum e a periodicidade dos eventos. Segundo estes critérios é possível constatar quais as necessidades do evento na escolha do local e do género de coretos a utilizar (armados ou fixos), e qual o impacto desses festejos na vida da cidade.

Após a verificação dos eventos e dos seus locais são analisadas as características construtivas dos coretos utilizados, com o objectivo de verificar quais as diferenças entre si e quais os motivos que justificam essas diferenças. Especificamente, para a análise das características formais e funcionais

dos 22 coretos fixos de Lisboa foi desenvolvida uma investigação (Anexos 2) que apresenta o contexto histórico de cada local de inserção e do seu coreto, com o objectivo de identificar os motivos/necessidades existentes no espaço para a construção do coreto e as suas utilizações.

Por fim, é realizado um enquadramento dos coretos na actualidade lisboeta, de modo a verificar de que forma é que são utilizados e mantidos na cidade. Por outro lado, a presente investigação pretende constatar de que forma é que a música continua a estar presente no espaço público, num breve comentário sobre os "coretos" da actualidade.

3.1. Eventos de Lisboa e os seus locais

Desde o nascimento das cidades que existem acontecimentos que polarizam as pessoas para um objectivo comum, principalmente, em ocasiões comemorativas. Na cidade de Lisboa, desde 1790 que se encontram vários momentos celebrativos que contam com a presença de bandas (civis e militares), apresentadas nos coretos, para animar o ambiente dos festejos.

A organização de um concerto musical no espaço público da cidade tinha o objectivo de se associar à temática de acontecimentos celebrativos, que decorriam pontualmente, ou de integrar os festejos cíclicos dos locais. A música ao ar livre não dispensava a utilização do coreto armado ou fixo, que completava o ambiente dos festejos, onde também eram instaladas outras estruturas de apoio, principalmente barracas de comes e bebes e outras bancas de divertimentos.

As primeiras utilizações de coretos no espaço público da cidade de Lisboa aconteceram em Belém e na Praça do Comércio, em 1790 e 1795, respectivamente. A primeira ocasião teve lugar em Belém e contou com a presença de um coreto armado, para a procissão do Senhor dos Passos. No festejo seguinte, na Praça do Comércio foram armados quatro coretos, para o Torneio Real que incluiu a comemoração do nascimento do príncipe real D. Francisco António, filho de D. João VI[172].

Segundo António Filipe Pimentel, no séc. XVIII, existiam vários momentos comemorativos em Portugal, não sendo por isso de estranhar que os primeiros coretos de música tenham surgido no decorrer deste período.

> «(…) para o Portugal setecentista é essencialmente *a festa*. E, mais do que qualquer outra instituição, a festa assegura, pela sua força plástica, pelas emoções que desperta nos participantes – simultaneamente espectadores e actores –, pelo sentimento colectivo que estimula de comungar das

[172] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – **Os Coretos em Lisboa: 1790-1990**. Lisboa: Editorial Fragmentos, Lda., Dezembro de 1991. p. 159.

> mesmas crenças e ideais, pelo seu poder, enfim, de sublimar tensões e aplacara conflitos, uma função capital de unificação social.»[173]

O ambiente festivo, inicialmente, era vivido em celebrações religiosas e monárquicas. A religião era considerada um importantíssimo factor de coesão social, onde a procissão, que é uma das festas religiosas, se afirma como uma vivência da fé na existência quotidiana da comunidade, «(…) em que o catolicismo enforma em toda a sua extensão a própria expressão da vida social, (…)»[174]. Ao mesmo tempo o poder monárquico e absoluto da época, não podia ser menos expressivo do que a religião, adquirindo verdadeiro impacto quando se revelava no espaço público, no ambiente quotidiano da sociedade.

> «Isto é, quando sob a aparência carismática da *festa*, leva a comunidade a participar por instantes da aura de magia que o envolve, ao mesmo tempo que, por contraste, aprofunda ainda mais o fosso que os separa, única forma, aliás de manter intacto o seu prestígio.»[175]

A partir de então, começaram a surgir diferentes temáticas festivas, que no presente estudo foram organizadas nas seguintes categorias de eventos: celebrações religiosas, festejos públicos da Monarquia, concertos semanais, exposições, comemoração de acontecimentos/personalidades históricas, festejos de cariz solidário, arraiais e feiras de Verão e iniciativas de animação cultural. A partir destas tipologias de eventos, que utilizam coretos, foram analisados os seus locais de implementação, cuja selecção dependia das necessidades dos festejos (dimensão do espaço necessário, quantidade de público previsto, quantidade de estruturas a ser instaladas, temática e pagamento de entrada).

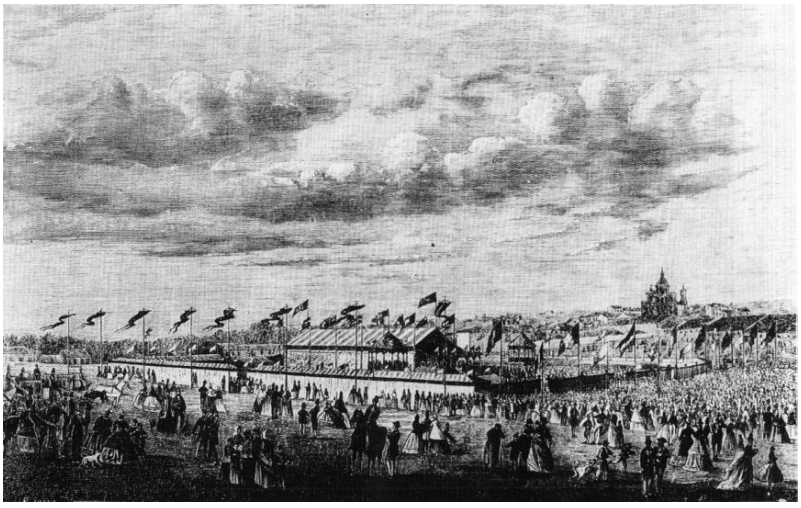


Figura 18 – Exposição Agrícola, em 1864, Belém.

---

173 PIMENTEL, António Filipe – D. João V e a Festa devota: do espectáculo da política à política do espectáculo. PEREIRA, João Castel-Branco [et al.] **Arte Efémera. Catálogo de Exposição do Museu Calouste Gulbenkian, 13 Dezembro de 2000 a 25 de Fevereiro de 2001** (Galeria de Exposição Temporárias do Museu). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Dezembro 2000. p. 158.

174 *Ibidem.*

175 *Ibidem*.

3.1.1 Categorias de eventos que utilizam coretos

Os coretos eram na sua maioria integrados em climas festivos onde existiam outras atracções, como bancas de petiscos, vendedores e fotógrafos ambulantes, teatros de fantoches, bazares e bailaricos, uma grande variedade de actividades que envolviam as pessoas «(…) para o bem da decência e da civilidade»[176]. São vários os festejos de Lisboa que se aliaram a um ou vários coretos para animarem o espaço do evento. Tanto coretos armados como fixos eram utilizados nas celebrações organizadas pela Câmara Municipal de Lisboa e/ou por entidades privadas (organizações privadas, associações / colectividades, empresas), que estavam dependentes da autorização da Câmara Municipal para a exploração do local.

A maioria dos eventos realizados em Lisboa eram de livre acesso, existindo outros tantos limitados pelo pagamento de entrada, factor que não reduzia o número de frequentadores do(s) coreto(s) dos festejos, pois eram acontecimentos bastantes atractivos, onde a organização se aprimorava em apresentar um espaço bastante preenchido, com divertimentos e vários focos de interesse. Visto que existia uma fonte de receitas, adquirida através da venda de bilhetes, havia a possibilidade de despender uma quantia mais avultada na composição do festejo, nomeadamente, na construção de coretos.

Os festejos realizados em Lisboa decorriam, na sua maioria, durante a tarde até ao princípio da noite, ao passo que outros se prolongavam pela noite fora ou tinham início marcado num horário nocturno, o que provocou a criação de vastos motivos de iluminação em redor do coreto, cuja função também estava associada à decoração do coreto, como é desenvolvido no subcapítulo 3.3.1.

As datas comemorativas da cidade são acontecimentos de carácter pontual ou cíclico. Este facto verifica-se na periodicidade dos registos dos festejos encontrados, relativos a um ou vários anos. Porém, é necessário salientar que apesar de um evento ser organizado todos os anos (carácter cíclico), não se sabe ao certo se a utilização de coretos foi sempre constante durante o período indicado, por não ter sido possível compreender com exactidão se todos os anos haviam coretos. Noutros casos, apenas foram encontrados registos que descrevem a utilização de coretos num ano específico dos festejos cíclicos. A par dos dados históricos encontrados realizou-se uma investigação sobre as mais recentes publicações de várias entidades (Câmara Municipal de Lisboa e Juntas de Freguesia) para identificar os motivos dos festejos realizados nos últimos anos com a utilização de coretos.

Da mesma forma, a análise histórica apresentada permite identificar qual o âmbito dos eventos (oficial ou popular), segundo a sua organização e os objectivos da comemoração, patrióticos ou locais. No grupo dos eventos oficiais, devem ser considerados os festejos organizados a favor do Estado e a

[176] RELVAS, Eunice – Bandas, Filarmónicas e Coretos Volantes. A Festa na Rua. In TAVARES, Maria José Ferro (coord.) [et al.] – **A Cidade: Jornadas inter e pluridisciplinares**. Lisboa: Universidade Aberta, Agosto 1993. p. 244.

cargo de órgãos superiores, como a Câmara Municipal de Lisboa, tendo como principais objectivos a exaltação da nação e a demonstração de poder. Os eventos que se consideram de âmbito popular são sobretudo organizados por entidades privadas, o caso das associações, paróquias e bandas civis, normalmente com o apoio da Câmara Municipal, que têm o objectivo de promover o convívio e recreio local, na comemoração de algum acontecimento ou iniciativa local.

A partir das informações encontradas sobre os festejos constituíram-se categorias de eventos que agrupam as características que existem em comum entre os festejos, com o intuito de conhecer os motivos existentes para a concretização de espectáculos musicais nos coretos e quais as características do ambiente presente à volta do coreto. A composição das categorias de eventos pode ser verificada na Tabela 3.

Tabela 3 – Categorias de eventos, segundo as características dos festejos realizados

Categorias de eventos	**Festejos que utilizam coretos**	**Datas dos registos encontrados**	**Periodicidade do evento**	**Âmbito dos festejos**
Celebrações religiosas	Procissão do Senhor dos Passos em Belém	1790/1826	Cíclico	Popular
	Festejos a S. Roque	1894		
	Arraial de St.º Amaro	1895		
	Arraial de S. Sebastião	1894/1895/1903		
	Festa de Nª Sr.ª do Bonfim	1895		
	Festejos a Santa Clara	1901		
	Festa a Santa Luzia	1902		
	Festa a Nª Sr.ª da Saúde	1903		
	Festejos de Nossa Senhora da Graça	1903/1904/1905/ 1906/1907		
	Festejos do Círio de S. Cristóvão	1905		
	Festejos à Senhora do Rosário	1907		
	Feira-Romaria de Nª Sr.ª da Luz	1914		
	3ª Exposição Agrícola	1884		
Festejos públicos da Monarquia	Festejos do nascimento do príncipe real D. Francisco António, filho de D. João VI	1795	Pontual	Oficial
	Festejos da vitória sobre os franceses	1808/1814		
	Actos solenes de D. João VI	1821/1822		
	Juramentos da Carta Constitucional	1826/1855		
	Casamento de D. Carlos I	1886		
	Visita do Rei Afonso XIII de Espanha	1903		
	Visita do Rei Eduardo VII de Inglaterra	1903		
	Chegada de Dom Carlos e Dona Amélia após visita a Inglaterra	1904		
	Visita do Presidente Loubet	1905		
Concertos semanais	Domingos, feriados e outros dias da semana	1848-1957[177]	Cíclico	Oficial e/ou popular[178]

[177] Hábitos iniciados no Passeio Público, cerca de 1848, que tiveram lugar em vários coretos da cidade, sendo bastante dispersos os registos existentes sobre cada coreto. Contudo, segundo os registos encontrados os concertos semanais terminaram, por volta de 1957, com o fim dos concertos na Praça José Fontana.

Categorias de eventos	Festejos que utilizam coretos	Datas dos registos encontrados	Periodicidade do evento	Âmbito dos festejos
Exposições	2ª Exposição Agrícola	1864	Pontual	Oficial
	3ª Exposição Agrícola	1884		
	Exposição Pecuária Agrícola e Industrial	1888		
	Exposição de Produtos Industriais	1893		
	Exposição de Ovicultura e Lacticínios	1905		
	5.ª Exposição Nacional de Floricultura	1944		
Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas	Centenários	1880/1895/1898	Cíclico	Oficial
	Aniversários do 1º de Dezembro	1884-1900		
	Aniversários da República	1911-1930		
	Festas da Cidade (comemoração de St.º António)	1913-1935		
Festejos de cariz solidário	Festas de Beneficência a favor do Asilo da Mendicidade	1851/1858	Pontual	Popular
	1ª Quermesse na Tapada da Ajuda	1884		
	Festa de caridade – a favor da reconstrução das casas dos pescadores incendiadas, na Costa da Caparica	1884		
	Quermesse na Rua do Almada	1898		
	Quermesse a St.ª Catarina – Comissão de Beneficência de Stª Catarina	1903		
	Quermesse organizada pela Sociedade do Bem	1903		
	Quermesse no Albergue das Crianças Abandonadas	1905 (no início de Junho)	Cíclico	
	Sociedade da Instrução e Beneficência "A Voz do Operário"	1907	Pontual	
	Bazar anual por ocasião dos santos populares, a favor do Albergue das Crianças Abandonadas	1908	Cíclico	
	Comissão Humanitária do Castelo de S. Jorge	1909	Pontual	
	Quermesse organizada pelo Centro Escolar José Estêvão	1910	Pontual	
	Quermesse organizada pela Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885	1910		
	Quermesse organizada pela Direcção do Centro Escolar do Grupo Civil "A República"	1912		
	Festa de Beneficência no Parque Eduardo VII	1923		
Arraiais e Feiras de Verão	Santos Populares	1893-2012[179]	Cíclico	Popular
	Feira de Belém	1889/1901		
	Feira de Alcântara	1894/1895		
	Festejos aos Arcos das Águas Livres	1901		
	Festas de Chelas	1903-1913		
	Feira de Agosto ou da Avenida	1908-1915		
	Feira Popular	1943/1944/1947		

[178] Nos registos encontrados são indicados vários motivos para a realização de concertos semanais, que variam pelo momento histórico vivido e/ou pelo local de implementação do coreto, como é analisado no subcapítulo seguinte 3.1.2.

[179] Os Santos Populares é uma temática de festejos tradicional em Lisboa que ao longo dos anos, com ou sem coretos tem sido mantida. Ainda nos dias de hoje existem locais que utilizam os coretos fixos existentes para celebrar o Santo António, o São João e o São Pedro em seu redor.

Categorias de eventos	Festejos que utilizam coretos	Datas dos registos encontrados	Periodicidade do evento	Âmbito dos festejos
Iniciativas de Animação Cultural	Iniciativas de bandas civis	Desde a Implantação da República até à actualidade	Pontual	Popular
	Iniciativas de associações e colectividades			
	Comemoração do Dia Mundial da Música			
	Programas musicais da Câmara Municipal de Lisboa (Exemplo: *OutJazz*)		Cíclico	
	Outras artes: teatro e dança		Pontual	

As categorias de eventos apresentadas na Tabela 3 foram constituídas a partir das seguintes semelhanças existentes entre os festejos:

- **Celebrações religiosas –** As festas de carácter litúrgico decorriam por meio de procissões[180], círios[181] e romarias[182] de celebração a um santo, por exemplo, ao santo padroeiro da freguesia/paróquia. Por norma, à saída da igreja existia um ou dois coretos para as bandas tocarem música de carácter religioso e onde também decorria o arraial que podia ser prolongado por vários dias. Quando existiam dois coretos, as bandas tocavam ao despique[183]. No caso das procissões, a banda acompanhava a marcha até a chegada à igreja, para de seguida se instalar no coreto. A função que cabia à música cumprir era o embelezamento da cerimónia e «(…) o empréstimo de uma maior opulência ao acto religioso»[184]. Estes eram festejos de ampla participação popular, a sua maioria paroquianos daquela igreja e/ou fiéis ao santo que era celebrado.
- **Festejos públicos da Monarquia –** Este grupo apresenta os momentos comemorativos dos acontecimentos monárquicos. Iniciativas pontuais realizadas no espaço público da cidade, que contavam com a presença da família real portuguesa.
- **Concertos semanais –** Programas musicais organizados pela Câmara Municipal de Lisboa ou por entidades privadas, como por exemplo a Associação da Imprensa Portuguesa que explorou várias vezes o primeiro coreto do Jardim da Estrela[185]. que se repetiam semanalmente e ao longo de todo o ano, com a participação de vários agrupamentos musicais. As actuações decorriam principalmente nos coretos fixos, nos dias de descanso

[180] Marcha solene de carácter religioso.

[181] Festa de romagem a algum santuário.

[182] Peregrinação a algum lugar religioso. Festa de arraial.

[183] BESSA, Rui – As Bandas Filarmónicas em Portugal: Contributos para um enquadramento histórico. MOTA, Graça [et. al] – **Crescer nas Bandas Filarmónicas: Um estudo sobre a construção da identidade musical de jovens portugueses.** Porto: Afrontamento, 2009. p. 27.

[184] LEITÃO, Rui Miguel Ribeiro de Campos – **A ambiência musical e sonora da cidade de Lisboa no ano de 1890**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2006. 310f. Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Musicais na especialidade de Musicologia Histórica. p. 68.

[185] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p.103 e 104.

semanal (domingos, sábados e feriados) e em alguns lugares nos dias úteis, como às quartas-feiras[186] e quintas-feiras[187]. Os concertos, que tinham a duração de duas horas, aconteciam sobretudo durante a tarde, havendo um horário de Inverno e outro de Verão e, geralmente, a festa terminava com o pôr-do-sol. Noutros casos e, principalmente nos meses de Verão, eram organizados festivais nocturnos. Estes momentos musicais tanto podem corresponder a objectivos oficiais, como populares, as diferenças verificam-se nos interesses do período histórico vivido, do local do coreto e da entidade que organizava os concertos.

- **Exposições –** Eventos de iniciativa comercial que tinham o objectivo de divulgar os produtos existentes numa determinada área de mercado. O ambiente era preenchido por outras atracções, como a música dos coretos, que mantinham a animação do recinto. As exposições estavam sujeitas ao pagamento de um ingresso de entrada.
- **Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas –** Festejos de carácter pontual que aconteciam para celebrar o aniversário de uma data histórica, cujos acontecimentos tenham influenciado a história do país ou para homenagear alguma personalidade nacional desaparecida, que em vida tenha contribuído para o desenvolvimento de uma área científica ou cultural. Por vezes, os momentos comemorativos, sobretudo os centenários, decorriam ao longo de todo o ano em que se celebrava a data do acontecimento/personalidade, através de diferentes iniciativas (arraiais e feiras, concertos, festivais, etc.). Por exemplo, durante o 4.º Centenário da Índia foi realizada uma feira inserida nos festejos da comemoração, a chamada Feira Franca que se concretizou no topo da Avenida da Liberdade.
- **Festejos de cariz solidário –** Estas celebrações tinham o objectivo de angariar fundos para instituições de cariz social. Decorriam em formato de bazares e quermesses, para a venda de produtos e de divertimentos, cuja verba alcançada revertia a favor de obras de caridade. Eram eventos sobretudo frequentados pela população mais endinheirada, que tinha o interesse de reverter parte do seu capital para planos de cariz solidário.
- **Arraiais e Feiras de Verão –** Este género de festejos aconteciam, anualmente, nos meses de Verão. A maioria dos arraiais era organizada em honra dos Santos Populares (Santo António, São Pedro e São João), num ambiente preenchido por petiscos e pelo baile animado ao som coreto. As feiras eram festejos idênticos aos arraiais, que tinham também barracas de divertimentos (teatro, sortes, fantoches, etc.) e outras bancas de venda de produtos diversos[188], onde apesar do forte carácter económico tinham presente a música de coretos

[186] (referente ao coreto do antigo Jardim Zoológico) «O *Guia do Jardim*. publicado no mesmo ano, informa que aos Domingos, Quartas-feiras e dias santos haverá música no parque.» SILVA, Fernando E. da, - **História do Jardim Zoológico de Lisboa.** Lisboa, [s.n.], 1965. p. 65.

[187] (referente ao coreto da Praça José Fontana) «A partir de 1948 passa também a haver música às Quintas-feiras, tocando ainda a banda da Guarda Nacional Republicana» - RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 141.

[188] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 24.

armados e/ou fixos. Eram acontecimentos bastante populares, podendo ser ou não cobrado bilhete de entrada.

- **Iniciativas de Animação Cultural –** o grupo é constituído pelas actuações musicais que compõem os festejos de temáticas particulares, como a comemoração do aniversário de uma banda civil e outros espectáculos de várias áreas (música, dança, teatro) promovidos pelos locais onde existem coretos fixos, exemplo disso foram as Recreações dos Passeios Românticos Lisboetas (1955 e 1971), realizados no coreto do Jardim da Estrela que tinham o objectivo de evocar a Lisboa Romântica e o Passeio Público. Actualmente, realizam-se concertos, em vários coretos da cidade, como por exemplo: em comemoração do Dia Mundial da Música; rodas de capoeira no coreto do Jardim da Estrela e nos meses de Verão, os coretos são ocupados pela música jazz – *Out Jazz* – uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, com o apoio de empresas privadas. Estas iniciativas são da responsabilidade das Juntas de Freguesia, da Câmara Municipal e/ou de grupos privados, começaram a estar mais presentes na cidade a partir da revolução republicana, que encorajou as manifestações musicais para a formação do cidadão, tornando a actividade dos coretos cada vez mais aberta a toda a sociedade.

A música tornou-se uma das presenças comuns entre os diferentes tipos de eventos na cidade, sendo cada vez menos aceitável assistir a uma festa, a um discurso ou a um desfile sem que a banda marcasse o ritmo dos acontecimentos[189].



Figura 19 – Pavilhões na Quermesse da Ajuda, Tapada da Ajuda, Lisboa, em 1884. Enrique Casanova, aguarela sobre papel

Nos concertos semanais eram sempre utilizados coretos, pois a banda privilegiava a utilização deste equipamento no espaço público, mas devido à falta de registos é difícil precisar a regularidade dos concertos que também variava de local para local, de coreto para coreto. Porém, é possível afirmar qual foi o primeiro coreto a ter concertos aos domingos (coreto fixo do antigo Passeio Público) e que

189 RACALBUTO, Bruno – **Les Kiosques a Musique de la ville de Geneve: Etude historique et architecturale.** Genebra: Ville de Genève, Maio 2005. Disponível em WWW: <URL: http://www.ville-geneve.ch/fileadmin/public/Departement_2/Publications/Kiosques-a-musique-Etude-historique-ville-Geneve.pdf> [Consult. 17 Outubro 2011]. p. 19.

os últimos registos que noticiam programas musicais semanais são referentes ao actual coreto da Praça José Fontana. Também os diferentes eventos de animação cultural eram, inicialmente, organizados por bandas civis, que foram apoiadas pelo novo regime a promover concertos[190] e saraus em coretos armados e fixos, sendo difícil precisar qual o período em que mantiveram a sua actividade por serem iniciativas pontuais que podiam ocorrer uma ou mais vezes por ano. Nos últimos tempos, as iniciativas que são promovidas pela Câmara Municipal de Lisboa ou com o seu apoio, tendem a abranger outras áreas das artes – dança e teatro, - como é exemplo o grupo de capoeira, Grupo Capoeira – Perseveração da Mandinga[191], que promove encontros no coreto do Jardim da Estrela.

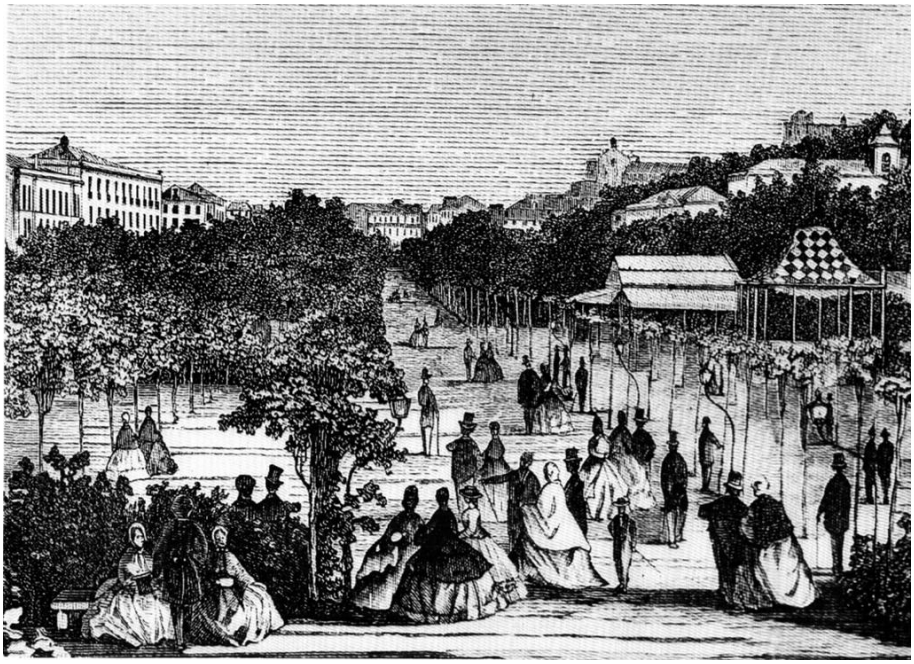


Figura 20 – Ilustração da sociedade no Passeio Público. Coreto com a cobertura pintada em losangos, em 1863

Os coretos foram utilizados nos diferentes eventos da cidade sobretudo na época de final do século XIX e início do século XX, sensivelmente entre 1880 e 1930, como demonstra o Diagrama 1 apresentado nos Anexos 3. Após este período existe um declínio cada vez maior da sua utilização, especialmente na década de 1960, em que os novos meios de comunicação (rádio e televisão) encontraram maior destaque, a poluição sonora das grandes cidades apresentou um aumento substancial e assistia-se ao aumento do número de músicos por banda, o que limitava as capacidades do coreto. Historicamente, o país encontrava-se em plena Guerra Colonial (1961-1974), o que provocou a diminuição da actividade das bandas e o desinteresse geral pelas ocasiões festivas, sendo que a par disso as bandas civis também viviam um período de opressão e controlo da sua actividade.

190 «Com a instauração da República surge uma preocupação pela educação musical do povo, defendendo-se várias vezes, nas sessões da Câmara, o interesse de se realizarem concertos musicais gratuitos, não só nos locais onde existem coretos mas, mandando armar durante os meses de Verão coretos nas principais praças da capital – Rossio e Praça do Comércio.» RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 161.

191 Grupo Capoeira – Perseveração da Mandinga informações disponíveis em WWW: <URL: http://preservacaodamandinga-pt.blogspot.pt/2008/10/videos.html> [Consult. 10 Julho 2012]

«Durante o Estado Novo a estabilidade das Filarmónicas foi gravemente afectada porque as politicas restritivas e de isolamento levaram, por um lado, a que muitos jovens emigrassem à procura de melhores condições de vida e, por outro, milhares de outros fossem, a partir da década de 60, enviados para combater na Guerra Colonial. Estes dois factores conjugados causaram uma grande redução do número de músicos, originando uma crise que levou à diminuição da actividade em algumas Bandas e mesmo ao encerramento de outras.

O Estado teve, nesse período, uma atitude pouco clara para com muitas Bandas. Uma das virtudes destes agrupamentos foi a sua integração maioritária no associativismo independente. Por esta razão, nem sempre beneficiaram do apoio do Estado Novo enquanto, por outro lado, as que estiveram ligadas a instituições de estrutura corporativa (Casas do Povo, Centros Recreativos) e sob dependência da FNAT (Federação Nacional para a Alegria no Trabalho) usufruíram de alguma atenção estatal. Não terá sido só o estatuto de independência dessas Bandas que limitou a ajuda do Estado, mas também a razão histórica da sua ligação ao programa político/cultural do liberalismo português no sentido da laicização das festas. (…)»[192]

Contudo, durante o período em que a música se afirmou nos coretos pela sua presença festiva e capacidade de instrução (1880-1930), houve a necessidade de adaptar os locais às actividades de recreio e de sociabilidade, de forma temporária ou permanente, adequando as suas características ao carácter dos festejos.

3.1.2 Locais de implementação dos coretos e os seus eventos

As diferenças existentes entre os locais de implementação de coretos centralizam-se numa característica comum «uma zona aberta ao convívio social», tal como refere Pedro Bebiano Braga:

«O coreto – necessitando de um espaço amplo que permitisse a instalação de uma esplanada para a assistência, um recinto para, eventual, dança e, ainda deixando corredores para livre circulação dos transeuntes – era colocado em zonas verdes, parques e jardins, numa intima clareira, ou no fim de uma alameda, fechando a perspectiva, preferencialmente gozando de sombra, ao abrigo do arvoredo; em áreas de densa malha urbana, praças e avenidas, centrando um arranjo urbanístico, influenciando a sua disposição, no risco de uma placa ajardinada, em um talhão, criando, sempre, uma zona aberta ao convívio social.»[193]

Para a realização de actividades sociais, como os momentos comemorativos anteriormente apresentados, é necessário procurar espaços que se adequem às características dos festejos. Como foi analisado no capítulo 1, a qualidade e boa adequação do espaço à realização das actividades por

[192] BESSA, Rui – As Bandas Filarmónicas em Portugal: Contributos para um enquadramento histórico. In MOTA, Graça [et. al] – **Crescer nas Bandas Filarmónicas: Um estudo sobre a construção da identidade musical de jovens portugueses.** Porto: Afrontamento, 2009. pp. 22-23.

[193] BRAGA, Pedro Manuel Bebiano Diniz Ferreira – **Mobiliário Urbano de Lisboa 1838-1938**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1995. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. pp. 121-122

ele sugeridas, são factores de atractividade e que contribuem para o sucesso do planeamento temporário ou definitivo do local.

Nas situações temporárias, o local escolhido para armar o coreto devia ser planeado conforme as novas e antigas actividades ali presentes, por exemplo, em 1898, durante a quermesse organizada na Rua do Almada, foi criado um coreto em forma de ponte (desenhando um arco)[194], que facilitou a instalação da banda, enquanto a rua se mantinha livre e de fácil circulação.

No caso dos projectos definitivos, os coretos fixos de Lisboa surgem inseridos nos novos planeamentos urbanísticos de «inspiração *haussmanniana*»[195], em que o coreto adquire a função de centrar o arranjo urbanístico das áreas de arvoredo – jardins, praças e avenidas –, ao mesmo tempo que atribui novas funções de recreio às zonas urbanas. A construção de coretos fixos também é proposta pelos moradores e bandas locais, que pretendiam ter um espaço definido para a realização de festejos, ficando o projecto a cargo da Câmara Municipal de Lisboa ou da própria banda. Existem ainda coretos fixos construídos no âmbito de espaço privado, que mais tarde se torna público, sendo o coreto aproveitado para as necessidades do novo contexto do local. Foi o caso do Jardim Zoológico[196], primeiramente, inserido no Parque de São Sebastião da Pedreira (1884-1894) e mais tarde, na Quinta das Laranjeiras (desde 1905), espaços de utilização privada que com a implementação do novo jardim passaram a ser de uso público, incluindo os seus coretos, tendo sido adaptados ao contexto de actividades públicas do jardim, sem serem alvo de alterações construtivas, apenas obras de manutenção, da responsabilidade da Sociedade do Jardim Zoológico.

Na escolha dos locais para a realização dos eventos e, consequente, implementação de coretos, era necessário considerar o carácter dos festejos e as suas necessidades, para a devida localização dos festejos no próprio espaço da cidade. Com o objectivo de demonstrar as diferenças e semelhanças dos locais de implementação de coretos, procedeu-se à recolha dos registos existentes através da análise da obra *Coretos em Lisboa: 1790-1990*, de Eunice Relvas e Pedro Bebiano Braga; do Arquivo Municipal de Lisboa e das mais recentes publicações periódicas realizadas sobretudo pela Câmara Municipal de Lisboa e Juntas de Freguesia.

A par disto, procedeu-se ao reconhecimento da área de ocupação territorial da Câmara Municipal de Lisboa, desde o terramoto de 1755 à actualidade, para a devida localização dos coretos implementados na zona de Lisboa. A cidade joanina, destruída pelo terramoto de 1 de Novembro, era sobretudo definida pela sua zona ribeirinha, onde a população se concentrava pela proximidade aos recursos do rio, situação que foi sendo alterada. Em 1812, a Planta Geral da Cidade de Lisboa mostra-nos que a cidade é limitada a sul pelo Tejo e os limites terrestres são feitos pela zona de Alcântara e

194 ACML-AC; Rep. Técnica. *Livros d e Processos*, Proc. n.º 13781, cota actual 1641. In RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p.41.

195 BRAGA, Pedro Manuel Bebiano Diniz Ferreira – *Op. cit.,* p.124.

196 História do Jardim Zoológico – Parque de São Sebastião da Pedreira e Quinta das Laranjeiras, - em Anexo 2.

Necessidades, Coração de Jesus, Amoreiras, Arroios, Penha de França e Santa Apolónia (Figura 21). Tal como Marília Abel refere «é a primeira grande integração das zonas rústicas na cidade, já no período da industrialização»[197], ficando ainda de fora o concelho de Belém e Olivais.



Figura 21 – Plano Geral da Cidade de Lisboa em 1812. F. Constantino

Já em 1871 é publicada *Carta Topographica da Cidade de Lisboa*, reduzida da que foi levantada de 1856 a 1858, na escala de 1:1000, sob a direcção do general Filipe Folque, uma das mais importantes referências para a posterioridade. Nos extremos da cidade à beira rio temos a zona de Santo Amaro e a Calçada do Grilo, enquanto para norte a cidade é limitada por Prazeres, Campo de Ourique, Campolide, São Sebastião da Pedreira, não estando ainda incluída a zona de Chelas (Figura 22).



Figura 22 – *Carta topographica da cidade de Lisboa*, reduzida da que foi levantada na escala de 1:1000 em 1856 a 1858, sob a direcção do general Filippe Folque, Director Geral dos Trabalhos Geodésicos, publicada em 1871

[197] ABEL, Marília – As Festas de Lisboa: Marchas Populares. In Revista **Olisipio, o Boletim do grupo "Amigos de Lisboa",** II série. nº3, (Outubro a Março). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1996. p. 79.

No início do século XX, em 1903, a área da capital é definida no formato que perdura até à actualidade, partindo de Algés, alcançando Benfica e terminando na zona dos Olivais. Mais tarde é realizado o *Plano Director de 1938-1948* que marcou o início de uma profunda reforma da administração municipal, trazendo novas possibilidades jurídicas, técnicas e financeiras, indispensáveis à urbanização da capital.

> «(…) Os serviços existentes foram reorganizados em 1938 e foram feitas nomeações de pessoal para o estudo e revisão dos grandes problemas que se impunham à administração municipal. Foram traçadas as grandes linhas de comunicação e delimitados os terrenos de forte implantação de construção nova. Foi também travada a iniciativa privada no sentido de não ser permitida a construção de bairros já previstos mas que poderiam vir a comprometer o desenvolvimento urbanístico futuro. Foi ainda criado um fundo especial para a construção em terrenos rurais ou com construções precárias.»[198]

Nesse mesmo Plano Director de Urbanização de Lisboa é apresentada a planta de Lisboa (Figura 23), onde se verifica que a cidade se estende pela zona da Encarnação e Moscavide.

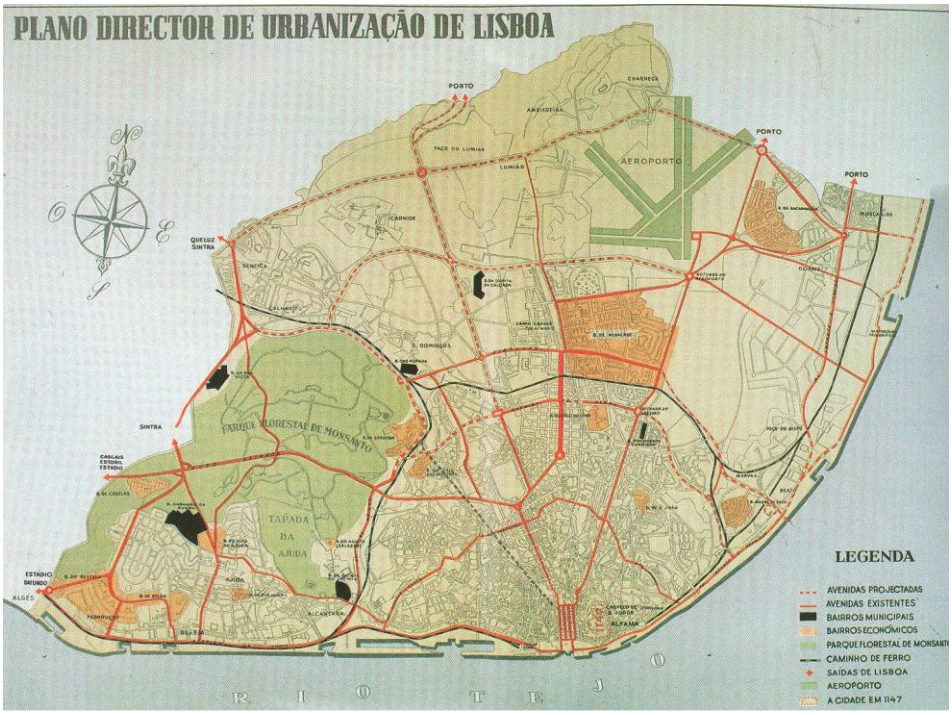


Figura 23 – Plano Director de Urbanização de Lisboa de 1938-1948

Na actualidade o mapa de Lisboa mantém a configuração de 1948, apenas surgiram mais e novas infraestruturas, associadas ao desenvolvimento urbano. A área da Câmara de Municipal de Lisboa encontra-se dividida em 53 freguesias, apresentadas na Figura 24.

---

198 CAMARINHAS, Catarina Teles Ferreira; BRITO, Vasco (co-autor) - **Elementos para o estudo do Plano de Urbanização da cidade de Lisboa (1938)**. Publicado em "Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa", 2007. Disponível em WWW: <URL: http://www.academia.edu/178248/Elementos_para_o_estudo_do_Plano_de_Urbanizacao_da_cidade_de_Lisboa_1938_ > [Consult. 27 Agosto 2012]. p. 165.

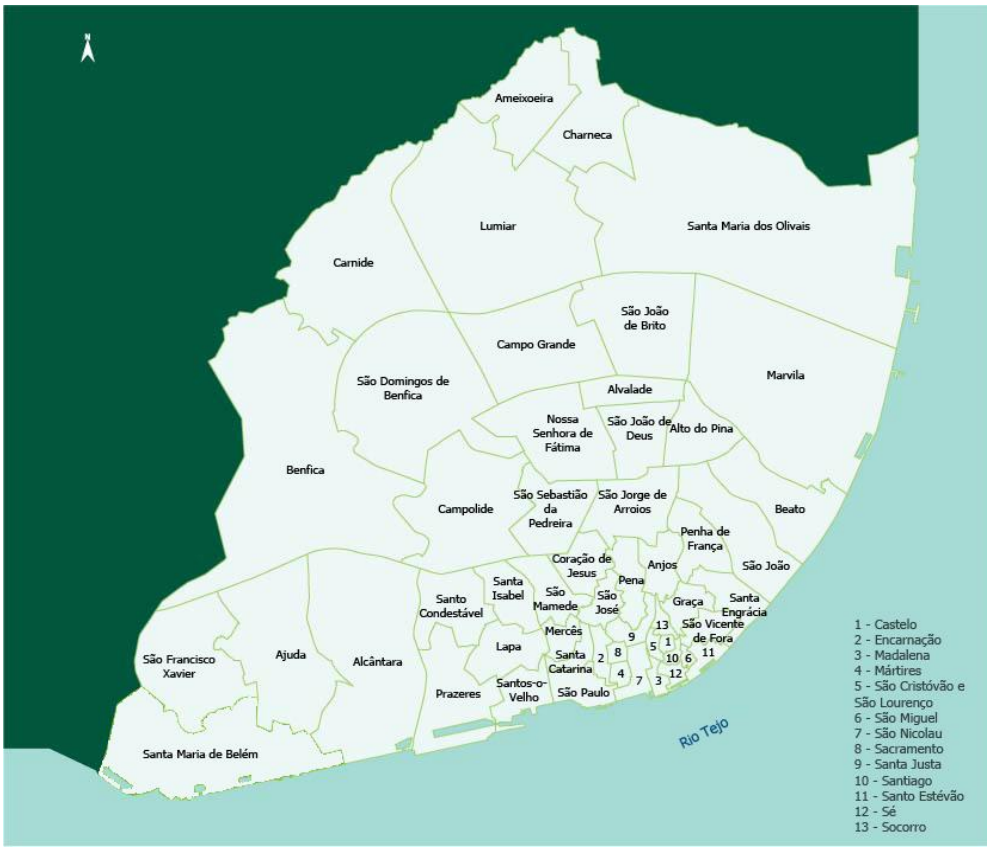


Figura 24 – Mapa das Freguesias de Lisboa

Com base nos registos históricos encontrados nos suportes anteriormente referidos, foi desenvolvida uma tabela (Anexos 4), com o objectivo de demonstrar quais os locais mais utilizados para cada categoria de eventos, fazendo corresponder os eventos que utilizaram coretos aos seus locais de implementação. Para a correcta localização de cada lugar no espaço lisboeta, os locais são apresentados segundo as suas designações actuais e distribuídos pelas suas actuais freguesias, sendo que alguns dos locais referidos, são bastante extensos e por esse motivo a sua localização chega a percorrer duas freguesias diferentes, como é o caso da Avenida da Liberdade, que se divide na Freguesia de Coração de Jesus e na Freguesia de São José. Por esse motivo, realizou-se o reconhecimento do espaço dos festejos realizados na Avenida da Liberdade e local de implementação do coreto, para uma correcta identificação do sítio e da freguesia correspondente.

Na Tabela 2 dos Anexos 4 procede à enumeração e contagem dos eventos em cada local, embora os totais apresentados representem uma contagem figurativa da realidade, devido aos dados encontrados poderem ser uma ínfima parte das utilizações de coretos que na realidade existiram e por certos registos não permitirem precisar o número de vezes que o local e os coretos foram utilizados (eventos de carácter cíclico), que poderiam ou não decorrer no mesmo espaço, assim como recorrer ou não à utilização de coretos. Através da referida tabela também é possível verificar qual o tipo de espaço mais utilizado para a implementação de coretos armados e fixos (arruamentos; jardins e parques; junto à entrada das igrejas; largos, praças e pracetas), com o objectivo de proceder à análise das suas diferenças e motivos de inserção.

Assim, através da observação e análise dos dados encontrados, constata-se as categorias de eventos de âmbito oficial (Festejos públicos da Monarquia (1808-1905), Exposições (1864-1944) e Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935)), a sua maioria ocupou locais pertencentes às seguintes freguesias:

- Alcântara;
- Anjos;
- Coração de Jesus e São José;
- Lapa;
- Madalena;
- Mártires;
- Pena;
- Santa Justa;
- Santa Maria de Belém;
- Santo Condestável;
- São Nicolau;
- São Paulo;
- São Sebastião da Pedreira;
- Sé.

As restantes categorias de eventos (Festejos de cariz solidário (1884-1923), Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012), Celebrações religiosas (1894-1914) Iniciativas de animação cultural (1910-2012)) consideradas de âmbito popular decorreram sobretudo nas freguesias de:

- Beato;
- Benfica;
- Carnide;
- Charneca;
- Coração de Jesus e São José;
- Encarnação;
- Marvila;
- Mercês;
- Nossa Senhora de Fátima;
- Prazeres
- Santa Maria dos Olivais;
- São Paulo;
- São Vicente de Fora.

A categoria de eventos referente aos concertos semanais surge pela necessidade oficial ou popular de existirem actividades culturais e de lazer no dia-a-dia da sociedade, alheios aos acontecimentos festivos, onde a música do coreto é o veículo desse processo cultural. Os concertos semanais aconteciam em contexto oficial, quando existiam interesses da parte das instituições estatais em associarem-se à promoção deste género de iniciativas, como por exemplo, para por motivos de exaltação nacional, enquanto as temporadas musicais de âmbito popular estavam relacionadas com os interesses da população local e das bandas e filarmónicas, que promoviam os concertos. No entanto, verifica-se que os concertos semanais acontecem sobretudo inseridos nas freguesias dos locais de coretos fixos, onde a acompanhar estes, por vezes, eram armados coretos temporários, enquadrados

no cenário de passeio e densamente arborizado. A música nos coretos integrou o quotidiano das populações e do espaço público, provando que a música não é um privilégio das classes privilegiadas, pois foi inserida em várias freguesias de coretos fixos, alguns ainda existentes, sendo elas:

- Benfica;
- Campo Grande;
- Coração de Jesus e São José;
- Encarnação;
- Lapa;
- Nossa Senhora de Fátima;
- Santa Maria de Belém;
- Santa Maria dos Olivais;
- São Domingos de Benfica;
- São Jorge de Arroios.

Os concertos promovidos nos coretos provocam a constituição de um espaço democratizado, onde as classes médias e mais desfavorecidas se encontram e se comportam de forma similar, factor que comprova os valores da vida citadina criados nos finais dos anos XIX.

Os concertos musicais começaram por ter lugar no coreto do Passeio Público e, pelos registos encontrados, tudo indica que o último coreto a ter um vasto programa de música semanal foi o 2.º Coreto da Praça José Fontana, no período de 1947 a 1957, durante o qual participaram várias bandas militares, possivelmente com o objectivo de exaltar os valores patrióticos em vésperas do conflito nas províncias ultramarinas (1961-1974). A Praça José Fontana era igualmente um espaço privilegiado por se localizar nas imediações de instituições importantes (Liceu Camões) e próximo das habitações de famílias ricas, que por ali faziam os seus percursos diários, assim como um vasto grupo de trabalhadores que todos os dias se deslocava ao centro da cidade. Os concertos semanais do coreto da Praça José Fontana representam um exemplo do âmbito oficial dado a estes encontros musicais, constituídos com o intuito de exaltar a pátria. Nos coretos do adro da Igreja da Nossa Senhora do Amparo de Benfica e da Praça da Viscondessa dos Olivais, os concertos de domingos conheciam um âmbito mais popular, promovidos pelas bandas locais, Sociedade Euterpe Musical de Benfica e Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense, respectivamente.

A partir do mapa (Figura 25) constata-se que a maioria dos eventos oficiais de Lisboa tinha lugar nas freguesias mais centrais e antigas da cidade, possivelmente por ser nesta zona que se concentram os principais organismos públicos, os monumentos históricos e os lugares de prestígio, como a Avenida da Liberdade, a Praça do Comércio, etc. Os eventos populares ocorrem tanto nos lugares centrais da cidade como na zona periférica, porém é de salientar que ainda hoje são bastante comuns os festejos populares nos coretos fixos das freguesias de Carnide, Charneca e Santa Maria dos Olivais.

> «Nas áreas periféricas de Lisboa predominavam os arraiais, que não pressupunham uma estrutura organizativa permanente. Assim acontecia em Benfica, onde os bailes apareciam associados às

cavalhadas e a outras manifestações lúdicas; assim sucedia no Lumiar, na Porcalhota, no Campo Grande.

A partir de data incerta, mas com um nítido impulso depois de 1870, expande-se o gosto pelos chamados "bailes campestres", efectuados ao ar livre, os quais constituíam uma das mais agradáveis diversões dos meios populares da capital durante o Verão.»[199]

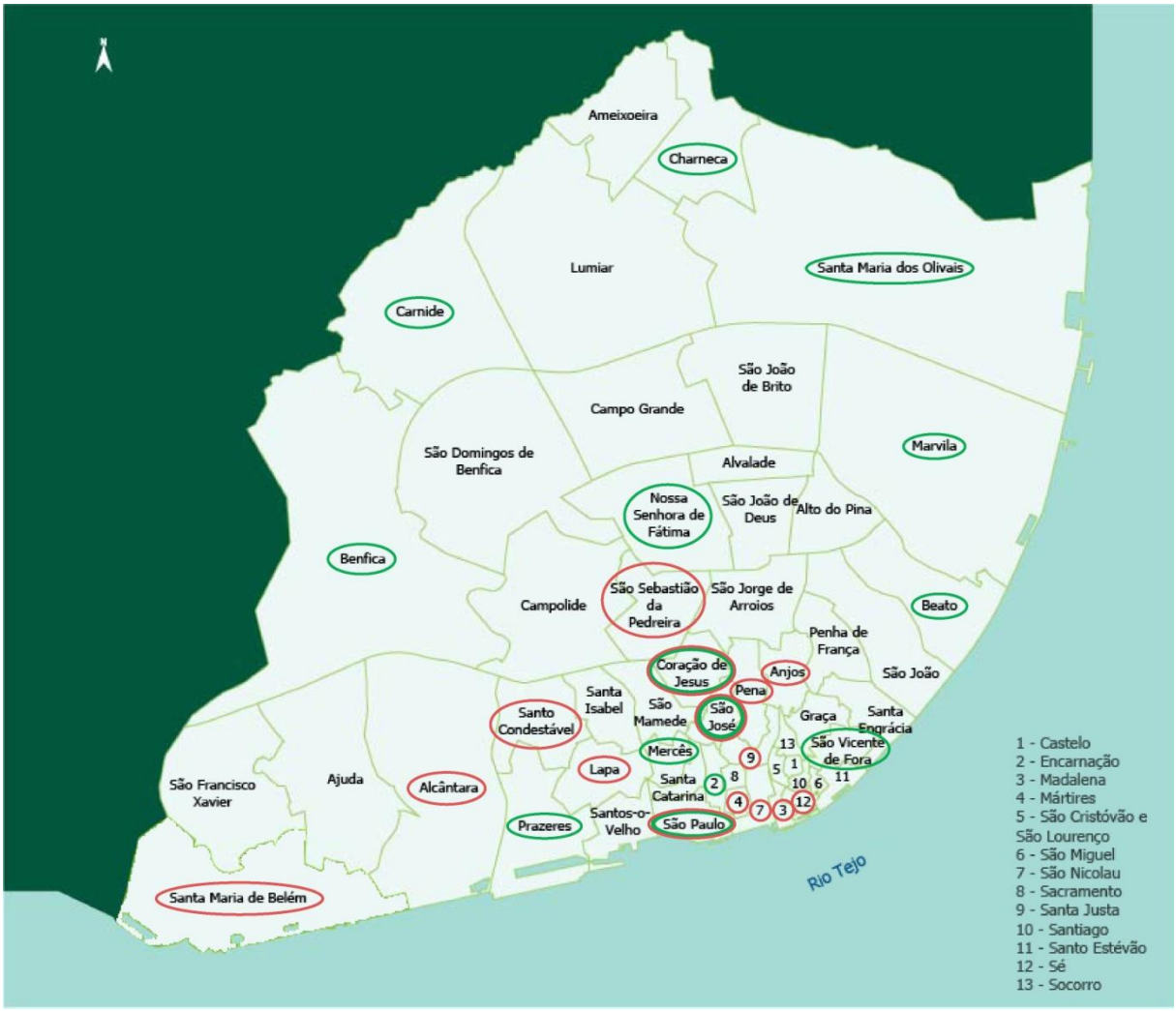


Figura 25 – Mapa das freguesias de Lisboa mais utilizadas na implementação de coretos.
Legenda: ■ - Freguesias mais utilizadas nos eventos oficiais; ■ - Freguesias mais utilizadas nos eventos populares.

Também deve ser referenciada a importância dos locais da freguesia de São Paulo, nos eventos oficiais e populares. As ocasiões oficiais, que tinham lugar nesta freguesia, aconteciam principalmente durante as visitas de outros chefes de estado, que por norma, percorriam as ruas da freguesia de São Paulo, como a Avenida 24 de Julho, até à Praça do Município, onde eram recebidos pelo rei português e o presidente da Câmara de Municipal. Nestas ocasiões eram armados coretos ao longo do percurso e nos eventos populares, armavam-se coretos nas praças e largos mais próximos das populações.

[199] MATTOSO, José (direc.); TORGAL, Luís Reis (coord.); ROQUE, João Lourenço (coord.) [et al.] – **História de Portugal: O Liberalismo (1807-1890)**. Vol. 5. Lisboa: Editorial Estampa, Junho de 1998. p. 449.

As freguesias de Coração de Jesus e São José partilham entre si a localização da Avenida da Liberdade, que juntamente com a Praça do Marquês de Pombal, representam a zona com maior número de utilizações de âmbito oficial e popular, possivelmente por serem espaços mais centrais, ligados a vários pontos da cidade, e por serem espaços amplos permitem a organização de eventos que necessitem da utilização de diferentes estruturas de apoio às diferentes atracções, como a montagem de mais do que um coreto e bancas de divertimentos. Exemplo disso foi o arraial minhoto, organizado durante a visita de Afonso XIII de Espanha a Lisboa, em 1903, um evento de grande envergadura que teve lugar na Avenida da Liberdade onde foram armados 8 coretos, para além do coreto fixo existente neste espaço, e um outro coreto foi armado na Praça Marquês de Pombal. Um espaço de grandes dimensões, de fácil acesso para cidadãos e turistas, aliado ao facto de ser uma das principais avenidas da cidade, – o *boulevard* lisboeta – que, com ou sem arraial, teria de ser ponto de visita do chefe de estado espanhol.

Outro caso particular aconteceu com o coreto da Praça Afonso de Albuquerque, construído sob a responsabilidade da Câmara Municipal de Belém, que era o município ao qual pertencia a praça e o coreto. Com as alterações dos territórios dos concelhos, efectuadas em 1885, o coreto da Praça Afonso de Albuquerque passou a pertencer à Câmara Municipal de Lisboa, que manteve o coreto existente, mas cancelou o projecto de construção de um segundo coreto no mesmo espaço, planeado pela Câmara Municipal de Belém, por não se enquadrar nos objectivos e orçamento da nova Câmara.

Na análise apresentada (Anexos 4) e através dos dados históricos investigados é possível verificar que os coretos armados são construídos para inserir música nos festejos, enquanto os coretos fixos, inseridos no planeamento urbanístico do espaço, apenas integram algum evento quando este se enquadra com as características do local. Porém, é de realçar que os coretos do adro da Igreja de Nossa Senhora do Amparo de Benfica e da Praça da Viscondessa dos Olivais foram construídos, após vários anos a armar coretos na zona e através do pedido realizado pelos moradores e pelas bandas locais.

Os locais onde eram inseridos os coretos armados, também eram utilizados no sentido de aproveitar as potencialidades do espaço na criação de cenários criativos e originais, exemplo disso é o coreto em forma de barco, da responsabilidade da Associação da Imprensa Portuguesa, que foi montado no centro do lago do Jardim da Estrela. A Associação da Imprensa Portuguesa que, durante os meses de Junho e Julho de 1909, organizou os festivais nocturnos do Jardim da Estrela, construiu este coreto de grandes dimensões, com o objectivo de promover a actuação de ranchos numerosos, vindos do norte do país, numa forma original e inovadora na construção de coretos, ao mesmo tempo que houve um novo enquadramento do lago do jardim no ambiente dos concertos (Figura 26)[200]. Este é um exemplo que demonstra que os coretos armados eram construídos de uma forma mais livre, sem

[200] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* pp. 103-104.

referências a um formato modelo, adaptando-se à temática dos festejos, como é desenvolvido ao longo do subcapítulo 3.3.

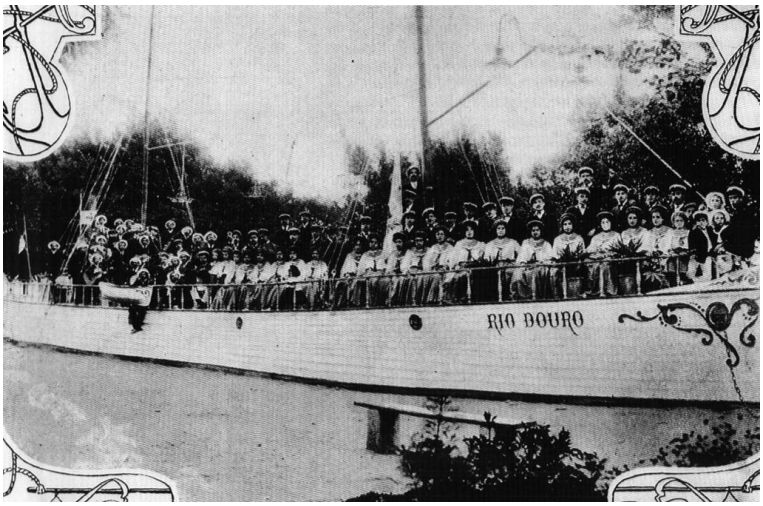


Figura 26 – Coreto barco. Festivais nocturnos da Associação da Imprensa de Lisboa, no Passeio da Estrela em 1909.

Os coretos armados e fixos ocupam diferentes espaços da cidade de Lisboa. Os coretos fixos, que integram a estrutura dos locais, surgem sobretudo inseridos nos novos espaços verdes criados ou durante o processo de requalificação de algumas áreas da cidade. Já os coretos armados são sobretudo inseridos em espaços amplos de largos, praças e pracetas, como também são várias vezes construídos em arruamentos espaçosos, por norma locais temporariamente adaptados aos festejos. A Tabela 4, construída a partir dos dados da tabela anterior (Anexos 4) comprova a realidade afirmada:

Tabela 4 – Contagem dos coretos armados e fixos, nos espaços de Lisboa

	Coreto armado	**Coreto Fixo**
Arruamentos (ruas, avenidas, travessas e becos)	34	2
Jardins e Parques	10	12
Junto à entrada das igrejas	9	1
Largos, Praças e Pracetas	39	8
Total	92	23

No processo de escolha do local dos eventos, animados pela música dos coretos, também era procurado algum simbolismo perante a temática dos festejos, por exemplo devido ao percurso histórico do local. As comemorações do aniversário do 1.º de Dezembro (1880-1890), apenas se realizavam na Praça dos Restauradores, por ser o espaço onde se encontra o monumento de homenagem aos homens que em 1640, restauraram a independência portuguesa, pondo fim ao domínio Filipino em Portugal. Também nas celebrações religiosas é possível observar uma situação idêntica à anterior, pois os festejos apenas faziam sentido nos arredores da igreja que promovia as celebrações.



Figura 27 - Ilustração do Programa das Festas da Cidade de Lisboa em 8, 9, 10, 11, 2 e 13 de Junho de 1934

A análise apresentada permite comprovar que os coretos eram considerados um dos principais polos de animação dos festejos, onde muitas vezes era necessário haver espaço para a dança e construção de outras estruturas de apoio. As características do local, como as suas dimensões e capacidade de adaptação, deviam adequar-se às necessidades dos festejos. Por exemplo, os eventos de âmbito religioso eram dirigidos aos fiéis de um determinado santo ou paróquia, um grupo muito local e pequeno comparativamente à extensão de interessados nos festejos oficiais da cidade, como a comemoração de acontecimentos/personalidades históricas, que eram acontecimentos acessíveis a todos os habitantes e turistas de Lisboa e por esse motivo se tinham de realizar em locais mais centrais e de grandes dimensões. Após a selecção do local do evento e conforme as necessidades verificadas, eram utilizados coretos armados ou fixos. A construção de coretos armados estava bastante dependente dos acontecimentos festivos, tanto a nível formal como para definir o seu período de existência. As organizações de festejos que utilizavam coretos armados elaboravam o seu formato e decoração consoante a temática dos festejos, e o coreto permanecia inserido no espaço durante o período das celebrações. Os coretos fixos construídos para integrar um novo ou renovado plano urbanístico, não estavam dependentes da existência de festejos na cidade, sendo executados consoante os seguintes factores:

- Responder às necessidades e vontade dos moradores e/ou banda local;
- Centralizar e melhorar o arranjo urbanístico dos espaços verdes;
- Promover novas actividades num local;
- Substituir um coreto degradado.

Os espaços com coretos fixos acolhiam os eventos que se enquadravam com as características do local, como as suas dimensões e público previsto. Por vezes, o espaço e o coreto eram alvo de

decorações mais elaboradas e podiam receber mais do que uma banda no mesmo evento, que tocavam alternadamente, o que também acontecia nos concertos semanais.



Figura 28 - Decoração do coreto do Jardim da Estrela, em 1960

A música nos coretos de Lisboa provocava a participação das pessoas nas actividades do espaço público. Os eventos de Lisboa, a sua música e os seus coretos eram comentados por vários elementos da sociedade e o tema era apresentado nos periódicos da época, o que demonstra qual a importância do ambiente vivido em redor dos coretos para a sociedade.

3.1.3 Impacto na sociedade

Os festejos de Lisboa foram desde cedo um tema tratado e comentado pelos jornais da época, que descreviam o ambiente da festa e que, por vezes, desenvolviam algumas críticas mais mordazes. A música era tida como elemento de atracção, que despertava o interesse de grande parte do público que acorria aos festejos, como aconteceu na 3.ª Exposição Agrícola de 1884, que teve lugar na Tapada da Ajuda, cuja organização foi severamente criticada.

> «Ninguém contestará que este concurso philarmonico desafina e não pouco da indole da exposição agricola o facto de quase não haver villa ou aldeia mais imporante que não tenha a sua philarmonica (…) não creio que possa justificar aquelles prémios pecuniarios (…). E não se julgue que sou adverso aos concursos musicaes: (…) mas tudo tem o seu logar e a sua opportunidade. Não me convencem tao pouco as razões allegadas – chamar a concorrência das populações suburbanas, attrahir o publico da capital que parece esquecido da exposição. (…) ninguém me poderá convencer de que o concurso

philarmonico se torna indispensável para se conhecêr do progresso agricola do paiz, da situação da agricultura e do seus futuro.»[201]

Os acontecimentos ocorridos na 3.ª Exposição Agrícola apenas demonstram um dos lados da opinião pública. A música das bandas e sua participação no espaço público foi um tema amplamente discutido e que dividia as opiniões sociais. No periódico *Pontos nos ii*, de 15 de Janeiro de 1891 é referido por Irean a importância que a festa e o entretenimento têm para as classes trabalhadores e mais desfavorecidas, não só pela necessidade de distracção mas também para o ensino e transmissão de valores culturais à sociedade.

«O povo quer e necessita divertir-se, tanto ou mais do que as classes preponderantes, porque o seu trabalho é mais áspero, e os seus esgotos d'acção, mais contundentes. Quer e necessita distrahir-se, porque a distracção é uma das valvulas de segurança da vida, um tónico do systema animal, incomparavel, que repara a canceira, areja e dispõe para as labutas do dia immediato. E é necessario que o povo obtenha distracções sem grande esforço d'imaginação, nem sacrifícios, e que para o costeio d'ellas os governos lhe não exijam despesas com que o seu selario não pode, e metamorphoses de habitos e gostos, que a tradicção lhe inveterou secularmente.

Convenho que se lhe sequestre o vicio, e se lhe vá canalisando a attenção, quanto possível, para espectaculos d'onde o seu espirito recolha algumas parcelas de cultura e ensinamento. Mas sem violência, e propósitos de substituir, por coisas inuteis, antigos recreios de todo o ponto salubre e amoraveis. (…)»[202]

O tema tratado no jornal *Pontos nos ii* foca a necessidade dos divertimentos populares, o que vai de encontro a um outro comentário realizado no ano anterior, em 1890, quando as bandas civis de Lisboa foram proibidas de manter a sua regular actividade, supostamente por andarem a ensaiar e a tocar a marcha *A Portuguesa*, uma situação que evidencia a importância dada às bandas da época, capazes de influenciar as opiniões.

«A população ainda até hoje se não queixou contra as philarmonicas, nem ellas são tantas que a toda a hora, em todos os largos e ruas, se encontre uma tocando; pode-se dizer mesmo que os passeios das sociedades musicaes quasi que são raros, e, quando se realisam, todos gostam porque veem pôr uma nota alegre e estridente n'este viver de frade a que Lisboa esta condemnada. Não havia, pois, motivo para que o sr. governador civil prohibisse mais este uso da liberdade.

Diz-se que o que provocou mais este escusado auctoritarismo foi o terem vindo os espiões que [auxiliam] o governo civil contar que em todas as philarmonicas se estava ensaiando a Portugueza. Mas o que tem isso? A Portugueza é uma marcha bem feita, sob o ponto de vista musical, por um

[201] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – Os Coretos em Lisboa: 1790-1990. p. 33 retirado de ALMEIDA, J. Veríssimo - «Chronica», Revista da Exposição Agrícola de Lisboa, Lisboa, 1884, (4), p.127.

[202] IREAN – Feiras, toiros e hortas. Da publicação Pontos nos ii, de 15 de Janeiro de 1891, p. 18

> músico tão pouco revolucionário que até é commendador e que não se converterá em hymno de revolta senão no dia em que a prohibirem.»[203]

O artigo contestatário que figurou no jornal *O dia*, a 25 de Abril de 1890, permite verificar que ainda eram pouco comuns os hábitos musicais nos passeios lisboetas, apesar de serem bastante apreciados, ainda estavam confinados às classes que frequentavam o Passeio Público e mais tarde a Avenida da Liberdade, o Jardim da Estrela, o Jardim Zoológico e o Passeio de Belém. Contudo, o sentido de liberdade e instrução marca o debate da época, por um lado defende-se que as bandas e as suas actuações são um factor de progresso civilizacional, e por outro estas eram apontadas como formas de conspiração política. Um sentido que foi desvalorizado num artigo de 1908, escrito por quem se coloca no lugar de espectador.

> «(…)É dos regeneradores ou a dos progressistas? Seja qual fôr, tanto faz ao caso. É a filarmónica! A politica póde ter musica, mas a musica é que não tem politica. Euterpe é extrapartidária. Tanto nos faz que a filarmónica seja a União e Capricho, que anda toda a noite a tocar quando os amigos do Meyrelles venceram as eleições, como seja a Reciprocidade e Harmonia, que anda a tocar toda a noite se o triumfo foi todo para a gente do Araujo.
> Toquem elles na perfeição, que é o que a gente quer.»[204]

Neste sentido, e segundo Vítor Vladimiro Ferreira, ao lisboeta não faltava «(…) o gosto pelo ar livre, pelos amontoados de gentes, batendo o pezinho, ondulando de riso com a pequena festa dos sentidos que a música do coreto despertava.»[205], o que desde cedo também atraiu o interesse de intelectuais e artistas. Eça de Queirós[206] e Ramalho Ortigão[207] utilizaram o coreto como um dos elementos presentes nas suas obras literárias.

> «D. Felicidade quis então saber as horas. Começava a enfastiar-se. Tinha esperado encontrar o conselheiro: por ele, para lhe parecer bem, fizera o sacrifício de se apertar; Acácio não vinha, os gases começavam a afrontá-la; e o despeito daquela ausência aumentava-lhe a tortura da digestão. Na sua cadeira, com o corpo mole, ia seguindo a multidão que girava incessantemente, numa névoa empoeirada.
> Mas a música, no coreto, bateu de repente, alto, a grande ruído de cobres, os primeiros compassos impulsivos da marcha do "Fausto". Aquilo reanimou-a. Era um pot-pourri da ópera – e não havia música de que gostasse mais. (…)»[208]

---

[203] Periódico "O dia" – 25 de Abril de 1890. In LEITÃO, Rui Miguel Ribeiro de Campos – *Op. cit.,* pp. 171-172.

[204] MESQUITA, Alf. de – Filarmónicas. **Serões** n.º33 Março, 1940, Lisboa. p.181.

[205] FERREIRA, Vítor Vladimiro – Uma outra Lisboa, em busca dos coretos desaparecidos. **Jornal Letras**, 18 de Maio de 1993. p. 12

[206] **José Maria de Eça de Queirós** (1845-1900). Escritor português, foi autor, entre romances de reconhecida importância.

[207] **José Duarte Ramalho Ortigão** (1836-1915). Escritor português.

[208] QUEIROZ, Eça – **O Primo Basílio, Episódio doméstico**. Obras completas de Eça de Queiroz, 1.ºvolume. Lisboa: Círculo de Leitores, Fevereiro de 1980. A primeira edição foi publicada em 1878. p.97.

Na actualidade, o coreto continua a ser alvo de comentários, embora tenha em si associado outro género de preocupações relativas ao seu desuso e a sua devida integração no espaço urbano. O maestro António Victorino de Almeida, em 2006, desenvolve o seguinte comentário:

> «(…) considero que a existência de coretos e de toda a sua simbologia, como lugar de congregação popular, não deveria prender-se exclusivamente à música das bandas, e desde há muitos anos que luto – ainda que sempre em vão, há que dizê-lo… - por um projecto de dinamização desses locais, no sentido de também aí se realizarem concertos com outros repertórios, mormente música de câmara. (…)
>
> O coreto é, por excelência, um local em torno do qual as pessoas – voluntária e conscientemente – se reúnem para ouvir música, e é animador verificar que algo se tem feito pela sobrevivência desse elemento cultural.
>
> Mas há também que acrescentar que não basta garantir que eles sobrevivem, pois é preciso fazer algo de lúcido e de eficaz para que eles vivam!»[209]

As sugestões apresentadas pelo maestro têm vindo a ser aplicadas em Lisboa, principalmente desde que a iniciativa *Out Jazz* surgiu em 2005, através da promoção de concertos de jazz gratuitos em alguns coretos fixos existentes em Lisboa. A iniciativa que tem vindo a decorrer todos os anos reúne pessoas de todas as idades, algumas já fãs de jazz e outras que escutam pela primeira vez este estilo musical, mas que não perdem a oportunidade de usufruir dos momentos de lazer.

Os artistas plásticos também não descuidaram o coreto. Almada Negreiros[210] e Bernardo Marques[211] pintaram o coreto nas suas obras, Rafael Bordalo Pinheiro[212] e Celso Hermínio[213] caricaturaram alguns coretos de Lisboa, assim como outros tantos artistas que evidenciaram o coreto como elemento da cultura urbana.

Os temas abordados nos periódicos e pelos artistas da cidade estavam principalmente atentos às formas invulgares dadas aos coretos armados, uma construção que era fruto da liberdade criativa dos seus projectistas. Um desses casos aconteceu em 1903, na Praça do Município, durante a visita do rei Eduardo VII, onde foram armados dois coretos iguais (Figura 30), colocados um de cada lado do pelourinho da praça, que Rafael Bordalo Pinheiro comparou a um saleiro e a um pimenteiro,

---

209 ALMEIDA, António Victorino – Os coretos do distrito de Leiria (prefácio). In CARVALHO, Delmar Domingos de - **Os Coretos do distrito de Leiria**. Leiria: INATEL, 2008. pp. 9-10.

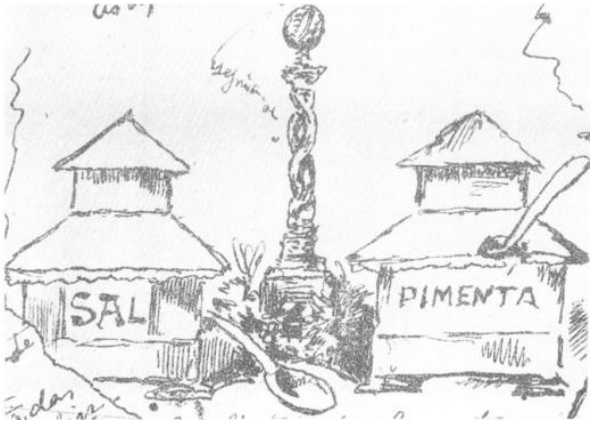
210 **José Sobral de Almada Negreiros** (1893-1970). Artista multidisciplinar português, dedicado às artes plásticas (desenho, pintura, etc.) e à literatura, na escrita de romances, poesia, ensaios e dramaturgia. É um dos principais modernistas portugueses.

211 **Bernardo Loureiro Marques** (1898-1962). Pintor, ilustrador e artista gráfico português. Autor de uma vasta e multifacetada obra que lhe confere um lugar de destaque na arte portuguesa do século XX.

212 **Rafael Augusto Prostes Bordalo Pinheiro** (1846-1905). Artista português, precursor do cartaz artístico em Portugal, ilustrador, decorador, caricaturista político e social, jornalista, ceramista e professor. Principalmente, ligado à caricatura portuguesa, à qual deu um estilo próprio que a levou a uma visibilidade nunca antes atingida. É o autor da representação popular do Zé Povinho, que se veio a tornar num símbolo do povo português.

213 **Celso Hermínio de Freitas Carneiro** (1871-1904). Conhecido apenas por Celso Hermínio, foi caricaturista, humorista e ilustrador, colaborador de diversos periódicos de Lisboa, Porto e Brasil. Autor de múltiplos cartazes e ilustrações, como os cartazes de peças de teatro.

intitulando a obra de «o galheteiro do Largo do Pelourinho»[214], publicada no periódico *A Paródia* (Figura 29).



29



30

Figura 29 – «O galheteiro do Largo do Pelourinho». Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, 1903

Figura 30 – Coretos armados na Praça do Município, durante a visita do rei Eduardo VII, em 1903



Figura 31 – Brincadeiras no coreto do Jardim da Estrela, em 2011

Mas é através dos coretos fixos que se encontra o maior impacto na sociedade, visto que estes equipamentos são uma presença permanente no local, provocando a implementação de novos hábitos no espaço, primeiramente, através da criação de dias de espectáculo e, posteriormente, tornando-se uma presença indispensável à vida do lugar, que é apropriada por novas utilizações, por exemplo, como centro de brincadeiras das crianças.

Na sociedade actual continua a existir interesse público pelas iniciativas promovidas nos coretos de Lisboa, como referiu, em 2001, o à data vereador do pelouro do Ambiente e Espaços Verdes da

[214] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p.63.

Câmara de Lisboa, Manuel Figueiredo, que a realização de acções culturais e lúdicas ao ar livre cativa os munícipes da cidade, como provou, a cerimónia de inauguração do restauro do Jardim da Estrela «(…) contou com uma forte afluência popular»[215].

3.2. Coretos armados e fixos de Lisboa

A arquitectura dos coretos é conhecida pelas suas diferentes características formais e construtivas que definem o carácter temporário ou definitivo do coreto. Como ficou demonstrado no capítulo anterior (Capítulo 2), a verificação do processo construtivo do coreto permite reconhecer o orçamento despendido, a sua importância urbanística e os eventos em que era utilizado.

Tal como nos restantes países da Europa, a construção de coretos em Lisboa encontra-se relacionada com o próprio desenvolvimento da arquitectura do ferro e progresso industrial, que fez despertar as classes sociais. Os coretos de Lisboa são um dos resultados de uma cultura de desenvolvimento de mobiliário urbano que começa a surgir no séc. XIX.

> «(…) Mobiliário que satisfizesse as suas diversas necessidades: de protecção com os marcos e as grades, dotando-se de uma zona própria; de iluminação e segurança com os candeeiros; de beber com os chafarizes e os bebedouros, ou simplesmente de refresco com as fontes de repuxo; de repouso com os bancos; de recreio com música nos coretos; de pequeno comércio com os quiosques; de informação com os variados suportes para a publicidade; de higiene com os urinóis e os chalets-retrete; de transporte com os postes e as paragens; de comunicação com os marcos de correio ou as cabines telefónicas – entre outros mais.»[216]

Na construção de coretos, tanto armados como fixos, é interessante constatar as preocupações existentes na sua adaptação formal e funcional ao espaço de implementação e/ou ao tema do evento festivo, onde em muitos casos eram montadas outras estruturas de apoio aos festejos, havendo a preocupação de compor todo o cenário de elementos[217]. São sobretudo os coretos armados que se adaptam à temática dos festejos, visto que são de construção temporária, que facilmente é restruturada, por exemplo, através da colocação de novos ornamentos para obter o efeito desejado. No caso dos coretos fixos, o seu aspecto formal é mantido ao longo dos anos, sendo alvo de manutenção e remodelação esporádica. Quando necessário, o espaço dos coretos fixos é arranjado e adaptado às necessidades do público e dos eventos musicais que ali têm lugar, por exemplo, por meio de decorações temporárias e iluminação para os concertos nocturnos.

---

215 FONSECA, Ana – Animação cultural em coretos e jardins. **Jornal de Notícias**, 5 Maio 2001. p. 26.

216 BRAGA, Pedro Bebiano – O Desenho de Móveis para Lisboa. **Arte Teoria**. N.º5 (2004). Lisboa, 2000.p. 64.

217 RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p.153.

3.2.1 Características de construção dos coretos de Lisboa

As diferenças construtivas existentes entre coretos armados e fixos, consideradas ao longo do Capítulo 2, são igualmente verificadas nos coretos de Lisboa. Segundo Eunice Relvas e Pedro Bebiano Braga, nas construções temporárias predomina a utilização das madeiras, tecidos e materiais pouco duráveis. Por sua vez, as construções definitivas apostam em materiais mais resistentes e duradouros, comumente utilizados em outros equipamentos inseridos no meio urbano.

Os mesmos autores afirmam que os coretos armados e fixos, uma vez que estão inseridos no espaço público de Lisboa, são na sua maioria propriedade da Câmara Municipal de Lisboa, que os constrói e mantém, permitindo o seu empréstimo, aluguer ou venda a outras entidades, como comissões de festas, associações e cooperativas, sociedades e grupos recreativos. Noutros casos, a própria entidade privada executava o projecto de coreto, na sua maioria de carácter temporário, para o utilizar nos festejos por si promovidos e as vezes que desejasse. Contudo, os acontecimentos festivos da cidade tinham sempre de obter a autorização da Câmara Municipal, para ser estabelecida a devida licença de exploração do espaço público.

Os coretos armados, pertencentes à Câmara Municipal de Lisboa, faziam parte do depósito camarário de materiais decorativos, disponibilizados para as festas da cidade, existindo ornamentos como: bandeiras, escudos, galhardetes, mastros e coretos[218]. O empréstimo ou aluguer destes materiais era efectuado mediante a apresentação de uma requisição à Câmara que, após apreciação, era deferida ou indeferida. Nos critérios de avaliação dos pedidos eram consideradas as condições do espaço, onde a organização pretendia instalar as estruturas, a disponibilidade do material solicitado e a qualidade do carácter dos festejos. O maior número de pedidos à Câmara Municipal para armar coretos na cidade, aconteceu no final do século XIX e principalmente no início do século XX, tal como é possível conferir através da pesquisa realizada no Arquivo Municipal de Lisboa (Anexo 1), sendo provável que para além destes registos existam muitos mais que se perderam.

Eunice Relvas e Pedro Bebiano Braga defendem na sua obra *Coretos em Lisboa: 1790-1990*, que os coretos armados ou «volantes», como são intitulados por estes autores, têm entre si diferentes características formais e de utilização, que formam quatro categorias de coretos armados, sendo elas[219]:

- Coreto Tosco – Coretos de estrutura simples, todo construído em madeira, com estrado elevado e de variados formatos poligonais limitados com parapeito de protecção, cujos extremos são adornados com mastros de bandeiras e/ou tecidos. Normalmente, este género de coretos não apresenta cobertura. É o tipo de construção produzido por particulares (comissões de moradores, colectividades, associações religiosas e de beneficência), por ser

[218] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano –*Op. cit.,* p. 15.

[219] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 17-80.

simples e económico, sendo sobretudo utilizado em festas de participação popular, como: celebrações religiosas e arraiais e feiras de Verão;

- Coreto Cuidado – Coretos que apresentam uma forma mais cuidada do que a tipologia anterior, com a utilização de materiais mais diversificados. São coretos com cobertura, onde, a par da base e da grade de protecção, se concentram os elementos decorativos (sobretudo, pinturas e tecidos). É a originalidade e criatividade dos ornamentos alusivos às temáticas dos eventos, que distingue este coreto, geralmente, utilizado em eventos cíclicos e que necessitam do pagamento de entrada, permitindo gastos mais alargados na construção do coreto. Estes eventos promovidos por particulares, que em alguns casos contam com o apoio do estado, são: exposições e festejos de cariz solidário;
- Coreto de Aparato – Este grupo de coretos é idêntico ao anterior, com a diferença dos exemplares que existiram, serem bastante caracterizadores da temática dos festejos, juntando um tom exótico e divertido, o que por vezes fez com o que coreto deixasse de ter o seu formato habitual. A responsabilidade destas construções estava associada ao nome de um projectista/arquitecto, normalmente contratado pela Câmara Municipal de Lisboa ou por uma entidade privada, sendo a obra executada pelas oficinas camarárias ou por empresas de festejos. Apesar de serem coretos construídos para uma ocasião em concreto, eram à mesma reutilizados nos eventos oficiais;
- Coreto Tribuna – Por volta de 1908[220], surge uma nova função dada aos coretos, a de tribuna/palanque de discursos, associada aos movimentos republicados. Com o grupo Coreto Tribuna não surgiram novas construções de coretos, apenas eram utilizados os coretos armados existentes para colocar os protagonistas dos discursos num ponto mais elevado do que a assistência.

Não foram encontradas outras classificações de coretos elaboradas por outros autores. No caso do presente estudo, esta divisão de coretos armados, serve apenas como uma referência descritiva das características formais e funcionais dos coretos, sendo que a categoria Coreto Tribuna representa uma nova função dada ao coreto que ainda não tinha sido verificada. Embora, estas utilizações tenham menos interesse para a investigação realizada, por não irem ao encontro das exposições de música ao ar livre, é de salientar que já nesta época foram dadas novas funcionalidades ao equipamento, distanciando-o da música.

As descrições de coretos armados analisadas demonstram que em Lisboa foram criadas construções temporárias de formas inovadoras: pandeireta, tambor, esfera armilar, etc. e embora a lira e outros símbolos musicais continuem a ser elementos predominantes, na decoração surgem outras figuras, indicadoras da temática dos festejos, como remos, âncoras, relógios, moinhos de vento, torres, redes

[220] Corresponde a um dos primeiros registos desta realidade, o comício realizado na Avenida D. Amélia (actual Avenida Almirante Reis), a 28 de Junho de 1908. In *Ibidem.* p. 77.

de pesca, etc.[221] Exemplo destas preocupações foram os coretos armados na época de Carnaval, para o habitual corso da Avenida da Liberdade, que apesar de serem coretos de construção simples, tinham vários elementos decorativos de carácter cómico e símbolos que fazem lembrar as máscaras do Carnaval de Veneza (Figura 32).

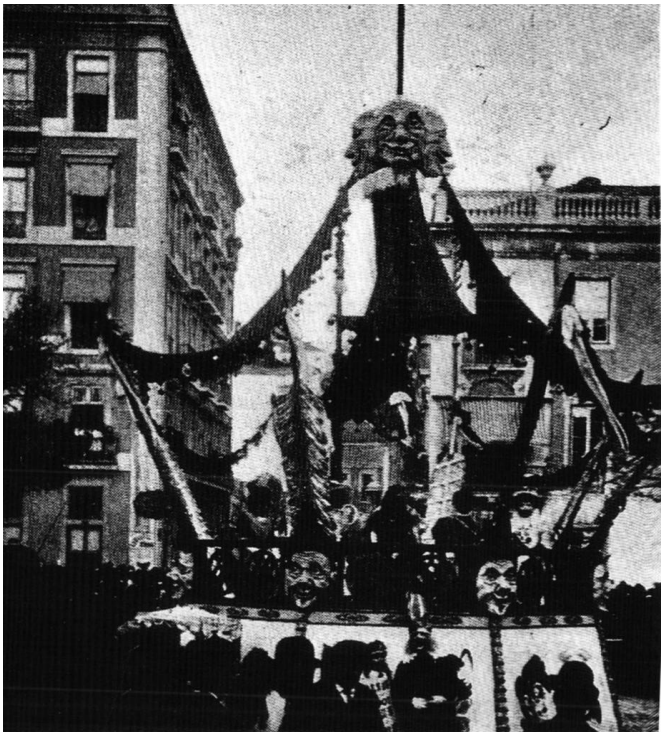


Figura 32 – Coreto armado na Avenida da Liberdade, no Carnaval de 1904

Um dos coretos de formato mais invulgar surgiu inserido nas celebrações do 4.º Centenário da Índia. José Luís Monteiro[222], projectista deste e de outros coretos da cidade de Lisboa, presenteou o tema dos 400 anos da descoberta do caminho marítima para a Índia, com uma representação de coreto em forma de esfera armilar (Figura 33), um instrumento de astronomia, utilizado na navegação, que se veio a tornar «(…) um símbolo manuelino de poder marítimo, político e económico associado às navegações»[223]. Eunice Relvas e Pedro Bebiano Braga defendem que «podemos ver nesta simbologia

221 RELVAS, Eunice – Bandas, Filarmónicas e Coretos Volantes. A Festa na Rua. In TAVARES, Maria José Ferro (coord.) [et al.] – **A Cidade: Jornadas inter e pluridisciplinares**. Lisboa: Universidade Aberta, Agosto 1993. p. 243.

222 **José Luís Monteiro** (1848-1942). Conhecido por Mestre José Luís Monteiro, aos 12 anos entrou na Real Academia de Belas-Artes de Lisboa. A partir de 1873 frequentou como bolseiro o curso das Beaux-Arts de Paris, onde teve a oportunidade de viajar pela Europa Central, tendo permanecido mais tempo em Veneza, Florença e Roma. Em 1880, regressou a Portugal e nesse mesmo ano tornou-se técnico da Câmara Municipal de Lisboa, cargo que manteve até à sua aposentação em 1909. De 1881 a 1929, foi regente da cadeira de Arquitectura Civil, na Academia de Belas-Artes de Lisboa. Em 1902, fez parte do grupo fundador da Sociedade dos Arquitectos Portugueses. O Chalet Biester, Sintra (188?), o Real Ginásio Club Português (1883), o Mercado central de Lisboa (1885), Sociedade de Geografia de Lisboa (1897), a Estação Central dos Caminhos-de-ferro de Lisboa, Rossio (1886-1997), Hotel Avenida Palace (1890-1892), Chalet Faial em Cascais (1896), Capela do Chalet Palmela, Cascais (1919), são alguns dos projectos de maior destaque deste arquitecto.

223 Ciência em Portugal, Episódios e Personagens – Esfera Armilar. Instituto Camões, 2003. Disponível em WWW: <URL: http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/d42.html> [Consult. 18 Outubro 2012].

de formas uma ideia de unidade do império português, num país que estava em crise»[224], o que torna interessante o debate sobre esta mensagem de união e patriotismo ser transmitida através do coreto. A estrutura de animação, que concentrava em si um elevado número de pessoas, nesta circunstância tomou a forma de um dos mais importantes símbolos portugueses, com o objectivo de transmitir uma mensagem de exaltação nacional.

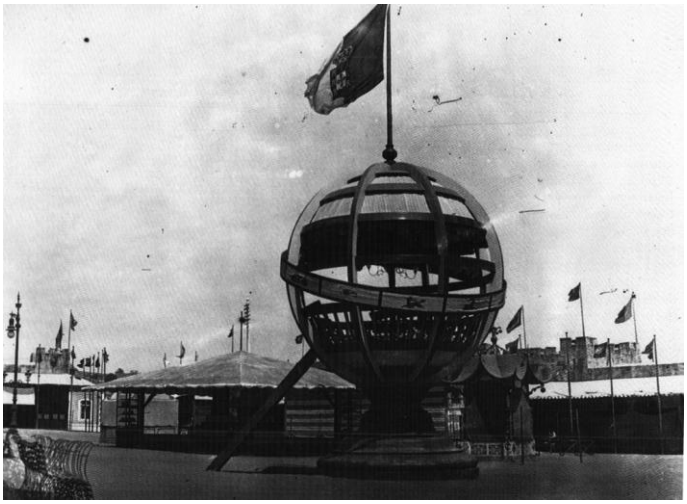


Figura 33 – Coreto esfera armilar. Armado na Feira Franca, no topo da Avenida da Liberdade. Centenário da Índia, em 1898.

Os temas dos festejos realizados eram um dos principais motivos de inspiração para os projectistas de coretos, como comprova o arraial minhoto organizado na Avenida da Liberdade, em 1903, durante a visita de Afonso XIII de Espanha ao estado português. Como anteriormente referido, ao longo da Avenida da Liberdade foram armados oito coretos rústicos, construídos em madeira e palha na cobertura (Figura 34), que completavam o cenário de arraial campestre, criado para mostrar um pouco das tradições rurais portuguesas.

No topo do espaço ocupado pelo arraial, na Praça do Marquês Pombal, foi inserido um coreto mais elaborado do que os restantes. O coreto, criado por Rafael Bordalo Pinheiro, é "caricaturado" através da forma de uma pandeireta (Figura 35), que figurava na base enquadrada por uma cobertura cónica, tipo chapéu-de-sol suportada por um pilar no centro do palco, de onde surgiam correntes preenchidas por lâmpadas de várias cores até aos mastros que delimitam a base em pandeireta.

> «Foi riscado por Rafael Bordalo Pinheiro, sugerindo a sua base uma enorme pandeireta coberta por um chapéu de sol (forrado interiormente de verde) decorado com uma rede de *pompons* vermelhos e amarelos, flores, festões e encimado por um globo electrificado onde assentava uma estatueta. Na pandeireta, ente os respectivos pratos metálicos, Rafael Bordalo Pinheiro desenhou pares de dançarinos populares, aproveitando para parodiar costumes portugueses e espanhóis. Assim, como

[224] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p.61.

habitualmente vinha a fazer noutras decorações suas, reinventou a forma deste efémero móvel urbano e caricaturando-o procurou suscitar o riso.»[225]

A escolha do formato do coreto seguiu a temática do arraial minhoto, que preencheu a Avenida da Liberdade com enfeites de «estrellas, pandeiretas e cestos de variadas cores, também em papel de seda, além d'outros balões simples, collocados nos frisos apropriados para esse efeito, em número de 200 para cada»[226].



Figura 34 – Coretos armados no arraial minhoto, Avenida da Liberdade. Visita de Afonso XIII de Espanha, em 1903

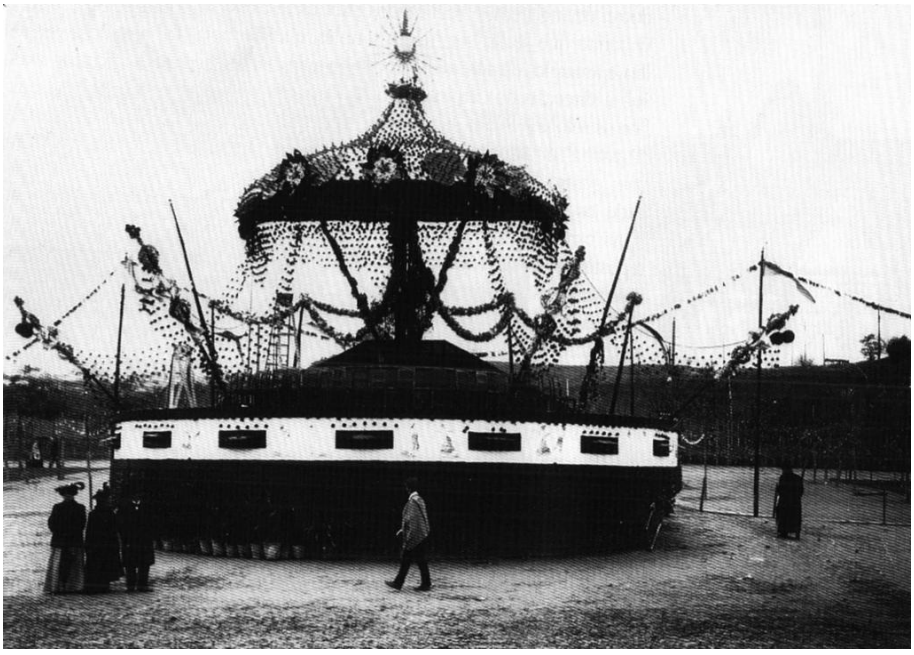


Figura 35 – Coreto pandeireta, na Praça Marquês de Pombal. Projecto de Rafael Bordalo Pinheiro. Visita de Afonso XIII, em 1903

[225] BRAGA, Pedro Bebiano – Cat. 156: Coreto na visita de Afonso XIII, Rotunda, Lisboa. In **Arte Efémera. Catálogo de Exposição do Museu Calouste Gulbenkian, 13 Dezembro de 2000 a 25 de Fevereiro de 2001** (Galeria de Exposição Temporárias do Museu). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Dezembro 2000. p. 412.

[226] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p.73.

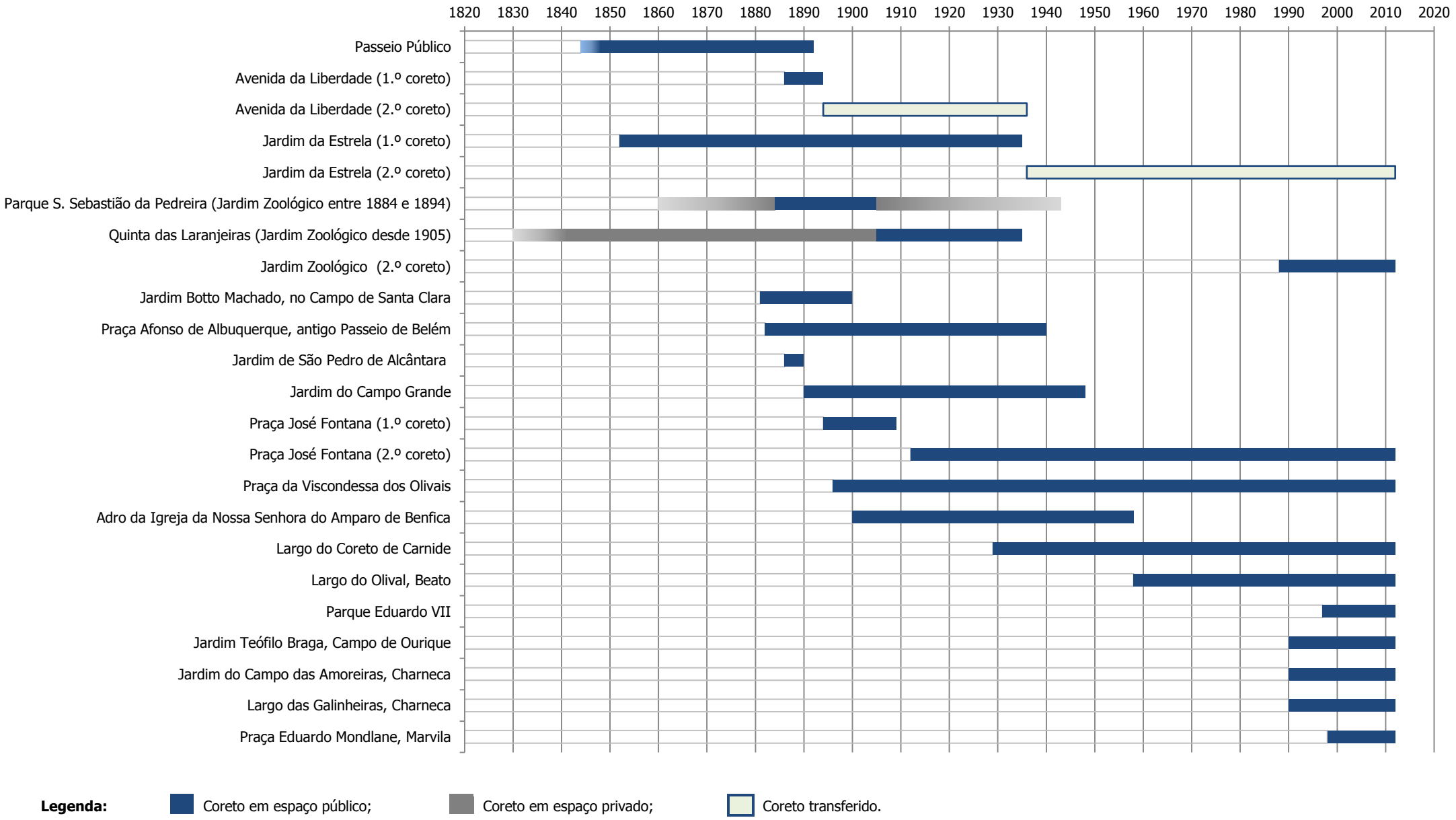
A iluminação nos coretos armados estava dependente da qualidade do coreto executado, sendo que um dos coretos armados que apresentou maiores cuidados na iluminação foi este coreto pandeireta de Rafael Bordalo Pinheiro, em que a própria cobertura é construída por fileiras de lâmpadas.

A partir dos exemplos apresentados, que representam uma ínfima parte dos coretos armados em Lisboa, é possível constatar que era vasta a originalidade construtiva dos coretos temporários, de modo que surgiram formas bastante exuberantes cada vez mais distantes das fórmulas que definem o formato clássico de coreto.

A par dos coretos armados, os coretos fixos eram muitas vezes utilizados nas mesmas ocasiões festivas, apesar de serem construídos para dar resposta a novas necessidades e apresentarem parâmetros estéticos distintos dos coretos armados. Tal como foi anteriormente referido, os coretos fixos permitem centralizar o plano urbanístico de um local e oferecer novas actividades ao espaço, do interesse das bandas e/ou moradores locais. A construção de um coreto fixo estava dependente do orçamento disponível e da realização de uma análise do local de implementação, para a melhor adequação dos materiais, dimensões e formato do coreto às possibilidades e necessidades verificadas. Por exemplo, foi devido à falta de verba que o coreto do Jardim de São Pedro de Alcântara foi construído com materiais menos duráveis, logo mais baratos, influenciando o curto tempo de existência deste coreto. Enquanto, o coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais foi construído na praça onde normalmente se realizavam os festejos da zona, nomeadamente organizados pela paróquia, vindo a estrutura permanente a substituir a montagem de suportes temporários.

No processo de análise da construção dos coretos fixos é, igualmente, necessário ter em conta o contexto em que foram construídos – espaço privado ou público, – mais concretamente, devido às realidades dos coretos dos dois espaços onde o Jardim Zoológico foi inserido, por meio de aluguer e compra, respectivamente, num parque e numa quinta (Parque São Sebastião da Pedreira e Quinta das Laranjeiras), que anteriormente eram de uso privado e passaram a ser públicos. Para apresentar estes factores foi elaborado um diagrama de tempo (Diagrama 1) que demonstra os períodos de existência de todos os coretos fixos de Lisboa e o seu percurso histórico em espaço privado e público.

Diagrama 1 – Percurso histórico dos coretos fixos de Lisboa



Através da análise do Diagrama 1 é possível constatar que foi no período de 1880 a 1920 que se construíram mais coretos na cidade (total de 11 coretos), o que coincide com a época em que se realizou um maior número de acontecimentos festivos, entre 1880 e 1930, e com o momento áureo das filarmónicas, que segundo o estudo apresentado em *História de Portugal: O Liberalismo*, decorreu no período de 1850 a 1890, tendo sido constituídas inúmeras sociedades musicais durante os anos 60 e 70 desse século[227].

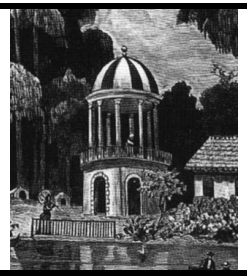
Na actualidade, já só existem dois desses onze coretos, o coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais e o coreto do Jardim da Estrela. No período anterior, sensivelmente entre 1840 e 1880 foram construídos quatro coretos, dois em espaço público e outros dois em espaços privados, que mais tarde se tornaram de carácter público, com a integração do Jardim Zoológico. No período posterior, entre 1920 e 1960, apenas foram construídos dois coretos, o de Carnide e o do Beato, ainda existentes nos dias de hoje. Durante este mesmo período, de 1935 a 1936 realizou-se a transferência do coreto da Avenida da Liberdade para o Jardim da Estrela. Era um jardim que precisava de um coreto para substituir o anterior, face a uma avenida que cada vez tinha maior tráfego automóvel e consequentemente, menos condições acústicas para música.

Nos anos seguintes não foram construídos mais coretos na cidade, voltando a existir novas construções no final dos anos 80 e durante a década de 90, com o registo de seis novos coretos, estando eles: no Jardim Zoológico (1988), no Parque Eduardo VII (1996), no Jardim Téofilo Braga, em Campo de Ourique (década de 1990), dois na freguesia de Charneca, no Jardim do Campo das Amoreiras e no Largo das Galinheiras (ambos da década de 1990), e em Chelas, na Praça Eduardo Mondlane, que segundo informações fornecidas pelo testemunho de Luísa Dias, funcionária da Junta de Freguesia de Marvila, o coreto foi construído por volta de 1998.

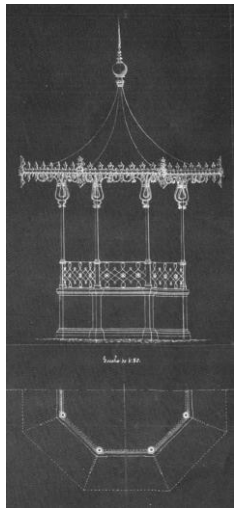
Ao precisar as épocas construtivas de cada coreto e através das representações a que foi possível ter acesso, poderam-se verificar as características construtivas e decorativas existentes, nomeadamente das suas partes estruturais – base, cobertura e escadas. Os aspectos decorativos e formais dos coretos fixos de Lisboa são demonstrados nas representações recolhidas (ilustrações, fotografias ou desenhos técnicos) e nos dados históricos analisados (Anexo 2), que permitem indicar na Tabela 5, as características formais e construtivas da base, da cobertura e das escadas dos coretos fixos de Lisboa, identificando os seus períodos de construção, segundo os dados do diagrama (Diagrama 1), de 1840 a 1880, de 1880 a 1920, de 1920 a 1960, de 1988 até à actualidade, entre 1960 e finais dos 1980 não existiram novas construções de coretos, possivelmente devido à redução da actividade das bandas militares e civis, causada pela opressão do Estado Novo e pela Guerra do Ultramar (1961-1974), que levou muitos elementos de bandas para a linha de combate nas antigas colónias

[227] MATTOSO, José (direc.); TORGAL, Luís Reis (coord.); ROQUE, João Lourenço (coord.) [et al.] – **História de Portugal: O Liberalismo (1807-1890).** Vol. 5. Lisboa: Editorial Estampa, Junho de 1998. p. 446.

Tabela 5 – Características construtivas dos coretos fixos de Lisboa[228]

Período	Coreto fixo	Representação	Ano da construção	Características construtivas							
				Base			Cobertura			Escadas	Outras particularidades
				Forma	Materiais	Acesso ao interior da base	Forma	Suporte	Materiais	Forma	
1840-1880	Coreto da Quinta das Laranjeiras (mais tarde 1.º coreto do Jardim Zoológico)		Anterior a 1841	Circular	Mármore	-	3 cones em sobreposição	8 colunas	Mármore e Ferro	-	Trepadeiras em redor da base.
	Coreto do Passeio Público		Cerca de 1848	Quadrangular	Pedra (alvenaria)	-	4 águas	14 colunas	Ferro	Dupla escada em V	Cobertura pintada com formatos geométricos.
	1.º Coreto do Jardim da Estrela	-	1852	Octogonal	Mármore branco	Uma porta de acesso	8 águas	8 pilares	Madeira	Escada exterior	-
	Coreto do Parque de São Sebastião da Pedreira (Jardim Zoológico entre 1884 e 1894)		Anterior a 1884	Circular	Pedra (alvenaria)	Uma porta de acesso	Cúpula	8 colunas	-	Escada exterior	-

[228] Todas as figuras apresentadas na Tabela 5 estão igualmente presentes e devidamente referenciadas no Anexo 2.

Período	Coreto fixo	Representação	Ano da construção	Características construtivas							
				Base			Cobertura			Escadas	Outras particularidades
				Forma	Materiais	Acesso ao interior da base	Forma	Suporte	Materiais	Forma	
1880-1920	Coreto do Jardim Botto Machado	-	1881	-	Pedra (alvenaria)	Estrutura da base aberta	-	-	Madeira	Escada exterior	-
	Coreto da Praça Afonso de Albuquerque		1881	Eneagonal	Pedra (alvenaria)	-	9 águas	9 colunas	Ferro	Escada exterior	Em 1902, foram inseridos novos ornamentos no gradeamento (9 liras em cada face e 9 brasões do município em cada coluna).
	Coreto do Jardim de São Pedro de Alcântara		1886	Octogonal	Madeira	-	8 águas côncavas	8 colunas	Zinco e ferro	Escada exterior	-
	1.º Coreto da Avenida da Liberdade	-	1886	-	Madeira	-	-	-	-	Escada exterior	-

Período	Coreto fixo	Representação	Ano da construção	Características construtivas							
				Base			Cobertura			Escadas	Outras particularidades
				Forma	Materiais	Acesso ao interior da base	Forma	Suporte	Materiais	Forma	
1880-1920	Coreto do Campo Grande		1890	Circular	-	-	8 águas côncavas	8 colunas	Tecido (?)	Escada exterior	-
	2.º Coreto da Avenida da Liberdade, actualmente situado no Jardim da Estrela		1894 (reconstrução entre 1935 e 1936)	Quadrangulares de cantos arredondados	Mármore (cantaria)	-	Bolbosa	16 pilares	Ferro e madeira	2 duplas escadas	No Jardim da Estrela tem canteiro em todo o redor do coreto.
	1.º Coreto da Praça José Fontana		1894	Quadrangular	-	Duas portas de acesso	4 águas côncavas	10 colunas	-	Dupla escada em V	Em redor do coreto havia um gradeamento que limitava um espaço plantado com arbustos.

Período	Coreto fixo	Representação	Ano da construção	Características construtivas							
				Base			Cobertura			Escadas	Outras particularidades
				Forma	Materiais	Acesso ao interior da base	Forma	Suporte	Materiais	Forma	
1880-1920	Coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais		1896	Quadrangular	Tijolo (cantaria)	- Uma porta de acesso	4 águas	4 pilares	Ferro e madeira	Inicialmente tinha uma escada no interior da base Em 1988, foi construída uma escada exterior	-
	Coreto do adro da Igreja de Benfica		1900	Octogonal	-	Sem acesso	8 águas côncavas	8 pilares	-	Escada exterior	-
	2.º Coreto da Praça José Fontana		1912	Octogonal	-	Uma porta de acesso Três portas de acesso a três divisórias	Bolbosa	8 pilares	Ferro	Inicialmente tinha uma escada no interior da base Na década de 1950, foi construída uma escada exterior em caracol	-

Período	Coreto fixo	Representação	Ano da construção	Características construtivas								
				Base			Cobertura			Escadas	Outras particularidades
				Forma	Materiais	Acesso ao interior da base	Forma	Suporte	Materiais	Forma	
1920-1960	Coreto no Largo do Coreto de Carnide		1929	Hexagonal	(cantaria)	Uma porta de acesso	(1.ª) Côncava	-	Ferro	Escada exterior	-
							Pirâmide hexagonal (1984)	6 pilares	Ferro e madeira		
	Coreto do Largo do Olival		1957	Trapézio	Betão armado	Sem acesso	Sem cobertura	-	-	Escada inserida no interior do palco	-
A partir de 1988	2.º Coreto do Jardim Zoológico		1988	Octogonal	-	Uma porta de acesso	8 águas côncavas	8 colunas	Ferro	(1.ª)Escada exterior (1988)	Actualmente, existe um canteiro de flores em redor de todo o coreto. As faces da base do coreto têm azulejos com cenas de animais
										(2.ª)Dupla escada em V (1991-2012)	
	Coreto do Parque Eduardo VII		1996	Circular	Betão armado revestido com pedra	Uma porta de acesso	Circular e convexa do lado interior	3 pilares mecânicos	Ferro e Madeira	Três degraus de acesso	A cobertura tem um mecanismo que permite a regulação da sua posição.

Período	Coreto fixo	Representação	Ano da construção	Características construtivas							
				Base			Cobertura			Escadas	Outras particularidades
				Forma	Materiais	Acesso ao interior da base	Forma	Suporte	Materiais	Forma	
A partir de 1988	Coreto do Jardim Teófilo Braga		Década de 1990	Octogonal	Betão armado revestido com pedra	Sem acesso	8 águas	8 pilares	Madeira e chapa de ferro na cobertura	Seis degraus na base	A base cria em redor do coreto uma espécie de bancada de dois lances.
	Coreto do Jardim do Campo das Amoreiras		Década de 1990	Hexagonal	-	Uma porta de acesso	6 águas	6 pilares	Telha e pedra	Escada exterior	As faces da base do coreto são revestidas com painéis de azulejos.
	Coreto do Largo das Galinheiras		Década de 1990	Circular	Betão armado	Sem acesso	8 águas	8 pilares	Ferro	Escada exterior	-
	Coreto da Praça de Eduardo Mondlane		Cerca de 1998	Circular	Betão armado	Sem acesso	8 águas	8 pilares	Ferro	Escada exterior	-

Características da base

O primeiro coreto fixo em espaço público surge no Passeio Público, e foi construído em base quadrangular. Para completar o sucesso deste primeiro coreto, surge o primeiro coreto do Jardim da Estrela, que veio estrear a construção de base em formato octogonal, uma das formas poligonais mais utilizadas na cidade de Lisboa a par do desenho circular. Nas primeiras construções (de 1840 a 1920) é comum serem construídas bases circulares e quadrangulares. Este último formato foi sendo cada vez menos utilizado, verificando-se a última construção em 1896, com o coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais. Quanto ao modo de construção e materiais da base, não existem inovações no caso lisboeta, sendo seguidas as indicações comuns à construção de coretos, explicadas no capítulo anterior (Capítulo 2) e verifica-se que a partir do século XX começaram a ser utilizadas as estruturas em betão armado, que normalmente é revestido com a aplicação de tinta, de mosaicos em pedra ou de painéis de azulejos decorativos.

> «Os materiais tradicionais, a pedra que acarretava um trabalho demorado e dispendioso, e a madeira muito acessível, mas efémera, vêem-se gradualmente suplantados pelas possibilidades plásticas de moldagem, durabilidade e economia do ferro, conjugando-se com o vidro, e, já no fim deste período, com a novidade do concreto.»[229]

Nos coretos construídos nos últimos anos verificam-se influências da azulejaria portuguesa, através da aplicação de painéis de azulejos nas faces da base, onde figuram cenas relacionadas com o local onde o coreto se insere. Nos azulejos do coreto do Jardim Zoológico surgem animais selvagens no seu habitat natural (Figura 36) e os painéis do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras, da autoria de José João Gonçalves, colocados durante o processo de recuperação do coreto, em 2001, mostram imagens da freguesia de Charneca e do outro coreto dessa mesma freguesia, situado no Bairro das Galinheiras (Figura 38).



Figura 36 – Azulejos do coreto do Jardim Zoológico, em 2011

[229] *Ibidem,* p. 82.



Figura 37 – Quadra de Ary dos Santos, no painel de azulejos do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras



Figura 38 – Azulejos do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras, em 2012

No conjunto de azulejos do Jardim do Campo das Amoreiras figura uma frase da autoria de José Carlos Ary dos Santos (Figura 37), relacionada com a Revolução do 25 de Abril de 1974, que justamente foi inserida na construção que noutros tempos foi considerada um símbolo da liberdade – o coreto.

Ainda sobre a base, o acesso ao seu interior era importante para verificar a existência de um espaço de arrecadação, geralmente, destinado aos materiais de jardinagem e/ou às estantes e instrumentos dos músicos. Em Lisboa, constata-se que em alguns casos este espaço também serve de acesso ao topo do palco através de escadas e de um alçapão (Coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais e 2.ºCoreto da Praça José Fontana), situações que posteriormente foram alteradas. No coreto dos Olivais desde cedo que foi necessário proceder a alterações, devido ao incêndio que se desenrolou no dia da inauguração, vindo a ser substituído o chão de soalho por pedra e mantido o acesso interior, que só foi substituído por uma escada exterior em 1988. Por sua vez, no coreto da Praça José

Fontana a escada exterior foi construída no final dos anos 50, durante as remodelações da base do coreto. Ali surgiram três compartimentos, um de arrecadação para o jardineiro, outro de casa de banho masculino e um último, como espaço de venda de flores com casa de banho para senhoras, espaços que actualmente ainda existem, mas deixaram de ter as funções indicadas.

Características da cobertura

As coberturas de coretos fixos de Lisboa são, na sua maioria, seguidoras do desenho da base, ou seja, mantêm a correspondência entre o formato da base e o desenho principal da cobertura com o número de águas igual ao número de faces da base. Por vezes, as faces externas da cobertura são côncavas, representando uma espécie cone e os materiais construtivos variam entre diversos tipos de ferro e a madeira, existindo em alguns casos colunas construídas em pedra. O ferro é o material mais interessante na construção de coretos do período de 1890 a, sensivelmente, 1920. O primeiro coreto a marcar esta mudança é o actual coreto do Jardim da Estrela, construído em 1894, por apresentar um elaborado trabalho de ferro forjado ao longo do gradeamento da varanda do palco e das escadas, como também nos pilares e ligações que suportam a cobertura. Este vasto trabalho decorativo, inicialmente, estava associado aos padrões franceses, porém no caso do coreto de Carnide, construído em 1929 e do segundo coreto do Jardim Zoológico, uma réplica do coreto de Porto Salvo de 1937, construído em 1988, as formas apresentadas estão muito mais relacionadas à arte do ferro forjado conhecido dos percursos lisboetas, que desenvolveu uma vasta presença citadina aplicada à concepção de grades dos mais variados estilos e tamanhos[230].

O coreto fixo do Passeio Público ainda apresentava muitas influências decorativas dos coretos armados, como demonstram as pinturas que foram sendo realizadas na cobertura, entre elas, uma aos losangos e outra às riscas, fazendo lembrar os padrões dos tecido muitas vezes utilizados nas construções temporárias[231].

A aplicação de ferro e madeira na construção da cobertura, em alguns casos, representa a existência de preocupações com o desempenho acústico do coreto. O actual coreto do Jardim da Estrela, que na sua época foi dos coretos mais bem elaborados, é um exemplo de como a aplicação da madeira no interior da cobertura beneficia a sonoridade do espaço, enquanto o ferro na zona exterior oferece maior resistência à cobertura. A segunda cobertura aplicada no coreto de Carnide, em 1984, também demonstra cuidados acústicos na face interior, apresentando uma forma convexa, como se constatou ser a melhor solução acústica para o espaço público (Capítulo 2). Contudo, é em 1996 que surge o coreto de Lisboa mais inovador em termos de desempenho sonoro, o coreto do Parque Eduardo VII, denominado Coreto da Liberdade (Figura 39), que contém uma cobertura em madeira (revestida no topo a ferro para efeitos de protecção e durabilidade), com a face interna convexa e toda a estrutura

230 CAEIRO, Baltazar de Matos – **Ferros de Lisboa.** Lisboa: Baltazar Caeiro. pp. 15-16.

231 BRAGA, Pedro Bebiano – O Desenho de Móveis para Lisboa. **Arte Teoria**. N.º5 (2004). Lisboa, 2000. p. 68.

da cobertura pode ser movida em altura e inclinação, de modo a ajustar-se às necessidades sonoras verificadas, através de um sistema mecânico.



Figura 39 – Coreto da Liberdade, no Parque Eduardo VII, em 2012

Nos dias de festejos nocturnos, apesar de existir iluminação pública desde 1780[232], a cobertura dos coretos era preenchida com luminárias de diferentes estilos e tamanhos, que aprimoravam a decoração do coreto e do ambiente nocturno da festa. A iluminação era preenchida por meio de balões à veneziana e copinhos de vidro, onde eram colocadas candeias de azeite ou petróleo, candeeiros a gás e só mais tarde surgiram as fiadas de lâmpadas eléctricas e coloridas. Tanto nos coretos armados como nos coretos fixos era instalada a iluminação segundo a necessidade dos festejos, para mais tarde voltar a ser retirada. Nem sempre as soluções de iluminação eram as mais viáveis e seguras, tendo provocado alguns acidentes, como no dia da inauguração do coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais, que um dos candeeiros a petróleo caiu e provocou um pequeno incêndio no coreto e nos instrumentos da Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense.

O primeiro coreto fixo a ter iluminação foi o coreto do Passeio Público, durante as festas de Beneficência a favor do Asilo da Mendicidade, que aconteceram em 1851, durante três dias de Agosto.

> «Ao todo quinze mil lumes no recinto, como um grande salao de sociedade ao ar livre, era a primeira festa do género que Lisboa via, prolongando o dia pela noite, criando novo horário de saída urbana, até à meia-noite, e aumentando-lhe a sociabilidade, sobretudo feminina, com senhoras à frente dos bazares e pavilhões, com lustres de cristal, serviços de prata e porcelana. (…) São estas iluminações que põem definitivamente o Passeio na agenda da sociedade lisbonense, com 15.612 entradas, e não

[232] «Londres inicia a iluminação municipal em 1736, e em Lisboa, Pina Manique, também intendente de polícia, iniciou a iluminação pública em 1780, com candeeiros de *"cegonha"* a azeite, suspensos nas fachadas, que foram inventados por Matinho António de Castro.». MARTINS, Ana Solange; REMESAR, Antoni; CORTEZ, Paula do Vale; ÁGUAS, Sofia – **Do Projecto ao Objecto: Manual de Boas Práticas de Mobiliário Urbano em Centros Históricos.** 2.ª edição. Lisboa: Centro Português de Design, Julho de 2005. p. 31

> se voltaram a ver realizar luminárias que ficassem no imaginario da festa nocturna lisboeta de um modo tão impressionantemente fantástico.»[233]

O projecto de iluminação criado foi uma estreia das festas a gás, recentemente introduzido na rede urbana em 1847[234], deixando «(…) os lisboetas extasiados com as iluminações»[235] e a própria D. Maria II escreveu uma carta ao Duque do Saldanha pedindo-lhe para convidar D. Fernando II a irem à noite ao Passeio Público, sem que o rei soubesse que a ideia tinha sido sua.

A maioria dos coretos fixos são dotados de iluminação própria, instalada na cobertura através de luminárias suspensas ou encastradas, como se verifica no coreto do Parque Eduardo VII e na nova cobertura do coreto de Carnide, o que não dispensa a iluminação decorativa do restante recinto, para a criação de um ambiente nocturno festivo e acolhedor.

Características das escadas

A grande maioria dos coretos fixos de Lisboa apresenta uma escadaria exterior, construída em ferro ou com os mesmos materiais de construção da base, não dispensando a devida protecção (varandim). Como já foi visto, existiram dois coretos em Lisboa, coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais e segundo coreto da Praça José Fontana, que inicialmente tinham escadas de acesso ao palco inseridas no interior da base, sendo posteriormente construída uma escada em ferro exterior.

Em alguns casos, o acesso ao palco também é feito por degraus encastrados na base, como acontece no coreto do Largo do Olival, no Beato e no coreto do Parque Eduardo VII. Outra particularidade das escadas para o palco, são as estruturas em dupla escada, como apresentava o primeiro coreto da Praça José Fontana e o actual acesso ao palco do coreto do Jardim Zoológico, que tem uma estrutura de escada dupla que terá sido instalada no período entre 1991 e 2012[236]. A dupla escada reforça a simetria e cuidado estético do coreto, tendo essa opção construtiva sido bastante relevante na concepção do coreto do Jardim da Estrela, que contém duas escadas duplas colocadas uma de cada lado, de dois lados opostos da base quadrangular.

As características de desenho dos coretos fixos de Lisboa, inicialmente, apresentam muitas influências do modelo francês e da génese do coreto, o estilo oriental, principalmente presentes nos coretos do Jardim da Estrela e da Praça José Fontana. Ao longo dos anos, estas propriedades vão se misturando com a arquitectura tradicional portuguesa e com os princípios do que era produzido no restante país,

---

233 BRAGA, Pedro Bebiano – Cat. 52: Iluminação do Passeio Público, Rossio, Lisboa. PEREIRA, João Castel-Branco [et al.] – **Arte Efémera. Catálogo de Exposição do Museu Calouste Gulbenkian, 13 Dezembro de 2000 a 25 de Fevereiro de 2001** (Galeria de Exposição Temporárias do Museu). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Dezembro 2000. p. 146.

234 *Ibidem*

235 RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 90.

236 Não foram encontrados dados que indiquem a realização desta alteração, mas nos registos fotográficos de 1991 verifica-se que existia uma escada diferente da actual.

como é exemplo o coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais, um coreto bastante simples e idêntico a muitos coretos do meio rural, mas inserido no meio citadino.

3.2.2 Projectistas de coretos de Lisboa

Os projectistas de coretos eram sobretudo funcionários da Câmara Municipal de Lisboa ou arquitectos contratados pela Câmara Municipal e entidades privadas, como algumas bandas e associações, possuidoras de uma estrutura de coreto armado, ou pelos antigos proprietários dos espaços que se transformaram no Jardim Zoológico de Lisboa – Parque São Sebastião da Pedreira e Quinta das Laranjeiras.

Os registos indicados na obra *Coretos em Lisboa: 1790-1990*, apenas identificam os autores de coretos armados que desenvolveram projectos para os eventos oficiais, principalmente para a comemoração de acontecimentos / personalidades históricas, por serem festejos de temáticas diversificadas, que permitiam a criação de formatos e decorações criativas e originais. Nos dados encontrados no Arquivo Municipal de Lisboa, também não foi possível reconhecer os autores de coretos, apenas são indicados os responsáveis que executavam o pedido do espaço e materiais à Câmara Municipal de Lisboa. Dos projectos de coretos fixos identificaram-se os autores de oito coretos, dos restantes apenas se conhece os impulsionadores da sua construção, a própria Câmara Municipal ou uma entidade privada, como a banda e os moradores locais.

Os dados encontrados sobre algumas das estruturas dos coretos de Lisboa não permitem identificar se são peças de autor ou escolhidas em catálogo, que se tiverem existido, teriam a sua construção a cargo de algum arquitecto ou empreiteiro. Por esse motivo, para a presente estudo foram apenas considerados os nomes conhecidos, dos autores de coretos, desde o seu desenho até à construção, para ser possível desenvolver uma análise das características e estilo dos projectistas. Na análise bibliográfica realizada foram encontrados os autores de coretos apresentados na Tabela 6:

Tabela 6 – Projectistas dos coretos e as suas características

Construção do coreto				Descrição do coreto
Local de inserção	**Ano**	**Festejo**	**Projectista**	
1.º Coreto fixo do Jardim Zoológico, antiga Quinta das Laranjeiras	anterior a 1841	-	Fortunato Lodi[237]	«Era de mármore e ferro em "estilo chinez". Este pavilhão de lazer terá sido mais tarde transformado em coreto, sendo-lhes retiradas as campainhas da cobertura»[238]

[237] **Fortunato Lodi**, arquitecto italiano era cunhado do Conde de Farrobo, proprietário da Quinta das Laranjeiras. Autor do projecto do Teatro Nacional D. Maria II, construído entre 1843 e 1846.

[238] *O Século*, 25.05.1905, p. 1. In RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p.116.

Construção do coreto				Descrição do coreto
Local de inserção	**Ano**	**Festejo**	**Projectista**	
1.º Coreto fixo do Jardim da Estrela	1852	-	Pierre-Joseph Pézerat[239]	«(…) pavilhão chinês, situado junto à muralha, era do risco de Pézerat. (…) a cobertura era oitavada; a base de mármore branco, (…), de secção octogonal, tinha, em cada face, um painel emoldurado onde se inscrevia um óculo vasado permitindo arejamento daquele espaço (…)»[240]
Coreto fixo do Parque de São Sebastião da Pedreira, antigo Jardim Zoológico	Entre 1860 e 1884	-	José Luís Cinatti[241]	«Na realidade o "coreto", em alvenaria, era um mirante do antigo parque, em forma de *tempieto.* Será licito pensar que a acústica não fosse das melhores, em face da elevação dos músicos. Era uma peça de gosto italiano (…)»[242]
Coreto fixo do Jardim de São Pedro de Alcântara	1886	-	José Luís Monteiro	«(…) era de secção octogonal. Os materiais utilizados, como podemos ver pelo orçamento detalhado, eram o ferro, o zinco e a cantaria trabalhados de diversas formas, orçando a despesa da obra em 912$600 réis. O processo foi devolvido à Repartição Técnica, com ordem do vereador para se elaborar um novo orçamento, para um coreto, não definitivo mas, provisório e só de madeira.»[243]
2.º Coreto fixo da Avenida da Liberdade (transferido para o Jardim da Estrela)	1894 (reconstrução entre 1935 e 1936)	-		«É um coreto em mármore e ferro, do risco de José Luís Monteiro, com sugestões indianas no desenho dos arcos e na cobertura. O interior desta apresenta um invulgar trabalho decorativo em madeira com liras, folhagem e monograma camarário. É o único coreto com duas escadas de acesso, em ferradura, que pela simetria da planta lhe conferem um maior equilíbrio no desenho.»[244]
Coreto armado na Praça da Alegria	1895	Centenário de Santo António		«O coreto armado era bastante espaçoso e a pintura de um gosto aprimorado (…)»[245]
Dois coretos iguais armados na Praça do Comércio	1895	7.º Centenário de Santo António		«(…) grandes coretos de base octogonal bastante alta onde se inscreviam os diversos arcos para as barracas (…) Não sabemos quem os terá desenhado, (…), possivelmente, do risco do arquitecto camarário José Luís Monteiro (…)»[246]

[239] **Pierre Joseph Pézerat** (1800-1872). Arquitecto e engenheiro francês, estudou Engenharia na École Politechnique de Paris e Arquitectura na Académie d'Architecture de Paris. Contratado por D. Pedro I foi eleito no Brasil engenheiro-arquitecto particular do Imperador (1825-1831), distinguindo-se pela sua diversificada actividade no país. Mais tarde demitiu-se do seu cargo e foi chamado para integrar uma comissão na Argélia, onde permaneceu nove anos até regressar a Lisboa. Em Lisboa, leccionou desenho na Escola Politécnica de Lisboa e ocupou os cargos de engenheiro civil das obras do Município de Lisboa, e engenheiro chefe da Repartição Técnica da Câmara de Lisboa (1852), desenvolvendo vários projectos como: a reconstrução do edifício da Escola Politécnica, (1843), o edifício dos Banhos de São Paulo (hoje sede da Ordem dos Arquitectos Portugueses) (1850).

[240] *O Ocidente*, Lisboa, 1903, 26 (870), p. 44. In RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p.99.

[241] **José Luís Cinatti**. Cenógrafo italiano também autor das cavalariças neogóticas do palacete de José Maria Eugénio, em São Sebastião da Pedreira.

[242] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p.113.

[243] *O Século,* 24.05.1895, p. 3. In RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 111.

[244] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 129.

[245] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 54.

[246] RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 57 e p. 60.

Construção do coreto				Descrição do coreto
Local de inserção	**Ano**	**Festejo**	**Projectista**	
Coreto armado na Avenida da Liberdade (Feira Franca)	1898	4.º Centenário da Índia	José Luís Monteiro	«Logo à entrada do recinto erguia-se um coreto enorme em forma de esfera armilar (…)»[247]
Coreto armado na Praça Marquês de Pombal	1903	Visita de Afonso XIII de Espanha	Rafael Bordalo Pinheiro	«O coreto desenhado por Rafael Bordalo Pinheiro que não só orientou a construção como pintou os painéis, entre os pratos metálicos da pandeireta, com pares de dançarinos populares. Era um coreto que pela sua forma e decoração suscitou o riso e a boa disposição, como convinha a uma festa, procurando o sabor popular e tradicional (…)»[248]
2.º Coreto fixo da Praça José Fontana	1912	-	José Alexandre Soares[249]	«É um coreto de secção octogonal. O acesso fazia-se por uma rampa que conduzia ao interior da base onde havia, ao centro, uma escada de caracol em direcção ao local onde os músicos tocavam (…) encontramos algumas semelhanças formais e decorativas com o coreto da Avenida embora mais de duas décadas os separem.»[250]
Coretos armados nos Restauradores e Rossio	1913	Festas da Cidade		«Neste ano são erguidos vários coretos em diversos sítios, nomeadamente nos Restauradores e Rossio, (…) terão sido desenhados pelo arquitecto José Alexandre Soares, pois este integrava a Comissão Executiva das Festas.»[251]
Coreto fixo do Largo do Olival	1958	-	P. Fontes[252]	«O coreto de betão armado, tem forma trapezoidal e no interior escada de acesso e quatro plataformas ascendentes. Não possui cobertura, tendo-se plantado em sua substituição árvores (plátanos e oliveiras), que dariam sombra e formariam uma cobertura natural.»[253]
2.º Coreto fixo do Jardim Zoológico	1988	-	Guilherme Costa[254]	«A estrutura metálica é uma réplica da do coreto de Porto Salvo, Oeiras, executada por Mola Ideal. A base, projectada pelo Eng.º Guilherme Costa, foi revestida a azulejos (…)»[255]

As opções adoptadas, pelos projectistas conhecidos, comprovam que os coretos armados eram estruturas mais decorativas e ligadas à temática dos festejos, que apresentam construções mais criativas, devido a uma maior liberdade de projecto. Enquanto os coretos fixos da mesma época seguem as influências das restantes construções europeias, sobretudo francesas, num estilo oriental que se adapta aos espaços verdes onde a maioria dos coretos fixos foram construídos.

247 RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 61.

248 RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 74.

249 **José Alexandre Soares** (1873-1930). Aluno do Mestre J. L. Monteiro e como este foi bolseiro em Paris. Em 1912, era o arquitecto-chefe da 4.ª Repartição da Câmara Municipal de Lisboa.

250 *O Século,* 03.10.1928, p.9. In RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p. 139.

251 LISBOA, Câmara Municipal de Lisboa, *Actas…*, sessão de 27.02.1913, p. 131. V. *O Século*, 09.06.1913, p. 1. In *Ibidem.* p. 21.

252 «(…) engenheiro agrónomo P. Fontes, funcionário da DSEV.». In *Ibidem*. p. 145.

253 DSEV; *Largo do Olival,* n.º 889/13/289, sala de cópias. In *Ibid.*

254 **Guilherme Costa**, engenheiro.

255 RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – *Op. cit.,* p.147.

No período em que foram construídos e armados mais coretos em Lisboa, entre 1880 e 1920, foram projectados vários coretos de base octogonal, um dos primeiros surgiu em 1852, da autoria de Pierre-Joseph Pézerat, o 1.º coreto do Jardim da Estrela, tornando-se o precursor de um dos formatos mais utilizados em Lisboa, tal como se verificou no subcapítulo anterior. Posteriormente, também os arquitectos José Luís Monteiro e José Alexandre Soares, ambos de formação francesa como Pierre-Joseph Pézerat, projectaram coretos de base octogonal.

Os projectos de coretos fixos de José Luís Monteiro e José Alexandre Soares, respectivamente, o actual coreto do Jardim da Estrela e o coreto da Praça José Fontana, apresentam muitas semelhanças. Ambos os coretos apresentam um formato cuidado na sua relação entre base e cobertura, e o desenho dos gradeamentos é de geometria simples, com a representação de formas musicais (clave de sol, liras, etc.). Estas características talvez possam ser justificadas pelo facto dos dois arquitectos terem formação parisiense e por José Alexandre Soares ter sido aluno do Mestre Monteiro.



Figura 40 – Coretos armados na Praça do Comércio. Projecto de José Luís Monteiro. 7.º Centenário de Santo António, em 1895

As diferentes características dos coretos de Lisboa em parte são justificadas pelo estilo de desenho e formação do seu autor. Apesar de não serem conhecidos todos os autores dos coretos de Lisboa, é possível reconhecer, entre os identificados, algumas das suas semelhanças e diferenças. Por exemplo, o coreto de Rafael Bordalo Pinheiro, anteriormente referido e analisado neste capítulo, trata-se de mais um exemplo do vasto de trabalho de caricaturista desenvolvido por este autor, no qual o próprio Bordalo Pinheiro acrescentou desenhos e pinturas nas faces da base. Já o coreto do Largo do Olival, no Beato, com um formato fora do vulgar e sem cobertura, tendo sido substituída pela inserção de árvores no largo, vai ao encontro da formação do seu projectista, um engenheiro agrónomo, que pensou no carácter funcional e ambiental do largo.

Um dos mais conhecidos projectistas de coretos de Lisboa foi o arquitecto José Luís Monteiro, que desenvolveu coretos armados e fixos de estrutura grandiosa e de estética formal baseada em geometrias octogonais e circulares. Muitas das coberturas dos seus coretos eram em formato cónico e bolboso, com o número de águas e colunas de suporte a corresponder ao número de faces da base. É um estilo de projecto bastante meticuloso e normativo, com a implementação de decorações que se envolvem com o tema dos festejos ou com o ambiente de vegetação existente em redor do coreto fixo. O coreto mais exuberante e invulgar criado por José Luís Monteiro foi o coreto em forma de esfera armilar (4.º centenário da Índia) que, apesar do seu formato, apresenta uma decoração simples e cuidada, de evocação à temática dos festejos. No caso dos coretos fixos, José Luís Monteiro projectou um dos coretos mais conhecidos de Lisboa, o coreto do Jardim da Estrela.

3.3. Os coretos de Lisboa e a música no quotidiano lisboeta

A música erudita no espaço público lisboeta surgiu a par da envolvência acústica do quotidiano do final do século XIX, preenchido por pregões dos vendedores ambulantes, sinos das igrejas, ruído de cavalos e rodas das carruagens, etc.[256] numa cidade cada vez mais movimentada, onde o ruído era sinónimo de progresso e modernidade.

A partir do final do século XIX, «(…) ouvir música era um acto de partilha comunitária»[257], as apresentações ao ar livre das bandas compunham os convívios e encontros sociais, que na sua maioria não eram exclusivamente musicais, sendo que a música surgia em alternância ou em simultâneo com os acontecimentos dos eventos, como bailes, banquetes, concertos, discursos políticos, feiras, arraiais, conferências, quermesses, bazares e outros momentos comemorativos. Neste sentido, a música representava os momentos de lazer e de manifestação cultural, partilhada por todos os habitantes e visitantes da cidade, com grande importância para a cultura global e práticas sociais, sendo que «(…) a sua utilidade estava fortemente delimitada pela sua condição de *instrumento* cívico.»[258]

Como foi possível comprovar na realidade lisboeta, apresentada neste Capítulo 3, o agrupamento musical ocupava o lugar de destaque do coreto, embora ao longo dos tempos a sua utilização tenha vindo a decrescer. No caso dos coretos armados esse declínio é devido aos gastos associados na sua montagem, desmontagem e manutenção, bastante elevados comparativamente à construção de outras estruturas temporárias, que apesar de não serem construções com preocupações decorativas, normalmente, detêm espaços de maiores dimensões que albergam um maior número de elementos das bandas, que por sua vez, tinham a tendência a tornar-se cada vez mais numerosas. Já na

256 LEITÃO, Rui Miguel Ribeiro de Campos – *Op. cit.,* p. 123.

257 *Ibidem.* p. 181.

258 *Ibidem.* p. 182.

realidade dos 22 coretos fixos de Lisboa referidos, foram demolidos 11 deles e os restantes têm vindo a ser pontualmente utilizados, inexistindo concertos regulares/semanais. Contudo, a diminuição do número de utilizações de coretos não significa que tenham deixado de existir eventos que dão lugar à música no espaço público.

Os coretos permanentes e temporários, que continuam a existir, devem ser considerados testemunhos de uma época passada, principalmente da história das bandas, da comemoração de acontecimentos históricos na rua, e símbolos vivos de oferta cultural. Por outro lado, os coretos ainda presentes na malha urbana representam uma presença ilustrativa do desenvolvimento urbano de uma época, que actualmente pode ser encarado como indicador para a realização de actividades, no sentido de manter o valor simbólico e funcional dos coretos, para uma existência real e activa. O abandono dos coretos transformá-los-ia em vulgares elementos de decoração urbana, exteriores aos princípios de sustentabilidade, que defende a preservação dos equipamentos através da sua valorização utilitária.

> «(…) um centro sustentável significa utilizar os recursos (materiais, processuais, energéticos) mínimos e necessários para permitir o desenvolvimento e vida nos centros. O aspecto da recuperação fica garantido pelas políticas de preservação do edificado envolvente, reutilizando parte da fábrica urbana para novos usos e funções, valorizando a malha urbana com o objectivo de preservar parte da memória da cidade.»[259]

A ausência das bandas e dos seus programas musicais regulares, não impossibilita a criação de novos valores e interesses no espaço dos coretos, ao mesmo tempo que parte da memória da cidade é preservada.

Pedro Bebiano Braga defende que devem ser promovidas novas actividades no espaço dos coretos, mesmo que estas se distanciem das actuações musicais: «Os coretos vão sobrevivendo sobretudo no Verão, mas podem ser, ainda hoje, um motor da cultura urbana, como foram no século XIX (…) são estruturas que podem receber outro tipo de actividades para além da música, como teatro, *workshops* e marionetas»[260].

A demolição de coretos

O primeiro coreto a ser demolido registou-se em 1884, daquele que foi o primeiro coreto fixo da cidade, o coreto do Passeio Público, demolido por não se integrar no projecto da Avenida da Liberdade. Não existe um período específico em que tenha ocorrido um maior número de demolições de coretos. As primeiras demolições aconteceram entre 1880 e 1920, sendo que o 1.º coreto da Avenida da Liberdade, o coreto do Jardim Botto Machado, do Jardim de São Pedro de Alcântara e o

[259] MARTINS, Ana Solange; REMESAR, Antoni; CORTEZ, Paula do Vale; ÁGUAS, Sofia [et al.] – **Do Projecto ao Objecto: Manual de Boas Práticas de Mobiliário Urbano em Centros Históricos**. 2ª edição. Lisboa: Centro Português de Design, Julho 2005. pp. 44-45.

[260] Declarações de Pedro Bebiano Braga presentes em: BANHA, Inês – Coretos buscam nova vida em Lisboa. **Diário de Notícias**, 18 Julho 2011. p. 22.

1.º coreto Praça José Fontana foram construídos neste mesmo período, o que faz com que representem os coretos públicos que existiram durante menos tempo. Os restantes seis coretos que já não fazem parte da paisagem lisboeta desapareceram entre 1920 e 1960, curiosamente no período em que se registou o menor número de construções de coretos, apenas o coreto de Carnide, inaugurado em 1929 e mais tarde, o coreto do Largo do Olival, em 1958.

A demolição de coretos fixos é, sobretudo, devida ao seu estado de degradação ou devido a alterações no local de implementação, não se justificando a existência do seu coreto ou a sua manutenção. Noutros casos, as alterações no local provocaram a construção de um novo coreto em substituição do anterior, foi o caso dos coretos da Avenida da Liberdade, que vieram substituir os habituais programas musicais criados no antigo Passeio Público e dos actuais coretos da Praça José Fontana e do Jardim da Estrela.

Noutros casos, o coreto que já não era utilizado foi demolido durante o processo de requalificação do seu local de implementação, foi o que aconteceu com o coreto da Praça Afonso de Albuquerque, demolido por não se enquadrar no plano da Exposição do Mundo Português e por, nos últimos anos da sua existência, ter sido raras vezes utilizado como palco de concertos. E o coreto do adro da Igreja da Nossa Senhora do Amparo de Benfica, o último coreto de Lisboa a ser demolido, por volta de 1958, devido às obras de construção do edifício do Centro Paroquial.

Os coretos mais utilizados foram aqueles que tiveram maior durabilidade, pois o seu uso diário proporcionava um maior cuidado na sua preservação, ao contrário do que se verifica nos coretos que eram esquecidos no seu local e que, devido à falta de bandas e comissões de festejos interessados em animá-los, acabaram por alcançar um elevado estado de degradação e, consequentemente foram demolidos. O coreto do Jardim Botto Machado é um exemplo dessa realidade, do qual não se conhecem registos que indiquem a existência de música no coreto, que acabou por ser demolido apesar do seu pouco tempo de existência. Curiosamente, na actualidade, o Jardim Botto Machado presenteia os seus visitantes com concertos musicais promovidos pelo Quiosque Café-Esplanada Clara Clara[261], entre outras iniciativas culturais.

As últimas construções de coretos

Mais recentemente, no final da década de 1980 e durante os anos seguintes, na década de 1990, surgiram seis novos coretos fixos na cidade de Lisboa. O primeiro a ser construído, aconteceu em 1988, no Jardim Zoológico, um espaço que desde a demolição do seu primeiro coreto, em 1935, reconhecia a ausência de um coreto para os momentos musicais. Apesar de ser um espaço limitado pelo pagamento de entrada, o coreto era uma das atracções do jardim, sendo habitual ter uma vasta plateia nos concertos semanais. Actualmente, é possível assistir a diferentes espectáculos, promovidos

[261] Quiosque-café do Jardim Botto Machado, no Campo Santa Clara. Disponível em WWW: <URL: http://www.facebook.com/claraclaracafe> [Consult. 31 Outubro 2012].

por entidades privadas que alugam o coreto, sem o pagamento de ingresso, visto que o coreto se encontra na zona de acesso livre do jardim.

Na freguesia de Charneca, durante a década de 1990, foram construídos dois coretos, um deles, inserido no Bairro das Galinheiras e o outro numa zona central da freguesia, no Jardim Campo das Amoreiras, que se encontram bastante intregrados nas actividades da população. No Bairro das Galinheiras o coreto encontra-se na zona central do bairro, onde várias pessoas se reúnem, enquanto o coreto do Campo das Amoreiras, se situa no mesmo local da sede da Banda Musical e Artística da Charneca e apesar de mais afastado da zona habitacional, é o espaço eleito para passeios, com um circuito de manutenção e equipamentos infantis.



Figura 41 - Coreto armado no *Festival Optimus Alive* 2011

Na freguesia de Marvila, o coreto construído na Praça Eduardo Mondlane, surgiu inserido no projecto de requalificação da praça, que anteriormente era um espaço de terra batida que servia como parque de estacionamento para os habitantes da antiga Zona J[262]. O coreto é pontualmente utilizado, sendo que no dia-a-dia, a praça é sobretudo um local de passagem, atravessado pelos transeuntes nos seus percursos de acesso a outras ruas, comércio, transportes públicos, etc. Porém, é possível que este projecto tenha surgido com o objectivo de aproximar as pessoas do bairro do Condado e dos seus visitantes e de fomentar as iniciativas populares e culturais no local. Uma realidade contrária é a que se encontra no Jardim Teófilo de Braga, também conhecido por Jardim da Parada, um espaço acolhedor, com um lago, bancos e outros equipamentos utilitários (por exemplo, mesas e cadeiras para jogos de cartas e de tabuleiro), onde se encontram várias zonas de sombra, tornando o espaço bastante frequentado por pessoas de todas as idades, existindo pontualmente concertos no coreto.

Outro dos coretos de Lisboa, de construção recente, encontra-se no Parque Eduardo VII, anteriormente referido como a estrutura mais inovadora da cidade, mas pouco conhecido pelos transeuntes, possivelmente por se encontrar num espaço pouco atractivo junto ao Pavilhão Carlos

[262] Informações fornecidas por Luísa Dias, funcionária da Junta de Freguesia de Marvila.

Lopes ou antigo Pavilhão dos Desportos, que se encontra abandonado, sem qualquer tipo de utilização e em ruína.

Curiosamente, nos últimos anos surgiram dois coretos armados nos festivais de Verão da cidade e arredores, o primeiro surgiu, no *Festival Optimus Alive* que tem lugar no Passeio Marítimo de Algés, onde, desde 2011[263], o coreto tem sido um dos palcos de concertos de bandas menos conhecidas[264] (Figura 41), sendo que apesar de ser um evento promovido pela Câmara Municipal de Oeiras, é um espaço bastante próximo da cidade de Lisboa e dos seus habitantes, que não deixam de participar. O outro evento, que contou com a presença de um coreto, foi o *Rock in Rio Lisboa 2012* que teve um coreto na *Rock Street* do festival[265] (Figura 42).



Figura 42 – Coreto armado na *Rock Street*, do festival *Rock in Rio Lisboa 2012*

Outros eventos musicais na actualidade

A cidade é preenchida por muitos outros sons, provenientes das habituais actividades do dia-a-dia (tráfego automóvel, aviões, azafama das ruas, etc.) e situações pontuais (máquinas de obras na via pública, pregões, etc.). Apesar da grande amplitude de ruídos, a música continua a estar presente no

263 Jornal de Notícias – **Coreto é uma das novidades do Optimus Alive**. Lisboa: Jornal de Notícias, 5 Julho 2011. Disponível em WWW: <URL: http://www.jn.pt/multimedia/video.aspx?content_id=1897320> [Consult. 2 Novembro 2012].

264 Programa do coreto do Optimus Alive 2012. Disponível em WWW: <URL: http://www.optimusalive.com/noticias/157> [Consult. 2 Novembro 2012].

265 Rock in Rio – **Rock street: Nova Orleães já chegou à Bela Vista**. Lisboa, 26 Maio 2012. Disponível em WWW: <URL: http://rockinriolisboa.sapo.pt/noticias/rock-street-nova-orleaes-ja-chegou-a-bela-vista---> [Consult. 2 Novembro 2012].

espaço público, através de exibições públicas em contexto de espectáculos musicais, artistas de rua e outros eventos públicos de diferentes áreas, não relacionadas com a música (exemplos: inaugurações, Expo'98, Festas de Santos Populares, iniciativas de solidariedade, maratonas de Lisboa, etc.), que têm lugar em coretos e palcos montados para o efeito. Os grupos musicais, que animam as diferentes ocasiões de lazer e de festejo, representam diferentes estilos musicais e, maioritariamente fazem uso de aparelhos electrónicos de amplificação do som, sendo cada vez menos comum assistir a concertos de filarmónicas no espaço público, embora estas não tenham sido esquecidas. Recentemente na Praça Luís de Camões foi construída uma estrutura coberta, onde tocaram a Orquestra Metropolitana de Sopros e Percussão (Figura 43) e a Orquestra Metropolitana de Lisboa (Figura 44), concertos inseridos na programação musical da iniciativa *Lisbon Week* que promoveu várias actividades relacionadas com as tradições, as artes, a moda, a música, o audiovisual e a gastronomia em Lisboa, durante a semana de 22 a 28 de Outubro de 2012[266].



43



44

Figura 43 – Orquestra Metropolitana de Sopros e Percussão. *Lisbon Week*, Praça Luís de Camões, em 2012

Figura 44 – Orquestra Metropolitana de Lisboa. *Lisbon Week,* Praça Luís de Camões, em 2012

Actualmente, os concertos e festivais musicais da cidade atraem habitantes e turistas, para os quais são, sobretudo, construídos palcos temporários, onde a decoração foi substituída por holofotes, equipamentos electrónicos e audiovisuais. Nos últimos anos, muitos dos eventos musicais ao ar livre, têm sobretudo lugar na Praça do Comércio e no Parque da Bela Vista. Durante a Expo' 98 e nos anos seguintes, a *Praça Sony* (Figura 45) foi um dos espaços mais populares entre os jovens, até ter sido desactivada por volta de 2006.

Também nos coretos fixos de Lisboa, dos mais recentes aos mais antigos, é possível verificar, através da observação da informação acessível a qualquer transeunte da cidade (agenda cultural, boletim informativo, cartazes, *flyers*, etc.) que, de uma forma pontual, têm sido promovidos concertos e outros espectáculos musicais e artísticas (teatro, dança, etc.) nos seus locais, que consequentemente também têm provocado a aproximação das pessoas às actividades do espaço público.

[266] **2012 Lisbon Week. 7 dias, 7 rotas, 7 tudo. 22-28 Out.** Disponível em WWW: <URL: http://lisbonweek.com/pt/> [Consult. 4 Novembro 2012].

A música também adquiriu novos lugares e formas de ser escutada, os "actuais" coretos são também os equipamentos pessoais e portáteis, que produzem formatos áudio (mp3's e ipod's, telemóveis, tablets e ipad's, anteriores a estes, o walkman e o discman), e que cada vez mais acompanham o dia-a-dia das pessoas. Isto constitui uma outra forma de ouvir música, mais pessoal e privada, que possibilita escutar qualquer estilo e grupo musical a qualquer hora do dia, de forma individual, deixando de estar inerente ao acto musical, a partilha e o convívio social. Embora não sabendo o que a música representa para as pessoas, é cada mais comum observar pessoas que realizam as suas actividades na cidade, sobretudo viagens e pequenas deslocações, a escutar música transmitida através dos seus *headphones*.



Figura 45 – *Praça Sony*, no Parque das Nações, antiga Expo'98, em 2004

A análise dos eventos nos coretos e das outras formas de ouvir música na cidade, não permite explicar a importância que a música teve e tem nas actividades diárias das pessoas, porém é possível constatar que, apesar da evolução urbana e das inovações tecnológicas, a música continua a ser uma forma de animar e atrair as pessoas para as actividades e acontecimentos da cidade.

Conclusão |

No primeiro momento da dissertação procede-se à análise dos conteúdos bibliográficos sobre a cidade, para compreender os seus elementos (espaço público, sociais e espaços verdes) e as suas actividades (encontros sociais, eventos culturais e recreativos). Neste sentido, estabelece-se uma ligação entre as actividades do espaço público e a música, procurando identificar o momento em que a música, nomeadamente a música erudita, surge nos acontecimentos festivos da cidade, quais os lugares mais propícios às apresentações de este estilo musical e de que forma os protagonistas dos principais espectáculos musicais no espaço público – as bandas militares ou civis – eram apresentadas ao público.

Assim, sobre esta análise conclui-se que os espaços públicos são dinamizadores dos diferentes contactos sociais e representam um "terreno neutro" impulsionador da comunicação entre os seus indivíduos. A qualidade e multifuncionalidade do espaço público influencia a qualidade das actividades de lazer e de tempos livres, para as quais a cidade deve oferecer oportunidades, através da promoção de eventos sociais, culturais e recreativos. Ao longo dos tempos, têm vindo a ser criados espaços proporcionadores de diferentes actividades, sendo que alguns deles perderam as suas funções no espaço público para o espaço privado, devido à existência de novos equipamentos. Por esse motivo, na actualidade, muitos dos espaços e equipamentos ainda existentes caíram em desuso, mas são considerados património da cidade, que deve ser protegido e, sempre que possível, promovida a sua possível reintegração nos usos da cidade.

As apresentações musicais das bandas são um exemplo das actividades de lazer existentes no espaço público, que inicialmente tinham lugar em pequenos palcos temporários. Estas estruturas, de influências orientais, passaram por várias fases de evolução estrutural e funcional, que representam os primórdios do coreto. É no segundo capítulo que se trata de apresentar essas construções, presentes nos encontros sociais ao ar livre, que influenciaram o formato do coreto, como é actualmente conhecido. Finalmente, constata-se que os coretos ainda existentes nas cidades são testemunhos de uma época de apogeu na utilização deste género de palcos musicais no espaço público. Através da análise realizada conclui-se que o formato do coreto conheceu a sua evolução a partir dos finais do século XVIII e ao longo do século XIX, sendo que, os finais do século XIX e princípios do século XX, representam o período de auge na construção e utilização de coretos, em parte devido ao aparecimento de bandas civis que impuseram a sua presença no espaço público e ao consequente desenvolvimento da produção industrial que permitiu que os coretos e outros equipamentos urbanos fossem produzidos industrialmente e figurassem em catálogos. Perante isto, os municípios aliaram-se à construção de coretos, executando arranjos urbanísticos que procuravam valorizar as cidades, e à organização de actuações musicais, com o intuito de aumentarem a diversidade de actividades de lazer no espaço público, que era muitas vezes preenchidas com outras atracções, como barracas de petiscos e divertimentos, que serviam para angariar alguns fundos.

Após a análise da evolução funcional e formal do coreto, no terceiro e último capítulo, realiza-se um estudo sobre os acontecimentos lisboetas que recorrem à utilização de coretos, o que permite

constatar os festejos da cidade, os seus locais de implementação e as características construtivas dos coretos armados e fixos de Lisboa.

Na cidade de Lisboa são vários os festejos, encontrados nos registos históricos, que presenteiam o espaço com a inserção de um ou mais coretos, como um dos polos de animação dos acontecimentos. Os festejos da cidade, são organizados em oito categorias de eventos (Celebrações religiosas; Festejos públicos da Monarquia; Concertos semanais; Exposições; Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas; Festejos de cariz solidário; Arraiais e Feiras de Verão e Iniciativas de animação cultural) promoveram a utilização de coretos armados, durante o período de 1880 a 1930, sobre o qual também se constata o maior número de construções de coretos fixos. A construção de coretos armados ou fixos procura adaptar-se à configuração do espaço, e às capacidades económicas e sociais de cada local. Por isso, conclui-se que a utilização de coretos armados, presente no espaço durante o período em que é necessário, está dependente das necessidades e capacidades da organização do festejo para integrar um ou mais coretos no local e para elaborar construções mais ou menos complexas e decorativas. No caso dos coretos fixos, de construção permanente, são, normalmente, integrados no planeamento urbanístico do local, adaptando o equipamento a todo o meio envolvente, segundo as necessidades do próprio espaço e a sua área populacional. Posteriormente, os coretos fixos eram procurados para fazer parte dos festejos que se enquadrassem com a localização e características do seu espaço de implementação, sendo que a par disso, recebiam eventos específicos, como os concertos semanais, uma das novas actividades inseridas no dia-a-dia da sociedade do período indicado, e que constituíam um dos meios de desenvolvimento do conhecimento de música erudita, acessível a todas as classes sociais.

Com o objectivo de constatar onde foram construídos mais coretos realizou-se o tratamento dos dados históricos encontrados, relativos aos eventos de Lisboa que utilizaram coretos, concluindo-se que os coretos armados são sobretudo utilizados nos largos, praças e pracetas da cidade, com uma predominância igualmente considerável, nos arruamentos (ruas, avenidas, travessas e becos), por norma espaços amplos que tivessem capacidade para acolher várias infraestruturas, nomeadamente, outras barracas de diversões e o baile instalado em redor do coreto. Enquanto, os coretos fixos integram, na sua maioria, os jardins e parques de Lisboa, onde também existem preocupações em manter o arranjo do jardim espaçoso para a assistência do coreto e construir percursos que conduzam as pessoas ao encontro do coreto.

Os coretos armados ou fixos eram uma das principais atracções dos festejos da cidade, sendo que a música do coreto passou a ser uma das formas de instruir as classes inferiores. Por outro lado, é importante salientar que o coreto e as suas bandas estavam presentes tanto em eventos oficiais (Festejos públicos da Monarquia, Exposições e Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas), como de carácter popular (Festejos de cariz solidário, Arraiais e Feiras de Verão, Celebrações religiosas e Iniciativas de animação cultural). Os eventos de carácter oficial, que representam os acontecimentos da cidade com maior visibilidade, tinham lugar nas principais praças e

avenidas da cidade, da zona central de Lisboa, actualmente considerada zona histórica (freguesias de Coração de Jesus, São José, Madalena, Mártires, Pena, Santa Justa, São Nicolau, Sé), enquanto os festejos de âmbito popular, mais relacionados com a população do local onde é promovido, aconteciam um pouco por toda a cidade, alguns no centro de Lisboa, mas os mais populares e típicos aconteciam nas zonas periféricas da cidade (freguesias de Beato, Benfica, Carnide, Charneca, Marvila, Santa Maria dos Olivais).

Os exemplares de coretos de Lisboa encontrados representam um espólio de peças bastante originais e criativas, chegando, algumas delas, a distanciarem-se da configuração habitual do coreto. Os coretos armados eram, na sua maioria, estruturas de decoração exuberante que se associavam à temática dos festejos introduzindo novos ornamentos que substituam ou acompanhavam a habitual lira da decoração. Esse facto pode estar relacionado com o que acontece na própria arquitectura portuguesa, onde por exemplo, o estilo manuelino é considerado o gótico português, por terem sido implementados novos motivos decorativos ao estilo gótico, através de elementos figurativos associados à expansão marítima portuguesa, como esferas armilares, algas, âncoras, cabos, algas e figuras mitológicas. Os coretos fixos de Lisboa resultam sobretudo de projectos camarários, construídos por iniciativa do próprio município ou atendendo ao pedido dos seus moradores e bandas locais. São projectos que sobretudo resultam do estilo e influências do seu projectista, que associa a decoração, principalmente da cobertura e protecção do palco (varandim), aos próprios materiais utilizados, como por exemplo o ferro. Todos os coretos de Lisboa têm cobertura, excepto o coreto do Largo do Olival, no Beato. Contudo, sobre a maioria das construções não existem registos que indiquem a existência de preocupações acústicas na execução do projecto da cobertura. Esse estudo e cuidado técnico apenas veio a ser realizado nos últimos anos, nomeadamente, na segunda cobertura do coreto de Carnide e no coreto do Parque Eduardo VII. Por outro lado, apesar de não se conhecerem todos os projectistas de coretos de Lisboa, não foram encontradas referências que indiquem a execução de algum coreto escolhido por catálogo, o que não significa que essa possibilidade não tenha acontecido. De qualquer forma, isso não invalida a grande variedade de estruturas e formatos de coretos encontrada em Lisboa, sendo apenas comum a construção de coretos fixos com bases circulares, octogonais e quadrangulares.

Durante a investigação foi possível verificar que a música do coreto e as actividades desenvolvidas em seu redor faziam parte do leque de interesses de toda a população do século XIX e início do século XX, o que significa que o coreto desempenha bem as suas funções de divertimento e divulgação da música no espaço público. Contudo, apesar de existirem factores de actractividade nos espaços dos coretos, a partir de 1940, a sua utilização, sobretudo dos coretos armados, é cada vez menos solicitada. O declínio da utilização de coretos teve início no período da 2.ª Guerra Mundial (1939-1945) e intensificou-se no período pós-guerra, em que foram criados novos hábitos ligados ao desenvolvimento dos meios de comunicação, como a difusão radiofónica e a era do disco. Era cada vez menos necessária a deslocação até ao espaço público para escutar e usufruir da música, os

encontros sociais agora eram realizados em redor da telefonia. No caso de Portugal, que não participou na 2.ª Grande Guerra, vivia-se em plena ditadura salazarista (1933-1974), que executa um controlo apertado sobre a actividade das filarmónicas, sendo principalmente promovidos concertos nos coretos fixos existentes, por parte de bandas militares, com o intuito de exaltar o patriotismo e o poder da nação, em vésperas do conflito colonial português (1961-1974). Por todos estes motivos, é possível concluir que a redução de solicitações de coretos é um testemunho do próprio declínio de algumas formas de uso do espaço público.

No desenvolvimento desta dissertação verificou-se que as pessoas da sociedade actual têm tanto interesse pela música como as populações do século XIX. Não se sabe explicar ao certo a importância que a música tem na vida das pessoas, mas, tal como já foi referido, conclui-se que era a música do coreto que atraia as pessoas aos locais de festejos da cidade e na actualidade a música acompanha muitas das actividades realizadas no dia-a-dia, seja nas deslocações diárias, no trabalho ou em casa, através dos vários formatos áudio existentes (*mp3*, rádio, cd, *blu-ray*, etc.). Porém, continua a existir uma grande procura pelas actuações ao vivo, mesmo em tempos de crise, é numerosa a quantidade de pessoas que acorre às bilheteiras de espectáculos inéditos, principalmente de grupos musicais estrangeiros.

Por outro lado, a sociedade actual integra vários interesses, sendo que cada pessoa apresenta cada vez mais meios e capacidades para realizar muitas actividades num curto espaço de tempo e interesse em desenvolver diferentes áreas do conhecimento, tendo uma participação e empenho social cada vez mais activo. A par disso, existem cada vez mais meios para desenvolver as actividades pretendidas, por exemplo, a *internet* pode ser utilizada em qualquer local da cidade, através de computadores portáteis, telemóveis, *smartphones* / *iphones* e *tablets* / *ipads*, o que representa uma forma rápida de saber mais e de estar sempre actualizado sobre vários temas (exemplos: acontecimentos no mundo e no país, bolsa, economia, sociedade, anúncios, etc.), sendo que cada pessoa consegue estar cada vez mais perto, chegando mais longe. Por esse motivo, as apresentações culturais no espaço público devem aliar-se às novas comunicações, sobretudo às novas redes sociais, de forma a aproximar as pessoas da cidade, interceptando os interessados em colaborar nas iniciativas de lazer, públicas e gratuitas. Com a presente investigação, constata-se que isso tem vindo a acontecer em alguns coretos da cidade de Lisboa, principalmente no coreto do Jardim da Estrela e da Praça José Fontana, cujas actividades e iniciativas culturais têm sido divulgadas nas redes sociais, como por exemplo, a iniciativa *Out Jazz*, que promove espectáculos de música jazz na cidade e nos coretos de Lisboa, conta com 9.244 seguidores no *Facebook*[267].

Também a sustentabilidade assume-se como um dos principais objectivos da cidade, o que pressupõe pensar no futuro, preservando os recursos existentes (energéticos, materiais, etc.) e reutilizando de recursos consumidos. As novas iniciativas promovidas nos coretos, como as rodas de capoeira do

[267] Dado verificado a 12 de Novembro de 2012.

Grupo Capoeira – Perseveração da Mandinga, que têm lugar no coreto do Jardim da Estrela (Figura 46), são um exemplo de uma forma sustentável de aproveitar os meios existentes, diminuindo o impacto ambiental causado pelos desperdícios, minorando as dificuldades económicas e actuando no presente tendo em vista a "reinvenção" do passado.



Figura 46 – Roda do Grupo de Capoeira Perseveração da Mandinga, no coreto do Jardim da Estrela

Contudo, a dinamização do espaço público não significa que tenha de passar pela instalação de mais coretos. A escassez de actividades promovidas nos últimos coretos fixos construídos em Lisboa (década de 1990) comprova que, a implementação de novos coretos na cidade, não despoletou uma rotina de espectáculos nesses locais, até porque existem certas iniciativas culturais que não se adaptam ao espaço dos coretos, devido a vários factores, como a envergadura do espectáculo ou o número de elementos do grupo (músicos, actores, bailarinos, etc.).

A recuperação dos coretos de Lisboa deve ter em vista a integração de actividades inovadoras e actractivas, para a devida sustentabilidade do equipamento e da sua envolvente. Os coretos ainda existentes tornaram-se peças que representam parte do património da cidade, que segundo as constatações realizadas no primeiro capítulo, devem ser protegidas e utilizadas (novos usos) sempre que for possível, através da inovação, reabilitação e reaproveitamento das suas áreas, pois afinal a conservação também deve ser realizada através da reconversão, com o objectivo de contribuir para a preservação da memória de uma época, ao mesmo tempo que se impulsiona o futuro. Os coretos na cidade não devem ser considerados peças de decoração do jardim, devem sim continuar a promover os encontros no espaço público, por meio de diferentes tipos de actuações musicais, não só de bandas. Tal como defende o Maestro António Victorino de Almeida, «(…) porque não o aproveitamento do espaço para outras iniciativas de igual interesse público?». As iniciativas culturais devem, sempre que possível, aliar-se às construções existentes, como forma de motivar os encontros sociais, a própria preservação e manutenção do equipamento (património) e a utilização do espaço público. Para os eventos de grande envergadura, que não possam ser adaptados ao espaço dos coretos fixos, devem ser construídas estruturas que se adequem às características do espectáculo, de

forma a, posteriormente, serem facilmente removidas devido às dificuldades existentes em manter permanentemente no espaço público urbano estruturas de grandes dimensões, como se observou ao longo do tempo de existência da *Praça Sony*, conduzindo à sua desactivação.

Desta forma, as iniciativas culturais que se adaptam ao palco dos coretos e ao seu meio envolvente têm ainda a oportunidade de beneficiar da sua localização em espaços verdes, cuja arborização protege o ambiente acústico dos sons e ruídos que compõem a cidade. No entanto, para as restantes situações, deve-se desenvolver novas estruturas temporárias, que se adaptem à ambiência sonora das cidades como um desafio técnico, associado às novas tecnologias e seguidor de um comportamento sustentável, para o desenvolvimento de uma estrutura acústica adaptada ao ambiente do espaço público.

O desenvolvimento urbano deve dedicar-se às questões e problemas do espaço público. A qualidade dos espaços deve influenciar os momentos vividos pelas pessoas, atenuando a existência de simples locais de passagem e valorizando o espaço da cidade. Os coretos e a sua presença na cidade indicam-nos algumas das directrizes que o espaço público deve seguir:

- o encontro social;
- a segurança de um espaço mais habitado;
- a preservação do espaço por ser apreciado pelas pessoas;
- a instrução (o acesso à cultura não pode ser descuidado, não deve tornar a ser um serviço para elites, tem de ser acessível a todos e o espaço público é o melhor local para celebrar a cultura como um bem comum);
- um meio civilizacional, pela educação dos comportamentos (se as pessoas cuidarem e preservarem o espaço público, saberão estar e respeitar todos os lugares).

Por estes motivos, devem existir oportunidades para preencher os tempos livres e de lazer com actividades que estimulem o desenvolvimento e instrução das pessoas, de forma livre e gratuita. O espaço público e o encontro social é um dos meios onde deve ser cultivada a troca de saberes entre as pessoas, ao mesmo tempo, que deve conciliar as suas actividades aos novos meios de comunicação, incentivando a atitude interventiva/participativa das pessoas. Visto que, estamos inseridos numa rede crescente que nos move, é necessário que as actividades do espaço público e dos coretos integrem as novas redes sociais, como forma de contrariar algum comodismo das pessoas, incentivando-as a habitarem a cidade e a participarem naquilo que vai ao encontro dos seus interesses.

Bibliografia |

ABEL, Marília – As Festas de Lisboa: Marchas Populares. In Revista **Olisipio, o Boletim do grupo "Amigos de Lisboa",** II série. nº3, (Outubro a Março). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1996. pp. 79-84.

ABREU, José Guilherme – Arte pública e lugares de memória. **Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património**. Porto: Faculdade de Letras. I Série vol. IV (2005). pp. 215-234.

AFONSO, Maria Manuela Belo - **Espaços verdes e a transformação do ambiente urbano, caso estudo: a cidade de Lisboa**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2007. Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do Grau de Mestre em Ordenamento do Território e Planeamento Ambiental.

ALPHAND, A. – **Les Promenades de Paris: arboretum et fleuriste.** Paris: Connaissance et Memoires, 2002. ISBN 2-914473-04-4.

AMARAL, Francisco Pires Keil; SANTA-BÁRBARA, José – **Mobiliário dos Espaços Urbanos em Portugal**. Mirandela: José Azevedo Editora, 2002. ISBN 972-9001-56-1.

ANTUNES, António A. Rosa – **Contribuição para a definição das necessidades sociais a nível do quotidiano numa área urbana. Práticas Sociais e Quotidianas e Apropriação Social do Espaço.** Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1991.

ASCHER, François – **Novos Princípios do urbanismo, seguido de Novos Compromissos urbanos (um léxico)**. Lisboa: Livros Horizonte, Janeiro 2010. ISBN 978-972-24-1670-2.

AYMONINO, Carlo – **O Significado das Cidades**. Lisboa: Presença, 1984.

BANHA, Inês – Coretos buscam nova vida em Lisboa. **Diário de Notícias**, 18 Julho 2011. p. 22.

BARREIROS, Maria Helena (coord.) [et al.] – **Lisboa conhecer, pensar e fazer cidade**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – Urbanismo; Direcção Municipal de Planeamento e Gestão Urbanística; Departamento de Informação Urbana, Outubro 2001. ISBN 972-98786-1-7.

BONY, Claudie – **Uma história de quiosques**. Lisboa: artemágica, 2004. ISBN 989-605-011-2.

BRAGA, Pedro Bebiano – Mobiliário Urbano: O Coreto em Lisboa. In TAVARES, Maria José Ferro (coord.) [et al.] – **A Cidade: Jornadas inter e pluridisciplinares**. Lisboa: Universidade Aberta, Agosto 1993. ISBN 972-674-113-0. pp. 222-231.

BRAGA, Pedro Manuel Bebiano Diniz Ferreira – **Mobiliário Urbano de Lisboa 1838-1938**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1995. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

BRAGA, Pedro Bebiano – José Luís Monteiro, Os Coretos e Lisboa. In Revista **Olisipio, o Boletim do grupo "Amigos de Lisboa",** II série. nº3, (Outubro a Março). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1996. pp. 29-33.

BRAGA, Pedro Bebiano – O Desenho de Móveis para Lisboa. **Arte Teoria**. N.º5 (2004). Lisboa, 2000.p. 64-82. ISSN 1646-396x.

BRAGA, Pedro Bebiano – Ouvir. Mobiliário Urbano 01. **Agenda Cultural Lisboa.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Agosto 2003.

BRANCO, Luís de Freitas – **A Música em Portugal. Exposição Portuguesa em Sevilha.** Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1929.

BRANCO, João de Freitas – **História da Música Portuguesa.** Lisboa: Publicações Europa-América. Colecção Saber n.º42, Outubro 1959.

BRANDÃO, Pedro (coord.) e REMESAR, Antoni (coord.) [et al.] – **Espaço Público e Interdisciplinaridade / Espacio Publico y la interdisciplinaridad**. Lisboa: Centro Português de Design, Setembro 2000. ISBN 972-9445-117.

BRANDÃO, Pedro; CARRELO, Miguel; ÁGUAS, Sofia – **O Chão da Cidade. Guia de Avaliação do Design de Espaço Público**. Lisboa: Centro Português de Design, Abril 2002.

BRITO, Manuel Carlos de; CYMBRON, Luísa – **História da Música Portuguesa.** Lisboa: Universidade Aberta, 1992. ISBN 972-674-086-X.

CAEIRO, Baltazar de Matos – **Ferros de Lisboa.** Lisboa: Baltazar Caeiro.

CARITA, Hélder Carita – **Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal: ou originalidade e desaires desta arte**. [s.l.]: Edição de Autores, Novembro de 1987.

CARVALHO, Delmar Domingos de – **Os Coretos do distrito de Leiria**. Leiria: INATEL, 2006.

CARVALHO, Delmar Domingos de - **Os Coretos do distrito de Leiria**. Leiria: INATEL, 2008.

COELHO, António Baptista; CABRITA, António Reis – **Espaços Exteriores em Novas Áreas Residenciais.** Informação Técnica Arquitectura ITA. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1999. ISBN 972-49-1411-9.

DIAS, Marina Tavares – **Lisboa Desaparecida**. Volume 1. 1ªedição. Lisboa: Quimera Editores, Novembro 1987.

FARINHA, Brazão (coord.) – **Reabilitação e manutenção de edifícios: Uma publicação prática com soluções construtivas e estratégias de reabilitação e manutenção de edifícios**. Verlag Dashöfer, Maio 2006. ISBN 978-972-98489-1-9.

FERNANDES, José Gomes – A Cidade: Espaço de Atracção/Espaço de Rejeição. In TAVARES, Maria José Ferro (coord.) [et al.] – **A Cidade: Jornadas inter e pluridisciplinares**. Lisboa: Universidade Aberta, Agosto 1993. ISBN 972-674-113-0. pp. 540-552.

FERNANDES, José Manuel – Lisboa, Portugal. Património, História Recente. In Revista **Olisipio, o Boletim do grupo "Amigos de Lisboa",** II série. nº3, (Outubro a Março). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1996. pp. 125-128.

FERREIRA, V. Matias; CASTRO, Alexandra; SEIXAS, João; SILVA, Isabel Pato; LOPES, Elisabete – Morfologias Urbanas e Espaços Públicos na Metrópole de Lisboa. Uma Aproximação Instrumental e Metodológica no Quadro de uma Investigação. **Cidades: Comunidades e Territórios.** Lisboa: CET/ISCTE. ISSN 1675-0639. N.º5 (Dezembro 2002). pp. 81-97.

FERREIRA, Vítor Vladimiro – Uma outra Lisboa, em busca dos coretos desaparecidos. **Jornal Letras**, 18 de Maio de 1993. p. 12.

FONSECA, Ana – Animação cultural em coretos e jardins. **Jornal de Notícias**, 5 Maio 2001. p. 26

FRANÇA, José-Augusto – **Lisboa: Urbanismo e Arquitectura**. 5.ªedição. Lisboa: Livros Horizonte, colecção: Cidade de Lisboa, Outubro 2005. ISBN 972-24-0998-0.

FRANÇA, José-Augusto – **A reconstrução de Lisboa e a arquitectura.** Colecção Biblioteca Breve. Volume 12. 3.ªedição. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, Junho 1989.

GÂNDARA, M. Isabel; MASSAPINA, M. Isabel; GOULÃO, Manuel – Mobiliário Urbano. In TAVARES, Maria José Ferro (coord.) [et al.] – **A Cidade: Jornadas inter e pluridisciplinares**. Lisboa: Universidade Aberta, Agosto 1993. ISBN 972-674-113-0. pp. 540-552.

GARCIA, José Pulido – **A Vegetação de Lisboa e os seus Parques e Jardins.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1961. Separata do nº89 da «Revista Municipal». Artigo da palestra proferida no S.N.I. em 21 de Janeiro de 1961.

GOITIA, Fernando Chueca – **Breve história do urbanismo**. Lisboa: Presença, 1982.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Sales – **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Tomo 2. Rio de Janeiro: Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Círculo de Leitores, 2002. P. 1090 ISBN 972-42-2809-6 (Obra completa)

INDOVINA, Francesco – O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança. **Cidades: Comunidades e Territórios.** Lisboa: CET/ISCTE. ISSN 1675-0639. N.º5 (Dezembro 2002). pp. 119-123.

LAMAS, José M. Ressano Garcia – **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.** 5ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas, Maio 2010. ISBN 978-972-31-0903-0.

LEITÃO, Rui Miguel Ribeiro de Campos – **A ambiência musical e sonora da cidade de Lisboa no ano de 1890**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2006. 310f. Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências Musicais na especialidade de Musicologia Histórica.

LOBATO, Gervásio – O Passeio de S. Pedro de Alcântara. **O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro**. Lisboa: Empreza do Occidente, 1881. N.º 74. pp. 11-12.

LOBATO, Gervásio; REBELLO, Brito – Alameda de S. Pedro de Alcântara. **O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro**. Lisboa: Empreza do Occidente, 1885. N.º 223. p. 51.

LOBO, Isabel Maria da Costa – **A Vivência do Espaço Público Urbano**. Lisboa: Faculdade de Engenharia da Universidade Católica Portuguesa, Setembro 2006. Dissertação apresentada à Faculdade de Engenharia da Universidade Católica Portuguesa, para a obtenção do título de Mestre em Qualificação da Cidade.

LYNCH, Kevin – **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, Outubro 2009. ISBN 978-972-44-1411-9.

LYNCH, Kevin – **A Boa Forma da Cidade**. 13ª edição. Lisboa: Edições 70, Fevereiro 2010. ISBN 978-972-44-1330-3.

MACHADO, José Pedro – **Dicionário Etimológico a Língua Portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados**. 2ªedição. Lisboa: Editorial Confluência, 1967. p. 701.

MAGALHÃES, Fátima (coord.) - **Jardins Miradouros de Lisboa: Roteiro dos principais espaços verdes e miradouros de Lisboa**. Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e do Vale do Tejo, Julho 1998. ISBN 972-9163-48-0.

MANATA, Fernando – **Coretos em Portugal e noutros países. Exposição de Fotos e Postais Ilustrados sobre os Coretos em Portugal e noutros países.** Figueiró dos Vinhos: Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos (ed. Lit), 1997.

MARTINS, Ana Solange; REMESAR, Antoni; CORTEZ, Paula do Vale; ÁGUAS, Sofia [et al.] – **Do Projecto ao Objecto: Manual de Boas Práticas de Mobiliário Urbano em Centros Históricos**. 2ª edição. Lisboa: Centro Português de Design, Julho 2005. ISBN 972-9445-31-1.

MATTOSO, José (direc.); TORGAL, Luís Reis (coord.); ROQUE, João Lourenço (coord.) [et al.] – **História de Portugal: O Liberalismo (1807-1890)**. Vol. 5. Lisboa: Editorial Estampa, Junho de 1998. ISBN 972-33-1261-1 (obra completa) ISBN 972-33-1310-3 (volume 5).

MELA, Alfredo – **A Sociologia das Cidades**. Colecção: Temas de Sociologia. 1.º edição. Lisboa: Editorial Estampa, Janeiro 1999. ISBN 972-33-1390-1.

MESQUITA, Alf. de – Filarmónicas. **Serões** n.º33 Março, 1940, Lisboa. p.179-183.

MOITA, Irisalva (dir.) [et al.] – **O Livro de Lisboa**. Lisboa: Livros Horizonte, Dezembro de 1994. ISBN 972-24-0880-1.

MORGADO, Fátima (coord.) – **Jardins e Miradouros de Lisboa: Roteiro dos principais espaços verdes e miradouros de Lisboa.** Lisboa: Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, Junho 1998. ISBN 972-9163-48-0.

MOTA, Graça [et. al] – **Crescer nas Bandas Filarmónicas: Um estudo sobre a construção da identidade musical de jovens portugueses.** Porto: Afrontamento, 2009. ISBN 978-972-36-1000-0.

MOTA, Maria do Céu Aguiar da – **Contributo para a compreensão da relação Arquitectura, Música e Acústica no Portugal Contemporâneo.** Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2005. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

PATO, Heitor Baptista – **São Jorge de Arroios**. Uma Freguesia de Lisboa. Lisboa: Junta de Freguesia de São Jorge de Arroios, 2006.

PEDREIRINHO, José Manuel – O Passeio Público**. Revista História**. Arquivos de Arquitectura, nº72, Outubro 1984. pp. 46-48.

PEDREIRINHO, José Manuel – Amenidades urbanas : os quiosques. **Revista História**. Arquivos de Arquitectura, N.º 77. Março 1985. pp. 52-54.

PEDREIRINHO, José Manuel – Os coretos. **Revista História**. Arquivos de Arquitectura, N.º 87. Janeiro 1986. pp. 46-47.

PEREIRA, João Castel-Branco [et al.] **Arte Efémera. Catálogo de Exposição do Museu Calouste Gulbenkian, 13 Dezembro de 2000 a 25 de Fevereiro de 2001** (Galeria de Exposição Temporárias do Museu). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Dezembro 2000. ISBN 972-8128-65-7.

PEREIRA, Mariana Pires Reis – **Espaços Verdes Urbanos, Contributo para a optimização do planeamento e gestão, Freguesia de Oeiras e São Julião da Barra**. Lisboa: Universidade Técnica de

Lisboa, 2011. 110 f. Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa, para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura Paisagista.

PORTAS, Nuno; TOSTÕES, Ana; MATOS, José Sarmento de [et al.] – **Atlas Urbanístico de Lisboa**. 1ªedição. Lisboa: Argumentum, Novembro 2006. ISBN 978-972-8479-46-6

PORTO, Câmara Municipal do [et al.] – **Parques Urbanos e Metropolitanos / Urban and Metropolitan Parks: Manual de Boas Práticas / Manual of Good Practice**. Porto: Câmara Municipal do Porto, Agosto de 2006. ISBN 972-9174-74-4.

PORTUGAL, Lauro – **Ranchos folclóricos e bandas filarmónicas: a voz e a alma de Portugal.** Lisboa: Roma Ed., Novembro 2004. ISBN 972-8490-58-5

QUEIROZ, Eça – **O Primo Basílio, Episódio doméstico**. Obras completas de Eça de Queiroz, 1.ºvolume. Lisboa: Círculo de Leitores, Fevereiro de 1980. A primeira edição foi publicada em 1878. p.97.

RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – **Os Coretos em Lisboa: 1790-1990**. Lisboa: Editorial Fragmentos, Lda., Dezembro de 1991.

RELVAS, Eunice – Bandas, Filarmónicas e Coretos Volantes. A Festa na Rua. In TAVARES, Maria José Ferro (coord.) [et al.] – **A Cidade: Jornadas inter e pluridisciplinares**. Lisboa: Universidade Aberta, Agosto 1993. ISBN 972-674-113-0. pp. 236-249.

RODRIGUES, Francisco de Assis – **Dicionário Technico e Histórico***.* Imp. Nac.: Lisboa, 1875.

RODRIGUES, José Armando; COSTA, José Lino; MAGALHÃES, Maria Filomena de; ANGÉLICO, Maria Manuel; [et al.] – **Oásis Alfacinhas, Guia Ambiental de Lisboa**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993.

RODRIGUES, Maria João Madeira – **Tradição, Transição e Mudança. A produção do espaço urbano na Lisboa oitocentista.** Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa III Série-N.º 84. Lisboa, 1979.

RUSSO, Susana Bilou – **As Bandas Filarmónicas enquanto Património: um estudo de caso no concelho de Évora.** Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Novembro 2007. Dissertação apresentada no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia, especialidade em Antropologia: Patrimónios e Identidades.

SALGUEIRO, Teresa Barata – A Representação da Paisagem de Lisboa. In TAVARES, Maria José Ferro (coord.) [et al.] – **A Cidade: Jornadas inter e pluridisciplinares**. Lisboa: Universidade Aberta, Agosto 1993. ISBN 972-674-113-0. pp. 440-452.

SANCHIS, Pierre – **Arraial : Festa de um Povo. As romarias portuguesas.** 1.ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Setembro 1983.

SANTA-RITA, Isabel Maria de – A Vivência na Cidade. In Revista **Olisipio, o Boletim do grupo "Amigos de Lisboa",** II série. nº3, (Outubro a Março). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1996. pp. 85-87

SANTANA, Francisco (dir.); SUCENA, Eduardo (dir.); [et al.] – **Dicionário da História de Lisboa**. Lisboa: Carlos Quintas & Associados – Consultores, Lda., 1994. ISBN 972-96030-0-6.

SEIXAS, Ana; COUCEIRO, João; MÉGRE, Rita; GOMES, Rogério – **Ternos Passeios: Um manual para melhor entendimento e fruição dos espaços urbanos públicos**. Lisboa: Instituto de Promoção Ambiental / IPAMB e Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro de Ambiente e Espaços Verdes, com o apoio do Programa Ambiente, Setembro de 1997. ISBN 972-9300-82-8.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – **História de Portugal (1851-1890).** Volume IX. Lisboa: Verbo, Setembro 1986.

SILVA, António de Moraes - **Diccionario da Lingua Portugueza por António de Moraes Silva** (natural do Rio de Janeiro). 8.ªEdição. Volume 1 A-E. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense de A. A. da Silva Lobo, 1890. p. 544.

SILVA, Fernando E. da, - **História do Jardim Zoológico de Lisboa.** Lisboa, [s.n.], 1965.

SILVA, Raquel Henriques da Silva – O Fim do Antigo Regime em Lisboa. Imagens e Funçoes de uma Cidade Romântica. In TAVARES, Maria José Ferro (coord.) [et al.] – **A Cidade: Jornadas inter e pluridisciplinares**. Lisboa: Universidade Aberta, Agosto 1993. ISBN 972-674-113-0. pp. 206-219.

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis – Da música como Instrumento de Civilização. In **O Panorama: jornal litterário e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.** N.º108, 20 de Janeiro de 1844. p. 23-24.

SOUSA, Pedro Marquês de – **História da música militar portuguesa.** Colecção: História Militar. Lisboa: Tribuna da História, 2008. ISBN 978-972-8799-95-3.

SOUTO, Maria Helena – Cidades? Efémeras e o Urbanismo Haussmanniano: Exposições Universais em Paris (1867-1900). **Arte Teoria**. nº10. Lisboa, 2007. pp. 199-214. ISSN 1646-396X.

TEIXEIRA, Manuel C. (coord.) [et al.] – **A Praça na Cidade Portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, Lda., Julho 2001. ISBN 972-24-1120-9.

TELLES, Gonçalo Ribeiro (coord.) [et. al] – **Plano Verde de Lisboa. Componente do Plano Director Municipal de Lisboa.** Lisboa: Edições Colibri, Outubro 1997. ISBN 972-8288-74-3.

TOSTÕES, Ana – **Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos Espaços verdes de Lisboa**. Lisboa: Edições Salamandra, Lda. ISBN 972-689-044-6.

TRAVASSOS, David (coord.) – **Guia dos Parques, Jardins e Geomonumentos de Lisboa**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Junho de 2009. ISBN 978-972-98489-1-9.

Netgrafia

BEATO, Junta de Freguesia – **O Beato. Boletim Informativo da Junta de Freguesia do Beato.** Lisboa: Junta de Freguesia do Beato, Dezembro 2008. Disponível em WWW: <URL: http://pt.scribd.com/doc/16222807/Boletim-Informativo-O-Beato-edicao-de-Dezembro-2008> [Consult. 22 Julho 2012].

CAMARINHAS, Catarina Teles Ferreira; BRITO, Vasco (co-autor) - **Elementos para o estudo do Plano de Urbanização da cidade de Lisboa (1938)**. Publicado em "Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa", 2007. Disponível em WWW: <URL: http://www.academia.edu/178248/Elementos_para_o_estudo_do_Plano_de_Urbanizacao_da_cidade_de_Lisboa_1938_> [Consult. 27 Agosto 2012].

CARNIDE, Junta de Freguesia – **Boletim Informativo da Junta de Freguesia de Carnide.** Lisboa: Junta de Freguesia de Carnide, Setembro 2010. Disponível em WWW: <URL: http://www.jf-carnide.pt/xms/files/Publicacoes/Publicacoes/BOLETIM_setembro_2010.pdf> [Consult. 20 Julho 2012].

CARVALHO, Delmar Domingos de – **Coretos: Origem etimológica de Coreto e denominações noutros idiomas.** Vila Nova de Gaia: Meloteca, 2010. Disponível em WWW: <URL: http://www.meloteca.com/pdfartigos/delmar-domingos-de-carvalho-origem-etimologica-de-coreto.pdf> [Consult. 3 Outubro 2011].

CHARNECA, Junta de Freguesia – **Boletim da Junta de Freguesia da Charneca**. N.º35. Lisboa: Junta de Freguesia de Charneca, Dezembro de 2011. Disponível em WWW: <URL: http://jf-charneca.pt/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=26&Itemid=17> [Consult. 2 Agosto 2012].

COELHO, Teixeira (org.) [et. al] – A Cultura pela Cidade. Colecção: Os livros do observatório. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 2008. ISBN 978-85-7321-294-5. Disponível em WWW: <URL: http://www.itaucultural.org.br/bcodemidias/001038.pdf> [Consult. 3 Junho 2012].

FORTUNA, Carlos – Culturas Urbanas e Espaços Púbicos: Sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico. In **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. N.º 63 (Outubro 2002). Disponível em WWW:

<URL: http:// www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=798> [Consult. 12 Abril 2012]. pp. 123-148.

FRANCISCO, Marlene Duarte – **Espaço Público Urbano: Oportunidade de Identidade Urbana Participada.** Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em WWW: <URL: http://www.apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/053.pdf> [Consult. 4 Abril 2012].

HANBURY, Elizabeth – **Pleasure Gardens: Part 1.** Publicado a 8 Março 2010. Disponível em WWW: <URL: http://elizabethhanbury.blogspot.pt/2010/03/pleasure-gardens-1.html> [Consult. 30 Abril 2012].

HANBURY, Elizabeth – **Pleasure Gardens: Part 2.** Publicado 10 Abril de 2010. Disponível em WWW: <URL: http://elizabethhanbury.blogspot.pt/2010/04/pleasure-gardens-part-2.html > [Consult. 30 Abril 2012].

Jornal de Notícias – **Coreto é uma das novidades do *Optimus Alive***. Lisboa: Jornal de Notícias, 5 Julho 2011. Disponível em WWW: <URL: http://www.jn.pt/multimedia/video.aspx?content_id=1897320> [Consult. 2 Novembro 2012].

MARTINS, Daniel Gouveia De Mello – **Análise Do Espaço E Seus Elementos Na Perspectiva De Milton Santos**. (Abril de 2007). Disponível em WWW: <URL: http://www.webartigos.com/artigos/analise-do-espaco-e-seus-elementos-na-perspectiva-de-milton-santos/1563/> [Consult. 23 Maio 2012].

MARVILA, Junta de Freguesia – **Jornal da Junta de Freguesia de Marvila**. N.º64. Lisboa: Junta de Freguesia de Marvila, Março de 2011. Disponível em WWW: <URL: http://www.ester.janz.pt/Revista_Marvila_64.pdf> [Consult. 4 Agosto 2012].

MELOTECA – **Coretos do Concelho de Lisboa.** Disponível em WWW: <URL: http://www.meloteca.com/coretos-lisboa.htm > [Consult. 2 Agosto 2012].

MUSSAT, Marie-Claire – **Bandstand (Fr. *kiosque à musique*; Ger. *Musikpavillon*).** Disponível em WWW: <URL: http://www.docstoc.com/docs/98248004/Article-Display-Title-Bandstand-Reference-46552-Sort-key-bandstand-Version-3-0# > [Consult. 22 Novembro 2011].

PEREIRA, Cristóvão Valente – **Camadas públicas e privadas.** Disponível em WWW: <URL: http://www.apha.pt/boletim/boletim1/pdf/CamadasCristovaoPereira.pdf> [Consult. 30 Maio 2012].

Programa do coreto do Festival *Optimus Alive* 2012. Disponível em WWW: <URL: http://www.optimusalive.com/noticias/157> [Consult. 2 Novembro 2012].

RACALBUTO, Bruno – **Les Kiosques a Musique de la ville de Geneve: Etude historique et architecturale.** Genebra: Ville de Genève, Maio 2005. Disponível em WWW: <URL: http://www.ville-

geneve.ch/fileadmin/public/Departement_2/Publications/Kiosques-a-musique-Etude-historique-ville-Geneve.pdf > [Consult. 17 Outubro 2011].

Rock in Rio – ***Rock Street*: Nova Orleães já chegou à Bela Vista.** Lisboa, 26 Maio 2012. Disponível em WWW: <URL: http://rockinriolisboa.sapo.pt/noticias/rock-street-nova-orleaes-ja-chegou-a-bela-vista---> [Consult. 2 Novembro 2012].

SANTOS, Nuno Andrade – Ambiente Urbano e Cidadania da Urbe. **Espaço Público.** Torres Vedras: Cooperativa de Comunicação e Cultura. N.º 1 (Abril 2006). Disponível em WWW: <URL: http://www.culturaviva.com.pt/textos/nuno%20a%20santos/Ambiente%20urbano%20e%20cidadania%20da%20urbe.pdf > [Consult. 30 Maio 2012].

SIMÕES, Flávio Maia - **Acústica Arquitetónica. Trabalho elaborado no âmbito do convênio ECV033/04 realizado entre ELETROBRAS PROCEL e a UFAL**. Rio de Janeiro, Agosto 2011. Disponível em WWW: <URL: http://www.webarcondicionado.com.br/wp-content/uploads/2011/09/guia_acustica.pdf> [Consult. 12 Abril 2012].

SOARES, Elizabeth Nelo - **Largos, Coretos e Praças de Belém, Roteiro do Património**. Governo Federal do Brasil : Monumenta | Iphan, 2009. Disponível em WWW: <URL: http://www.monumenta.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/01/pracasecoretos.pdf> [Consult. 3 Outubro 2011].

Fontes Iconográficas |

Figura 1 – Esquema da autora Joana Santos Nunes

Figura 2 – Centro de Marcha e Corrida de São Marcos em actividade. Programa Nacional de Marcha e Corrida, 7 Dezembro 2011. Disponível em WWW: <URL: http://www.marchaecorrida.pt/noticia.aspx?id=221> [Consult. 10 Novembro 2012].

Figura 3, 18, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 35 – RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – **Os Coretos em Lisboa: 1790-1990**. Lisboa: Editorial Fragmentos, Lda., Dezembro de 1991. p. 58, 32, 90, 103, 21, 133, 63, 63, 37, 68, 70

Figura 4, 19, 40 – PEREIRA, João Castel-Branco [et al.] **Arte Efémera. Catálogo de Exposição do Museu Calouste Gulbenkian, 13 Dezembro de 2000 a 25 de Fevereiro de 2001** (Galeria de Exposição Temporárias do Museu). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Dezembro 2000. p. 200, 370, 377

Figura 5 – MESQUITA, Alf. de – Filarmónicas. **Serões** n.º33 Março, 1940, Lisboa. p.180

Figura 6, 7 – Ilustração fornecida pelo Gabinete de Estudos Olissiponenses.

Figura 8, 9 – HANBURY, Elizabeth – **Pleasure Gardens: Part 1**. Publicado a 8 Março 2010. Disponível em WWW: <URL: http://elizabethhanbury.blogspot.pt/2010/03/pleasure-gardens-1.html> [Consult. 30 Abril 2012].

Figura 10, 11 – HANBURY, Elizabeth – **Pleasure Gardens: Part 2**. Publicado a 10 Abril de 2010. Disponível em WWW: <URL: http://elizabethhanbury.blogspot.pt/2010/04/pleasure-gardens-part-2.html > [Consult. 30 Abril 2012].

Figura 12, 15 – RACALBUTO, Bruno – **Les Kiosques a Musique de la ville de Geneve: Etude historique et architecturale.** Genebra: Ville de Genève, Maio 2005. Disponível em WWW: <URL: http://www.ville-geneve.ch/fileadmin/public/Departement_2/Publications/Kiosques-a-musique-Etude-historique-ville-Geneve.pdf> [Consult. 17 Outubro 2011]. p. 6, 15

Figura 13 – ALPHAND, A. – Les Promenades de Paris: arboretum et fleuriste. Paris: Connaissance et Memoires, 2002. ISBN 2-914473-04-4. p. 70

Figura 14 – Les Promenades de Paris: Eight Plates. Uma das gravuras de um conjunto de oito de cerca de 1880, publicadas por J. Rothschild. Disponível em WWW: <URL: http://www.christies.com/lotFinder/lot_details.aspx?intObjectID=4057580> [Consult. 20 Novembro 2012].

Figura 16 – SOARES, Elizabeth Nelo - **Largos, Coretos e Praças de Belém, Roteiro do Património**. Governo Federal do Brasil : Monumenta | Iphan, 2009. Disponível em WWW: <URL: http://www.monumenta.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/01/pracasecoretos.pdf > [Consult. 3 Outubro 2011]. pp. 84

Figura 17 – SIMÕES, Flávio Maia - **Acústica Arquitetónica. Trabalho elaborado no âmbito do convênio ECV033/04 realizado entre ELETROBRAS PROCEL e a UFAL**. Rio de Janeiro, Agosto 2011. Disponível em WWW: <URL: http://www.webarcondicionado.com.br/wp-content/uploads/2011/09/guia_acustica.pdf> [Consult. 12 Abril 2012]. pp. 38-39

Figura 21 – Plano geral da cidade de Lisboa em 1812 [Material cartográfico / f. Constantino. - Escala [ca. 1:12000], 5000 Palmos [portugueses] = [9,00 cm]. - [Lisboa : s.n.], 1812. - 1 pl. : color. ; 36,90x52,20 cm. Disponível em WWW: <URL: http://purl.pt/1717/1/P1.html> [Consult. 4 Setembro 2012].

Figura 22 – FOLQUE, Filipe, 1800-1874 – Carta topographica da cidade de Lisboa [Material cartográfico / Filippe Folque. - Escala 1:10000. - [Lisboa : Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos], 1871. - 1 carta : color. ; 81x52 cm http://purl.pt/3525. - Contém escala gráfica de "2000 Metros". Disponível em WWW: <URL: http://purl.pt/3525/1/P1.html> [Consult. 4 Setembro 2012].

Figura 23 – Plano Director de Urbanização de Lisboa de 1938-1948. Disponível em WWW: <URL: http://pdm.cm-lisboa.pt/img/Carta_PDM_3.png> [Consult. 4 Setembro 2012].

Figura 24, 25 – Mapa de Lisboa. Disponível em WWW: <URL: http://www.cm-lisboa.pt/?idc=640&pos=30> [Consult. 4 Setembro 2012]. Alterado pela autora Joana Santos Nunes.

Figura 31 – Fotografia da autora Joana Santos Nunes, 22 Outubro 2011.

Figura 33 – Feira Franca. Disponível em WWW: <URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/x-arqweb/(S(5qyd3445xfgmjve1gb2ep055))/ContentPage.aspx?ID=9520e27e874d0001e240&Pos=1&Tipo=PCD> [Consult. 20 Setembro 2012].

Figura 36 – Fotografia da autora Joana Santos Nunes, 22 Outubro 2011.

Figura 37, 38 – Fotografia da autora Joana Santos Nunes, 28 Julho 2012.

Figura 39 – Fotografia da autora Joana Santos Nunes, 22 Janeiro 2012.

Figura 41 – *Optimus Alive.* Disponível em WWW: <URL: http://www.trivago.pt/oeiras-51034/festasbaladaseventos/optimus-alive-1854277/foto-i8749830> [Consult. 10 Novembro 2012]. Alterado pela autora Joana Santos Nunes.

Figura 42 – Fotografia da autora Joana Santos Nunes, 1 Junho 2012.

Figura 43 – Ensaio Geral. Facebook: *Lisbon Week*, publicado a 22 Outubro 2012. Disponível em WWW: <URL: http://www.facebook.com/photo.php?fbid=194738163994850&set=a.176555809146419.43514.176465532488780&type=1&theater> [Consult. 4 Novembro 2012].

Figura 44 – Ensaio Geral. Facebook: *Lisbon Week*, publicado a 29 Outubro 2012. Disponível em WWW: <URL: http://www.facebook.com/photo.php?fbid=197143500420983&set=a.176555809146419.43514.176465532488780&type=1&theater> [Consult. 10 Novembro 2012].

Figura 45 – CUNHA, Pedro – Praça Sony. Olhares: Fotografia online, publicado a 5 Março 2004. Disponível em WWW: <URL: http://olhares.sapo.pt/praca-sony-foto9293.html> [Consult. 10 Novembro 2012].

Figura 46 – Grupo de Capoeira Preservação da Mandiga. Fotografia publicada a 29 Agosto 2010. Disponível em WWW: <URL: http://www.facebook.com/photo.php?fbid=459850285700&set=pb.707450700.-2207520000.1353450300&type=3&theater> [Consult. 20 Novembro 2012].

Figuras dos Anexos

Figura 1, 2, 3, 5, 6, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 31, 32, 37, 38 – RELVAS, Eunice; BRAGA, Pedro Bebiano – Os Coretos em Lisboa: 1790-1990. Lisboa: Editorial Fragmentos, Lda., Dezembro de 1991. p. 93, 128, 130, 101, 102, 131, 113, 109, 106, 109, 111, 120, 121, 124, 143, 143, 147, 115

Figura 4, 7, 9, 10, 39, 40, 41, 42 – Fotografia da autora Joana Santos Nunes, 22 Outubro 2011.

Figura 19, 20, 21, 28, 29, 30, 46, 47 – Fotografia da autora Joana Santos Nunes, 29 Julho 2012.

Figura 22, 23, 24, 33, 34, 35, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56 – Fotografia da autora Joana Santos Nunes, 28 Julho 2012.

Figura 25 – ELIAS, Rui – Ainda há festa no coreto. Olhares: Fotografia online, publicado a 11 Junho 2005. Disponível em WWW: <URL: http://olhares.sapo.pt/ainda-ha-festas-no-coreto-foto217180.html?nav1> [Consult. 20 Julho 2012].

Figura 26 – Imagem cedida por Fausto Castelhano. Publicado a 20 Fevereiro 2010. Disponível em WWW: <URL: http://retalhosdebemfica.blogspot.pt/2010/02/sociedade-filarmonica-euterpe-de.html> [Consult. 9 Agosto 2012].

Figura 27 – Disponível em WWW: <URL: http://4.bp.blogspot.com/-Ib0xuTT7zlY/TZiO-Fzxd4I/AAAAAAAAKcU/DPlNc7m_UKc/s1600/18.jpg> [Consult. 9 Agosto 2012].

Figura 36 – MATOS, José – Coreto de Porto Salvo. **Reanimar os Coretos em Portugal**: Fotografia online, publicado a 19 Fevereiro 2012. Disponível em WWW: <URL: http://reanimar-coretos-portugal.blogspot.pt/2012/03/coreto-de-porto-salvo.html> [Consult. 17 Agosto 2012].

Figura 43, 44, 45 – Fotografia da autora Joana Santos Nunes, 22 Janeiro 2012.

Anexos

Anexo 1 |

Pedidos e registos de coretos armados em Lisboa

Tabela 1 – Pedidos e registo de coretos armados em Lisboa[268]

Documento	Pedido por quem?	Para quê?								Direcção dos trabalhos	Onde?	Data do pedido	Notas:
		1	2	3	4	5	6	7	8				
Contrato	Manuel José da Silva Lúcio, representante da Comissão de Festejos da Academia Recreio Musical do C.G.A							•		-	Largo do Monte	1905-05-18	-
Termo	José da Assunção, representante dos Festeiros de Nossa Senhora da Graça	•								-	Largo de Santa Cruz do Castelo	1906-08-20	-
Termo	Bernardino Bastos, presidente da Cooperativa Xabreguense							•		-	Beco dos Toucinheiros	1903-06-06	-
Termo	José Maria Braga, presidente da Comissão de Festejos de S. João							•		-	Travessa da Arrochela e Rua da Paz	1910-06-18	-
Termo	João Rebelo, presidente da Comissão do Círio Católico	•								-	Largo de S. Miguel	1904-07-28	-
Termo	Artur Augusto dos Passos, representante da Comissão dos Festeiros de Nossa Senhora da Graça	•								-	Largo de Santa Cruz do Castelo	1903-07-05	-
Termo	Artur Augusto dos Passos, representante da Comissão de Festeiros de Nossa Senhora da Graça	•								-	Largo de Santa Cruz do Castelo	1904-08-30	-
Termo	Cassiano Ferreira, representante da Comissão de Festeiros de N. Sra. da Graça	•								-	Largo de Santa Cruz do Castelo	1907-08-14	-
Termo	José Tavares, presidente da Comissão organizadora dos Festejos a Sto. António, S. João e S. Pedro							•		-	Calçada da Bica Grande	1909-06-04	-
Termo	Cláudio dos Santos, representante da Comissão de Festejos à Senhora do Rosário	•								-	Alameda, Largo e Rua de S. Domingos de Benfica	1907-09-04	-
Termo	Pedro Pereira como representante da Comissão dos Festejos aos Arcos das Águas Livres							•		-	Largo da Senhora de Sant' Ana (actual Bairro da Liberdade)	1901-06-11	Nos dias dos Santos Populares
Termo	Augusto dos Santos, representante da Comissão de Festejos a S. João e S. Pedro							•		-	Rua Eduardo Coelho	1907-06-17	-
Termo	Manuel da Silva, presidente da Comissão Humanitária de Beneficência de Freguesia de Santa Catarina					•				-	Travessa da Laranjeira tornejando para a Rua da Bica de Duarte Belo	1903-05-01	-
Termo	Sala Garrido, representante da Comissão, Humanitária do Castelo de S. Jorge					•				-	Largo de Santa Cruz do Castelo	1909-07-10	-
Termo	Manuel João, Tesoureiro da Comissão Particular de Festejos e Beneficiência da Freguesia de Sta. Catarina					•				-	Rua do Sol a Sta. Catarina	1903-04-30	-

Legenda:
1 - Celebrações religiosas (1790-1914);
2 - Festejos públicos da Monarquia (1795-1905);
3 - Concertos semanais (1848-1957);
4 - Exposições (1864-1944);
5 - Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935);
6 - Festejos de cariz solidário (1884-1923);
7 - Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012);
8 - Iniciativas de animação cultural (1910-2012).

[268] Dados recolhidos a partir de http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF

Documento	Pedido por quem?	Para quê?								Direcção dos trabalhos	Onde?	Data do pedido	Notas:
		1	2	3	4	5	6	7	8				
Termo	Justino Santos, presidente da Comissão Promotora do Arraial de Chelas							•		-	No sítio das Quatro Travessas (?)	1900-09-06	-
Termo	Francisco Baptista Gomes, presidente da Comissão Promotora de Festas Anuais							•		-	Estrada de Chelas	1906-08-06	-
Termo	Augusto Paula Ferreira							•		-	Rua de S. João da Praça	1904-06-06	-
Termo	João Crespo, para as Festas de S. António, S. João e S. Pedro							•		-	Estrada do Loureiro, junto à Capela do Senhor do Triunfo	1902-06-10	Fiador Herculano da Conceição Costa
Termo	Artur Augusto dos Passos, em nome Festeiros de Nossa Senhora da Graça	•								-	Largo de Sta. Cruz do Castelo	1905-08-16	-
Termo	João Severino de Oliveira, para os Festejos de Sto. António, S. João e S. Pedro							•		-	Rua da Cova de Moura	1909-06-12	-
Termo	João Simões da Costa, para os Festejos de Sto. António, S. João e S. Pedro							•		-	Campo de Sta. Clara	1910-06-25	-
Termo	Bellmiro dos Santos, representante do Grupo Recreativo do Largo de Sto. Antoninho							•		-	Largo de Sto. Antoninho	1905-05-20	Bailes durante o mês de Junho
Termo	José Henriques							•		-	Praça das Flores	1910-06-11	Durante o mês de Junho
Termo	Augusto Mendonça, representante da Sociedade da Instrução e Beneficiência "A Voz do Operário"						•			-	Largo do Outeirinho da Amendoeira	1907-10-07	-
Termo	Fortunato João Lisboa, presidente da sociedade de Instrução e Beneficência a "Voz do Operário"								•	-	Largo do Outeirinho da Amendoeira	1905-10-13	Comemoração do 26º aniversário da sociedade
Termo	Augusto Alfredo Costa Sanches							•		-	Rua da Oliveira ao Carmo	1910-06-18	Festejos nos dias 23, 24, 28 e 29 de Junho
Termo	António dos Santos, presidente da Direcção da Sociedade Musical 3 Agosto 1885							•		-	Largo do Poço do Bispo	1905-09-19	-
Termo	Vicente Lúcio da Silva, como representante da comissão de Festejos do Círio de S. Cristovão,	•								-	Largo de S. Cristóvão	1905-09-09	-
Comemoração do aniversário da República	-					•				-	Largo do Corpo Santo	[19--]?	-
Visita do Presidente Loubet	-		•							-	Rua dos Fanqueiros	1905	-

Legenda:
1 - Celebrações religiosas (1790-1914);
2 - Festejos públicos da Monarquia (1795-1905);
3 - Concertos semanais (1848-1957);
4 - Exposições (1864-1944);
5 - Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935);
6 - Festejos de cariz solidário (1884-1923);
7 - Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012);
8 - Iniciativas de animação cultural (1910-2012).

Documento	Pedido por quem?	Para quê?								Direcção dos trabalhos	Onde?	Data do pedido	Notas:
		1	2	3	4	5	6	7	8				
3º Centenário de Camões - Cerimónia da inauguração oficial do bairro de Camões	-										Bairro Camões - Jardim do Palácio do Condes de Redondo	1880-06-09	
Visita do Rei Afonso XIII de Espanha	-		•							-	Avenida da Liberdade	1903	-
Visita do Rei Afonso XIII de Espanha	-		•							Guilherme Veloso	Praça do Município	1903	-
Desfile durante a Visita do Rei Afonso XIII de Espanha	-		•							-	Avenida da Liberdade	1903	-
Comemoração do 1.º Aniversário da proclamação da República	-					•				-	Praça Marquês de Pombal	1911-10-05	-
Inauguração da lápide de comemoração do 31 de Janeiro	-					•				-	Rua Saraiva de Carvalho	1911-01-31	-
Velódromo de Palhavã	Sociedade Hípica (?)								•	-	Velódromo de Palhavã	1911	Prova de saltos promovida pela Sociedade Hípica
Chegada de Dom Carlos e Dona Amélia após visita a Inglaterra	-		•							-	Praça do Município	1904	-

Legenda:
1 - Celebrações religiosas (1790-1914);
2 - Festejos públicos da Monarquia (1795-1905);
3 - Concertos semanais (1848-1957);
4 - Exposições (1864-1944);
5 - Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935);
6 - Festejos de cariz solidário (1884-1923);
7 - Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012);
8 - Iniciativas de animação cultural (1910-2012).

Documento	Pedido por quem?	Para quê?								Direcção dos trabalhos	Onde?	Data do pedido	Notas:
		1	2	3	4	5	6	7	8				
Visita de Afonso XIII	-		•							-	Praça Dom Pedro IV	1903	O coreto foi pintado a encarnado e amarelo e era de forma octogonal.
Visita de Afonso XIII	-		•							-	Praça Marquês de Pombal	1903	-
Visita de Afonso XIII	-		•							-	Praça Duque da Terceira	1903	-
Visita de Estado do Rei Eduardo VII de Inglaterra	-		•							-	Avenida da Liberdade	1903	-
Casamento de Dom Carlos I	-		•							-	Avenida 24 de Julho	1886	-
Casamento de Dom Carlos I	-		•							-	Praça Duque da Terceira	1886-05-22	A estátua foi inaugurada em 1877
Casamento de Dom Carlos I	-		•							-	Praça do Comércio	1886-05-22	-
Coreto das Festas dos Santos Populares	-							•		-	Largo de São Miguel	1963	-
Visita do Rei de Espanha, Afonso XIII	-		•							-	Praça dos Restauradores	1903	-
Cortejo comemorativo da proclamação da República	-					•				-	Praça Marquês de Pombal	1911-10-05	-

Legenda:
1 - Celebrações religiosas (1790-1914);
2 - Festejos públicos da Monarquia (1795-1905);
3 - Concertos semanais (1848-1957);
4 - Exposições (1864-1944);
5 - Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935);
6 - Festejos de cariz solidário (1884-1923);
7 - Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012);
8 - Iniciativas de animação cultural (1910-2012).

Anexo 2 |

Estudo dos coretos fixos de Lisboa e análise do contexto histórico dos seus locais de implementação

1. Coreto do Passeio Público

Contexto histórico do local de implementação do coreto: O Passeio Público pensado, em 1764, por Marquês de Pombal (1699-1782) e projectado pelo arquitecto Reinaldo Manuel dos Santos, viria reforçar o paradigma de modernidade de todo o plano urbanístico pombalino, tendo sido concebido num vale, conhecido por Valeverde, local de hortas e quintas, situado entre, as já existentes, Rua dos Condes e a Calçada da Glória. Um espaço de terras húmidas e alagadas, que terão sido elevadas com os entulhos das demolições pós-terramoto.
O jardim palaciano, com o aspecto de uma quinta nobre e conventual, foi o primeiro jardim público de Lisboa propondo uma utilização pública, destinado à classe média, como forma de imitar o que acontecia no estrangeiro e dar uma maior importância política à nova classe em ascensão, com a introdução de novos gostos, cultura e formas de convívio.
Segundo as descrições da época, referidas por Raquel Henriques da Silva o Passeio Público «era um soturno rectângulo alongado, cercado por um muro alto com 15 janelas gradeadas, tendo cada uma dois assentos de pedra; a fachada do lado norte apresentava também um muro gradeado e, a sul, a entrada era uma espécie de tapume em madeira, solução provisória que nunca seria substituída». Onde existiam rígidas normas de acesso, controladas por um posto da Guarda Real da Policia, localizada em cada um dos topos, e que controlava o cumprimento das regras de guarda-roupa, impostas para a devida entrada no parque, o que o tornou paradoxalmente público.
As reformas implementadas no Passeio Público, dirigidas por Malaquias Ferreira Leal[269], arquitecto do Senado desde 1820, tiveram início em Setembro de 1834 e terminaram em 1838. As alterações efectuadas visaram o embelezamento do jardim, sendo notória a demolição dos muros de alvenaria substituídos por um gradeamento de ferro, com topos em formato de lança, assente sobre um pequeno muro de cantaria de 60 centímetros de altura e suportado por pilares quadrangulares encimados por capitéis, o que permitiu proporcionar um ambiente mais livre e arejado ao Passeio. O Passeio Público iniciou um novo ciclo, mais mundano, mais romântico e muito mais frequentado, onde, em meados de Oitocentos, o rei D. Fernando II[270] institui o hábito de percorrer o Passeio, como o ponto de encontro da moda.
Os encontros no Passeio aconteciam sobretudo ao domingo, entre o meio-dia e as quatro da tarde, e em meados dos anos 50 era também o mote de atracção para os serões da noite, com festas nocturnas apoiadas pela Companhia de Gás que, a partir de Agosto de 1851. A música aos domingos no Passeio, remonta a 1835, embora o coreto só venha a surgir por volta de 1848.
Em 1879, surgiu a proposta de construção de um segundo coreto para o Passeio Público, mas não existem registos que confirmem a sua execução. O projecto do novo coreto surgiu inserido num vasto programa musical de uma semana, com música todos os dias, incluindo a vinda de bandas estrangeiras ao nosso país, programa esse que também não foi possível confirmar a sua realização. A construção do novo coreto previa a substituição do restaurante existente, por uma outra estrutura que incluía um café e copa de um lado e do outro, o palco de coreto. O projecto do novo coreto tinha algumas semelhanças com o coreto existente e ficaria alinhado com este, permitindo a implementação de uma esplanada com cem mesas e quinhentos bancos, entre os dois coretos.
Apesar de não ter havido um segundo coreto fixo no Passeio Público, o antigo coreto ali se manteve até 1884, embora já anteriormente existissem pedidos para a sua demolição devido ao seu estado de degradação, tendo a decisão sido decretada em sessão camarária de Outubro de 1881, aquando do início da construção da Avenida da Liberdade.

Pedido de construção do coreto: desconhecido.
Autor do coreto: desconhecido.
Data de início da construção: cerca de 1848.
Data de final da construção: cerca de 1848.
Data de inauguração: 1848.
Data de demolição: 1884.

[269] **Malaquias Ferreira Leal** (1787-1859). Autor de vários projetos, (o mais paradigmático foi a reforma do Passeio Público), projectou fontes de água, postes, urinóis, bancos de ferro, entre outros.

[270] Chegado a Portugal em 1836.



Figura 1 – Coreto do Passeio Público, em 1879

Localização do coreto: Em 1858, existem indicações da mudança do coreto de local, embora não se saiba ao certo a sua anterior localização no Passeio. Numa planta de 1871, encontrava-se fixado do lado ocidental, perto da Travessa da Glória e aí permaneceu até à data da sua demolição.

Características construtivas: Coreto fixo de base quadrangular (cujo interior serve para arrumo), com acesso de dupla escadaria em V e cobertura em ferro, suportada por catorze colunas, de quatro águas em ferro, vindo a surgir pintada de várias maneiras, entre elas, uma aos losangos e outra às riscas, ambas de grande efeito decorativo, fazendo lembrar o tecido muitas vezes utilizado em coretos armados e nos desenhos orientais.

Ocasiões em que era utilizado:

- Festivais nocturnos (onde habitualmente eram alugadas cadeiras, cujos lucros revertiam a favor do Asilo da Mendicidade);
- Festas de cariz solidário a favor de instituições, como Hospital das Flores, Associação dos Veteranos da Liberdade e Grémio Popular.

Horário dos concertos: Durante a tarde e noite.

Duração dos concertos: sem referências.

Bandas que actuaram no coreto: sem referências.

Indicação dos motivos para o fim do coreto: Desde 1881 que se pensava demolir o coreto, por este se encontrar em péssimo estado, facto que só vem acontecer três anos mais tarde com o início das obras da Avenida da Liberdade.

2. Coretos da Avenida da Liberdade

Contexto histórico do local de implementação dos coretos: O aparecimento do Jardim da Avenida da Liberdade determinou o fim do famoso Passeio Público, destruído no final do séc. XIX (início dos trabalhos da Avenida, em 1879), para permitir o alargamento da cidade em direcção a norte.
O objectivo de construção da Avenida da Liberdade, em substituição do Passeio Público, adoptando o formato de um moderno modelo parisiense – *boulevard*, que consistia numa grande alameda arborizada - não se resumia ao embelezamento e implementação de um local de passeio. Para o engenheiro da Câmara Municipal de Lisboa, Frederico Ressano Garcia, a principal função da Avenida da Liberdade foi delimitar a continuidade do território da cidade, o que estabeleceu o modo mais favorável de construção das Avenidas Novas.
O novo passeio instituído tem início na Praça dos Restauradores, que compreende o antigo largo de entrada do Passeio Público, onde foi inserido o Monumento aos Restauradores dedicado aos homens que restauraram a independência portuguesa em 1640, tendo sido o monumento inaugurado a 28 de Abril de 1886, no mesmo ano da abertura da Avenida da Liberdade.
A finalizar a Avenida surge a Rotunda do Marquês de Pombal, onde só em 1937 se deram início aos trabalhos para erguer a estátua do Marquês de Pombal. A norte da rotunda, a completar o antigo Passeio Público, surgiu o Parque da Liberdade, mais tarde rebaptizado por Parque Eduardo VII, o nome do rei inglês que, em 1903, esteve de visita a Portugal. Este parque surge por consequência da maneira "haussmaniana" de desenhar a cidade.
De certo modo, o recreio e lazer característicos do Passeio Público influenciaram os hábitos do novo jardim da Avenida da Liberdade, nomeadamente, o hábito de ter música neste local, mas apesar disso o coreto que existia no Passeio Público foi demolido, com as obras de construção da Avenida, e a música foi temporariamente transferida para a Alameda de S. Pedro de Alcântara, durante o período de 1882 até Julho de 1885, as bandas passaram a tocar provisoriamente neste espaço, aos domingos e dias santificados.
No projecto da Avenida da Liberdade estavam contemplados novos equipamentos para o jardim, incluindo um novo coreto, criado por José Luís Monteiro e cuja construção foi iniciada no lado oriental do passeio, no talhão situado entre a Rua dos Condes e o Largo da Anunciada, mas uma petição de Dezembro de 1885, de vários moradores da zona pediu a suspensão da sua construção naquele local, o que foi aceite em Comissão Executiva, a 13 de Fevereiro de 1886, que decidiu suspender os trabalhos, remover os materiais e guardá-los até ser designado novo local para o coreto. Apesar de não haver coreto na Avenida, existem referências de bandas tocarem entre a Praça dos Restauradores e a Rua das Pretas.
Mais tarde, possivelmente no lugar onde actuavam as bandas foi construído um coreto fixo de materiais pouco duráveis a pedido da Sociedade Promotora das Creches para a realização de uma quermesse em Setembro de 1886, coreto esse que a pedido dos moradores, foi mantido nesse local até 1894, ano de inauguração do coreto fixo.
A necessidade de um novo coreto na Avenida da Liberdade, devido ao estado de degradação do coreto provisório e o pedido dos moradores lisboetas tendo em vista a necessidade de manter a música neste local, fez com que a 19 de Maio de 1892 fosse retomado o projecto de coreto de José Luís Monteiro, mas agora noutro local, para a parte mais alta da Avenida, no talhão em frente à Rua Rosa Araújo.
O coreto fixo, inaugurado a 15 de Agosto de 1894, foi aí mantido até 1935, quando foi desmanchado para ser novamente construído noutro local, o Jardim da Estrela, onde se mantêm até aos dias de hoje. A decisão de mudar este coreto de local deveu-se ao aumento da quantidade de tráfego, comércio e escritórios na Avenida da Liberdade, factores pouco convidativos para o ambiente musical e para atrair pessoas até ao coreto.

Pedido de construção do primeiro coreto: A pedido da Sociedade Promotora das Creches à Comissão Executiva, em Agosto de 1886, para uma quermesse que se realizaria em Setembro do mesmo ano.

Autor do primeiro coreto: desconhecido.

Data de início da construção: ano desconhecido.

Data de final da construção: ano desconhecido.

Data de inauguração: Setembro de 1886.

Data de demolição: 1894.

Localização do primeiro coreto: Possivelmente foi construído no espaço compreendido entre a Rua das Pretas e a Praça dos Restauradores, onde já actuavam as bandas.

Características construtivas: Coreto construído com materiais provisórios, pouco duráveis como a madeira, que perdurou por vários anos, sendo alvo de várias reparações nomeadamente em Agosto de 1892, em que a

Administração da Caixa de Socorros e Estudantes Pobres pede licença para construir uma quermesse e fazer obras no coreto.

Ocasiões em que era utilizado:
- Domingos e feriados;
- Quermesses (Sociedade Promotora das Creches e Administração da Caixa de Socorros e Estudantes Pobres).

Horário dos concertos: Meses de Verão, das 17h às 19h; meses de Inverno, a partir de Outubro, das 16h às 18h e em Dezembro das 14h às 16h.

Duração dos concertos: 2 horas.

Bandas que mais tocaram:
- Bandas militares, com maior frequência a Banda de Caçadores 5.

Indicação dos motivos para o fim do primeiro coreto: Por ser um coreto construído com materiais pouco resistentes, de carácter provisório encontrava-se em elevado estado de degradação, havendo necessidade de o substituir por outro.

Pedido de construção do segundo coreto: Coreto fixo construído a pedido dos moradores lisboetas, em Janeiro de 1892, tendo sido sugerido o reaproveitamento da cantaria do coreto que começou a ser construído (por volta de 1884), mas que foi desmanchado antes de estar terminado. A proposta aceite pela Câmara que elaborou o projecto e orçamento.

Autor do segundo coreto: José Luís Monteiro.

Data de início da construção: O projecto de coreto fazia parte dos planos de construção da Avenida da Liberdade (início dos trabalhos em 1879), cuja obra teve início em 1884, mas os trabalhos foram suspensos em 1885 a pedido dos moradores, devido ao local de inserção do coreto. A 19 de Maio de 1892, a obra foi recomeçada noutro local, com reaproveitamento da base que tinha sido mandada desmanchar.

Data de início da construção: O projecto de coreto fazia parte dos planos de construção da Avenida da Liberdade (início dos trabalhos em 1879), cuja obra teve início em 1884, mas os trabalhos foram suspensos em 1885 a pedido dos moradores, devido ao local de inserção do coreto. A 19 de Maio de 1892, a obra foi recomeçada noutro local, com reaproveitamento da base que tinha sido mandada desmanchar.

Data de final da construção: 15 de Outubro de 1894.

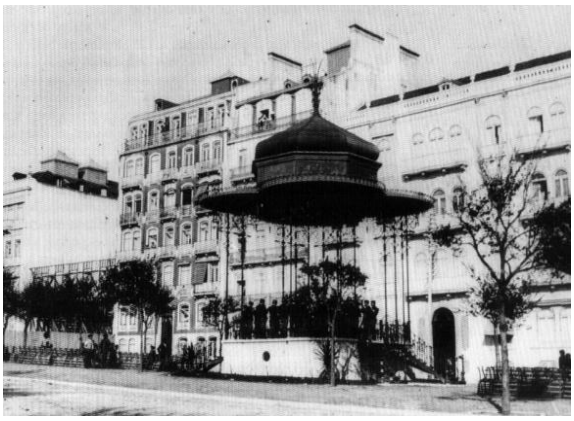


Figura 2 – Coreto da Avenida da Liberdade, actual coreto do Jardim da Estrela

Data de inauguração: 15 de Agosto de 1894.

Data de demolição: Este coreto não foi demolido, foi desmanchado (1935) para ser reconstruído no Jardim da Estrela, tendo sido inaugurado no dia 25 de Outubro de 1936 e aí permanecer até à actualidade.

Localização do segundo coreto: Apesar do projecto de coreto ser o mesmo, foi alterada a sua localização do lado oriental do passeio, no talhão situado entre a Rua dos Condes e o Largo da Anunciada, para a parte alta da Avenida, no talhão oposto e bastante extenso, em frente à Rua Rosa Araújo, sem que a construção do coreto prejudicasse o arvoredo.

Características construtivas: É um coreto construído em mármore e ferro, com cobertura em ferro e madeira. A base em cantaria, cuja planta tem um formato quadrangular de cantos arredondados. Tem duas escadas de acesso (caso único), conferindo um maior equilíbrio ao desenho e debaixo de cada uma delas existe uma porta de acesso ao interior da base. Tanto as escadas, gradeamento e suporte da cobertura são construídas em ferro com sugestões

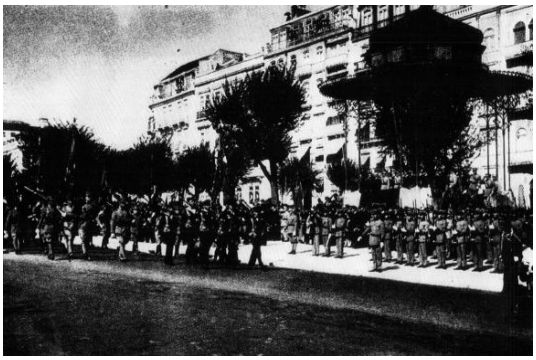


Figura 3 – Coreto da Avenida da Liberdade. Condecoração da Bandeira da Marinha de Guerra, em 1928



Figura 4 – Antigo coreto da Avenida da Liberdade, no Jardim da Estrela, em 2011

indianas no desenho dos arcos (que lembra as varandas em ferro da casa dos condes de Tomar, na Cruz Quebrada, também da autoria de José Luís Monteiro). A sua cobertura, suportada por 16 pilares, tem uma forma bolbosa e o seu interior apresenta um invulgar trabalho decorativo em madeira com formatos de liras, folhagens e o monograma camarário, o desenho de um duplo L, em simetria, combinando com a simetria das escadarias. Em 1898, a pedido do Comandante da 1ª Divisão Militar, foi colocado um toldo no coreto, visto já terem adoecido alguns músicos, devido à exposição solar. Actualmente, o coreto ainda apresenta colocado um toldo em cada um dos lados, mas essa aplicação terá sido aplicada mais recentemente, já no Jardim da Estrela.

Ocasiões em que era utilizado:

- Domingos e feriados;
- Visita de Afonso XIII, a par de mais 8 coretos armados para o arraial minhoto da Avenida: Banda de Caçadores 2 e a Filarmónica União Cintrense, sob a regência de José Estevão Serra.

Horário dos concertos: No Verão, das 16h às 18h ou das 17h às 19h; Outono e Inverno, das 13h às 15h**.** Em Julho de 1911, a Associação Concentração Musical 24 de Agosto é autorizada, pela Câmara, a tocar das 21h às 23h, sendo que no ano seguinte são colocados quatro candeeiros no talhão da Avenida, onde se encontrava o coreto, para evitar a falta de luz que se fazia sentir durante as noites em que havia música.

Duração dos concertos: 2 horas.

Bandas que actuaram no coreto:

- Bandas regimentais (Infantaria 5, Infantaria 2, Infantaria 16 e Infantaria 1; Caçadores 2; Corpo de Marinheiros da Armada) e Guarda Municipal (aos domingos);
- Guarda Nacional Republicana;
- Sapadores de Caminhos de Ferros;

Indicação dos motivos para o fim do segundo coreto: Na década de trinta do século passado, com o aumento do tráfego da Avenida, tornou-se cada vez mais difícil ouvir um concerto no coreto nas melhores condições, tendo sido tomada a decisão, em 1932, de transferir o coreto para o Jardim da Estrela, por proposta de Carlos Mardel Ferreira.

3. Coretos do Jardim da Estrela

Contexto histórico do local de implementação dos coretos: O Jardim da Estrela ou Jardim Guerra Junqueiro, anteriormente denominado por Passeio da Estrela, foi planeado em 1842 e a sua construção teve início em 1850, através da iniciativa de Marquês de Tomar[271] (1803-1889), que contou com doações particulares do Barão de Barcelinhos e do Visconde da Estrela e o apoio institucional da Rainha D. Maria II (1819-1853), que efectivou a expropriação dos terrenos de hortas a António José de Sousa Cruz, dando lugar ao novo jardim. O projecto teve sob a direcção dos engenheiros da Repartição de Obras Públicas, a quem mais tarde se juntou Pierre-Joseph Pézerat, da Câmara Municipal de Lisboa, e os jardineiros Jean Bonnard e João Francisco, e já na última década do século XIX surge o nome de Ernest Tissard.

A zona da Estrela teve um novo impulso populacional, principalmente procurada pela burguesia que com o início da construção da Basílica da Estrela, no ano de 1779, e devido ao pós-terramoto de 1755, optou pela construção das suas residências fora do centro da cidade e tendo o antigo "Casal da Estrela" como espaço de eleição, que viu progressivamente a sua fisionomia rural a dar lugar à urbanização crescente.

O Passeio da Estrela, com cerca de 5 hectares e um traçado à maneira dos jardins ingleses e igualmente bem marcado pelo gosto francês, resultando um ambiente romântico, com alamedas sinuosas, lagos e cascatas, estufas, quiosques e durante vários anos, um exótico pavilhão chinês. O jardim com cinco entradas, duas principais situadas no Largo da Estrela, em frente à Basílica da Estrela, e as restantes ligadas à Rua Estrela, Rua de São Bernardo e Avenida Álvares Cabral, respectivamente, foi inaugurado a 3 de Abril de 1852, abrindo os seus portões com festejos e luminárias para o usufruto da população Lisboa.

No século XIX o Passeio da Estrela era considerado o mais elegante da capital, embora fosse menos frequentado que o Passeio Público, que nesta altura já tinha sido requalificado por Malaquias Ferreira Leal. Inserido neste ambiente exótico encontrava-se um pavilhão chinês para a música, projectado por P. J. Pézerat, que começou a receber bandas militares ainda sem estar terminado. Só por volta de 1863 é que este pavilhão vê ser construída a sua cobertura através de um concurso arrematado pela Companhia Perseverança que apresentou o plano com menos custos.

O coreto deste Passeio foi sobretudo procurado para a realização de festivais nocturnos, através de propostas particulares recebidas e analisadas pela Câmara Municipal, celebrando contrato com a proposta que apresentasse as condições mais desejadas, durante um ou mais anos e nos dias a estipular.

Nesse sentido, surgiu a necessidade de acolher ainda melhor os músicos e os seus espectadores através da substituição do pequeno coreto por um novo, que chegou a ser projectado em 1927, pelo arquitecto camarário Vasques Cardoso. Era um projecto bastante ambicioso que tornava o coreto numa espécie de sala de espectáculos ao ar livre, mas que não encontrou condições para ser executado, sendo que nos anos 30, foi aceite a proposta de substituir o velho coreto do Passeio da Estrela pelo coreto da Avenida da Liberdade, projectado por José Luís Monteiro, que era cada vez menos utilizado devido ao tráfego da Avenida e havia necessidade de conservar esta peça noutro lugar.

A transferência do coreto da Avenida para o Jardim da Estrela foi aprovada em 1932, mas as obras de desmontagem e reconstrução do mesmo só tiveram início em 1935, num processo minucioso, no qual todas as peças foram devidamente numeradas e identificadas. O coreto finalmente reconstruído no local onde permanece, foi inaugurado num ambiente de pompa e circunstância, às 14 horas, do dia 25 de Outubro de 1936, onde compareceram vereadores e funcionários da Câmara Municipal e numerosos populares, ao som da banda da GNR.

Em 1941, o jardim da Estrela foi rebaptizado em homenagem ao poeta Guerra Junqueiro (1840-1923), sofrendo nesse mesmo ano vários danos devido ao violento ciclone que atingiu Lisboa, o que obrigou a Câmara a restaurá-lo e a plantar mais árvores.

Nos nossos dias, o Jardim Guerra Junqueiro continua a ser mais conhecido pelo seu nome original Estrela, e continua a ser muito frequentado por pessoas de todas as idades. Pelas crianças que aqui podem brincar em dois parques recreativos e pelos idosos que encontram espaços de mesas e bancos para jogos como cartas, xadrez,

[271] **António Bernardo da Costa Cabral** (1803-1889). O 1.º conde e 1.º marquês de Tomar, também conhecido por Costa Cabral, foi político e entre outros cargos e funções que desempenhou, foi deputado, par do Reino, conselheiro de Estado efectivo, ministro da Justiça e Negócios Eclesiásticos, ministro do Reino e por duas vezes presidiu ao Ministério (cargo equivalente ao do actual Primeiro-Ministro). Durante o seu primeiro mandato na presidência do ministério, num período que ficaria conhecido pelo Cabralismo, empreendeu um ambicioso plano de reforma do Estado, lançando os fundamentos do moderno Estado português.

damas e dominó. O jardim também está equipado com painéis informativos escritos em várias línguas e quiosques, um deles em formato de biblioteca itinerante e outro com serviço de café.

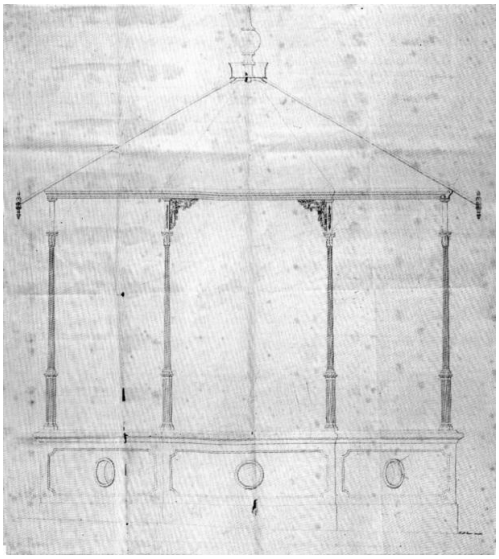


Figura 5 – Projecto da cobertura do coreto do Jardim da Estrela. Companhia Perseverança, em 1863

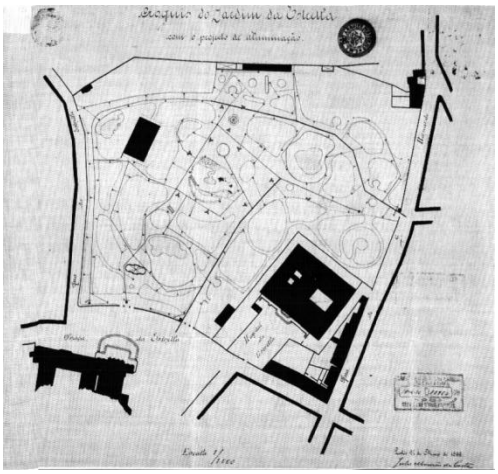


Figura 6 – Localização do coreto. Planta do projecto de iluminação do Jardim, em 1896

Pedido de construção do primeiro coreto: Inserido no plano de projecto do Passeio da Estrela, uma iniciativa de Marquês de Tomar, que contou com o financiamento do Barão de Barcelinhos e Visconde da Estrela e com o apoio institucional da Rainha D. Maria II.

Autor do primeiro coreto: Pierre-Joseph Pézerat.

Data de início da construção: ano desconhecido.

Data de final da construção: 1863 (ano da construção da cobertura que faltava).

Data de inauguração: 1852.

Data de demolição: Entre 1932 e 1935.

Localização do primeiro coreto: Situado junto à muralha do jardim.

Características construtivas: Coreto de base octogonal em mármore branco, com cada uma das oito faces vazadas para permitir o arejamento daquele espaço e para arrumos. O coreto também intitulado como "pavilhão chinez" foi construído para acolher a música no jardim. Mas, só por volta de 1863 é que foram concluídas as obras do coreto, com a construção da cobertura do coreto por parte da Companhia Perseverança, apesar de este já receber bandas antes da cobertura estar construída. A cobertura tinha oito faces, de estilo francês com formas clássicas e efeitos decorativos simples, executados em ferro.

Ocasiões em que era utilizado:

- Domingos e feriados;
- Festivais nocturnos;
- *Garden-party*, por ocasião do Congresso Internacional de Turismo de 1911;
- "Festa da Flor", em 1918.

Horário dos concertos: Durante a tarde, devendo terminar ao final da tarde, ao pôr-do-sol. Assim a Câmara Municipal de Lisboa e o comandante da 1ª Divisão Militar definiram um horário de Inverno e outro de Verão, das 16h às 18h ou das 17h às 19h.

Duração dos concertos: 2 horas.

Bandas que actuaram no coreto:

- Bandas militares, entre elas: Infantaria 2, Infantaria 16, Caçadores 2, Caçadores 5;
- Sociedades particulares: Filarmónica Alunos de Guilherme Cassoul (1888, pediu para usar o espaço do coreto e outros equipamentos, para tocar em alguns dias santificados das 17h às 19h30), Banda das Oficinas de S. José (em 1905, durante os festivais de Santo António), Banda da República da Concentração Musical 5 d' Outubro (em 1913, deu um concerto das 13h às 16h).

Indicação dos motivos para o fim do primeiro coreto: O Jardim da Estrela, famoso pelos festivais de música, precisava de um coreto maior e mais digno para receber as bandas dos concertos, visto que também a cobertura deste coreto, construída em madeira, estava cada vez mais danificada. Assim, este coreto foi demolido para dar lugar a outro, neste caso o coreto da Avenida da Liberdade.



Figura 7 – Coreto do Jardim da Estrela, em 2011

Pedido de construção do segundo coreto: Este coreto, que anteriormente esteve implementado na Avenida da Liberdade, deixou de ser utilizado neste local devido ao aumento de tráfego na Avenida, e assim considerou-se a possibilidade de manter esta peça transferindo-a para outro lugar[272].

Autor do segundo coreto: José Luís Monteiro.

Data de início da construção: Transferido para o Jardim da Estrela, decisão tomada em 1932 e a obra de reconstrução teve início em 1935.

Data de final da construção: Fim da construção na Avenida da Liberdade a 15 de Outubro de 1894, e reconstruído no Jardim da Estrela entre 1935 e 1936.

Data de inauguração: 25 de Outubro de 1936.

Data de demolição: Ainda existente.

Localização do segundo coreto: Na zona central do Jardim da Estrela, que une todos os caminhos das cinco entradas do jardim.

Características construtivas: O coreto foi remontado tal qual como era na Avenida da Liberdade, sendo acrescentado em seu redor bancos e canteiros, que ao longo dos anos têm sido ajardinados de diferentes modos[273].

Ocasiões em que era utilizado e ainda é utilizado:

- Domingos e quintas-feiras;
- Exposição de flores;
- Recreação dos Passeios Românticos Lisboetas (em 1955 e 1971);
- Festivais nocturnos;
- Dança (como por exemplo: capoeira com o Grupo Capoeira – Perseveração da Mandinga, que realizam encontros no Jardim da Estrela fazendo rodas no coreto);
- Teatro;
- *OutJazz* (desde 2006, nos meses de Verão);
- Outras iniciativas da Câmara Municipal de Lisboa e da Junta de Freguesia da Lapa, em que o coreto compõe o cenário criado.

Horário dos concertos: sem referências.

Duração dos concertos: sem referências.

Bandas que actuaram no coreto:

- Banda do Governo Militar;
- Banda da Guarda Nacional Republicana.



Figura 47 8 – Coreto do Jardim da Estrela, em 1991

272 Ver anexo: Coretos da Avenida da Liberdade.

273 Ver anexo: Coretos da Avenida da Liberdade.



Figura 9 – Face interior da cobertura do coreto do Jardim da Estrela



Figura 10 – Gradeamento do coreto do Jardim da Estrela

Condições em que o segundo coreto ainda é utilizado: O coreto da Estrela é o centro de brincadeiras dos mais novos, por exemplo como campo de futebol em que os pilares representam os postes das balizas. Aos sábados e/ou domingos também é possível encontrar o Grupo de Capoeira – Preservação da Mandinga a fazer rodas no topo do coreto. Mas, a ocasião em que este coreto mais vezes acolhe a música é, durante os meses de Verão, no evento *OutJazz* que se realiza desde 2006. Este é um dos coretos de Lisboa que mais vezes acolhe espectáculos, dos mais variados estilos de música, como também outras iniciativas. O jardim é muito frequentado pelos lisboetas e turistas, sendo o coreto uma das principais atracções, por ser um exemplar da arquitectura de oitocentos e dos Passeios Românticos lisboetas. Em 2010, o coreto e o Jardim da Estrela também fizeram parte do programa de espectáculos da 2.ªedição da iniciativa *Lisboa na Rua*, composta por música, dança, teatro e cinema ao ar livre. Também a Junta de Freguesia da Lapa promove alguns eventos no coreto deste jardim, como o "Okupação do Coreto", no dia 11 de Julho de 2009, preenchido com várias actuações, onde para além da música também houve recitação de textos.

4. Coreto do Parque de São Sebastião da Pedreira, antigo Jardim Zoológico

Contexto histórico do local de implementação do coreto: O surgimento do Jardim Zoológico de Lisboa esteve ligado a iniciativas particulares, promovidas e apoiadas por personalidades ligadas à política, cultura, artes, finanças e membros da família real: D. Fernando II, D. Luís e o infante D. Augusto. O principal objectivo de criação de um Jardim Zoológico em Lisboa era criar na cidade um espaço dedicado à aclimação, exposição e comércio de animais e plantas, ajudando ao estudo prático das ciências naturais e protegendo espécies animais e vegetais, num espaço de lazer e diversão, sendo o primeiro parque com fauna e flora exóticas a existir na Península Ibérica.

O local escolhido para a construção do Jardim Zoológico foi o Parque de S. Sebastião da Pedreira (também conhecido como Parque de Santa Gertrudes e Parque José Maria Eugénio), situado perto da zona de Palhavã, no local da actual Fundação Calouste Gulbenkian, onde também funcionou a antiga Feira Popular, era rodeado pela Estrada da Circunvalação (actual Rua Marquês de Fronteira) e pelas Estrada de Palhavã (actual Rua Dr. Nicolau Bettencourt) e Estrada do Rego (actual Rua Marquês de Sá da Bandeira).

O parque e o Palácio Vilalva, ainda hoje existente, surgiram em 1730, através de Fernand Larre, autor e proprietário do parque e palácio. Em 1860, a propriedade foi comprada aos herdeiros de Larre por José Maria Eugénio de Almeida[274], um dos sócios do *Real Contrato do Tabaco, Sabão e Pólvora*, que promoveu a reedificação e ampliação do edifício, para uma luxuoso moradia burguesa, obra que ficou à responsabilidade de José Luís Cinatti e contratou Jacob Weiss, botânico artista que trabalhava em Paris e dirigira o Parque de Monteiro Mor no Lumiar, para o planeamento da área botânica do parque, o qual intitulou Parque Santa Gertrudes. José Maria Eugénio falecido em 1872, acaba por não assistir à transformação do parque em Jardim Zoológico, sendo a sua viúva Maria das Dores Almeida Pinto e segundo marido, João António Pinto, a concederem o espaço do parque à Sociedade do Jardim Zoológico, de forma gratuita e durante cinco anos.

O terreno tinha uma área de dezoito hectares, aos quais se juntaram mais seis hectares arrendados pela Sociedade do Jardim Zoológico, que teve como presidente honorário, D. Fernando II e D. Luís como protector do Jardim.

No dia da inauguração do Jardim Zoológico, a 28 de Maio de 1884, o coreto foi animado pela banda da Guarda Municipal, das 16h às 17h, contando com a presença de vários lisboetas e membros da família real, sendo que haveria mais música no coreto aos domingos, quartas-feiras e dias santos. Embora, sejam raros os registos que indiquem os dias de música e quais as bandas que frequentavam o coreto é possível acrescentar que o Jardim Zoológico teve uma grande popularidade e afluência no seu primeiro ano de existência, vindo essa tendência a diminuir nos anos que se seguiram, colocando o Jardim Zoológico em graves dificuldades financeiras que, a partir de 1887, foram apoiadas pela Câmara Municipal de Lisboa através da dispensa de um subsídio anual.

Em 1889, o contrato de exploração do Parque de São Sebastião da Pedreira foi renovado por mais cinco anos, apesar da proprietária Maria das Dores Almeida Pinto ter vindo a falecer e o seu filho herdeiro, Carlos Maria Eugénio de Almeida, surgir-se em 1892, a reclamar a posse do parque, o contrato foi cumprido até estar concluído em 1894, não havendo possibilidade de renovação do mesmo.

A Sociedade do Jardim Zoológico pediu à Câmara Municipal de Lisboa a cedência de um novo espaço para o jardim, tendo vindo a ser sugeridos o Jardim da Estrela, o Bairro Camões, a Tapada da Ajuda, a cerca da Casa Pia e o Campo Grande, mas em nenhum deles se efectivou a concessão.

Mais tarde, o Parque de São Sebastião da Pedreira deu lugar à Feira Popular de Lisboa (inaugurada a 10 de Junho de 1943) e mais tarde à Fundação Calouste Gulbenkian (inaugurada em 1969), ainda existente. Sobre o coreto do Parque de São Sebastião não foram encontradas mais informações, possivelmente terá sido demolido no momento de adaptação do parque ao cenário de Feira Popular.

Pedido de construção do coreto: Provavelmente a pedido do proprietário do Parque de São Sebastião da Pedreira, José Maria Eugénio de Almeida, desde 1860.

Autor do coreto: José Luís Cinatti.

Data de início da construção: Entre 1860 e 1884.

Data de final da construção: ano desconhecido.

---

[274] **José Maria Eugénio de Almeida** (1811-1872). Detentor de uma das maiores fortunas portuguesas no tempo da monarquia liberal voltada para a Europa. Foi testemunha da transformação da modernidade portuguesa, e um dos seus ilustres obreiros.



Figura 11 – Ilustração do coreto do primeiro Jardim Zoológico, em 1884

Data de inauguração: ano desconhecido.

Data de demolição: ano desconhecido.

Localização do coreto: O coreto situava-se junto ao lago.

Características construtivas: No parque existiam algumas peças e arranjos no jardim que foram mantidos para dar resposta às necessidades do Jardim Zoológico, como foi o caso do coreto, que era um mirante do antigo parque, em forma de *tempieto*, aproveitado para dar lugar à música no jardim. O agora coreto, de gosto italiano, era construído em alvenaria e bastante elevado em relação ao solo, provocando uma exagerada elevação dos músicos e consequentemente alguns problemas acústicos. A cobertura estava assente em oito colunas e tinha o formato de uma cúpula.

Ocasiões em que era utilizado:

- Inauguração do Jardim Zoológico (28 de Maio de 1884);

- 4.º Centenário da Índia (1898);

- Domingos, quartas-feiras e feriados.

Horário dos concertos: sem referências.

Duração dos concertos: sem referências.

Bandas que actuaram no coreto:

- Banda da Guarda Municipal (no dia da Inauguração do Jardim Zoológico).

Indicação dos motivos para o fim do coreto: Desconhecem-se os motivos para a demolição do coreto porque naquele local deixou de existir uma utilização pública, inserida no âmbito do Jardim Zoológico. O Parque de São Sebastião da Pedreira voltou a ser privado, e a demolição do coreto deve ter acontecido durante a implementação da Feira Popular naquele espaço.

5. Coreto do Jardim Botto Machado, no Campo de Santa Clara

Contexto histórico do local de implementação do coreto: Com localização na freguesia de São Vicente de Fora, o Campo de Santa Clara fica situado entre a Rua do Arco Grande de Cima, a Rua do Mirante, a Rua do Paraíso, a Rua da Verónica e a Travessa das Freiras, junto ao Panteão Nacional e inclui em si o Mercado de Santa Clara, o Jardim Botto Machado e a Praça Dr. Bernardino António Gomes, representando todo o espaço onde se realiza a Feira da Ladra, desde 1877.

O antigo Campo de Santa Clara vê o seu jardim ser renovado em 1862, sendo mais tarde baptizado com o nome Jardim Botto Machado, em homenagem ao político republicano português Fernão Botto Machado. O jardim, que se tornou mais um Passeio de Lisboa, é rodeado por gradeamento e possui uma esplêndida vista sobre o rio Tejo.

Mais tarde em 1880, os moradores do bairro oriental do Campo de Santa Clara, sugerem à Câmara Municipal de Lisboa a construção de um coreto e a execução de alguns melhoramentos no jardim. A proposta foi apreciada em sessão da Câmara Municipal pelo vereador do pelouro de obras e vereador do pelouro dos passeios e arvoredos, que ficou autorizado em avançar com a obra, considerada de carácter urgente. A Câmara Municipal de Lisboa avança com o pedido de projecto e orçamento para um coreto, do qual não se conhece o autor, apenas se sabe que estava assente em fundamentos de alvenaria e que a cobertura era de zinco e madeira.

Não foram encontrados registos que indiquem a existência de concertos no coreto deste jardim que acabou por ser demolido em Maio de 1900, após a construção de uma guarita para a arrumação de ferramentas de jardinagem, que anteriormente eram arrecadadas na base do coreto.

O jardim que ficou sem coreto continuou a fazer parte da vida dos lisboetas pela sua paisagem e arvoredo, espaço que se torna mais agitado nos dias de Feira da Ladra. Em 2009, o jardim sofreu alguns melhoramentos e foram instalados novos equipamentos, nomeadamente um quiosque, com café e esplanada, que curiosamente, veio trazer mais animação ao jardim, com vários tipos de eventos, onde não falta a música.

Pedido de construção do coreto: Pedido dos moradores do bairro oriental ao Campo de Santa Clara.
Autor do coreto: desconhecido.
Data de início da construção: 1881.
Data de final da construção: 1881.
Data de inauguração: 1881.
Data de demolição: Maio de 1900.
Localização do coreto: sem referências.
Características construtivas: O coreto construído com alguns materiais pouco resistentes, continha fundição em alvenaria, que poderia vir a ser reaproveitada para a construção de um novo coreto, caso houvesse necessidade, o que não chegou a acontecer.
Ocasiões em que era utilizado:
- Não existem notícias que indiquem a presença de música no coreto.

Horário dos concertos: sem referências.
Duração dos concertos: sem referências.
Bandas que mais tocaram: sem referências.
Indicação dos motivos para o fim do coreto: O coreto foi demolido devido ao seu estado de degradação e nunca chegou ser substituído, por nunca ter sido instituído o hábito da música neste local.

6. Coreto do Jardim da Praça Afonso de Albuquerque, antigo Passeio de Belém

Contexto histórico do local de implementação do coreto: O Passeio de Belém, do qual fazia parte o Jardim da Praça Afonso de Albuquerque (nome dado após a implantação da República), situa-se em frente ao Palácio de Belém e é o antigo Largo de Belém ou Praça D. Fernando, designação dada em 1846, em homenagem ao rei D. Fernando II (1816-1885), que foi o elemento catalisador do hábito de passear em Belém e noutros jardins públicos de Lisboa, como foi o caso do Passeio Público.

A Praça D. Fernando devidamente equipada para o passeio da aristocracia, a partir de 1858 adquire as suas primeiras iluminações a gás, e em 1881 a Câmara Municipal de Belém estabelece um contrato de construção de um coreto para este local. O projecto de autoria da Câmara foi executado pelo mestre-de-obras João Gomes, em alvenaria e ferro. Os registos indicam que os materiais de alvenaria e cantaria tiveram a sua origem nas pedreiras de Rio Seco e de Vila Verde, enquanto sobre o ferro apenas existe a indicação de ser de boa qualidade e servir para a ornamentação do coreto. O contrato também continha uma condição curiosa, obrigando a contratação de operários da zona da obra, possivelmente moradores da zona residencial de Belém.

A ainda Câmara de Belém, em 1885 aprova a construção de um segundo coreto, na nova e bastante concorrida Praça D. Fernando, um coreto idêntico ao já existente e consequente, alteração deste para o lado nascente da praça, ficando ao centro da praça um tanque circular com lago e repuxo. O contrato da obra chegou a ser celebrado com a empresa Alfredo Dias de Oliveira, que arrecadou a empreitada em concurso, mas foi considerado sem efeito provavelmente por, neste mesmo ano, o concelho de Belém ter sido integrado na Câmara Municipal de Lisboa e este projecto não se enquadrar nos objectivos da nova Câmara.

Porém, ainda em 1885, o sítio de Belém agora já associado à Câmara Municipal de Lisboa, recebe novos arranjos no espaço da Praça D. Fernando, da responsabilidade do arquitecto municipal Augusto César dos Santos, que alterou o passeio e árvores do terreiro da praça e alargou o espaço envolvente de circulação ao longo da muralha setecentista do cais. E logo em 1887, a Praça D. Fernando voltou a ser remodelada, devido às obras do Porto de Lisboa e ampliação do troço de linha férrea existente entre Belém e Cascais, agora implementada entre Belém e o Cais de Sodré, incluindo a demolição do antigo cais e da respectiva muralha, e consequente ampliação da Praça D. Fernando.

Em 1902, o coreto acaba mesmo por mudar de lugar, do centro para o lado ocidental da mesma praça, para no seu lugar ser erguido o monumento a Afonso de Albuquerque (inaugurado a 3 de Outubro de 1902), construído em memória dos Descobrimentos e ao vice-rei da Índia, que, após a implantação da República, irá dar o nome ao jardim da praça, que passa a ser conhecido por Jardim da Praça Afonso de Albuquerque. A mudança do coreto de local fez com que fossem introduzidas algumas modificações no mesmo, a Câmara inseriu liras no gradeamento e o brasão do município na base das colunas.

Na época do Estado Novo (1933-1974), por ocasião da Exposição do Mundo Português, em 1940, foram várias as zonas de Belém que sofreram modificações, algumas permanentes e outras temporárias. Entre as remodelações definitivas esteve o Jardim da Praça Afonso de Albuquerque, que foi, mais uma vez, alvo de um novo plano de ajardinamento e viu o seu coreto ser demolido, facto justificado pela assimetria causada pelo coreto, no novo jardim que apresentava uma fisionomia de cariz mais geométrica e devido ao coreto se encontrar inactivo a alguns anos.

Pedido de construção do coreto: Câmara Municipal de Belém (município que em 1885, passa a ficar anexado à Câmara Municipal de Lisboa).

Autor do coreto: Câmara Municipal de Belém e construído pelo empreiteiro João Gomes.

Data de início da construção: 1881 (data de estabelecimento do contrato de construção). Em 1902, o coreto foi reconstruído no lado ocidental do Jardim da Praça Afonso de Albuquerque, para no centro da praça ser erguida a estátua a Afonso de Albuquerque.

Data de final da construção: cerca de 1881.

Data de inauguração: cerca de 1881[275]. É possível afirmar que o coreto foi novamente inaugurado, após a sua mudança para o lado ocidental da praça, no mesmo dia da inauguração do momento a Afonso de Albuquerque a 3 de Outubro de 1902.

Data de demolição: 1940.

[275] Não se sabe a data de inauguração do coreto, mas provavelmente terá sido utilizado nas comemorações de inauguração do mercado de Belém, a 29 de Junho de 1882.

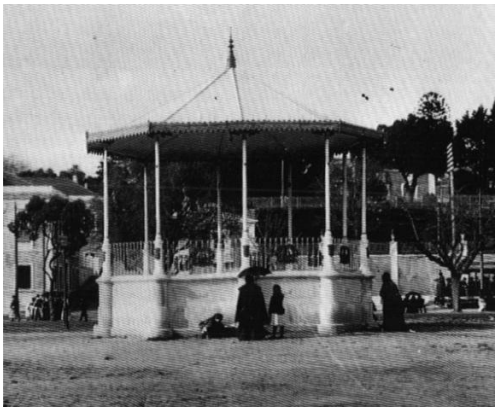


Figura 12 – Coreto no lado ocidental da Praça Afonso de Albuquerque, em 1902

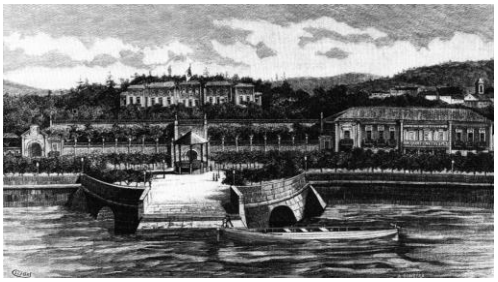


Figura 13 - Coreto no centro da Praça Afonso de Albuquerque, em 1886

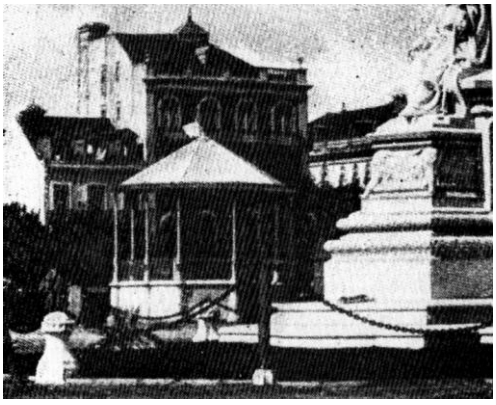


Figura 14 – Coreto e Estátua a Afonso de Albuquerque, em 1902

Localização do coreto: No centro da Praça Afonso de Albuquerque e mais tarde transferido para o lado ocidental da mesma praça.

Características construtivas: O coreto de planta eneagonal, cuja alvenaria da base teve origem nas pedreiras de Rico Seco e de Vila Verde, apresenta nove colunas, uma em cada canto da base, que sustentam uma cobertura em ferro, de nove faces que terminam numa ponta com duas pequenas esferas e rematado nas arestas com ornamentos em ferro. O gradeamento em ferro vem a sofrer alterações em 1902, quando o coreto é mudado para o lado ocidental, sendo- lhe inseridas nove liras, uma em cada face do gradeamento e nove brasões do município, um em cada coluna.

Ocasiões em que era utilizado:

- Inauguração do mercado de Belém (29 de Junho de 1882);
- Regresso do príncipe D. Carlos, vindo de Espanha (1883);
- Festejos do casamento de D. Carlos (1886);
- Feira de Belém;
- Festas particulares;
- Visita do Presidente francês Loubet (Outubro de 1905);
- Domingos e feriados.

Horário dos concertos: sem referências.

Duração dos concertos: sem referências.

Bandas que actuaram no coreto:

- Bandas e Filarmónicas particulares (no decorrer da Feira de Belém);
- Bandas Militares, com maior frequência a Banda do Regimento de Infantaria 1;
- Banda do Regimento de Infantaria 2;
- Banda do Regimento de Infantaria 16;
- Banda de Caçadores 5.

Indicação dos motivos para o fim do coreto: O coreto foi demolido em 1940, por nos anos anteriores ter sido poucas vezes utilizado e por não se enquadrar nas comemorações da Exposição do Mundo Português.

7. Coreto do Jardim de São Pedro de Alcântara, antigo Passeio de São Pedro de Alcântara

Contexto histórico do local de implementação do coreto: O pequeno jardim romântico de S. Pedro de Alcântara é um miradouro de duas plataformas separadas por um muro de suporte joanino. Este local privilegiado, mais tarde denominado oficialmente de Jardim António Nobre, em homenagem ao escritor, permite desfrutar de uma magnífica vista sobre Lisboa e do Castelo de São Jorge, devido a ser o ponto mais elevado do lado oeste, constituindo um dos espaços de passeio mais característicos da Lisboa romântica.

O jardim foi construído em várias fases ao longo do século XIX, tendo sido erguido uma gigantesca muralha para suportar o desnível de terreno existente entre a Rua de S. Pedro de Alcântara e a Rua das Taipas, e em simultâneo introduziu-se no interior da muralha um reservatório de água com chafariz, para fornecer água a toda a zona do Bairro Alto. Mais tarde, a zona do jardim e contígua ao chafariz foi arborizada pela Guarda Real da Polícia, que instalara, nos arredores do passeio, o seu quartel em 1830. Mas foi entre 1839 e 1840 que se intensificaram os trabalhos de requalificação do jardim por parte do município, de certo modo devido à própria popularidade do Passeio Público, houve a necessidade de arranjar e abrir outros jardins situados em espaços qualificados da cidade, tendo sido este passeio um dos contemplados, com obras de melhoramento e arranjo.

Mas desde cedo que o Passeio de São Pedro de Alcântara era procurado, nomeadamente durante o dia pelas crianças e à noite pelos casais apaixonados. A música era o elemento que faltava a este Passeio, sendo que na década de 70 houve a tentativa, realizada a pedido de uma comissão de moradores, de angariar mais simpatizantes do Passeio de S. Pedro de Alcântara, armando-se um coreto no local, para acolher concertos de duas horas, nas noites de quinta-feira, mas desta tentativa não se obteve o resultado esperado.

Porém, o Passeio de São Pedro de Alcântara, foi o espaço escolhido para dar lugar à música do Passeio Público durante o decorrer das obras de construção da Avenida da Liberdade, iniciadas em 1879. A música passou a estar presente em S. Pedro de Alcântara aos domingos e dias santificados, a partir de 1882 até Julho de 1885, mas apesar de haver música no jardim ainda não havia coreto, prevendo-se a construção de um coreto fixo ou aproveitamento do coreto do Passeio Público para reconstrução neste local. Em Março de 1884 ainda não tinha sido tomada nenhuma decisão, apesar das várias insistências e pedidos de diferentes entidades, entre as quais os lojistas das ruas Larga de S. Roque e de S. Pedro de Alcântara, que apelavam à falta de condições que os músicos continuavam a encontrar neste Passeio, situação que se manteve até a música regressar à Avenida da Liberdade.

No entanto persistiu a ideia de construir um coreto definitivo no Jardim de São Pedro de Alcântara, surgindo o projecto em 1886, pela parte de José Luís Monteiro, com o desenho de um coreto bastante dispendioso e inacessível às possibilidades da Câmara, sendo pedidas alterações por parte do vereador para se elaborar um novo orçamento, com vista a construção de um coreto fixo em madeira.

Em resposta, José Luís Monteiro elabora adaptações no antigo projecto, realizando as alterações necessárias para a devida construção da estrutura em madeira, mas mantendo a cobertura em zinco e a grade em ferro, para que tivessem maior resistência.

Após realizadas e aceites as alterações, o coreto foi construído, embora não se saiba ao certo a sua data de construção e inauguração, é sabido que teve uma vida efémera, pois foi removido em Maio de 1890, em parte devido aos materiais de construção utilizados e por ter sido considerado como incapaz, pouco digno e inapropriado para acolher as bandas regimentais, que foram proibidas de ali tocar pelo Comandante da 1ª Divisão Militar.

Durante os anos seguintes, a par da insistência dos moradores e lojistas das imediações da Alameda de São Pedro de Alcântara na construção de um coreto fixo, existiram vários pedidos para armar coretos em São Pedro de Alcântara, alguns indeferidos e outros deferidos.

No início do século XX, ainda era mantida a ideia, por parte dos moradores e lojistas, de ter um coreto fixo no jardim de S. Pedro de Alcântara, mas isso não chegou a acontecer. Apesar disso, nos últimos anos, os proprietários do quiosque que foi instalado no miradouro têm convidado bandas para animarem as noites de Verão do jardim.

Pedido de construção do coreto: Não existe um pedido específico de coreto, mas desde 1884 que os lojistas e moradores da zona do passeio demonstraram a vontade de ter um coreto e música no jardim.

Autor do coreto: José Luís Monteiro.

Data de início da construção: 1886.

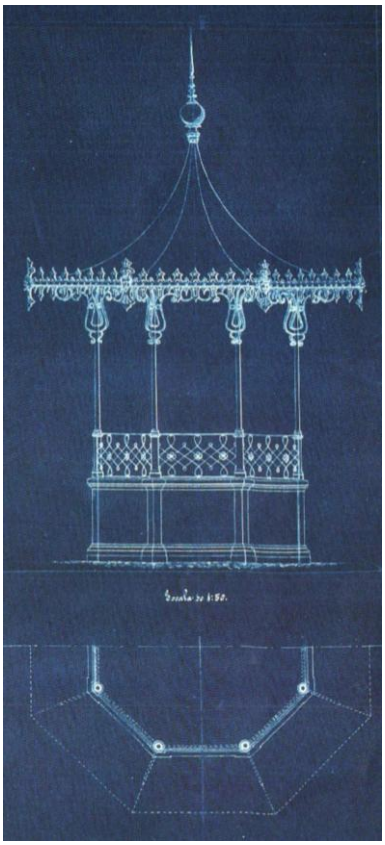


Figura 15- Projecto do coreto do Jardim de São Pedro de Alcântara, em 1886

Data de final da construção: ano desconhecido.
Data de inauguração: ano desconhecido.
Data de demolição: Maio 1890.
Localização do coreto: sem referências.
Características construtivas: O coreto apresentava uma planta octogonal com cobertura, também ela com oito faces em cone que se uniam numa ponta rematada por uma esfera e agulha. A cobertura era assente em capitéis trabalhos com formas de liras. Por economia, o projecto foi alterado pelo próprio Mestre Monteiro para ser construído em madeira, mantendo apenas a cobertura de zinco e a grade de protecção em ferro.
Ocasiões em que era utilizado: este coreto serviu para substituir as funções do coreto do Passeio Público, logo possivelmente seria utilizado em festivais nocturnos e aos domingos.
Horário dos concertos: sem referências.
Duração dos concertos: sem referências.
Bandas que actuaram no coreto:
- Bandas regimentais.

Indicação dos motivos para o fim do coreto: O coreto apresentava um estado elevado de degradação e o próprio Comandante da 1ª Divisão Militar proibiu as bandas regimentais de ali tocarem, por ser indigno do seu estatuto.

8. Coreto do Jardim do Campo Grande

Contexto histórico do local de implementação do coreto: O espaço onde hoje encontramos o Campo Grande remonta ao século XVI, num planalto a norte de Lisboa conhecido por Campo de Alvalade, que abrangia a extensa área do actual Campo Grande, Campo Pequeno e o Bairro de Alvalade. Desde 1520, que a zona do Campo Grande é considerado terreno público, tornando-se em 1801 numa alameda arborizada articulada com o Campo Pequeno, devido à iniciativa de D. Rodrigo de Sousa Coutinho (futuro Conde de Linhares), ministro de D. Maria I, que com o projectista José Manuel de Carvalho e Negreiros transformou o campo existente num belo jardim plantado de árvores, com 1200 metros de comprimento e 200 de largura era cercado por um muro baixo com seis grandes portões de ferro, dois laterais e dois em cada extremo.

O novo Jardim do Campo Grande deu lugar a feiras, a que afluíam o povo de Lisboa e dos arredores saloios, e a partir de 1816, também existiram corridas de cavalos, bastante frequentadas pela alta sociedade aos, domingos e feriados, para realizarem apostas de cavalos, o que aconteceu até meados de oitocentos, quando se deram início às escavações para o grande lago de diversões, com aluguer de botes e surgem os primeiros pedidos para a instalação de teatros e outros divertimentos.

A 2 de Agosto de 1887, os terrenos do Campo Grande passam a ser propriedade e a estar à responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa. Na sequência deste processo, coincidente com o crescimento urbanístico da cidade para norte sob a direcção de Frederico Ressano Garcia, é definido o eixo de modernização urbanística, desde a Avenida da Liberdade (com a destruição do Passeio Público) até ao Campo Grande, alargando a capital através das potencialidades do plano pombalino, ao mesmo tempo que se tenciona obter uma cidade descentrada e múltipla, liberta dos constrangimentos de Marquês de Pombal. No início da década de 90 do séc. XIX, o Campo Grande é transformado em *bois*[276] da capital, onde terá sido inserida a construção de um coreto, do qual existem referências desde 1893. Não é conhecida ao certo a data de construção da estrutura, mas foi provavelmente construído com materiais de fraca qualidade porque são conhecidos vários pedidos de obras, que demoravam a acontecer ou não se chegavam a realizar.

No jardim do Campo Grande tiveram lugar várias festas com quermesse a favor de instituições de caridade. Nos dias em que não havia quermesse era habitual haver música no coreto durante as tardes de Verão, domingos e feriados, sendo que para aumentar as receitas de aluguer de botes no lago do jardim, em 1911, a Junta da Paróquia do Campo Grande pede a transferência do coreto para junto do lago, por ser uma zona mais bonita do jardim e para trazer maior atracção às diversões existentes no lago. A proposta foi aceite, mas não se sabe ao certo se a transferência do coreto chegou a ser realizada.

No princípio dos anos 40, o Campo Grande, denominado Campo 28 de Maio pelo Estado Novo, estava muito degradado, sem qualquer implementação de planeamento paisagístico, a situação piorou com os danos causados pelo ciclone de Fevereiro de 1941, vindo a Câmara Municipal de Lisboa a convidar o arquitecto Keil do Amaral[277] para elaborar o projecto de remodelação e ampliação do jardim, procurou valorizar os pontos de interesse já existentes no jardim, limitando e reagrupando arvoredo e canteiros já existentes com o objectivo de criar novos arruamentos e um maior isolamento do jardim em relação à envolvente. As obras tiveram início em 1945 e foram concluídas em 1948, durante as quais o coreto, já degradado, terá sido demolido e substituído pelos primeiros equipamentos modernos em jardim.

Actualmente, o Jardim do Campo Grande é rodeado por vias rodoviárias bastante movimentadas, o que empobrece a tranquilidade do jardim, que se encontra bastante degradado e com as suas infraestruturas abandonadas, nomeadamente, o edifício do *Centro Comercial Caleidoscópio* e da piscina. Apesar disso, nos últimos anos tiveram lugar no jardim algumas das edições do *OutJazz* Lisboa, em palcos improvisados e no último ano, a 24 de Março de 2011, no dia do Estudante, foi apresentado um projecto de requalificação do jardim pela Câmara Municipal de Lisboa e Universidade de Lisboa, cujas obras estão agora a decorrer.

---

[276] Bosque

[277] **Francisco Caetano Keil Coelho do Amaral** (Lisboa, 28 de Abril de 1910 — Lisboa, 19 de Fevereiro de 1975). Obteve o diploma de Arquitecto na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Em 1937 venceu o concurso para o pavilhão português da Exposição Internacional das Artes e Técnicas na Vida Moderna, realizada em Paris. No ano seguinte ingressou na Câmara Municipal de Lisboa, como arquitecto urbanista, até 1949. Teve um papel assinalável na criação e renovação de parques e jardins de Lisboa, nomeadamente o Parque Florestal de Monsanto, o Jardim do Campo Grande e o Parque Eduardo VII. Entre os edifícios que projectou, são de referir os aeroportos de Lisboa e Luanda, bem como o da União Eléctrica Portuguesa, em Almada. Publicou as obras "A Arquitectura e a Vida" (1942), "A Moderna Arquitectura Holandesa" (1943) e "O Problema da Habitação" (1945).



Figura 16 – Festas de 1904, no coreto do Jardim do Campo Grande



Figura 17 - Quermesse de 1905, no Jardim do Campo Grande

Pedido de construção do coreto: desconhecido.

Autor do coreto: desconhecido.

Data de início da construção: início da década de 1890 (1893 já existem notícias da sua utilização).

Data de final da construção: ano desconhecido.

Data de inauguração: ano desconhecido.

Data de demolição: Entre 1945 e 1948.

Localização do coreto: sem referências.

Características construtivas: Coreto de planta circular com cobertura e grade de protecção. A cobertura em cone era mais larga do que o tamanho da base, fazendo com que as oito colunas de suporte tivessem uma posição inclinada. O rebordo da cobertura era ornamentado, e esta talvez fosse de tecido o que criava uma espécie de tenda.

Ocasiões em que era utilizado:

- Domingos e feriados;
- Concertos pontuais em diferentes dias dos meses de Verão;
- 8.ºAniversário da República.

Horário dos concertos: Durante a tarde e noite; referências de 1899 indicam o horário das 16h às 18h e em 1900, é alterado para as 17h às 19h.

Duração dos concertos: 2 horas.

Bandas que actuaram no coreto:

- Real Academia Fanfarra Triumpho e Alliança do Campo Grande;
- Banda de Infantaria 7 (1896);
- Banda da Sociedade Musical 1 de Janeiro (1897);
- Banda da Sociedade Recreativa 2 de Abril (1897);
- Banda da Sociedade Charnaquense (1897);
- Banda da Academia Musical Patriótica Operária do Paço do Lumiar (1897);
- Banda de Infantaria 5;
- Banda de Infantaria 1;
- Banda de Infantaria 2;
- Banda de Caçadores d'el Rei;
- Banda de Caçadores 2;
- Banda de Infantaria 1;
- Banda da Sociedade de Calceteiros Municipais (8.ºAniversário da República);
- Banda da Polícia Cívica;
- Banda de Sapadores de Caminhos-de-ferro;
- Banda de Caçadores 5.

Indicação dos motivos para o fim do coreto: Desde 1898 que existem vários pedidos de restauro do coreto, devido a ter sido construído com materiais pouco duráveis. Entre 1945 e 1948, o coreto que terá sido poucas vezes recuperado, foi demolido durante as obras de reabilitação do jardim, devido ao seu elevado estado de degradação.

9. Coretos da Praça José Fontana

Contexto histórico do local de implementação dos coretos: No local da actual Praça José Fontana (1915), também conhecida por Jardim Henrique Lopes de Mendonça (desde 1937), situava-se o Jardim do Largo do Matadouro, também conhecido por Largo da Cruz do Taboado, construído nos finais da década de oitenta do século XIX, inserido no contexto da malha urbanística das Avenidas Novas, projectadas por Ressano Garcia, contemplando nas proximidades do jardim, o Matadouro Municipal (construído em 1863) e a Escola de Medicina Veterinária.

A construção do primeiro coreto aconteceu em 1863, teve o apoio dos donativos angariados por parte da Academia de Música Sabino de Sousa, constituída pelos empregados do matadouro, e foi da responsabilidade do construtor civil Francisco Duarte da Silva, que implementou algumas alterações ao projecto inicial, aumentando o número de colunas de quatro para dez, e consequente modificação da cobertura de quatro águas planas para o formato côncavo, rematado por esfera e agulha.

O coreto deve ter sido demolido em 1909, devido às alterações urbanísticas implementadas neste ano. As modificações incluíam a construção do Liceu Camões (de 1908 a 1909), inaugurado a 16 de Outubro de 1909, da autoria de Ventura Terra, implantado em frente ao Largo do Matadouro.

O jardim que tinha ficado sem coreto, parecia que estava destinado a ter um, pois em 1911 foi pedido em sessão camarária projecto e orçamento para um novo coreto, aprovados em Dezembro de 1912. O projecto é apresentado pelo arquitecto José Alexandre Soares, na qualidade de arquitecto-chefe da 4.ª Repartição, projecto em estilo francês que deve ser da sua autoria. José Alexandre Soares tinha sido aluno de José Luís Monteiro e, tal como este, bolseiro em Paris com o professor arquitecto Jean Louis Pascal.

Não se sabe ao certo quando é que o novo projecto de coreto foi concluído e inaugurado, mas em 1919 já fez parte dos festejos do 9.ºAniversário da República. Durante os anos de Estado Novo (1933-1974), em que a música cessou em alguns coretos (caso do coreto do Jardim Afonso de Albuquerque), os concertos neste jardim mantiveram a sua actividade, sendo incluídos em alguns programas oficiais.

Em 1987, o coreto foi alvo de novas obras de conservação e restauro, apesar de ter sido pouco utilizado nestas últimas décadas. Mais recentemente, em 2010, é inserido no Jardim Henrique Lopes de Mendonça, ao lado do coreto, um Quiosque Olisipo com esplanada, conhecido pelo "Quiosque do Coreto". Neste ano de 2012, existiram no coreto intervenções de recuperação do revestimento e estrutura, com a retirada da pintura antiga e aplicação de protecção anticorrosão e posterior pintura da estrutura metálica.

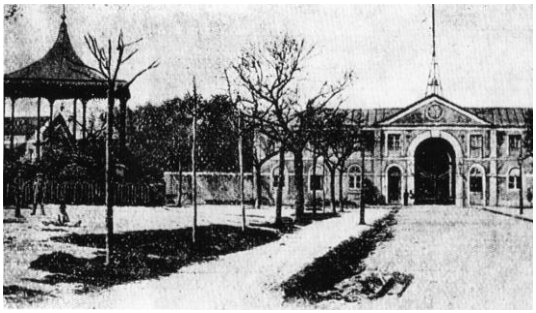


Figura 18 – Coreto do Jardim do Largo do Matadouro e Matadouro Municipal, em 1905

Pedido de construção do primeiro coreto: Academia de Música Sabino de Sousa (a 23 de Fevereiro de 1894).

Autor do primeiro coreto: O projecto foi da responsabilidade da Academia de Música Sabino de Sousa, desconhecendo-se o seu autor, apenas o seu construtor, Francisco Duarte da Silva. O coreto foi oferecido à Câmara Municipal de Lisboa.

Data de início da construção: 1894.

Data de final da construção: 1894.

Data de inauguração: 7 de Outubro de 1894.

Data de demolição: 1909.

Localização do primeiro coreto: Do lado poente do Jardim do Largo do Matadouro, actual Praça José Fontana.

Características construtivas: O primeiro coreto da Praça José Fontana apresentava uma base quadrangular, com escada dupla de acesso, gradeamento simples sem ornamentos, sendo apenas as paredes da base trabalhadas. O projecto inicial continua quatro colunas, às quais foram acrescentadas mais seis, perfazendo o total de dez colunas, que suportavam uma cobertura de quatro águas côncavas

e que terminava em agulha com esfera. Em redor da base foram plantados arbustos e fixado um gradeamento.

Ocasiões em que era utilizado:
- Domingos (pela Banda da Academia Sabino de Sousa);
- Colocação da 1.ª pedra do Monumento à memória de José Fontana (1 de Maio de 1904).

Horário dos concertos: sem referências.
Duração dos concertos: sem referências.
Bandas que actuaram no coreto:
- Durante os três dias de festejos da inauguração do coreto: Banda dos Bombeiros; Banda dos Calceteiros Municipais;
- Academia 1.º de Setembro de 1867, de São Sebastião da Pedreira;
- Banda da Academia Sabino de Sousa.

Indicação dos motivos para o fim do primeiro coreto: O coreto demolido em 1909, sendo mantida a sua base, poucas vezes era utilizado e de algum modo já não se inseria no projecto de ajardinamento da nova Praça José Fontana, onde foi inaugurado o edifício do Liceu Camões a 16 de Outubro de 1909, actual Escola Secundária de Camões.


Figura 19 – Coreto da Praça José Fontana, em 2012

Pedido de construção do segundo coreto: Câmara Municipal de Lisboa, pedido de projecto e orçamento em 1911.
Autor do segundo coreto: José Alexandre Soares.
Data de início da construção: Projecto e orçamento aprovados em Dezembro de 1912.
Data de final da construção: ano desconhecido.
Data de inauguração: ano desconhecido.
Data de demolição: ainda existente.
Localização do segundo coreto: No centro do Jardim Henrique Lopes de Mendonça, Praça José Fontana, em frente à entrada principal da Escola Secundária de Camões.
Características construtivas: O coreto de planta octogonal tinha uma escada em caracol no interior da base, que dava acesso ao palco. A escada foi retirada nas remodelações efectuadas no final dos anos 50, pelo arquitecto Henrique Ferreira de Sousa, que no interior da base construiu um espaço para arrecadação das ferramentas de jardinagem, e outros dois para casa de banho e venda de flores, sendo agora o acesso ao palco feito por uma nova escada exterior. A cobertura deste coreto tem um formato bastante arredondando, com beirais planos e ornamentados em ferro. O gradeamento do palco apresenta um trabalho decorativo muito minucioso, com formatos baseados em claves de sol e liras.



Figura 20 – Face interior da cobertura do coreto da Praça José Fontana



Figura 21 – Coreto e quiosque com esplanada, na Praça José Fontana, em 2012

Ocasiões em que era utilizado e ainda é utilizado:
- Festas do 9.º Aniversário da República, onde tocaram bandas militares (1919);
- Festejos do 18.º Aniversário da República, onde tocou a banda do Batalhão de Caçadores 7 (1928);
- Vários concertos durante o mês de Julho (notícias de 1928 e 1935);
- Terceiro domingo de cada mês (concertos da Banda da Polícia de Segurança Pública, a partir de Janeiro 1947);
- Primeiro e quartos domingos de cada mês (concertos das Bandas do Governo Militar de Lisboa, a partir de Janeiro 1947);
- Quintas-feiras (concertos de várias bandas, incluindo a Banda da Guarda Nacional Republicana, a partir de 1948);
- Sábados (concertos de várias bandas militares e da Banda da Fundição e Construção Mecânica de Oeiras, desde 1951 até 1957).

Horário dos concertos: Mês de Julho, das 16h às 18h.
Duração dos concertos: 2 horas.
Bandas que actuaram no coreto:
- Bandas militares;
- Banda dos Caçadores 5 (1935);
- Banda da Polícia de Segurança Pública (a partir de 1947);
- Bandas do Governo Militar de Lisboa (a partir de 1947);
- Banda da Guarda Nacional Republicana (a partir de 1948);
- Banda da Fundição e Construção Mecânica de Oeiras (desde 1951 até 1957).

Condições em que o segundo coreto ainda é utilizado: Após terminadas as obras de recuperação do coreto, este tem estado inserido em programações musicais promovidas pelo quiosque implementado ao lado do coreto e outros concertos da iniciativa *Lisboa na Rua*, da Câmara Municipal de Lisboa, que conforme o estilo da formação musical convidada procede ou não à instalação de cadeiras no jardim da praça.

10. Coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais

Contexto histórico do local de implementação do coreto: Os Olivais, antiga zona de quintas de recreio do século XVII ocupadas por comunidades religiosas e nobreza, foram desapropriados nos anos seguintes à Revolução Liberal, passando a ser uma zona abundantemente industrial, onde existiam fábricas de cortiça, estamparia, barro, moagem de farinha, sabão, tecidos de algodão, tabaco, entre outras, que ocupavam os seus habitantes, a par de actividades mais antigas como a pesca, a carpintaria, a latoaria, o sapateiro e o pedreiro.
Após o terramoto de 1755 que se delineou a zona do Rossio – Largo do Rossio, mais tarde nomeado Praça Viscondessa dos Olivais – no antigo campo da feira, situado na zona posterior da Igreja matriz da Paróquia de Santa Maria dos Olivais, dando origem aos primeiros arruamentos, como a Calçadinha dos Olivais. Nos limites da praça estão dispostas várias casas de dois pisos, edificadas na sua maioria na segunda metade do século XIX, algumas delas mandadas construir pelo industrial Francisco Alves Gouveia, proprietário da fábrica de estamparia. No conjunto urbano da praça é de destacar a Casa da Viscondessa dos Olivais, situada num dos topos da praça, um edifício de 1866, adquirido por D. Maria Rosa da Veiga Araújo, Viscondessa dos Olivais, que aí fundou em 1896 um asilo para as crianças pobres, onde actualmente funciona o Jardim de Infância da Fundação D. Pedro IV. Por esse motivo, o Largo do Rossio passou a denominar-se Praça Viscondessa dos Olivais.
Ao longo dos tempos, esta praça em rectângulo calcetado com algum arvoredo, foi sendo aproveitada para a realização das actividades recreativas do bairro, onde eram armados coretos, principalmente nos meses de Verão, concretizando o encontro de várias bandas. A Praça da Viscondessa dos Olivais, onde existia um chafariz desde 1891, foi o local escolhido para implementação do coreto fixo, inaugurado a 9 de Agosto de 1896, pela Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense e pela Banda dos Bombeiros Municipais, numa festa em que existiram alguns percalços devido a um candeeiro de petróleo pendurado numa corda, tudo providenciado para iluminação da praça, que caiu derramando petróleo e fogo sobre os instrumentos musicais e o coreto. Os instrumentos ficaram todos inutilizáveis e do coreto não se sabe ao certo quais foram os danos, mas calcula-se que tenha ardido parte do soalho da base e talvez a cobertura, também ela com elementos em madeira. Na base existe uma entrada para o interior do coreto, que permitia o acesso ao cimo do coreto através de um alçapão no soalho do palco, que foi substituído em 1902 por pedra e o coreto restaurado pela Câmara Municipal de Lisboa. Em 1988, o coreto foi reparado e construída uma escada de acesso exterior em ferro, um projecto do arquitecto Jorge Campino, funcionário da CML, para substituir o acesso realizado pelo interior da base, ficando esta apenas destinada a arrumações.



Figura 22 – Coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais, em 2012

Pedido de construção do coreto: Pedido possivelmente realizado por um grupo de moradores ou pela Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense[278], à Câmara Municipal de Lisboa.
Autor do coreto: desconhecido.
Data de início da construção: ano desconhecido.
Data de final da construção: ano desconhecido.
Data de inauguração: 9 de Agosto de 1896.
Data de demolição: ainda existente.
Localização do coreto: No lado nascente da Praça da Viscondessa dos Olivais ao lado do chafariz de 1891.
Características construtivas: Coreto de base quadrangular em tijolo e cantaria, com cobertura em madeira e chapa ondulada em zinco, formando quatro águas, é suportada por quatro colunas de madeira. O remate da cúpula é feito por dupla lira cruzada, elemento decorativo frequente neste tipo de equipamento. Inicialmente, o palco do coreto era revestido a soalho com alçapão, que dava acesso ao topo do coreto, através do interior da base com porta. O coreto sofreu um pequeno incêndio no dia dos festejos da sua inauguração, possivelmente

[278] Para evitar as demoras e despesas anuais com coretos armados.



Figura 23 – Coreto e chafariz da Praça da Viscondessa dos Olivais, em 2012



Figura 24 - Pormenores construtivos do coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais



Figura 25 – Festas no Verão de 2005, no coreto da Praça da Viscondessa dos Olivais

sofrendo danos no soalho que foi substituído por pedra em 1902, e o restante coreto totalmente recuperado, pela Câmara Municipal de Lisboa. Em 1988, o coreto foi reparado e acrescentada uma escada exterior de autoria do arquitecto Jorge Campino para substituir o acesso realizado pelo interior da base, à semelhança do que acontecera com o coreto da Praça José Fontana. A rodear o palco encontra-se uma varanda em ferro.

Ocasiões em que era utilizado e ainda é utilizado:

- Santos Populares;
- Arraiais ao longo do mês de Julho;
- Aniversários da Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense;
- Quermesses e Bazares;
- Festejos em honra de S. Sebastião;
- Domingos;
- IX Reunião de Encontro de Carochas (Julho 2006): coreto animado pelo grupo de acordeonistas Ana Sofia Campeã e pelo cantor popular João Cruz;
- Inauguração da exposição de fotografia de Luís Louro *Debaixo da Grande Árvore - Florestas Tropicais*, houve concertos no coreto por parte de Mau Maria Trio, Couple Coffee e Georton, grupos de música tradicional portuguesa, bossa nova e jazz (Setembro 2009).

Horário dos concertos: Entre as 15h e as 17h ou entre as 16h e as 18h.

Duração dos concertos: 2 horas.

Bandas que actuaram no coreto:

- Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense;
- Banda dos Bombeiros Municipais (dia da inauguração);
- Banda da Sociedade Filarmónica União do Beato;
- Banda da Fábrica de Louça dos Olivais;
- Banda de Cavalaria 4.

Condições em que o coreto ainda é utilizado: Actualmente, o coreto inserido na zona do Olivais Velho é pontualmente utilizado, para animação de eventos realizados na praça, dando lugar a variadas bandas e cantores actuais, muitas vezes acompanhados pelos seus equipamentos de som, o que faz do coreto apenas uma peça com elevação para serem vistos.

11. Coreto do adro da Igreja da Paróquia da Nossa Senhora do Amparo de Benfica

Contexto histórico do local de implementação do coreto: A antiga zona de Benfica, tipicamente saloia, foi até tarde um lugar de quintas de recreio e terrenos de cultivo, que no final do séc. XIX ainda se assemelhava a uma vila integrada na cidade, vindo mais tarde a evoluir a sua área habitacional e de pequeno comércio, sendo que em 1859, foi fundada a sua sociedade filarmónica, a Sociedade Euterpe Musical que costumava animar todos os eventos da freguesia de Benfica. Em 1890, a Sociedade Euterpe Musical mostrou interesse em construir um coreto na freguesia para as suas actuações e outros eventos musicais, vindo a concretizar a construção do coreto, no adro da Igreja da Paróquia da Nossa Senhora do Amparo, mais comumente conhecida por Igreja de Benfica.

A Igreja da Paróquia da Nossa Senhora do Amparo, ainda existente, foi inaugurada a 10 de Dezembro de 1809, era propriedade da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que autorizou a polémica construção de um coreto no lado poente do adro, onde, alguns anos antes, existira o antigo cemitério e de onde se tinham levantado apenas algumas ossadas. A questão foi debatida a nível da Irmandade do Santíssimo Sacramento e por unanimidade dos seus elementos, o pedido da Sociedade Euterpe Musical de Benfica foi aceite e celebrado o contrato a 1 de Outubro de 1880, ficando a Irmandade do Santíssimo Sacramento proprietária do coreto.

A banda mais assídua do coreto era a banda da Sociedade Euterpe Musical de Benfica, que nos festejos mais importantes, como do 8.ºAniversário da República, fez-se acompanhar por outras bandas. Com a Implantação da República Portuguesa, em 1910, a Irmandade do Santíssimo Sacramento foi desapossada da propriedade do adro e zona circundante à Igreja de Benfica, espaços que, em 1914, o Ministério da Justiça concedeu à sociedade comercial, fundada pelos comerciantes da Freguesia de Benfica, a Sociedade Progresso de Benfica, para que pudesse construir lojas dedicadas ao comércio local.

Em 1938, a Irmandade do Santíssimo Sacramento recupera a posse dos terrenos da Igreja de Benfica, surgindo em 1941 a intenção de se construir um edifício dedicado aos serviços sociais católicos, no terreno onde permanecia o coreto, sem se saber ainda qual o destino que lhe seria dado. E em 1956, no ano em que se começou a angariar fundos para a construção do já formado projecto de Centro Paroquial, as referências existentes sobre o coreto indicam que este estava num estado cada vez mais decrépito, que deve ter sido demolido em 1958, quando se iniciaram as obras de construção do edifício do Centro Paroquial.

Actualmente, a Paróquia da Nossa Senhora do Amparo continua a realizar festas relacionadas com a vida e actividade da paróquia, que têm lugar no Centro Paroquial e na zona circundante, por vezes, e quando há necessidade disso, com a possibilidade de montar um palco na zona exterior.

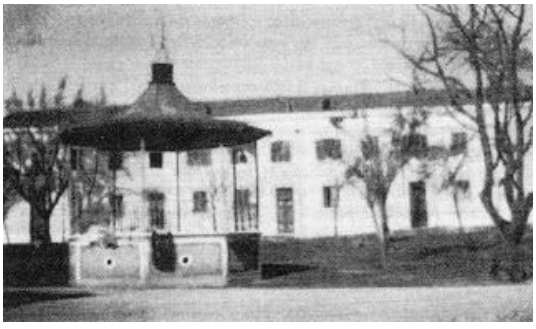


Figura 26 – Coreto do adro da Igreja da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo de Benfica

Pedido de construção do coreto: Pedido realizado pela Sociedade Euterpe Musical de Benfica à Irmandade do Santíssima Sacramento, para construção de um coreto no adro da Igreja da Paróquia da Nossa Senhora do Amparo. Autorização admitida a 1 de Outubro de 1890.

Autor do coreto: desconhecido.

Data de início da construção: 1900.

Data de final da construção: ano desconhecido.

Data de inauguração: ano desconhecido.

Data de demolição: cerca de 1958.

Localização do coreto: Adro poente da Igreja da Paróquia da Nossa Senhora do Amparo, em Benfica.

Características construtivas: O coreto de base octogonal apresentava semelhanças com o primeiro coreto do Jardim da Estrela (1852-1935), pelas imagens existentes é possível observar que cada face da base era pintada com uma moldura e um círculo no centro, provavelmente aberto para arejamento da



Figura 27 – Coreto e Igreja da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo de Benfica

arrecadação, normalmente existente na base dos coretos, embora não tenham sido encontradas referências que indiquem a existência de arrecadação. A cobertura de ferro e formato cónico, terminando num cilindro e cone com espigão, era ornamentada no beiral por agulhas pintadas, semelhante com a cobertura do coreto do Campo Grande, sendo estes pequenos apontamentos e a cor a única decoração presente, pois o próprio gradeamento da base não era desenhado, formado por simples barras de ferro, contrariamente ao que seria habitual.

Ocasiões em que era utilizado:

- Festejos em honra de S. Sebastião;
- Santos Populares;
- 8.º Aniversário da República;
- Domingos.

Horário dos concertos: Em ocasiões festivas os concertos tinham lugar à tarde e à noite; aos domingos, as actuações aconteciam entra as 17h e as 18h30.

Duração dos concertos: 1h30 / 2 horas.

Bandas que actuaram no coreto:

- Banda Filarmónica da Sociedade Euterpe Musical de Benfica;
- Banda da Armada (festejos em honra de S. Sebastião, 1902);
- Banda de Marinheiros da Armada (festejos em honra de S. Sebastião);
- Banda dos Marinheiros (8.º Aniversário da República).

Indicação dos motivos para o fim do coreto: O coreto de Benfica foi demolido devido ao seu estado de degradação e por a Banda Filarmónica local, Sociedade Euterpe Musical de Benfica, não ter dado mais concertos neste local. Com a construção do edifício do Centro Paroquial no adro poente, o coreto foi demolido, não fazendo parte do plano de projecto da Paróquia da Nossa Senhora do Amparo mantê-lo e recuperá-lo.

12. Coreto do Largo do Coreto de Carnide, antigo Largo do Alto Poço

Contexto histórico do local de inserção do coreto: Desde cedo que a zona de Carnide era formada por hortas e pomares de herdades agrícolas particulares, consideradas o "celeiro de Lisboa", de onde seguiam os produtos agrícolas que regularmente abasteciam a cidade. Do século XV, existem referências que indicam a zona de Carnide como o local de descanso da família real e de outros elementos da corte, onde já existia a Igreja de São Lourenço e o seu cemitério, um poço e zonas de armazenamento de cereais. As características "provincianas" de Carnide fizeram com que fosse o local eleito, por muitos lisboetas, nas «fugas para os prazeres do campo».
Entre 1840 e 1885, Carnide pertenceu à efémera Câmara Municipal de Belém, que em 1858 promoveu o alisamento dos terrenos, num só plano, do sítio do Alto do Poço, incluindo a demolição do poço e da capela do Espírito Santo existente nesse local, para transformar toda a área num largo, hoje em dia conhecido como Largo do Coreto, espaço desde cedo privilegiado para o lazer e encontro da população e onde em tempos este activo um mercado/feira de produtos agrícolas.
O espaço do Alto do Poço, intitulado por Largo do Alto do Poço até 1885, nos últimos tempos tem sido explorado por uma equipa de arqueólogos do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade, da Direcção Municipal de Cultura da CML, por via da iniciativa de requalificação do Largo do Coreto e das ruas adjacentes. Os trabalhos arqueológicos que decorrem desde Março de 2012 até Setembro de 2012, têm permitido recuperar muitos elementos da história de Carnide.
A construção do coreto, ainda hoje existente, foi possivelmente erguido a pedido dos moradores ou entidades particulares e provavelmente construído pela Câmara Municipal de Lisboa, pois os seus representantes marcaram presente no dia da inauguração. A inauguração do coreto coincidiu com a inauguração da linha do eléctrico n.º13, no dia 14 de Abril de 1929, envolvendo um extenso programa de festejos com a presença de várias bandas locais, mas o espaço do coreto ficou reservado às actuações da Banda da Sociedade União Operária de Carnide e à Banda da Manutenção Militar.
Como anteriormente referido, estão a decorrer obras de reaqualificação do Largo do Coreto, sendo que o coreto foi recentemente alvo de reparação e pintura. Nos últimos anos, o coreto tem sido sobretudo utilizado nos bailes de Verão e Santos Populares, e nos outros dias do ano, por vezes, o palco do coreto é explorado pela restauração local como espaço de esplanada, sendo esta e outras actividades culturais, algumas das maneiras escolhidas, nomeadamente pelas entidades locais de Carnide, para manter o coreto activo.



Figura 28 – Coreto de Carnide, Largo do Coreto de Carnide, em 2012

Pedido de construção do coreto: Possivelmente a pedido dos moradores locais e/ou de entidades particulares.
Autor do coreto: desconhecido.
Autor da segunda cobertura do coreto: João Parrinha, em 1984.
Data de início da construção: ano desconhecido.
Data de final da construção: ano desconhecido.
Data de inauguração: 14 de Abril de 1929.
Data de demolição: ainda existente.

Localização do coreto: No centro do antigo Largo do Alto do Poço, actual Largo do Coreto, na actualmente considerada zona histórica de Carnide.
Características construtivas: Coreto de base hexagonal, com escada de acesso exterior e gradeamento em ferro com ornamentos que sugerem claves de sol. A cobertura original era côncava e em ferro, sendo derrubada pelo ciclone que atingiu Lisboa, em Fevereiro de 1941. Entretanto só veio a ser reposta uma nova cúpula em 1984, um projecto de João Parrinha que previu a colocação de uma cobertura com estrutura em ferro e revestimento interior em madeira, desenhando uma pirâmide hexagonal. No projecto também foi contemplada a



Figura 29 - Interior da nova cobertura, com as faces convexa. Projecto de 1984



Figura 30 - Escadaria e pormenor do gradeamento do coreto de Carnide

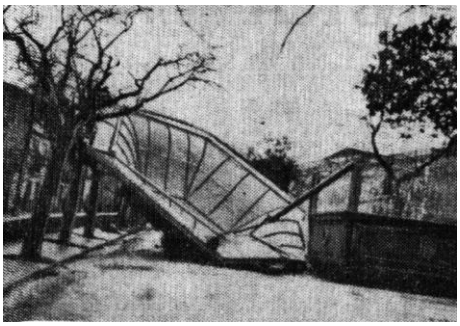


Figura 31 - Queda da cobertura do coreto, devido a um ciclone, em 1941



Figura 32 – Coreto de Carnide antes da instalação da nova cobertura

ampliação do coreto, que não se veio a verificar. Na zona das escadas de acesso ao palco, o projecto de João Parrinha apresentava uma escadaria dupla, ficando a porta da arrecadação da base situada entre duas escadarias, mas a segunda escada não veio a ser construída, sendo apenas recuperado o acesso já existente.

Ocasiões em que era utilizado e ainda é utilizado:

- Santos Populares;
- Arraiais de Verão;
- Várias iniciativas pontuais de animação Cultural.

Horário dos concertos: Durante o Verão, os festejos geralmente têm início à tarde e prolongam-se durante a noite.

Duração dos concertos: sem referências.

Bandas que actuaram no coreto:

- Banda da Manutenção Militar (no dia da inauguração, a 14 de Abril de 1929);
- Banda Filarmónica da Sociedade Euterpe Musical de Benfica (em 1933);
- Banda da Sociedade União Operária de Carnide**.**

Condições em que o coreto ainda é utilizado: O coreto tem sido sobretudo utilizado nos bailes de Verão e Santos Populares, e nos outros dias do ano, por vezes, o palco do coreto é explorado pela restauração local como espaço de esplanada. Mais recentemente são promovidas iniciativas musicais e não só, por exemplo, em 2008, o coreto deu lugar ao jazz e animação por parte do Agrupamento 73 - CNE. Após as actuais obras de requalificação do Largo do Coreto, a Junta de Freguesia prevê garantir actividade cultural regular no largo, em parceria com o grupo Lua Cheia – Teatro para todos, o Grupo de Teatro de Carnide e o Conservatório de Música.

13. Coreto do Largo do Olival, no Beato

Contexto histórico do local de implementação do coreto: O sítio do Beato, antigo Beato António, compreendido na então Paróquia de S. Bartolomeu, era uma das zonas de limite da cidade medieval de Lisboa, preenchida por uma paisagem de campo, dominada pelos palacetes e quintas da Nobreza e conventos das ordens monásticas.
No século XIX, a industrialização e expansão burguesa do liberalismo provocaram grandes mudanças no espaço desta freguesia, que se transformou numa zona sobretudo industrial, impulsionada pela proximidade com Tejo, no final do séc. XIX, pela inauguração do caminho-de-ferro e pela extinção das comunidades religiosas, que foram expropriados dos seus conventos e terrenos para a construção de fábricas.
A acompanhar o crescimento das fábricas, muitos operários passaram a habitar a zona do Beato, surgindo assim a Sociedade Musical União do Beato, a 7 de Junho de 1894, que promovia espectáculos musicais na sua sede e ao ar livre no Largo do Olival, onde se localizava a própria sede.
Em 1957, no ano em que a Sociedade Musical União do Beato comemorou 63 anos de existência, surge a iniciativa de recuperar a banda que se encontrava inactiva, para se retomar a vida de concertos da sociedade, que considerou de igual importância a construção de um coreto. A Câmara Municipal de Lisboa satisfez o pedido de construção de um coreto no Largo do Olival, que inicialmente apresentou a proposta de um coreto em madeira que foi alterada para betão.
O projecto do coreto construído foi apresentado em Dezembro de 1957, pelo engenheiro agrónomo P. Fontes. A inauguração do coreto teve lugar a 13 de Julho de 1958, onde estiveram presentes representantes da Câmara Municipal de Lisboa, da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio e de outras associações, ciclistas do Atlético Clube de Portugal e outros atletas da Sociedade Musical União do Beato, cuja banda da mesma sociedade animou a festa e beberete no coreto durante a tarde e noite.
Na actualidade, a banda da Sociedade Musical União do Beato encontra-se inactiva e o coreto apenas faz parte das brincadeiras das crianças, sendo intenção da Junta de Freguesia do Beato demolir o coreto, na sequência do projecto de requalificação urbana, previsto para o Largo do Olival. O projecto é apresentado no Boletim Informativo da freguesia, em Dezembro de 2008, onde embora não haja nenhuma referência à demolição do coreto, é possível verificar que ele não se encontra inserido no plano de projecto das imagens que acompanham o artigo.


Figura 33 – Coreto do Largo do Olival, Beato, em 2012

Pedido de construção do coreto: Pedido realizado pela Sociedade Musical União do Beato à Câmara Municipal de Lisboa, que apresentou projecto de coreto em Dezembro 1957.
Autor do coreto: P. Fontes.
Data de início da construção: ano desconhecido.
Data de final da construção: ano desconhecido.
Data de inauguração: 13 de Julho de 1958.
Data de demolição: ainda existente.
Localização do coreto: No centro do Largo do Olival, no Beato.
Características construtivas: A planta do coreto representa um trapézio, com escada de acesso inserida no interior do palco que contem quatro plataformas de diferentes alturas. O perímetro do coreto é rodeado por um murete, não contendo cobertura, que terá sido improvisada pelo arvoredo plantado para o efeito (plátanos e oliveiras). O coreto é todo construído em betão armado não contendo qualquer decoração e ornamentos. Actualmente, apresenta uma protecção simples em ferro, que deverá ter sido aplicada no final dos anos 90, pois a estrutura é bastante idêntica à protecção em ferro do coreto do Parque Eduardo VII, construído em 1997.



Figura 34 – Pormenor do palco e gradeamento do coreto do Beato



Figura 35 – Quatro plataformas do coreto do Beato

Ocasiões em que era utilizado e ainda é utilizado:
- Arraiais;
- Santos Populares.

Horário dos concertos: sem referências.
Duração dos concertos: sem referências.
Bandas que actuaram no coreto:
- Sociedade Musical União do Beato;
- Banda da Sociedade Recreativa Alunos de Apólo;
- Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense[279].

Condições em que o coreto ainda é utilizado: Nos últimos anos, não existem registos que indiquem a utilização do coreto em eventos culturais, apenas o testemunho das crianças que fazem uso do coreto nas suas brincadeiras. Em Dezembro de 2008, a Junta de Freguesia do Beato apresentou um projecto para o Largo do Olival, no qual está prevista a demolição do coreto para conseguir uma maior área de estacionamento.

[279] *Ibidem.* p. 146

14. Coretos do Jardim Zoológico, antiga Quinta das Laranjeiras

Contexto histórico do local de implementação dos coretos: A Quinta das Laranjeiras e o Palácio das Laranjeiras, também conhecido por Palácio Farrobo, uma edificação seiscentista onde actualmente se encontra instalada a Secretaria-Geral do Ministério da Educação e Ciência, antigo Ministério do Ensino Superior da Ciência e Tecnologia.

A Quinta das Laranjeiras, inicialmente denominada como Quinta de Santo António, foi uma das mais notáveis quintas de recreio existentes em Portugal. No séc. XIX, foi cenário de festas célebres, um dos mais animados pontos de encontro dos arredores da capital, sobretudo após aí ter sido construído um teatro (1820). A composição da Quinta das Laranjeiras era um misto inglês e francês, com o palácio no topo da extensa avenida, marcando um eixo no prolongamento dos jardins da quinta, assemelhava-se ao gosto das herdades inglesas do séc. XVII, enquanto o cruzamento da mata por outras avenidas rectilíneas sugere os famosos parques franceses da época.

Ao longo dos anos, a Quinta das Laranjeiras foi propriedade de várias entidades, primeiramente do Conde de Farrobo, sendo em 1903 adquirida pelo Conde de Burnay, que em 1905 arrendou os jardins da Quinta das Laranjeiras à Sociedade do Jardim Zoológico. Em 1922, a Sociedade do Jardim Zoológico passou a ser proprietária dos terrenos ocupados pelo seu jardim, e sensivelmente até 1974, veio a ocupar outros terrenos contíguos à Quinta das Laranjeiras, como a Mata das Águas Boas e a Quinta da Barbacena.

O novo Jardim Zoológico na Quinta das Laranjeiras, onde se mantem até aos dias de hoje, foi inaugurado a 28 de Maio de 1905, mas anteriormente a esta data, em Março de 1904, o engenheiro Mendes Guerreiro foi responsável por visitar a Quinta das Laranjeiras e realizar uma espécie de inventário da zona ajardinada e equipamentos existentes, para preparar a transferência do Jardim Zoológico. Através deste relatório, descritivo do local, foi possível saber que na quinta existia um coreto, onde mais tarde se projectou construir duas casas, uma para café e outra para cerveja.

O coreto terá sido construído durante a primeira metade do séc. XIX, na temporada em que o Conde de Farrobo foi proprietário da quinta, por ser um apoiante do teatro e da música, como executante de trompa e presidente de duas Academias Filarmónicas constituídas por amadores, ambas criadas a partir da Sociedade Filarmónica instituída por João Domingos Bomtempo, a Academia Filarmónica (28 de Março de 1838) e a Assembleia Filarmónica (1839), o que o poderá ter influenciado na vontade de inserir coreto na Quinta das Laranjeiras. O projecto do coreto deverá ter estado a cargo do mesmo arquitecto do teatro, Fortunato Lodi[280].

Com a chegada do Jardim Zoológico à Quinta das Laranjeiras, o coreto existente foi mantido e deu lugar a inúmeras bandas regimentais, normalmente, em concertos de duas horas. Em 1935, o Jardim Zoológico ficou sem coreto, que foi demolido neste mesmo ano, devido ao seu estado de profunda degradação, o que veio a criar conflito e discórdia na Assembleia Geral de Março de 1935, tendo sido o assunto solucionado com a substituição do coreto por um estrado em madeira, armado no mesmo local, onde passaram a actuar as bandas de música, durante vários anos.

Três anos mais tarde, em 1938, foi construído o "Jardim Zoológico dos Pequeninos" pela mão de Raul Lino e inaugurado a 8 de Setembro de 1938, onde foi executado e colocado no centro do recinto um pequeno pavilhão com aparência de coreto ou mirante, destinado às brincadeiras das crianças. Actualmente, muitas das construções de Raul Lino encontram-se em mau estado, o pequeno coreto foi transformado numa espécie de instalação de electricidade, fechado com vidros e com uma lâmpada no seu interior, impedindo as crianças de brincarem neste espaço.

Em 1988, o Jardim Zoológico voltou a receber um coreto, sensivelmente no mesmo local do anterior. Este coreto foi uma oferta da Câmara Municipal de Oeiras, representando uma réplica do coreto de Porto Salvo, em Oeiras, construído em 1937. O novo coreto do Jardim Zooógico foi inaugurado a 28 de Maio de 1988, com a actuação de uma banda civil e a participação dos representantes da Câmara de Oeiras e da direcção do Jardim.

No final dos anos oitenta, princípio dos anos 90, tocaram várias bandas neste coreto, sobretudo aos domingos, através do convite da direcção do Jardim Zoológico. Nos últimos anos, o jardim tem sofrido várias remodelações, sendo agora permitido visitar gratuitamente o espaço de entrada do jardim, uma zona ajardinada, onde se insere o lago, vários restaurantes, o Jardim Zoológico dos Pequeninos e o coreto. A direcção do Jardim Zoológico disponibiliza o coreto para acções privadas, como promoção e venda de produtos, estudos de mercado, animações e eventos culturais, através do pagamento de um aluguer, o que faz com que sejam várias as

[280] **Fortunato Lodi**, arquitecto italiano era cunhado do Conde de Farrobo, proprietário da Quinta das Laranjeiras. Autor do projecto do Teatro Nacional D. Maria II, construído entre 1843 e 1846.

iniciativas a ter lugar no coreto, onde a música não tem de estar presente, por exemplo, no Natal de 2007 o coreto foi o espaço escolhido para as crianças tirarem fotografias com o Pai Natal e um grupo de araras.





36 **37**

Figura 36 – Coreto de Porto Salvo, Oeiras, construído em 1937
Figura 37 – Coreto do Jardim Zoológico, construído em 1988 (réplica do coreto de Porto Salvo)

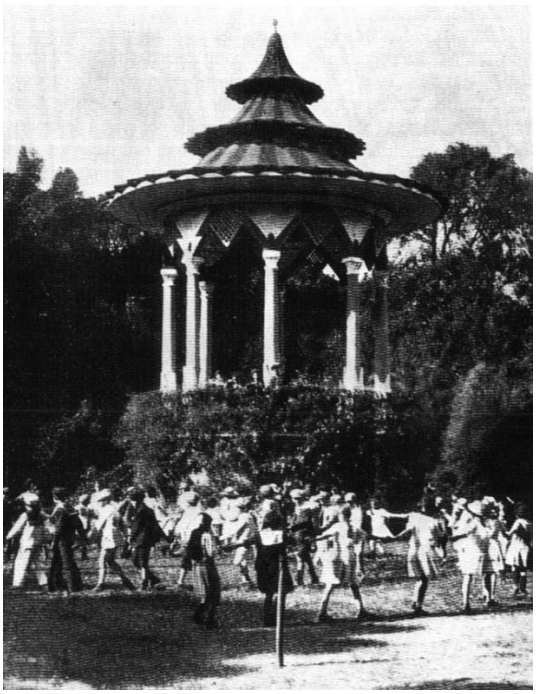


Figura 38 – Coreto da Quinta das Laranjeiras, em 1923

Pedido de construção do primeiro coreto: Mandado construir pelo Conde de Farrobo, na altura proprietário da Quinta das Laranjeiras.
Autor do primeiro coreto: Fortunato Lodi.
Data de início da construção: anterior a 1841.
Data de final da construção: ano desconhecido.
Data de inauguração: ano desconhecido.
Data de demolição: 1935.
Localização do primeiro coreto: No local onde hoje em dia se encontra o actual coreto do Jardim Zoológico, na época da sua existência era uma zona de muito arvoredo.
Características construtivas: O coreto, construído em mármore e ferro, continha uma cobertura curiosa, bastante alta em três camadas de "chapéus" sobrepostos, pintados às riscas e sustentados por oito colunas. As colunas são prismas rectangulares com capitéis ornamentados e interligadas com gradeamento em ferro que, numa imagem de 1923, é possível observar o gradeamento e a base do coreto bastante alta revestidos por trepadeiras, que aprimoravam a sua decoração.
Ocasiões em que era utilizado:
- Enquanto Jardim Zoológico, o coreto acolheu inúmeros concertos nas mais variadas ocasiões, sendo habitual haver música no Jardim (concertos diários).

Horário dos concertos: sem referências.
Duração dos concertos: 2 horas.

Bandas que actuaram no primeiro coreto:
- Várias Bandas regimentais;
- Banda da Guarda Republicana;
- Grupos de amadores.



Figura 39 – Coreto do Jardim Zoológico, em 2012



Figura 40 – Face interior da cobertura do coreto do Jardim Zoológico



Figura 41 – Pormenor do gradeamento do coreto do Jardim Zoológico

Indicação dos motivos para o fim do primeiro coreto: Em 1935, o Jardim Zoológico ficou sem coreto, que foi demolido neste mesmo ano, devido ao seu estado de profunda degradação, o que veio a criar conflito e discórdia na Assembleia Geral de Março de 1935, tendo sido o assunto solucionado com a substituição do coreto por um estrado em madeira, armado no mesmo local, onde passaram a actuar as bandas de música, durante vários anos.

Pedido de construção do segundo coreto: Oferta da Câmara Municipal de Oeiras.

Autor do segundo coreto: A estrutura metálica foi executada pela empresa Mola Ideal, a base projectada pelo Engenheiro Guilherme Costa e os azulejos que revestem a base foram executados e oferecidos pela Mosaico Ideal.
Data de início da construção: ano desconhecido.
Data de final da construção: ano desconhecido.
Data de inauguração: 28 de Maio de 1988.
Data de demolição: ainda existente.
Localização do segundo coreto: Situa-se na actual zona de acesso gratuito do Jardim Zoológico, ente as actuais bilheteiras e a zona de restauração, com vista para o lago.
Características construtivas: O coreto do Jardim Zoológico é uma réplica do coreto de Porto Salvo, tendo várias características em comum. Tem uma base de oito lados, em que cada face é revestida com azulejos que ilustram cenas de animais selvagens no seu habitat natural, sendo que em uma das faces existe uma porta de acesso à arrecadação do interior do coreto. O palco do coreto é maior do que a sua base, criando uma espécie de beiral ainda bastante largo, com gradeamento decorado a verde e amarelo, tal como a cobertura arredondada em metal decorada em verde e amarelo. A escada de acesso ao coreto foi alterada entre 1991 e 2012, numa fotografia de 1991 é possível ver uma só escada colocada em frente à porta da arrecadação (figura x), actualmente o acesso é feito através de duas escadas colocadas numa das outras faces do coreto, não tapando a visibilidade sobre o painel de azulejos. Outra alteração que terá ocorrido neste período, foi a colocação de canteiro de plantas e flores em volta do coreto. O coreto tem iluminação à volta de todo o rebordo da cobertura e no centro da cobertura, do lado interior.
Ocasiões em que era utilizado e ainda é utilizado:
- Domingos (anos 80 e 90);
- Várias iniciativas, sejam elas musicais ou não (actualidade).

Horário dos concertos: sem referências.
Duração dos concertos: 2 horas.
Bandas que actuaram no coreto:
- Bandas regimentais;



Figura 42 – Pormenores decorativos do coreto do Jardim Zoológico

- Banda da Guarda Republicana;
- Grupos de amadores.

Condições em que o segundo coreto ainda é utilizado: O coreto que se encontra em bom estado de conservação é poucas vezes utilizado, sendo disponibilizado pela direcção do Jardim Zoológico para acolher iniciativas de particulares através do pagamento de aluguer. Por esse motivo é pontualmente utilizado, sabendo-se que em 2007 foi palco de fotografias das crianças com o Pai Natal e araras.

15. Coreto do Parque Eduardo VII

Contexto histórico do local de implementação do coreto: O Parque Eduardo VII, cujo projecto numa fase inicial foi denominado Parque da Liberdade, começou a ser pensado em 1882, três anos após o desaparecimento do Passeio Público e durante o decorrer das obras de construção da Avenida da Liberdade. O Parque Eduardo VII, situado numa das partes mais elevadas da cidade, veio dar um sentido mais global e urbano à Lisboa de Frederico Ressano Garcia, que começava a planear as Avenidas Novas da cidade. Alterado em 1903 para Parque Eduardo VII, em homenagem ao monarca inglês, o rei Eduardo VII, que visitou Portugal nesse mesmo ano.

Ressano Garcia propôs a abertura de um concurso internacional para a obtenção de um projecto de ajardinamento do mais recente parque de Lisboa. O plano aceite era de Henri Lousseau, que apresentava um desenho organicamente romântico, traçando alamedas, lagos e implantando uma espécie de mirante, favorecido pela morfologia do terreno. Surgiram inúmeros problemas financeiros e técnicos para a execução de uma obra de tão grande envergadura, por isso, entre 1895 e 1901, foram surgindo projecto alternativos, mas nenhum suficiente económico para a capacidade económica existente. O Parque Eduardo VII, só começou a ser ajardinado em 1915, cumprindo as alterações previstas do projecto inicial, incluía o desenvolvimento de uma Estufa Fria, que começou a ser plantada em 1910, e ao longo dos anos foi sofrendo sucessivas ampliações, entre elas a Estufa Quente. O Parque Eduardo VII volta a adquirir destaque com o projecto de Keil do Amaral, em 1945, correspondendo a sua intervenção à configuração actual do parque, que funciona como um prolongamento do eixo visual da Avenida da Liberdade e que mantem o usufruto da população. No lado ocidental o lago existente é remodelado e reordenado o espaço da Estufa Fria. No lado oriental é criado um lago e espaços de serviço de bar e restaurante, englobados com o actual pavilhão Carlos Lopes, inaugurado a 21 de Maio de 1923. Actualmente, no topo do parque encontra-se o Monumento ao 25 de Abril, da autoria de João Cutileiro e inaugurado em 1997, seguido pelo Jardim Amália Rodrigues e um miradouro com vistas favoráveis sobre o castelo de S. Jorge, a Baixa Pombalina e o Rio Tejo. A Feira do Livro, desde há vários anos, que se realiza na zona central do Parque Eduardo VII.

Na sequência da Festa das Colectividades, em 1997 e pondo em prática um dos objectivos desta iniciativa "Humanizar a Cidade", o pelouro do desporto da Câmara Municipal de Lisboa e o Montepio Geral (patrocínio) ofereceram à cidade e aos lisboetas um novo coreto, o Coreto da Liberdade. A inauguração de um dos mais recentes coretos de Lisboa aconteceu a 13 de Abril de 1997, contando com a actuação da Banda Filarmónica da Associação para o Desenvolvimento Cultural e Social de Marvila (ACULMA).



Figura 43 – Coreto da Liberdade e Pavilhão Carlos Lopes, em 2012

Pedido de construção do coreto: Na sequência da Festa das Colectividades, em 1997 e pondo em prática um dos objectivos desta iniciativa "Humanizar a Cidade", da responsabilidade do pelouro do desporto da Câmara Municipal de Lisboa e do Montepio Geral (patrocínio)

Autor do coreto: projecto da Câmara Municipal de Lisboa.

Data de início da construção: ano desconhecido.

Data de final da construção: ano desconhecido.

Data de inauguração: 13 de Abril de 1997.

Data de demolição: ainda existente.

Localização do coreto: No lado nascente do Parque Eduardo VII, junto ao Pavilhão Carlos Lopes.

Características construtivas: O coreto apresenta um carácter inédito e inovador pela sua cobertura em cobre e madeira, detentor de um mecanismo que permite elevar ou baixar e inclinar a plataforma da cobertura sustentada por três pilares em ferro, onde está agregado o sistema mecânico. A base circular é construída em betão e revestida em pedra, com o pavimento do palco revestido a tijolo e o símbolo da empresa Montepio Geral marcado em pedra no centro



Figura 44 – Face interior do coreto do Parque Eduardo VII. Pormenor de iluminação encastrada



Figura 45 – Pormenores da estrutura que permitem posicionar a cobertura

do palco. O acesso ao interior da base do coreto é feito através de uma porta em metal, onde se deve encontrar o sistema de funcionamento da cobertura, e do lado contrário existe a pequena escada de acesso ao palco. Nessa direcção, no lado norte, o coreto é rodeado por bancadas em pedra, posicionadas numa semi-circunferência, com 322 lugares sentados.

Ocasiões em que era utilizado e ainda é utilizado:

- Dia da inauguração;
- Dia Mundial da Música (2010).

Horário dos concertos: sem referências.

Duração dos concertos: sem referências.

Bandas que actuaram no coreto:

- Banda Filarmónica da ACULMA – Associação para o Desenvolvimento Cultural e Social de Marvila (no dia da inauguração);
- Bandas Filarmónicas.

Condições em que o coreto ainda é utilizado: Desde as comemorações do Dia Mundial da Música, que tiveram lugar neste e noutros coretos de Lisboa, em 2010, não se conhecem mais bandas e festejos que tenham acontecido neste palco.

16. Coreto do Jardim Teófilo Braga, em Campo de Ourique

Contexto histórico do local de implementação do coreto: O Jardim Teófilo Braga, situa-se no centro do bairro de Campo de Ourique e foi assim denominado em homenagem ao poeta, escritor e professor de mesmo nome. O jardim localizado na Rua Tomás da Anunciação, na freguesia de Santo Condestável, também é conhecido por Jardim da Parada, por ter sido um antigo terreiro da parada do quartel ocupado por dois regimentos, o de Infantaria 4 e o de Infantaria 16. Entre a estatuária do jardim, numa das entradas, encontra-se a estátua de Maria da Fonte, símbolo de homenagem à revolta popular feminina, que foi colocada no jardim em 1920. No centro do jardim existe um lago que alberga patos, peixes e tartarugas.

No início deste século, a Câmara Municipal de Lisboa procedeu à restruturação do jardim, dotando-o de novos equipamentos e recuperando os elementos que fazem parte do património da cidade. Não se sabendo ao certo em que época terá sido construído o coreto, se anterior ou posterior às obras de recuperação do jardim, mas pelo desenho da sua estrutura a obra não será anterior à década de 90.

O jardim Teófilo Braga é um espaço dedicado ao lazer e recreio de todas as gerações de moradores do bairro, que ali se reúnem nas mais variadas actividades, sendo o coreto ponto de encontro, onde as pessoas se podem reunir e sentar nos bancos que se encontram no interior do coreto. O jardim é o local escolhido para algumas iniciativas promovidas pela Junta de Freguesia de Santo Condestável e/ou pela Câmara Municipal de Lisboa, como uma feira de artesanato que se realiza todos os terceiros sábados do mês, das 10h às 18h, e também nas comemorações do Dia Mundial da Poesia, com uma Feira do Livro que ocupou este espaço de 21 a 27 de Março de 2011, onde houve a actuação do Coro Paradoxal, possivelmente fazendo uso do coreto. E no dia 1 de Outubro de 2009, a Fundação INATEL juntamente com a CML, decidiram comemorar o Dia Mundial da Música através de concertos de Bandas Filarmónicas, em vários coretos da cidade, entre eles o coreto do Jardim Teófilo Braga, e ainda o coreto de Carnide, da Estrela e do Parque Eduardo VII. Em 2007, a Junta de Freguesia do Santo Condestável promoveu uma louvável iniciativa, de um serão musical nocturno que juntou o vasto universo musical desde os anos 60 à actualidade ao coreto do seu jardim.



Figura 46 – Coreto do Jardim Teófilo de Braga, em 2012

Pedido de construção do coreto: desconhecido.
Autor do coreto: projecto da Câmara Municipal de Lisboa.
Data de início da construção: década de 1990 ou início do séc. XXI.
Data de final da construção: década de 1990 ou início do séc. XXI.
Data de inauguração: década de 1990 ou início do séc. XXI.
Data de demolição: ainda existente.
Localização do coreto: Num dos extremos do Jardim Teófilo Braga, perto do lago e das mesas com cadeiras.

Características construtivas: O coreto deste jardim é construído em madeira, com uma base de elevação, possivelmente construída em betão armado com revestimento em pedra. A cobertura é protegida a chapa e a madeira do palco e dos oito pilares são pintados, tinta que deve ter algum componente protector.
No palco do coreto existem bancos em tábua encaixada a três das oito faces do coreto. Uma das faces do coreto é aberta a quatro degraus de acesso ao palco. A base de elevação do coreto além dos quatro degraus tem dois muretes, que as pessoas utilizam como uma bancada para o jardim.



Figura 47 – Varandim do coreto do Jardim Teófilo de Braga

Ocasiões em que era utilizado e ainda é utilizado:

- Festejos de dias comemorativos, como o Dia Mundial da Música e o Dia Mundial da Poesia;

- Serão Musical (17 de Junho de 2007);

- Feiras de Artesanato no Jardim, das quais o coreto se enquadra no cenário.

Horário dos concertos: sem referências.

Duração dos concertos: sem referências.

Bandas que actuaram no coreto: sem referências.

Condições em que o coreto ainda é utilizado: O Jardim Teófilo Braga é frequentemente utilizado pelos seus moradores e para algumas iniciativas da Junta de Freguesia, sendo raros os relatos que testemunhem a existência de música no coreto.

17. Coreto do Jardim do Campo das Amoreiras, na Charneca

Contexto histórico do local de implementação do coreto: O Jardim do Campo das Amoreiras é o principal jardim da freguesia de Charneca[281], situa-se junto à sede da Banda Musical e Artística da Charneca, fundada em 21 de Outubro de 1983. No mesmo jardim situam-se as instalações da Junta de Freguesia de Charneca, sendo um espaço bastante cuidado com um circuito de manutenção, um coreto, um outro espaço de anfiteatro e equipamentos infantis.

Não se sabe ao certo a data de construção do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras, mas possivelmente foi executado no decorrer dos anos 90, após a formação e bom desempenho da Banda Musical e Artística da Charneca, que terá demonstrado algum interesse na criação de um espaço onde pudesse promover a sua música e a sua banda.

Porém, existem registos que indicam a recuperação do coreto em 2001, projecto que esteve a cargo de José Rodrigues Varandas, então secretário da Junta de Freguesia da Charneca. Durante este processo foram aplicados painéis de azulejos nas faces da base hexagonal do coreto, com representações da zona de Charneca desenvolvidas por José João Gonçalves. Na face onde se insere a escada, os azulejos apresentam o brasão da Junta de Freguesia de Charneca e um verso de José Ary dos Santos.

Este jardim é o espaço de várias iniciativas promovidas pela Junta de Freguesia, ficando o coreto reservado às bandas, principalmente aos Encontros de Bandas Amadoras organizados pela Banda Musical e Artística da Charneca, em que por vezes é constituída uma arruada com início na igreja da freguesia até ao local do coreto.



Figura 48 – Coreto do Jardim Campo das Amoreiras, em 2012



Figura 49 – Face interior da cobertura do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras

Pedido de construção do coreto: Possivelmente a pedido da Banda Musical e Artística da Charneca.

Autor do coreto: desconhecido. Em 2001, o autor da recuperação do coreto foi José Rodrigues Varandas.

Data de início da construção: década de 1990.

Data de final da construção: década de 1990.

Data de inauguração: década de 1990.

Data de demolição: ainda existente.

Localização do coreto: Num dos pontos centrais do Jardim do Campo das Amoreiras, na Charneca.

Características construtivas: O coreto de base hexagonal e cobertura em telha foi remodelado em 2001, processo em que foram inseridos os azulejos de José João Gonçalves com representações de locais da freguesia da Charneca, nomeadamente, de um outro coreto da mesma freguesia, o Coreto do Bairro das Galinheiras. Junto às escadas de acesso ao palco existe uma porta para o interior da base do coreto, onde deve existir uma arrecadação.

Ocasiões em que era utilizado e ainda é utilizado:

- A Banda Musical e Artística da Charneca actua no coreto em dias comemorativos do grupo;
- Festas de São Bartolomeu;
- Encontro de Bandas Amadoras (anualmente).

Horário dos concertos: Durante a tarde.

Duração dos concertos: sem referências

Bandas que actuaram no coreto:

Bandas filarmónicas:

[281] Por vezes referida como Charneca do Lumiar.



Figura 50 – Pormenor do gradeamento do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras



Figura 51 – Pormenor do acesso ao palco do coreto do Jardim do Campo das Amoreiras

- Banda Musical e Artística da Charneca;
- Banda da Sociedade Filarmónica União Seixalense;
- Banda da União Musical Juventude e Amizade (Oliveira de Frades);
- Banda da Sociedade Euterpe Alhandrense (Alhandra);
- Banda Boa União "Música Velha" (Manteigas);
- Banda Filarmónica de Pínzio (Pinhel);
- Banda Filarmónica de Famalicão da Serra (Guarda).

Condições em que o coreto ainda é utilizado: O coreto deste jardim é sobretudo utilizado em iniciativas da Banda Musical e Artística da Charneca, nomeadamente nos Encontros de Bandas Amadoras. A Banda Musical e Artística da Charneca continua a desempenhar uma actividadade muito importante na ocupação dos tempos livres dos jovens da Freguesia da Charneca e freguesias vizinhas, mantendo activa a sua escola de música gratuita.

18. Coreto do Largo das Galinheiras, no Bairro das Galinheiras (Charneca)

Contexto histórico do local de implementação do coreto: O Bairro das Galinheiras situado na freguesia de Charneca reúne muitas etnias e culturas diferentes. Este bairro da zona periférica onde vivem pessoas, na sua maioria, economicamente desfavorecida, apresenta muitos projectos para o desenvolvimento da sua população, nomeadamente dos mais jovens. O ponto central do bairro é o Largo das Galinheiras, junto à Estrada da Circunvalação, onde se encontra inserido o coreto, este largo atribui identidade ao local, numa mistura de culturas e de actividades. O largo foi construído nos finais da década de 70, onde foram sendo englobados espaços de lazer e estada, na proximidade de uma Escola, da igreja católica, paragens de autocarro e comércio local, concentrando muita população. Assim, o largo das Galinheiras e o seu próprio coreto possuiem um papel fundamental ao convívio e encontro da sua população, como pontos de interesse especiais do bairro.

O coreto do largo deverá ter sido construído durante os anos 90, pois em 2001, os painéis de azulejos aplicado no outro coreto desta freguesia (Coreto do Jardim do Campo das Amoreiras), já apresentavam uma representação do coreto do Bairro das Galinheiras tal qual como ele é hoje.



Figura 52 – Coreto do Largo das Galinheiras, em 2012



Figura 53 – Pormenor do gradeamento do coreto do Largo das Galinheiras



Figura 54 – Escada de acesso ao palco do coreto do Largo das Galinheiras

Pedido de construção do coreto: desconhecido.

Autor do coreto: desconhecido.

Data de início da construção: década de 1990.

Data de final da construção: década de 1990.

Data de inauguração: década de 1990.

Data de demolição: ainda existente.

Localização do coreto: No Largo das Galinheiras, ponto central e de encontro do Bairro das Galinheiras.

Características construtivas: O coreto encontra-se em bom estado de conservação, construído numa base circular de betão e ferro na cobertura com oito pilares e gradeamento de protecção. Em volta do coreto, em semi-círculo existe uma pequena bancada de dois lanços. O gradeamento de protecção é decorado com figuras comuns nos gradeamentos da cidade de Lisboa. O acesso ao palco situa-se numa das faces do coreto com um conjunto de quatro degraus. Neste coreto não existe nenhuma arrecadação no interior da base.

Ocasiões em que era utilizado e ainda é utilizado:

- 30.º Aniversário da Banda Musical e Artística da Charneca (2011);
- Encontro Anual de Bandas (Outubro de 2011).

Horário dos concertos: sem referências.

Duração dos concertos: sem referências.

Bandas que actuaram no coreto:

- Banda Musical e Artística da Charneca.

Condições em que ainda é utilizado: Não existem muitos registos que indiquem a utilização do coreto para eventos musicais, porém o coreto encontra-se integrado e bastante bem preservado no centro do Bairro das Galinheiras, fazendo parte da paisagem de moradores e transeuntes.

19. Coreto da Praça de Eduardo Mondlane, no Bairro do Condado (Marvila)

Contexto histórico do local de implementação do coreto: O Jardim da Praça de Eduardo Mondlane situa-se no Bairro do Condado antiga Zona J, em Chelas, pertencente à Junta de Freguesia de Marvila. A praça ajardinada encontra-se num ponto central do bairro, perto das instalações da Junta de Freguesia de Marvila, onde existem paragens de autocarros e comércio local.

Segundo informações obtidas junto da funcionária da Junta de Freguesia de Marvila, Luísa Dias, a obra do coreto foi da responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa e foi construído durante o processo de reabilitação e ajardinamento da Praça Eduardo Mondlane, entre 1998 e 1999. Anteriormente a praça era um espaço de terra batida, utilizado como parque de estacionamento.

Actualmente, o espaço da Praça Eduardo Mondlane é sobretudo utilizado para iniciativas promovidas pelo grupo associativo Clube Recreativo e Cultural Marvila Jovem, fundado a 25 de Abril de 1996, e pela Câmara Municipal de Lisboa durante as programações do *OutJazz* e *Lisboa na Rua*, nomeadamente para projecção de filmes. Nem todas estas ocasiões fizeram uso do coreto da praça.



Figura 55 – Coreto do Jardim da Praça de Eduardo Mondlane, em 2012



Figura 56 – Face interior da cobertura e escada de acesso ao palco do coreto da Praça Eduardo Mondlane

Pedido: desconhecido.

Autor: projecto da Câmara Municipal de Lisboa.

Data de início da construção: cerca de 1998.

Data de final da construção: cerca de 1998.

Data de inauguração: cerca de 1998.

Data de demolição: ainda existente.

Localização do coreto: No centro da praça ajardinada Eduardo Mondlane, na antiga Zona J de Chelas, actual Bairro do Condado (freguesia de Marvila).

Características construtivas: Coreto de base circular com oito pilares de suporte da cobertura, em ferro. A base em betão tem uma porta de acesso ao seu interior, situada por baixo da escada de ferro. Não existem elementos decorativos do coreto, mas apresenta uma característica interessante, o pavimento do palco é de calçada portuguesa.

Ocasiões em que era utilizado e ainda é utilizado:

- 15º Aniversário do Clube Recreativo e Cultural Marvila Jovem (22, 23 e 24 de Abril de 2011);
- Arraiais de Verão;
- *OutJazz* (embora não se saiba ao certo se o coreto foi utilizado, o evento aconteceu neste local).

Horário dos concertos: sem referências.

Duração dos concertos: sem referências.

Bandas que actuaram no coreto:

- Cantores e bandas actuais[282].

Condições em que ainda é utilizado: São poucos os registos que noticiem a utilização do coreto da Praça Eduardo Mondlane, apesar de este local ser várias vezes espaço de festejos, não se sabe ao certo se o coreto é o palco da música da ocasião. Por outro lado, o coreto encontra-se bastante vandalizado o que pode ser um indício da sua pouca utilização e preservação por parte dos habitantes do bairro.

[282] Por exemplo, durante o 15º Aniversário do Clube Recreativo e Cultural Marvila Jovem existiram concertos de: Fernando Varela, Orlando Leal, Impakto, Veríssimo da Silva, Fernando Melão, Ricardo & Henrique, Veríssimo da Silva. – Jornal da Junta de Freguesia de Marvila n.º64, Março de 2011 p. 16. Disponível em WWW: <URL: http://www.ester.janz.pt/Revista_Marvila_64.pdf> [Consult. 4 Agosto 2012].

Anexo 3 |

Festejos de cada categoria de eventos e respectivas datas de realização

Diagrama 1 – Festejos de cada categoria de eventos e respectivas datas de realização



Legenda:

- Celebrações religiosas;
- Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas;
- Festejos públicos da Monarquia;
- Festejos de cariz solidário;
- Concertos semanais;
- Arraiais e Feiras de Verão;
- Exposições;
- Iniciativas de Animação Cultural.

Anexo 4 |

Locais de implementação de coretos armados e fixos e os seus eventos

Tabela 2 – Locais de implementação de coretos e os seus eventos

Freguesias de Lisboa	Locais de implementação de coretos		Categorias de eventos							
	Coretos armados	**Coretos fixos**	Celebrações religiosas (1790-1914)	Festejos públicos da Monarquia (1795-1905)	Concertos semanais (1848-1957)	Exposições (1864-1944)	Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935)	Festejos de cariz solidário (1884-1923)	Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012)	Iniciativas de animação cultural (1910-2012)
Alcântara	Junto da Capela de St. Amaro	-	•							
	Praça General Domingos de Oliveira	-		•			•		•	
	Tapada da Ajuda	-		•		•		•		
	Largo do Calvário	-		•						
Subtotais	**4**	**0**	**1**	**3**	**0**	**1**	**1**	**1**	**1**	**0**
Anjos	Rua do Benformoso	-					•			
	Largo do Intendente	-					•			
Subtotais	**2**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**	**0**	**0**	**0**
Beato	-	Largo do Olival (desde 1957)							•	
	Beco dos Toucinheiros	-							•	
Subtotais	**1**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**	**0**
Benfica	Junto da Igreja de Nossa Senhora do Amparo de Benfica	-							•	
	-	Adro da Igreja de Nossa Senhora do Amparo de Benfica (1900-1958)	•		•		•		•	
Subtotais	**1**	**1**	**1**	**0**	**1**	**0**	**1**	**0**	**2**	**0**
Campo Grande	-	Jardim do Campo Grande (década de 1890-cerca de 1945)			•		•		•	
Subtotais	**0**	**1**	**0**	**0**	**1**	**0**	**1**	**0**	**1**	**0**
Campolide	Bairro da Liberdade (antigo Largo da Senhor de Sant'ana)	-							•	
Subtotais	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**
Carnide	Largo da Luz	-	•							
	-	Largo do Coreto (desde 1929)	•						•	•
Subtotais	**1**	**1**	**2**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**1**
Castelo	Largo de Santa Cruz do Castelo	-	•					•	•	
Subtotais	**1**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**1**	**0**

Freguesias de Lisboa	Locais de implementação de coretos		Categorias de eventos							
	Coretos armados	Coretos fixos	Celebrações religiosas (1790-1914)	Festejos públicos da Monarquia (1795-1905)	Concertos semanais (1848-1957)	Exposições (1864-1944)	Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935)	Festejos de cariz solidário (1884-1923)	Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012)	Iniciativas de animação cultural (1910-2012)
Charneca	Junto da Igreja Paroquial São Bartolomeu da Charneca	-	•							
	-	Jardim do Campo das Amoreiras (desde a década de 1990)								•
	-	Largo das Galinheiras (desde a década de 1990)								•
Subtotais	**1**	**2**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**
Coração de Jesus	Avenida da Liberdade	-		•		•	•		•	
	-	Avenida da Liberdade (2.ºcoreto) (1894-transferido em 1935)		•	•	•	•		•	
	Praça do Marquês de Pombal	-		•			•		•	
	Jardim do Palácio do Condes de Redondo	-					•			
Subtotais	**3**	**1**	**0**	**3**	**1**	**2**	**4**	**0**	**3**	**0**
Encarnação	Largo Trindade Coelho	-	•							
	Praça Luís de Camões	-	•				•		•	
	-	Jardim de São Pedro de Alcântara (1886-1890)			•					
Subtotais	**2**	**1**	**2**	**0**	**1**	**0**	**1**	**0**	**1**	**0**
Graça	Largo do Monte	**-**							•	
Subtotais	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**
Lapa	Jardim da Estrela	-			•	•	•			
	-	Jardim da Estrela (1.ºcoreto) (1852-1935)			•	•	•			
	-	Jardim da Estrela (2.ºcoreto) (desde 1936)			•	•	•			•
	Rua de St.º Amaro	-						•		
Subtotais	**2**	**2**	**0**	**0**	**3**	**3**	**3**	**1**	**0**	**1**

Freguesias de Lisboa	Locais de implementação de coretos		Categorias de eventos							
	Coretos armados	**Coretos fixos**	Celebrações religiosas (1790-1914)	Festejos públicos da Monarquia (1795-1905)	Concertos semanais (1848-1957)	Exposições (1864-1944)	Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935)	Festejos de cariz solidário (1884-1923)	Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012)	Iniciativas de animação cultural (1910-2012)
Lumiar	Junto da Igreja Paroquial do Lumiar	-	•							
	Largo Júlio de Castilho	-						•		
Subtotais	**2**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**
Madalena	Praça do Comércio	-		•			•			•
	Largo Adelino Amaro da Costa	-					•			
	Junto à Igreja da Madalena	-					•			
	Rua dos Fanqueiros	-		•						
Subtotais	**4**	**0**	**0**	**2**	**0**	**0**	**3**	**0**	**0**	**1**
Mártires	Praça do Município	-		•			•			
	Rua Nova do Almada	-					•			
Subtotais	**2**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**2**	**0**	**0**	**0**
Marvila	Largo de Chelas	-							•	
	Estrada de Chelas	-							•	
	Rua do Açúcar	-		•						
	-	Praça Eduardo Mondlane (desde 1998)								•
	(antigo) Largo do Poço do Bispo	-							•	
Subtotais	**4**	**1**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**3**	**1**
Mercês	Largo Dr. António de Sousa de Macedo	-		•						
	Travessa da Arrochela	-							•	
	Rua da Paz	-							•	
	Rua Eduardo Coelho	-							•	
	Praça das Flores	-							•	
Subtotais	**5**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**4**	**0**

Freguesias de Lisboa	Locais de implementação de coretos		Categorias de eventos							
	Coretos armados	**Coretos fixos**	Celebrações religiosas (1790-1914)	Festejos públicos da Monarquia (1795-1905)	Concertos semanais (1848-1957)	Exposições (1864-1944)	Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935)	Festejos de cariz solidário (1884-1923)	Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012)	Iniciativas de animação cultural (1910-2012)
Nossa Senhora de Fátima	Praça do Campo Pequeno	-					•			
	Parque de São Sebastião da Pedreira (Feira Popular)	-							•	•
	-	Parque de São Sebastião da Pedreira (Jardim Zoológico desde 1884[283] a 1894[284])			•		•			
	Antigo Velódromo de Palhavã	-							•	•
Subtotais	**3**	**1**	**0**	**0**	**1**	**0**	**2**	**0**	**2**	**2**
Pena	Campo Mártires da Pátria	-					•		•	
	Largo do Mastro	**-**					•			
Subtotais	**2**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**	**0**	**1**	**0**
Prazeres	Tapada das Necessidades	-				•				
	Estrada do Loureiro, junto à Capela do Senhor do Triunfo	-							•	
	Rua da Cova de Moura	-							•	
Subtotais	**3**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**2**	**0**
São Cristóvão e São Lourenço	Largo de São Cristóvão	-							•	
Subtotais	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**
Sacramento	Rua da Oliveira ao Carmo	-							•	
Subtotais	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**

[283] Ano em que o primeiro Jardim Zoológico de Lisboa se inseriu no Parque São Sebastião da Pedreira.

[284] Em 1894, o Jardim Zoológico abandonou os terrenos do Parque de S. Sebastião da Pedreira, não havendo mais referências sobre existência e duração deste coreto, pois o espaço voltou a ser de utilização privada até ser instalada a Feira Popular de Lisboa, em 1943.

Freguesias de Lisboa	Locais de implementação de coretos		Categorias de eventos							
	Coretos armados	**Coretos fixos**	Celebrações religiosas (1790-1914)	Festejos públicos da Monarquia (1795-1905)	Concertos semanais (1848-1957)	Exposições (1864-1944)	Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935)	Festejos de cariz solidário (1884-1923)	Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012)	Iniciativas de animação cultural (1910-2012)
Santa Catarina	Rua do Sol a Santa Catarina	-						•		
	Rua dos Poços Negros	-					•			
Subtotais	**2**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**1**	**0**	**0**
Santa Justa	Praça dos Restauradores	-		•			•			
	Junto ao Coliseu dos Recreios	-						•		
	Praça Martim Moniz (antigo Largo de Santa Justa)	-		•			•			
	Junto à Igreja de S. Domingos	-		•						
	Rua do Arco da Graça	-					•			
	Junto à Igreja de São Luís dos Franceses	-		•						
Subtotais	**6**	**0**	**0**	**4**	**0**	**0**	**3**	**1**	**0**	**0**
Santa Maria de Belém	-	Praça Afonso de Albuquerque (cerca de 1881-1940)		•	•		•		•	•
	A norte da Rua do Embaixador (antiga Terras de Desembargador)	-	•			•				
	Jardim do Mosteiro dos Jerónimos	-				•				
	Praça do Império	-					•	•		
	Rua da Junqueira (junto à actual Cordoaria Nacional)	-		•						
Subtotais	**4**	**1**	**1**	**2**	**1**	**2**	**2**	**1**	**1**	**1**
Santa Maria dos Olivais	Praça da Viscondessa dos Olivais	-	•						•	
	-	Praça da Viscondessa dos Olivais (desde 1896)	•		•			•	•	•
Subtotais	**1**	**1**	**2**	**0**	**1**	**0**	**0**	**1**	**2**	**1**

Freguesias de Lisboa	Locais de implementação de coretos		Categorias de eventos							
	Coretos armados	**Coretos fixos**	Celebrações religiosas (1790-1914)	Festejos públicos da Monarquia (1795-1905)	Concertos semanais (1848-1957)	Exposições (1864-1944)	Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935)	Festejos de cariz solidário (1884-1923)	Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012)	Iniciativas de animação cultural (1910-2012)
Santiago	Beco do Maldonado	-					•			
Subtotais	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**
Santo Condestável	Rua Saraiva de Carvalho	-					•			
	Rua Ferreira Borges	-					•			
	-	Jardim Teófilo de Braga (desde a década de 1990 ou início do séc. XXI)								•
Subtotais	**2**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**	**0**	**0**	**1**
Santo Estêvão	Largo do Outeirinho da Amendoeira	-						•		•
Subtotais	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**1**
Santos-o-Velho	Rua do Guarda-Mor	-							•	
	Jardim de Santos	-		•						
Subtotais	**2**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**
São Domingos de Benfica	-	Jardim Zoológico (1.ºcoreto) (1905[285]-1935)			•					
	-	Jardim Zoológico (2.ºcoreto) (desde 1988)			•					•
	Rua de S. Domingos de Benfica	-	•							
Subtotais	**1**	**2**	**1**	**0**	**2**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**
São João	Rua Coronel Ferreira Amaral	-	•							
Subtotais	**1**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**
São Jorge de Arroios	-	Praça José Fontana (1.ºcoreto) (1894 – 1909)			•					
	-	Praça José Fontana (2.ºcoreto) (desde 1912)			•		•		•	•
	Praça do Chile	-						•		
Subtotais	**1**	**2**	**0**	**0**	**2**	**0**	**1**	**1**	**1**	**1**

[285] Ano em que o Jardim Zoológico de Lisboa foi inaugurado, na antiga Quinta das Laranjeiras.

Freguesias de Lisboa	Locais de implementação de coretos		Categorias de eventos							
	Coretos armados	**Coretos fixos**	Celebrações religiosas (1790-1914)	Festejos públicos da Monarquia (1795-1905)	Concertos semanais (1848-1957)	Exposições (1864-1944)	Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935)	Festejos de cariz solidário (1884-1923)	Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012)	Iniciativas de animação cultural (1910-2012)
São José	-	Antigo Passeio Público (cerca de 1848-1884)			•			•		
	Avenida da Liberdade	-				•	•		•	
	-	Avenida da Liberdade (1.ºcoreto) (1886 – 1894)			•			•		
	Praça da Alegria	-					•			
Subtotais	**2**	**2**	**0**	**0**	**2**	**1**	**2**	**2**	**1**	**0**
São Mamede	Largo do Rato	-				•				
Subtotais	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**
São Miguel	Largo de S. Miguel	-							•	
Subtotais	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**
São Nicolau	Praça D. Pedro IV (Rossio)	-		•			•			•
	Largo dos Torneiros (junto à Rua dos Fanqueiros)	-		•			•			
	Rua da Vitória	-					•			
	Rua Augusta	-		•			•			
	Em frente ao edifício Arsenal da Marinha	-		•						
Subtotais	**5**	**0**	**0**	**4**	**0**	**0**	**4**	**0**	**0**	**1**
São Paulo	Rua do Almada	-						•		
	Travessa da Laranjeira	-						•		
	Praça de São Paulo	-		•			•			
	Praça Duque da Terceira	-		•						
	Calçada da Bica Grande	-							•	
	Largo de Sto. Antoninho	-							•	
	Largo do Corpo Santo	-					•			
	Avenida 24 de Julho	-		•						
Subtotais	**8**	**0**	**0**	**3**	**0**	**0**	**2**	**2**	**2**	**0**

Freguesias de Lisboa	Locais de implementação de coretos		Categorias de eventos							
	Coretos armados	**Coretos fixos**	Celebrações religiosas (1790-1914)	Festejos públicos da Monarquia (1795-1905)	Concertos semanais (1848-1957)	Exposições (1864-1944)	Comemoração de acontecimentos/personalidades históricas (1880-1935)	Festejos de cariz solidário (1884-1923)	Arraiais e Feiras de Verão (1893-2012)	Iniciativas de animação cultural (1910-2012)
São Sebastião da Pedreira	Parque Eduardo VII	-					•	•		
	-	Parque Eduardo VII (desde 1996)								•
	Praça Duque de Saldanha	-					•			
Subtotais	**2**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**	**1**	**0**	**1**
São Vicente de Fora	Travessa do Zagalo	-							•	
	-	Jardim Botto Machado (1881-1900)[286]								
	Campo de Santa Clara	-							•	
Subtotais	**1**	**1**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**0**	**2**	**0**
Sé	Junto à Sé de Lisboa	**-**		•						
	Junto à Igreja de Stº António	**-**		•						
	Rua de São João da Praça	**-**							•	
Subtotais	**3**	**0**	**0**	**2**	**0**	**0**	**0**	**0**	**1**	**0**
Totais	**92**	**23[287]**	**13**	**27**	**16**	**10**	**42**	**15**	**40**	**16**

[286] Não existem referências que noticiem a presença de música neste coreto.

[287] Contam-se 23, mas como o actual coreto do Jardim da Estrela esteve anteriormente inserido na Avenida da Liberdade, tratam-se apenas de 22 coretos.